ELLEN G. WHITE

O Grande Conflito (condensado)

Ellen G. White

2007

Informações sobre este livro

Resumo

Sobre a Autora

Ellen G. White (1827-1915) é considerada como a autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé.

Outras Hiperligações

Uma Breve Biografia de Ellen G. White
Sobre o Estado de Ellen G. White

Contrato de Licença de Utilizador Final

Mais informações

White: (endereço de email). Estamos gratos pelo seu interesse e pelas suas sugestões, e que Deus o abençoe enquanto lê.

Conteúdo

Introdução — Erguendo o véu do futuro

Antes que o pecado entrasse no mundo, Adão vivia em plena comunhão com seu Criador. Entretanto, desde que o homem se separou de Deus pela transgressão, a raça humana ficou privada desse alto privilégio. Pelo plano da redenção, contudo, foi aberto um caminho mediante o qual os habitantes da Terra podem ainda ter ligação com o Céu. Deus tem Se comunicado com os homens mediante o Seu Espírito; e a luz divina tem sido comunicada ao mundo pelas revelações feitas a Seus servos escolhidos. "Homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo". 2 Pedro 1:21.

Durante os primeiros 2.500 anos da história da humanidade, não houve revelação escrita. Aqueles que haviam sido ensinados a respeito de Deus, comunicavam seu conhecimento a outros, e este era repassado de pai a filho, através de sucessivas gerações. A preparação da palavra escrita começou nos tempos de Moisés. As revelações inspiradas foram então incorporadas no Livro Inspirado. Tal trabalho prosseguiu durante o longo espaço de 1.600 anos — desde Moisés, o historiador da criação e da lei, até João, a quem coube registrar as mais sublimes verdades do evangelho.

A Bíblia aponta a Deus como seu autor; no entanto, foi escrita por mãos humanas e, no variado estilo de seus diferentes livros, apresenta as características dos diversos escritores. As verdades reveladas são oferecidas por inspiração de Deus (2 Timóteo 3:16); acham-se contudo, expressas em palavras de homens. O Ser Infinito, por meio de Seu Santo Espírito, derramou luz no entendimento e coração de Seus servos. Deu sonhos e visões, símbolos e figuras; e aqueles a quem a verdade foi assim revelada concretizaram os pensamentos em linguagem humana.

Escritos em diferentes épocas, por homens que diferiam amplamente em posição e ocupação, tanto quanto em capacitação mental e espiritual, os livros da Bíblia apresentam amplo contraste quanto ao estilo, assim como diversidade no tocante à natureza dos assuntos

desvendados. Diferentes formas de expressão foram empregadas por distintos escritores; muitas vezes a mesma verdade é apresentada de modo mais marcante por um escritor do que por outro. À medida que vários escritores apresentam o mesmo tema sob variados aspectos e relações, poderá parecer, ao leitor superficial, descuidado [9] ou preconceituoso, que entre estes autores existem discrepâncias ou contradições; ao mesmo tempo, porém, o estudioso pensante e reverente, com visão interior mais clara, discernirá aí a harmonia subjacente.

Sendo apresentada por diferentes indivíduos, a verdade aparece em seus variados aspectos. Um escritor é mais fortemente impressionado com determinada fase do assunto; ele capta aqueles pontos que melhor se harmonizam com sua experiência ou com sua capacidade de percepção e apreciação. Outro, por sua vez, entende melhor outra fase. Cada um deles, sob a orientação do Espírito Santo, apresenta aquilo que mais vigorosamente lhe impressionou a mente — diferentes aspectos da verdade a cada um, porém uma perfeita harmonia no conjunto. As verdades assim reveladas se unem a fim de formar um todo perfeito, adaptado para satisfazer as necessidades dos homens em todas as circunstâncias e experiências da vida.

Deus tem Se agradado em comunicar Sua verdade ao mundo através de agentes humanos, e Ele mesmo, por Seu Santo Espírito, qualificou homens e habilitou-os a empreender esta obra. Ele orientou na seleção daquilo que deveria ser falado e escrito. O tesouro foi confiado a vasos terrestres, mas ainda assim prossegue sendo de origem celestial. O testemunho é apresentado através da imperfeita expressão da linguagem humana, e ainda assim é o testemunho de Deus; o obediente e confiante filho de Deus contempla-o na glória do divino poder, cheio de graça e de verdade.

Em Sua Palavra, Deus conferiu aos homens o conhecimento necessário à salvação. As Santas Escrituras devem ser aceitas como autorizada e infalível revelação de Sua vontade. Elas são a norma do caráter, o revelador das doutrinas, a pedra de toque da experiência religiosa. "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra". 2 Timóteo 3:16, 17.

Entretanto, o fato de que Deus revelou Sua vontade aos homens por meio de Sua Palavra não tornou desnecessária a contínua presença e direção do Espírito Santo. Ao contrário, o Espírito foi prometido por nosso Salvador para aclarar a Palavra a Seus servos, para iluminar e aplicar os seus ensinos. E visto ter sido o Espírito de Deus que inspirou a Escritura Sagrada, é impossível que o ensino do Espírito seja contrário ao da Palavra.

O Espírito não foi dado — nem jamais o poderia ser — a fim de sobrepor-se à Escritura; pois esta declara explicitamente ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos. Diz o apóstolo João: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo”. 1 João 4:1. E Isaías declara: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva”. Isaías 8:20. [10]

Grande opróbrio tem sido lançado sobre a obra do Espírito Santo pelos erros de uma classe que, pretendendo possuir iluminação, afirma não mais necessitar da orientação da Palavra de Deus. Estas pessoas são governadas pelas impressões que consideram como sendo a voz de Deus. Mas o espírito que as controla não é o Espírito de Deus. Ao seguir essas impressões, ao mesmo tempo em que negligenciam as Escrituras, serão tão-somente conduzidos a confusão, engano e ruína. Isso serve apenas para o cumprimento dos desígnios do enganador. Uma vez que o ministério do Espírito Santo é de vital importância para a igreja de Cristo, um dos artifícios de Satanás — através dos erros de extremistas e fanáticos — é produzir contenda em relação à obra do Espírito e levar o povo de Deus a negligenciar esta fonte de fortalecimento, a qual foi provida pelo próprio Senhor.

Em harmonia com a Palavra de Deus, o Espírito deveria continuar Sua obra durante todo o período da dispensação evangélica. Durante os séculos em que as Escrituras do Antigo Testamento, bem como as do Novo, estavam sendo dadas, o Espírito Santo não cessou de comunicar luz a mentes individuais, independentemente das revelações a serem incorporadas no Cânon Sagrado. A Bíblia mesma relata como mediante o Espírito Santo os homens receberam advertências, reprovações, conselhos e instruções, em assuntos de nenhum modo relativos à outorga das Escrituras. São mencionados

profetas de várias épocas, de cujos discursos nada há registrado. Semelhantemente, após a conclusão do cânon das Escrituras, o Espírito Santo deveria ainda continuar a Sua obra, esclarecendo, advertindo e confortando os filhos de Deus.

Jesus prometeu aos discípulos: "O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito." "Ele vos guiará a toda a verdade [...] e vos anunciará as coisas que hão de vir". João 14:26; 16:13. As Escrituras ensinam claramente que estas promessas, longe de se limitarem aos dias apostólicos, se estendem à igreja de Cristo em todos os séculos. O Salvador afirma a Seus seguidores: "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos". Mateus 28:20. E Paulo declara que os dons e manifestações do Espírito foram postos na igreja para o "aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo". Efésios 4:12, 13.

Em favor dos crentes de Éfeso o apóstolo orou: "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dEle, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do Seu chamamento [...] e qual a suprema grandeza do Seu poder para com os que cremos". Efésios 1:17-19. O ministério do divino Espírito na iluminação do entendimento e abertura da mente às profundezas [11] da Santa Palavra de Deus foi a bênção que Paulo suplicou sobre a igreja de Éfeso.

Depois da maravilhosa manifestação do Espírito Santo no dia de Pentecostes, Pedro exortou o povo a arrepender-se e batizar-se em nome de Cristo, para a remissão de seus pecados; e disse ele: "Recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar". Atos dos Apóstolos 2:38, 39.

Em imediata relação com as cenas do grande dia de Deus, o Senhor prometeu, pelo profeta Joel, uma manifestação especial de Seu Espírito. Joel 2:28. Esta profecia recebeu cumprimento parcial no derramamento do Espírito, no dia de Pentecostes. Mas atingirá

seu pleno cumprimento na manifestação da graça divina que acompanhará a obra final do Evangelho.

A grande controvérsia entre o bem e o mal crescerá em intensidade no final do tempo. Em todas as eras, a ira de Satanás tem se manifestado contra a igreja de Cristo; e Deus tem derramado Sua graça e Espírito sobre Seu povo, a fim de habilitá-lo a permanecer de pé diante do poder do maligno. Quando os apóstolos de Cristo deveriam apresentar o evangelho ao mundo e registrá-lo para todas as eras futuras, foram especialmente capacitados pela iluminação do Espírito. À medida, entretanto, que a igreja se aproxima de sua final libertação, Satanás deverá operar com grande poder. Ele se apresenta "cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta". Apocalipse 12:12. Ele operará "com todo poder, e sinais e prodígios da mentira". 2 Tessalonicenses 2:9. Durante 6.000 anos esta poderosa mente, que uma vez foi a de mais elevada posição entre os anjos de Deus, tem sido aplicada inteiramente à obra de engano e ruína. E todas as profundezas da satânica habilidade e sutileza adquiridas, toda a crueldade desenvolvida durante esta luta de tantos séculos, serão lançadas contra o povo de Deus no conflito final. Nesse tempo de perigo os seguidores de Cristo deverão apresentar ao mundo a advertência quanto ao segundo advento do Senhor; e um povo deverá preparar-se a fim de permanecer de pé diante dEle, em Sua vinda, e isto "sem mácula, e irrepreensíveis". 2 Pedro 3:14. Nesse tempo a dotação especial da divina graça e poder não serão menos necessários à igreja do que nos dias apostólicos.

Mediante a iluminação do Espírito Santo, as cenas do prolongado conflito entre o bem e o mal foram patenteadas à autora destas páginas. De quando em quando me foi permitido contemplar a operação, nas diversas épocas, do grande conflito entre Cristo, o Príncipe da vida, o Autor de nossa salvação, e Satanás, o príncipe do mal, o autor do pecado, o primeiro transgressor da santa lei de Deus. A inimizade de Satanás para com Cristo manifestou-se contra os Seus seguidores. O mesmo ódio aos princípios da lei de Deus, o mesmo expediente de engano, em virtude do qual se faz [12] o erro parecer verdade, pelo qual a lei divina é substituída pelas leis humanas, e os homens são levados a adorar a criatura em lugar do Criador, podem ser divisados em toda a história do passado. Os esforços de Satanás para representar de maneira falsa o caráter de

Deus, para fazer com que os homens nutram um conceito errôneo do Criador, e assim O considerem com temor e ódio em vez de amor; seu empenho para pôr de parte a lei divina, levando o povo a julgar-se livre de suas reivindicações; e sua perseguição aos que ousam resistir a seus enganos, têm prosseguido com persistência em todos os séculos. Podem ser observados na história dos patriarcas, profetas e apóstolos, mártires e reformadores.

No grande conflito final, como em todas as eras anteriores, Satanás empregará os mesmos expedientes, manifestará o mesmo espírito, e trabalhará para o mesmo fim. Aquilo que foi, será, com a exceção de que a luta vindoura se assinalará por uma intensidade terrível, tal como o mundo jamais testemunhou. Os enganos de Satanás serão mais sutis, seus assaltos mais decididos. Se fosse possível, transviaria os escolhidos. Marcos 13:22.

À medida que o Espírito de Deus me ia revelando à mente as grandes verdades de Sua Palavra, e as cenas do passado e do futuro, era-me ordenado tornar conhecido a outros o que assim fora revelado — delineando a história do conflito nas eras passadas, e especialmente apresentando-a de tal maneira a lançar luz sobre a luta do futuro, em rápida aproximação. Na prossecução deste propósito, esforcei-me por selecionar e agrupar fatos da história da igreja de tal maneira a esboçar o desdobramento das grandes verdades que em diferentes períodos foram dadas ao mundo, as quais excitaram a ira de Satanás e a inimizade de uma igreja que ama o mundo, verdades que têm sido mantidas pelo testemunho dos que "não amaram suas vidas até a morte".

Nesses relatos podemos ver uma prefiguração do conflito perante nós. Olhando-os à luz da Palavra de Deus, e pela iluminação de Seu Espírito, podemos ver a descoberto os ardis do maligno e os perigos que deverão evitar os que serão achados "irrepreensíveis" diante do Senhor em Sua vinda.

Os grandes acontecimentos que assinalaram o progresso da Reforma nas épocas passadas, constituem assunto da História, bastante conhecidos e universalmente reconhecidos pelo mundo protestante; são fatos que ninguém pode negar. Apresentei de maneira breve esta história, de acordo com a perspectiva deste livro e com a brevidade que deveria necessariamente ser observada, havendo os fatos sido condensados no menor espaço compatível com sua devida compre-

ensão. Em alguns casos em que um historiador agrupou os fatos de tal modo a proporcionar, em resumo, uma visão abrangente do assunto, ou resumiu convenientemente os pormenores, suas palavras foram citadas textualmente; em alguns outros casos, porém, não se nomeou o autor, visto como as transcrições não são feitas com o propósito de citar aquele escritor como autoridade, mas porque sua [13] declaração provê uma apresentação do assunto, pronta e positiva. Narrando a experiência e perspectivas dos que levam avante a obra da Reforma em nosso próprio tempo, fez-se uso semelhante de suas obras publicadas.

O objetivo deste livro não consiste tanto em apresentar novas verdades concernentes às lutas dos tempos anteriores, como em ressaltar fatos e princípios que têm sua relação com os acontecimentos vindouros. Contudo, encarados como uma parte do conflito entre as forças da luz e das trevas, vê-se que todos esses relatos do passado têm nova significação; e por meio deles projeta-se uma luz no futuro, iluminando a senda daqueles que, semelhantes aos reformadores dos séculos passados, serão chamados, mesmo com perigo de todos os bens terrestres, a testificar "da Palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo".

Desdobrar as cenas do grande conflito entre a verdade e o erro; revelar os ardis de Satanás e os meios pelos quais lhe podemos opor eficaz resistência; apresentar uma solução satisfatória do grande problema do mal, derramando luz sobre a origem e a disposição final do pecado, de tal maneira a manifestar-se plenamente a justiça e benevolência de Deus em todo o Seu trato com Suas criaturas; e mostrar a natureza santa, imutável de Sua lei — eis o objetivo deste livro. Que mediante sua influência muitos possam libertar-se do poder das trevas, e tornar-se participantes "da herança dos santos na luz", para louvor dAquele que nos amou e Se deu a Si mesmo por nós, é a fervorosa oração da autora.

E.G.W.

[14]

Capítulo 1 — Predito o destino do mundo

Do alto do Monte das Oliveiras, Jesus contemplava Jerusalém. Bem à vista estavam os magnificentes edifícios do templo. Os raios do sol poente iluminavam a nívea brancura de suas paredes de mármore e se refletiam na torre de ouro e no pináculo. Quem dentre os filhos de Israel poderia contemplar aquele cenário sem um estremecimento de alegria e admiração?! Contudo, eram outros os pensamentos que ocupavam a mente de Jesus. “Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou”. Lucas 19:41.

As lágrimas de Jesus não eram por Ele mesmo, ainda que tivesse diante de Si o Getsêmani, o cenário da agonia que se aproximava, e não muito distante estivesse o Calvário, o local da crucifixão. Todavia, não era a contemplação destas cenas que lançava sombras sobre Ele em tal hora de alegria. Chorava, antes, pela sorte dos milhares de Jerusalém.

A história de mais de mil anos do favor especial de Deus e de Seu cuidado protetor, manifestos ao povo escolhido, estava patente aos olhos de Jesus. Jerusalém havia sido honrada por Deus acima de toda a Terra. O Senhor “escolheu a Sião, preferiu-a por morada”. Salmos 132:13. Durante séculos, santos profetas haviam proferido mensagens de advertência. Diariamente o sangue de cordeiros fora ali oferecido, apontando ao Cordeiro de Deus.

Houvesse Israel, como nação, preservado a aliança com o Céu, Jerusalém teria permanecido para sempre como a eleita de Deus. Mas a história daquele povo favorecido foi um registro de apostasias e rebelião. Com mais enternecido amor que o de um pai piedoso, Deus “Se compadecera do Seu povo e da Sua própria morada”. 2 Crônicas 36:15. Quando rogos e censuras haviam falhado, enviou-lhes o melhor dom do Céu, o próprio Filho de Deus, a fim de instar com a cidade impenitente.

Durante três anos o Senhor da luz e glória entrara e saíra por entre o Seu povo, “fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo”, pondo em liberdade os que se achavam presos, restaurando

a vista aos cegos, fazendo andar aos coxos e ouvir aos surdos, purificando os leprosos, ressuscitando os mortos e pregando o evangelho aos pobres. Atos dos Apóstolos 10:38; Lucas 4:18; Mateus 11:5.

De modo itinerante, sem lar, Ele viveu para ministrar às necessidades e abrandar as desgraças humanas, para insistir com os homens [15] a aceitarem o dom da vida. As ondas de misericórdia, rebatidas por aqueles corações obstinados, retornavam em uma vaga mais forte de terno e inexprimível amor. Mas Israel se desviara de Seu melhor Amigo e único Auxiliador. Os rogos de Seu amor haviam sido desprezados.

A hora de esperança e perdão transcorria rapidamente. As nuvens que haviam estado a acumular-se durante séculos de apostasia e rebelião, estavam prestes a desabar sobre um povo culpado. Aquele que, unicamente, os poderia salvar da condenação iminente, fora menosprezado, injuriado, rejeitado, e em breve seria crucificado.

Ao olhar Jesus sobre Jerusalém, a condenação de toda uma cidade, de toda uma nação se apresentava diante dEle. Contemplava Ele o anjo destruidor com a espada erguida contra a cidade que durante tanto tempo fora a morada de Deus. Do próprio lugar mais tarde ocupado por Tito e seu exército, olhava Ele através do vale para os pátios e pórticos sagrados. Com a visão obscurecida pelas lágrimas, Ele via os muros cercados por hostes estrangeiras. Ouvia o tropel de exércitos dispondo-se para a guerra, as vozes de mães e crianças clamando por pão na cidade sitiada. Via entregues às chamas o santo templo, os palácios e torres convertidos num monte de ruínas fumegantes.

Olhando através dos séculos futuros, via o povo do concerto espalhado em todos os países, “semelhantes aos destroços numa praia deserta”. A divina piedade, o terno amor, encontraram expressão nestas melancólicas palavras: “Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis Eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” Mateus 23:37.

Cristo viu em Jerusalém um símbolo do mundo endurecido na incredulidade e rebelião, apressando-se ao encontro dos juízos retributivos de Deus. Seu coração se moveu de infinita compaixão pelos aflitos e sofredores da Terra. Almejava vivamente aliviar a

todos. Estava disposto a morrer a fim de colocar a salvação ao seu alcance.

A Majestade do Céu em pranto! Esta cena mostra quão árdua tarefa é salvar o culpado das conseqüências da transgressão da lei de Deus. Jesus viu o mundo envolto em engano semelhante ao que causou a destruição de Jerusalém. O grande pecado dos judeus foi rejeitarem a Cristo; o grande pecado do mundo seria a rejeição da lei de Deus, fundamento de Seu governo no Céu e na Terra. Milhões na servidão do pecado, condenados a sofrer a segunda morte, recusar-se-iam a escutar as palavras de verdade no dia de sua visitação.

Condenação do templo magnificente — Dois dias antes da Páscoa, Cristo sai novamente com os discípulos para o Monte das Oliveiras e contempla a cidade. Mais uma vez Se depara com o templo em seu deslumbrante esplendor, qual diadema de beleza. Salomão, o mais sábio dos reis de Israel, completara o primeiro templo, o edifício mais magnificente que o mundo tinha visto. Depois da sua destruição por Nabucodonosor, foi reconstruído cerca de quinhentos anos antes do nascimento de Cristo. [16]

Mas o segundo templo não igualou o primeiro em magnificência. Nenhuma nuvem de glória, nenhum fogo do Céu, desceram sobre o altar. A arca, o propiciatório e as tábuas do testemunho não mais deviam encontrar-se ali. Nenhuma voz do Céu tornava conhecida ao sacerdote a vontade de Deus. O segundo templo não foi honrado com a nuvem da glória de Deus, mas com a presença viva dAquele em quem habita corporalmente a plenitude da divindade. O "Desejado de todas as nações" viera a Seu templo quando o Homem de Nazaré ensinava e curava nos pátios sagrados. Mas Israel afastara de si o Dom do Céu. Com o humilde Mestre que naquele dia saíra de seu portal de ouro, a glória para sempre se retirara do templo. Já eram cumpridas as palavras do Salvador: "Eis que a vossa casa vos ficará deserta". Mateus 23:38.

Os discípulos haviam sido possuídos de admiração ante a profecia de Cristo acerca da destruição do templo e desejaram compreender o significado de Suas palavras. Herodes, o Grande, empregara no templo tanto riquezas romanas quanto tesouros judaicos. Blocos maciços de mármore branco, provenientes de Roma, formavam parte de sua estrutura. Os discípulos chamaram a atenção do Mestre, dizendo: "Que pedras, que construções!" Marcos 13:1.

Jesus replicou solene e surpreendentemente: “Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derrubada”. Mateus 24:2. O Senhor dissera aos discípulos que viria segunda vez. Daí, com a menção dos juízos sobre Jerusalém, volveram o pensamento para aquela vinda, e perguntaram: “Quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá de Tua vinda e da consumação do século?” Mateus 24:3.

Cristo apresentou diante deles um esboço dos principais acontecimentos que ocorreriam antes do final do tempo. A profecia que Ele proferiu era dupla em seu sentido. Ao mesmo tempo em que prefigurava a destruição de Jerusalém, representava igualmente os terrores do último grande dia.

Juízos deveriam cair sobre Israel em virtude de sua rejeição e crucifixão do Messias. “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes”. Mateus 24:15, 16; ver também Lucas 21:20, 21. Quando os estandartes idolátricos dos romanos fossem erguidos em terra santa, fora dos muros da cidade, então os seguidores de Cristo deveriam achar segurança na fuga. Os que desejassem escapar não deveriam demorar-se. Por causa de seus pecados, foi anunciada a ira contra Jerusalém. Sua pertinaz incredulidade selou-lhe a sorte. Miquéias 3:9-11. [17]

Os habitantes de Jerusalém acusaram a Cristo de ser a causa de todas as angústias que lhes tinham sobrevindo em conseqüência de seus pecados. Posto que soubessem não ter Ele pecado, declararam que Sua morte era necessária para a segurança da nação. Concordaram com a decisão do sumo sacerdote, de que melhor seria morrer um homem do que perecer toda a nação. João 11:47-53.

Ao mesmo tempo em que mataram seu Salvador porque Ele lhes reprovava os pecados, consideravam-se como o povo favorecido de Deus e esperavam que o Senhor os livrasse de seus inimigos!

A longanimidade de Deus — Durante quase quarenta anos o Senhor retardou os Seus juízos. Ainda havia muitos entre os judeus que eram ignorantes quanto ao caráter e obra de Cristo. E os filhos não haviam desfrutado das oportunidades e nem recebido a luz que seus pais tinham desprezado. Mediante a pregação dos apóstolos, Deus faria com que a luz resplandecesse sobre eles. Veriam como a

profecia havia sido cumprida, não apenas no nascimento e vida de Cristo, como ainda em Sua morte e ressurreição. Os filhos não foram condenados pelos pecados dos pais; quando, porém, rejeitaram a luz adicional a eles outorgada, tornaram-se participantes dos pecados de seus pais e completaram a medida de sua iniqüidade.

Os judeus, em sua obstinada impenitência, rejeitaram a última oferta de misericórdia. Então Deus afastou deles a proteção. A nação ficou sob o controle do líder que escolhera. Satanás suscitou as mais violentas e vis paixões. Os homens achavam-se fora da razão — controlados pelo impulso e cega raiva, tornando-se satânicos em sua crueldade. Amigos e parentes traíam-se mutuamente. Pais matavam seus filhos, e estes aos pais. Os dirigentes do povo não tinham capacidade de se governarem a si próprios. As paixões os transformaram em tiranos. Aceitaram falso testemunho na condenação do inocente Filho de Deus. Agora as falsas acusações tornavam insegura sua própria vida. O temor de Deus não mais os perturbaria. Satanás se achava à frente da nação.

Chefes de facções oponentes caíam sobre as forças uns dos outros, executando impiedosa matança. Mesmo a santidade do templo não lhes refreava a horrível ferocidade. O santuário estava contaminado com os cadáveres dos mortos. No entanto, os instigadores desta obra infernal declaravam não temer que Jerusalém viesse a ser destruída! Era ela a cidade de Deus. Mesmo enquanto as legiões romanas estavam sitiando o templo, multidões sustentavam a crença de que o Altíssimo Se interporia a fim de derrotar seus inimigos. Entretanto, Israel havia desdenhado da proteção divina, e agora não tinha defesa.

Presságios do desastre — Todas as predições de Cristo relativas à destruição de Jerusalém cumpriram-se à letra. Apareceram sinais e maravilhas. Durante sete anos um homem esteve a subir e a descer [18] as ruas de Jerusalém, declarando as desgraças que sobreviriam à cidade. Este ser estranho foi preso e açoitado, mas aos insultos e maus tratos respondia somente: “Ai! ai de Jerusalém!” Ele foi morto no cerco que havia predito.[1.]

Nenhum cristão pereceu na destruição de Jerusalém. Depois que os romanos, sob Céstio, cercaram a cidade, inesperadamente abandonaram o cerco quando tudo parecia favorável a um ataque imediato. O general romano retirou suas forças sem a mínima razão

aparente. O sinal prometido fora dado aos cristãos expectantes. Lucas 21:20, 21.

Os acontecimentos foram encaminhados de tal modo que nem os judeus, nem os romanos impediriam a fuga dos cristãos. Com a retirada de Céstio, os judeus foram ao encalço de seu exército e, enquanto ambas as forças estavam assim completamente empenhadas em luta, os cristãos de todo o país tiveram o ensejo de escapar, sem ser molestados, rumo a um local seguro, a cidade de Pela.

As forças judaicas, perseguindo a Céstio e seu exército, caíram sobre sua retaguarda. Com grande dificuldade os romanos conseguiram efetuar a retirada. Os judeus, com seus despojos, retornaram em triunfo a Jerusalém. No entanto este êxito aparente apenas lhes acarretou males. Inspirou aos romanos aquele espírito de tenaz resistência, o qual trouxe indescritível desgraça sobre a cidade sentenciada.

Terríveis foram as calamidades que desabaram sobre Jerusalém quando o cerco foi reassumido por Tito. A cidade foi assaltada na ocasião da Páscoa, quando milhões de judeus estavam reunidos dentro de seus muros. Provisões de víveres haviam sido previamente destruídas pela vingança das facções contendoras. Agora foram experimentados todos os horrores da morte por inanição. Homens roíam o couro de seus cinturões e sandálias e a cobertura de seus escudos. Numerosas pessoas saíam da cidade à noite para apanhar plantas silvestres que cresciam fora dos muros da cidade, se bem que muitos fossem mortos com severas torturas. Muitas vezes os que voltavam em segurança eram roubados daquilo que haviam conseguido recolher. Maridos roubavam de suas esposas, esposas roubavam dos maridos. Filhos arrebatavam o alimento da boca de seus idosos pais.

Os chefes romanos se esforçaram por infundir terror aos judeus, e assim fazê-los render-se. Os prisioneiros eram açoitados, torturados e crucificados diante do muro da cidade. Ao longo do vale de Josafá e no Calvário se erigiram cruzes em grande número. Mal havia espaço para alguém se movimentar entre elas. Desta maneira foi castigada a espantosa imprecação proferida perante o tribunal de Pilatos: "Caia sobre nós o Seu sangue, e sobre nossos filhos!" Mateus 27:25.

Tito enchia-se de terror ao ver os corpos jazendo aos montões nos vales. Como alguém que estivesse em transe, contemplava ele o

templo magnificente, enquanto emitia ordens para que sequer uma pedra do mesmo fosse tocada. Fez ardente apelo aos líderes judeus [19] para que não o forçassem a profanar com sangue o lugar sagrado. Se eles combatessem em qualquer outro lugar, nenhum soldado romano violaria a santidade do templo! O próprio Josefo suplicou que se rendessem, para se salvarem a si, a sua cidade e seu lugar de culto. Com amargas pragas, contudo, dardos foram lançados contra ele, que era seu último mediador humano. Os esforços de Tito para salvar o templo foram em vão. Alguém maior do que ele declarara que não ficaria pedra sobre pedra.

Tito finalmente resolveu tomar o templo de assalto, decidido a, se possível, salvá-lo da destruição. Mas suas ordens foram desatendidas. Um soldado arremessou uma tocha através de uma abertura no pórtico, e imediatamente as salas revestidas de cedro, em redor da casa sagrada, se acharam em chamas. Tito se precipitou para o local e ordenou aos soldados que apagassem as chamas. Suas palavras não foram atendidas. Em sua fúria, os soldados lançaram tochas ardentes nas salas adjacentes ao templo, e com a espada assassinavam os que ali tinham procurado abrigo. O sangue corria como água pelas escadas do templo abaixo.

Depois da destruição do templo, a cidade inteira caiu nas mãos dos romanos. Os chefes dos judeus abandonaram as torres inexpugnáveis. Tito declarou que Deus lhes havia entregue em suas mãos, pois engenho algum, ainda que poderoso, poderia ter prevalecido contra aquelas estupendas muralhas. Tanto a cidade quanto o templo foram arrasados até aos fundamentos, e o terreno em que se erguia a casa sagrada foi "lavrado como um campo". Jeremias 26:18. Mais de um milhão de pessoas pereceram; os sobreviventes foram levados cativos, vendidos como escravos, arrastados a Roma, lançados às feras nos anfiteatros, ou dispersos por toda a Terra como vagabundos sem lar.

Os judeus haviam enchido para si mesmos a taça da vingança. Em todas as desgraças que os acompanharam em sua dispersão, não estavam senão colhendo a messe que suas mãos haviam semeado. "A tua ruína, ó Israel, vem de ti." "Porque pelos teus pecados estás caído". Oséias 13:9; 14:1. Seus sofrimentos são muitas vezes representados como punição por decreto direto da parte de Deus. É assim que o grande enganador procura esconder sua própria obra.

Pela obstinada rejeição do amor e misericórdia divinos, os judeus fizeram com que a proteção de Deus fosse deles retirada.

Não podemos saber quanto devemos a Cristo pela paz e proteção de que gozamos. O poder restringente de Deus impede que a humanidade passe completamente para o domínio de Satanás. Os desobedientes e ingratos têm grande motivo de gratidão pela misericórdia e longanimidade de Deus. Quando, porém, os homens ultrapassam os limites da clemência divina, a restrição é removida. Deus não fica na posição de executor da sentença contra a transgressão. Permite, antes, que os que rejeitam a Sua misericórdia colham aquilo que semearam. [20] Cada raio de luz rejeitado é uma semente lançada, e que produz infalível messe. O Espírito de Deus, persistentemente resistido, é afinal retirado. Então nenhum poder permanece para controlar as más paixões, nenhuma proteção contra a maldade e inimizade de Satanás.

A destruição de Jerusalém é uma solene advertência a todos os que resistem aos apelos da divina misericórdia. A profecia do Salvador concernente aos juízos que deveriam cair sobre Jerusalém há de ter outro cumprimento. Na sorte da cidade escolhida podemos contemplar a condenação de um mundo que rejeitou a misericórdia de Deus e calcou a pés a Sua lei. Tenebrosos são os registros da miséria humana que a Terra tem testemunhado. Terríveis têm sido os resultados da rejeição da autoridade do Céu. Entretanto, cena ainda mais tenebrosa se apresenta nas revelações do futuro. Quando o Espírito de Deus for totalmente retirado, não mais contendo a explosão das paixões humanas e da ira satânica, o mundo contemplará, como nunca antes, os resultados do governo de Satanás.

Naquele dia, tal como na destruição de Jerusalém, o povo de Deus será livrado. Isaías 4:3; Mateus 24:30, 31. Cristo virá segunda vez para reunir a Si os Seus fiéis. “Todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do Céu com poder e muita glória. E Ele enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos Céus”. Mateus 24:30, 31.

Acautelem-se os homens para que não aconteça negligenciarem a lição que lhes é comunicada pelas palavras de Cristo. Assim como Ele advertiu os discípulos da destruição de Jerusalém para que

eles pudessem escapar, também advertiu o mundo quanto ao dia da destruição final. Todos os que quiserem poderão escapar da ira vindoura. "Haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas; sobre a Terra, angústia entre as nações". Lucas 21:25; Mateus 24:29; Marcos 13:24-26; Apocalipse 6:12-17. "Vigiai, pois", são as palavras de admoestação de Cristo. Marcos 13:35. Os que atendem ao aviso não serão deixados em trevas.

O mundo não está mais preparado para dar crédito à mensagem para este tempo do que estiveram os judeus para receber o aviso do Salvador, concernente a Jerusalém. Venha quando vier, o dia do Senhor sobrevirá de improviso aos ímpios. Correndo a vida sua rotina invariável; encontrando-se os homens absortos nos prazeres, nos negócios, no comércio e na ambição de ganho fácil; estando os líderes do mundo religioso a engrandecer o progresso do mundo, e encontrando-se as pessoas embaladas num falso senso de segurança — então, tal como o ladrão que à meia-noite rouba a casa não protegida, sobrevirá repentina destruição aos descuidados e ímpios, "e de nenhum modo escaparão". 1 Tessalonicenses 5:2-5. [21]

[1] Milman, *History of the Jews*, livro 13.

Capítulo 2 — Os primeiros cristãos: leais e genuínos

Jesus revelou aos discípulos a experiência de Seu povo desde os dias em que deveria ser tirado dentre eles até a Sua volta em poder e glória. Penetrando profundamente no futuro, Seus olhos divisaram as ferozes tempestades que deveriam açoitar Seus seguidores nos vindouros séculos de perseguição. Mateus 24:9, 21, 22. Os seguidores de Cristo deveriam trilhar a mesma senda de humilhação e sofrimento palmilhada pelo Mestre. A inimizade que irrompera contra o Redentor do mundo se manifestaria contra todos os que cressem em Seu nome.

O paganismo previa que se o evangelho triunfasse, seus templos e altares desapareceriam; acenderam-se, pois, as fogueiras da perseguição. Os cristãos eram despojados de suas posses e expulsos de suas casas. Grande número deles — nobres e escravos, ricos e pobres, letrados e ignorantes — foram mortos sem misericórdia.

Iniciando sob Nero, as perseguições prosseguiram durante séculos. Os cristãos eram falsamente acusados como causadores de fomes, pestes e terremotos. Denunciantes, por amor ao ganho, prontificavam-se em trair os inocentes, acusando-os como rebeldes e pestes da sociedade. Grande número deles eram lançados às feras ou queimados vivos nos anfiteatros. Alguns eram crucificados; outros eram cobertos com peles de animais selvagens e lançados à arena para serem despedaçados pelos cães. De seu sofrimento muitas vezes se fazia a principal diversão nas festas públicas. Vastas multidões reuniam-se para observar o espetáculo e saudavam as aflições de sua agonia com riso e aplauso.

Os seguidores de Cristo foram forçados a procurar esconderijo nos lugares solitários. Sob as colinas, fora da cidade de Roma, longas galerias tinham sido feitas através da terra e da rocha, estendendo-se por muitos quilômetros além dos muros da cidade. Nestes retiros subterrâneos, os seguidores de Cristo sepultavam seus mortos; e ali também, quando proscritos, encontravam um lar. Muitos se recordavam das palavras do Mestre, de que deveriam se alegrar quando

perseguidos por amor a Cristo. Grande seria a recompensa no Céu, pois da mesma forma haviam sido perseguidos os profetas antes deles. Mateus 5:11, 12.

Cânticos de triunfo ascendiam por entre as chamas crepitantes. Pela fé viam a Cristo e aos anjos contemplando-os com o mais vivo interesse, e com aprovação considerando sua firmeza. Uma voz lhes [22] vinha do trono de Deus: "Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida". Apocalipse 2:10.

Os esforços de Satanás para destruir pela violência a igreja de Cristo foram em vão. Os obreiros de Deus eram mortos, mas o evangelho continuava sendo pregado, e o número dos que o aceitavam apenas aumentava. Disse um cristão: "Quanto mais somos ceifados por vós, tanto mais crescemos em número; o sangue dos mártires é semente."[1.]

Desta forma, Satanás formulou planos para guerrear com maior êxito contra o governo de Deus, hasteando sua bandeira na igreja cristã, esforçando-se por obter pelo artifício aquilo que não lograra alcançar pela força. Cessou a perseguição. Em seu lugar foi posta a sedução da prosperidade temporal e honra mundana. Idólatras foram levados a receber parte da fé cristã, enquanto rejeitavam outras verdades essenciais. Professavam aceitar a Jesus como o Filho de Deus, mas não nutriam a convicção do pecado e não sentiam necessidade de arrependimento ou de mudança do coração. Com algumas concessões de sua parte, propuseram que os cristãos fizessem outras, de modo que todos pudessem unir-se sobre a plataforma da "crença em Cristo".

Agora a igreja se encontrava em terrível perigo. Prisão, tortura, fogo e espada eram bênçãos, quando comparados com isto! Alguns cristãos permaneceram firmes. Outros eram favoráveis a que se modificassem algumas características de sua fé. Sob a capa de pretenso cristianismo, Satanás insinuou-se na igreja a fim de corromper-lhe a fé.

A maioria dos cristãos finalmente consentiu em rebaixar a norma. Formou-se uma união entre o cristianismo e o paganismo. Embora os adoradores de ídolos professassem estar unidos à igreja, apegavam-se ainda à idolatria, modificando apenas os objetos de culto, substituindo-os por imagens de Jesus, e até mesmo de Maria e dos santos. Doutrinas errôneas, ritos supersticiosos e cerimônias

idolátricas foram incorporados à fé e culto da igreja. A religião cristã se tornou corrupta, de modo que a igreja perdeu sua pureza e poder. Alguns, entretanto, não foram transviados. Mantiveram sua fidelidade ao Autor da verdade.

Duas classes de pessoas na igreja — Sempre tem havido duas classes entre os que professam ser seguidores de Cristo. Enquanto uma delas estuda a vida do Salvador e fervorosamente procura corrigir seus defeitos e conformar-se com o Modelo, a outra evita as claras e práticas verdades que lhes expõem os erros. Mesmo em sua melhor condição a igreja não esteve composta unicamente de verdadeiros e sinceros. Judas esteve ligado aos discípulos para que pudesse, mediante a instrução e exemplo de Cristo, ser levado a ver seus erros. Mas, pela condescendência com o pecado, atraiu as tentações de Satanás. Irou-se ao serem reprovadas suas faltas, sendo assim levado a trair o Mestre. Marcos 14:10, 11. [23]

Ananias e Safira pretenderam estar fazendo um sacrifício completo a Deus, quando cobiçosamente retinham uma porção para si mesmos. O Espírito da verdade revelou aos apóstolos o real caráter desses impostores, e os juízos de Deus livraram a igreja dessa detestável mancha em sua pureza. Atos dos Apóstolos 5:1-11. Quando as perseguições sobrevieram aos seguidores de Cristo, apenas os que estavam dispostos a abandonar tudo por amor à verdade desejaram tornar-se Seus discípulos. Mas, cessada a perseguição, acrescentaram-se conversos que eram menos sinceros, abrindo-se o caminho para Satanás tomar pé.

Quando os cristãos consentiram em unir-se àqueles que eram semiconversos do paganismo, Satanás exultou. Inspirou-os então a perseguir aqueles que permaneceram fiéis a Deus. Estes cristãos apóstatas, unindo-se aos companheiros semipagãos, dirigiram seus ataques contra os característicos mais importantes das doutrinas de Cristo. Foi necessária uma luta desesperada para permanecer firme contra os enganos e abominações introduzidos na igreja. A Bíblia não era aceita como a norma de fé. A doutrina da liberdade religiosa era chamada heresia, sendo proscritos os seus defensores.

Depois de longo conflito, os fiéis perceberam que a separação era uma necessidade absoluta. Não ousariam tolerar erros fatais e que ameaçassem a fé de seus filhos e netos. Acharam que a paz seria comprada demasiado caro com sacrifício dos princípios. Se a

unidade só pudesse ser assegurada mediante o comprometimento da verdade, seria preferível que prevalecessem as diferenças, e até mesmo a luta.

Os cristãos primitivos eram na verdade um povo peculiar. Poucos em número, destituídos de riqueza, posição ou títulos honoríficos, eram odiados pelos ímpios, como Abel o foi por Caim. Gênesis 4:1-10. Desde os dias de Cristo até hoje, os fiéis discípulos têm suscitado ódio e oposição dos que amam o pecado.

Como, pois, pode o evangelho ser chamado mensagem de paz? Os anjos cantaram sobre as planícies de Belém: "Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na Terra entre os homens". Lucas 2:14. Há uma aparente contradição entre estas declarações proféticas e as palavras de Cristo: "Não vim trazer paz, mas espada". Mateus 10:34. Corretamente entendidas, porém, ambas estão em perfeita harmonia. O evangelho é uma mensagem de paz. A religião de Cristo, recebida e obedecida, espalharia paz e felicidade por toda a Terra. Foi a missão de Jesus reconciliar os homens com Deus, e assim uns com os outros. Mas, de modo geral, o mundo se encontra sob o domínio de Satanás, o acérrimo inimigo de Cristo. O evangelho apresenta princípios de vida que se acham em discrepância com seus hábitos e desejos, e eles se erguem contra o mesmo. Odeiam a pureza que lhes condena o pecado, e perseguem aqueles que insistem em manter suas santas reivindicações. É neste sentido que o evangelho é chamado uma espada. Mateus 10:34. [24]

Muitos que são fracos na fé estão prontos a lançar de si a confiança em Deus pelo fato de Ele permitir que os ímpios prosperem, ao passo que os melhores e mais puros são atormentados pelo cruel poder daqueles. Como pode alguém que é justo e misericordioso, e infinito em poder, tolerar tal injustiça? Deus nos deu suficiente evidência de Seu amor. Não devemos duvidar de Sua bondade por não podermos compreender Sua providência. Disse o Salvador: "Lembrai-vos da palavra que Eu vos disse: Não é o servo maior que seu senhor. Se Me perseguiram a Mim, também perseguirão a vós". João 15:20. Os que são chamados a suportar a tortura e o martírio estão apenas seguindo as pegadas do dileto Filho de Deus.

Os justos são postos na fornalha da aflição para que eles próprios possam ser purificados, para que seu exemplo possa convencer a outros da realidade da fé e piedade, e também para que sua coerente

conduta possa condenar os ímpios e incrédulos. Deus permite que os ímpios prosperem e revelem inimizade contra Ele, de modo que todos possam ver Sua justiça e misericórdia quando aqueles forem completamente destruídos. Todo ato de crueldade para com os fiéis de Deus, será punido como se fosse feito ao próprio Cristo.

Paulo declara que "todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos". 2 Timóteo 3:12. Por que, pois, parece a perseguição grandemente adormecida? A única razão é que a igreja se conformou com a norma do mundo, de modo que não suscita oposição. A religião de nossos dias não é do caráter puro e santo que assinalou a fé cristã nos dias de Cristo e Seus apóstolos. Por serem as verdades da Palavra de Deus tão indiferentemente consideradas, por haver tão pouca piedade vital na igreja, é que o cristianismo é aparentemente tão popular no mundo. Haja um reavivamento da fé da igreja primitiva, e os fogos da perseguição serão novamente acesos. [25]

[1] Tertuliano, *Apology*, parágrafo 50.

Capítulo 3 — Trevas espirituais na igreja primitiva

O apóstolo Paulo declarou que o dia de Cristo não viria “sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniqüidade, o filho da perdição; o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”. Adicionalmente, “o mistério da iniqüidade já opera”. 2 Tessalonicenses 2:3, 4, 7. Mesmo naqueles primeiros tempos o apóstolo viu, insinuando-se na igreja, erros que preparariam o caminho para o papado. Pouco a pouco, o “mistério da iniqüidade” levou avante sua obra enganadora. Os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã, embora restringidos durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja teve de suportar sob o mesmo paganismo. Cessada a perseguição, o cristianismo pôs de parte a humilde simplicidade de Cristo, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos. A conversão nominal de Constantino causou grande regozijo. Progrediu rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Suas doutrinas e superstições se incorporaram à fé dos professos seguidores de Cristo. Este compromisso entre o paganismo e o cristianismo resultou no “homem do pecado” predito na profecia. Aquela falsa religião é a obra-prima de Satanás, seu esforço por sentar-se sobre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade.

Uma das principais doutrinas do romanismo é que o papa está investido de autoridade suprema sobre bispos e pastores de todo o mundo. Mais que isto, tem-se intitulado o papa de “Senhor Deus, o Papa”, declarando-se que ele é infalível. A mesma pretensão em que insistia Satanás no deserto da tentação, ele ainda a apresenta mediante a igreja de Roma, e é grande o número dos que estão prontos a render-lhe homenagem.

Mas aqueles que reverenciam a Deus enfrentam esta pretensão do modo como Cristo enfrentou o insidioso adversário: “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele darás culto”. Lucas 4:8. Deus jamais

designou algum homem como cabeça da igreja. A supremacia papal se opõe às Escrituras. O papa não pode ter poder algum sobre a igreja de Cristo, exceto por usurpação. Os romanistas acusam os [26] protestantes de voluntária separação da verdadeira igreja. São eles, porém, os que se afastaram da "fé que uma vez [...] foi entregue aos santos". Judas 3.

Satanás bem sabia que foi pelas Sagradas Escrituras que o Salvador resistiu a seus ataques. Em cada assalto, Cristo apresentou o escudo da verdade, dizendo: "Está escrito." A fim de Satanás manter seu domínio sobre os homens e estabelecer a autoridade do usurpador papal, deveria conservá-los na ignorância das Escrituras. Suas sagradas verdades deveriam ser ocultadas e suprimidas. Durante séculos a circulação da Bíblia foi proibida pela Igreja de Roma. Ao povo foi proibida a sua leitura. Sacerdotes e prelados interpretavam-lhes os ensinos de modo a favorecer suas pretensões. Assim o papa veio a ser quase universalmente reconhecido como o vigário de Deus na Terra.

Como foi "modificado" o sábado — A profecia declarara que o papado havia de cuidar em "mudar os tempos e a lei". Daniel 7:25. A fim de prover um substituto para a adoração dos ídolos, a adoração de imagens e relíquias foi gradualmente introduzida no culto cristão. O decreto de um concílio geral estabeleceu finalmente esta idolatria. Roma se atreveu a eliminar da lei de Deus o segundo mandamento, que proíbe a adoração de imagens, dividindo o décimo mandamento a fim de conservar o número deles.

Líderes não consagrados da igreja tripudiaram também sobre o quarto mandamento, pondo de parte o antigo sábado, o dia que Deus abençoara e santificara (Gênesis 2:2, 3), e em seu lugar exaltaram a festa observada pelos pagãos como "o venerável dia do Sol". Nos primeiros séculos o verdadeiro sábado foi guardado por todos os cristãos, mas Satanás operou a fim de realizar seu objetivo. O domingo foi transformado em festividade em honra da ressurreição de Cristo. Atos religiosos eram nele realizados; era, porém, considerado como dia de recreação, sendo o sábado ainda observado como dia santo.

Satanás induzira os judeus, antes do advento de Cristo, a sobrecarregar o sábado com as mais rigorosas imposições, tornando-o um fardo. Agora, tirando vantagem da falsa luz sob a qual ele as-

sim fizera com que fosse considerado, lançou o desdém sobre o sábado, como sendo uma instituição "judaica". Enquanto os cristãos geralmente prosseguiam observando o domingo como festividade prazenteira, ele os levou, a fim de mostrarem seu ódio ao judaísmo, a fazer do sábado um dia de tristeza e pesar.

O imperador Constantino promulgou um decreto fazendo do domingo uma festividade pública em todo o Império Romano. O dia do sol era reverenciado por seus súditos pagãos e honrado pelos cristãos. Foi instado a fazer isto pelos bispos da igreja. Inspirados pela sede de poder, perceberam que, se o mesmo dia fosse observado tanto por cristãos quanto por pagãos, isto resultaria em maior poder e glória para a igreja. Mas, conquanto muitos cristãos tementes a Deus fossem gradualmente levados a considerar o domingo como [27] possuindo certo grau de santidade, ainda mantinham o verdadeiro sábado e o observavam em obediência ao quarto mandamento.

O arquienganador não havia terminado a sua obra. Estava determinado a exercer o poder por intermédio de seu vigário, o orgulhoso pontífice que pretendia ser o representante de Cristo. Vastos concílios foram realizados, aos quais concorriam os dignitários da igreja de todo o mundo. Em quase todos os concílios o sábado era rebaixado um pouco mais, enquanto o domingo era exaltado. Assim, a festividade pagã veio a ser finalmente honrada como instituição divina, enquanto o sábado bíblico era declarado como relíquia do judaísmo, amaldiçoando-se a sua observância.

O apóstata lograra êxito em exaltar-se "contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto". 2 Tessalonicenses 2:4. Ousara mudar o único preceito da lei divina que indica o Deus verdadeiro e vivo. No quarto mandamento, Deus é apresentado como o Criador. Como memorial da obra da criação, o sétimo dia foi santificado para o repouso do homem, destinado a conservar o Deus vivo sempre diante da mente humana, como objeto de culto. Satanás se esforça por desviar os homens da obediência à lei de Deus; portanto, dirige seus esforços contra o mandamento que aponta a Deus como o Criador.

Os protestantes hoje insistem que a ressurreição de Cristo no domingo tomou o sábado cristão. Contudo, nenhuma honra semelhante foi atribuída a este dia por Cristo ou Seus apóstolos. A observância do domingo teve origem no "mistério da iniqüidade" (2 Tessalonicenses 2:7), o qual, já no tempo de Paulo, começara a sua obra.

Que razão pode ser dada para uma mudança que as Escrituras não sancionam?

No século sexto o bispo de Roma foi declarado como a cabeça de toda a igreja. O paganismo cedera lugar ao papado. O dragão dera à besta "o seu poder, o seu trono e grande autoridade". Apocalipse 13:2.

Começaram assim os 1.260 anos da opressão papal preditos nas profecias de Daniel e Apocalipse 7:25; Apocalipse 13:5-7. Os cristãos foram obrigados a renunciar sua integridade e aceitar as cerimônias e culto papais, ou passar a vida nas masmorras, ou sofrer a morte. Cumpriam-se assim as palavras de Cristo: "E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós. De todos sereis odiados por causa do Meu nome". Lucas 21:16, 17.

O mundo se tornou um vasto campo de batalha. Durante séculos a igreja de Cristo encontrou refúgio no isolamento e obscuridade. "A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias". Apocalipse 12:6.

O acesso da Igreja de Roma ao poder assinalou o início da Idade Escura. A fé foi transferida de Cristo para o papa de Roma. Em vez de confiar no Filho de Deus para o perdão dos pecados e para [28] a salvação eterna, o povo olhava para o papa e para os sacerdotes a quem ele delegara autoridade. O papa era seu mediador terrestre. Para as pessoas, ele estava em lugar de Deus. Esquivar-se de suas exigências era motivo suficiente para que se infligisse ao infrator a mais severa punição. Assim a mente do povo se desviava de Deus para homens falíveis e cruéis, e ainda mais, para o próprio príncipe das trevas que por meio deles exercia o seu poder. Quando as Escrituras são suprimidas e o homem vem a se considerar supremo, só podemos esperar fraudes, engano e aviltante iniqüidade.

Dias de perigo para a igreja — Os fiéis porta-estandartes eram poucos. Parecia, por vezes, que o erro prevaleceria e que a verdadeira religião seria banida da Terra. O evangelho perdeu-se de vista e o povo foi sobrecarregado com severas exigências. Era ensinado a confiar nas próprias obras para a expiação do pecado. Longas peregrinações, atos de penitência, adoração de relíquias, construção de igrejas, relicários e altares, bem como o pagamento de grandes

somas à igreja — tais atos eram apontados como capazes de aplacar a ira de Deus ou de assegurar o Seu favor.

Por volta do final do oitavo século, os romanistas começaram a sustentar que nas primeiras épocas da igreja os bispos de Roma haviam possuído o mesmo poder espiritual que assumiam agora. Antigos escritos foram forjados pelos monges. Decretos de concílios dos quais antes nada se ouvira foram agora descobertos, estabelecendo a supremacia universal do papa desde os primeiros tempos.

Os poucos fiéis que construíram sobre o verdadeiro fundamento (1 Coríntios 3:10, 11) achavam-se perplexos. Cansados da constante luta contra a perseguição, fraude e qualquer outro argumento engendrado por Satanás, alguns que haviam sido fiéis desanimaram. Por amor à paz e segurança de sua propriedade e vida, desviaram-se do genuíno fundamento. Outros não se deixavam intimidar pelos inimigos.

Generalizou-se a adoração de imagens. Acendiam-se velas perante imagens e orações eram a elas dirigidas. Prevaleciam os costumes mais absurdos. A razão parecia haver perdido o domínio. Enquanto os próprios sacerdotes e bispos eram amantes do prazer e corruptos, só se poderia esperar que o povo que os tinha como guias submergisse na ignorância e vício.

No décimo primeiro século, o papa Gregório VII proclamou que a igreja jamais errara, e nem mesmo poderia errar, de acordo com as Escrituras. Mas as provas escriturísticas não acompanhavam a afirmação. O altivo pontífice reivindicava também o poder de depor imperadores. Uma ilustração do caráter tirânico desse advogado da infalibilidade foi o tratamento que dispensou ao imperador alemão, Henrique IV. Por haver supostamente desprezado a autoridade papal, este monarca foi excomungado e destronado. Seus próprios príncipes foram encorajados, por mandado do papa, na rebelião contra ele. [29]

Henrique sentiu a necessidade de fazer as pazes com Roma. Em companhia da esposa e de um servo fiel, atravessou os Alpes em pleno inverno, a fim de humilhar-se perante o papa. Chegando ao castelo do papa Gregório, foi conduzido a um pátio externo. Ali, no rigoroso frio do inverno, com a cabeça descoberta e pés descalços, esperou a permissão do papa a fim de comparecer à presença deste. Só depois de três dias de jejum e confissão o pontífice dignou-se a conceder-lhe o perdão. Isso mesmo, apenas com a condição de

que o imperador esperasse a sanção do papa antes de reassumir as insígnias ou exercer o poder da realeza. Gregório, envaidecido com o triunfo, jactava-se de que era seu dever abater o orgulho dos reis.

Quão notável é o contraste entre o despótico pontífice e Cristo, que representa a Si mesmo como estando a rogar que seja admitido, junto à porta do coração! Ele ensinou aos discípulos: "Quem quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso servo". Mateus 20:27.

Mesmo antes do estabelecimento do papado, os ensinos dos filósofos pagãos haviam exercido influência na igreja. Muitos ainda se apegavam aos dogmas da filosofia pagã e encareciam o seu estudo face a outros, como meio de estes ampliarem sua influência entre os pagãos. Erros graves foram assim introduzidos na fé cristã.

Como as falsas doutrinas entraram na igreja — Destaca-se entre outros erros o da crença na imortalidade natural do homem e sua consciência na morte. Esta doutrina lançou o fundamento sobre o qual Roma estabeleceu a invocação dos santos e a adoração da Virgem Maria. Disso proveio também a heresia do tormento eterno para os que morrerem impenitentes, que logo de início se incorporara à fé papal. Achava-se preparado o caminho para mais uma invenção do paganismo — o purgatório, empregado para amedrontar as multidões supersticiosas. Essa heresia afirmava a existência de um lugar de tormento, no qual as almas que não mereceram a condenação eterna deveriam sofrer punição por seus pecados, e do qual, quando libertas da impureza, seriam admitidas ao Céu.

Ainda uma outra invencionice era necessária para habilitar Roma a aproveitar-se dos temores e vícios de seus adeptos: a doutrina das indulgências. Completa remissão dos pecados, passados, presentes e futuros era prometida a todos os que se alistassem nas guerras do pontífice, com vistas a punir seus inimigos e exterminar aqueles que ousassem negar-lhe a supremacia espiritual. Pelo pagamento de dinheiro à igreja, o povo poderia livrar-se do pecado e igualmente libertar as almas de amigos falecidos que estivessem confinadas às chamas atormentadoras. Por esses meios Roma encheu os cofres e sustentou a magnificência, luxo e vícios dos pretensos representantes dAquele que não tinha onde reclinar a cabeça. [30]

A Ceia do Senhor fora suplantada pelo idolátrico sacrifício da missa. Sacerdotes papais pretendiam converter o simples pão e vinho no verdadeiro "corpo e sangue de Cristo".[1.] Com blasfema

presunção, pretendiam abertamente o poder de criar Deus, o Criador de todas as coisas. Aos cristãos foi exigido, sob pena de morte, que confessassem sua fé nesta heresia que insulta o Céu.

No décimo terceiro século foi estabelecido o mais terrível de todos os estratagemas do papado — a Inquisição. Em seus secretos concílios, Satanás e seus anjos controlavam a mente de homens maus. Invisível entre eles achava-se um anjo de Deus, fazendo o tremendo relatório de seus iníquos decretos e escrevendo a história de ações por demais horrorosas para serem desvendadas aos olhos humanos. A "grande Babilônia" achava-se "embriagada com o sangue dos santos". Apocalipse 17:5, 6. Os corpos mutilados de milhões de mártires clamavam a Deus por vingança contra esse poder apóstata.

O papado tornou-se o déspota do mundo. Reis e imperadores curvavam-se aos decretos do pontífice romano. Durante séculos as doutrinas de Roma foram implicitamente recebidas. Seu clero era honrado e liberalmente mantido. Nunca a Igreja de Roma atingiu maior dignidade, magnificência ou poder.

Mas "o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo".[2.] As Escrituras eram quase desconhecidas. Os dirigentes papais odiavam a luz que revelaria seus pecados. Removida a lei de Deus — a norma de justiça — praticavam eles vícios sem restrições. Os palácios dos papas e prelados eram cenários da mais vil devassidão. Alguns dos pontífices eram acusados de crimes tão revoltantes, que os dirigentes seculares se esforçavam por depor esses dignitários, como monstros demasiado vis para serem tolerados. Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual se abatera sobre a cristandade.

Foram estes os resultados do banimento da Palavra de Deus! [31]

[1.] Palestras do Cardeal Wiseman sobre "The Real Presence", texto n 8, seção 3, parágrafo 26.

[2.] Wylie, *History of Protestantism*, livro 1, cap. 4.

Capítulo 4 — Os valdenses defendem a fé

Durante o longo período da supremacia papal, houve testemunhas de Deus que acariciavam a fé em Cristo como o único mediador entre Deus e o homem. Mantinham a Bíblia como a única regra de vida, e santificavam o verdadeiro sábado. Foram estigmatizados como hereges, e seus escritos suprimidos, difamados ou mutilados. Ainda assim permaneceram firmes.

Pouco espaço ocupam nos registros humanos, exceto nas acusações de seus perseguidores. Roma procurou destruir tudo que fosse "herético", quer pessoas, quer escritos. O poder romano esforçou-se também por destruir todo registro de sua crueldade para com os que discordavam dele. Antes da invenção da imprensa, os livros eram poucos em número; portanto, pouco havia a impedir que os romanistas levassem a efeito o seu desígnio. Mal o papado obteve o poder, estendeu os braços para esmagar todos os que se recusassem a reconhecer-lhe o domínio.

Na Grã-Bretanha o primitivo cristianismo criou raízes muito cedo, não corrompido pela apostasia romana. A perseguição de imperadores pagãos foi a única dádiva que as primeiras igrejas da Bretanha receberam de Roma. Muitos cristãos, fugindo da perseguição na Inglaterra, encontraram refúgio na Escócia. Daí a verdade foi levada à Irlanda, e nestes países foi recebida com alegria.

Quando os saxões invadiram a Bretanha, o paganismo conseguiu o predomínio, e os cristãos foram obrigados a retirar-se para as montanhas. Na Escócia, um século mais tarde, brilhou a luz com um fulgor que se estendeu a terras mui longínquas. Da Irlanda vieram Columba e seus colaboradores, que tornaram a solitária ilha de Iona o centro de seus labores missionários. Entre esses evangelistas encontrava-se um observador do sábado bíblico, e assim esta verdade foi introduzida entre o povo. Estabeleceu-se uma escola em Iona, da qual saíram missionários para a Escócia, Inglaterra, Alemanha, Suíça e mesmo para a Itália.

Roma se defronta com a religião bíblica — Roma, porém, resolveu colocar a Bretanha sob sua supremacia. No sexto século seus missionários empreenderam a conversão dos pagãos saxões. Conforme o trabalho progredia, os dirigentes papais encontraram [32] os primitivos cristãos — simples, humildes, e de caráter, doutrina e maneiras segundo as Escrituras. Os primeiros manifestavam a superstição, a pompa e a arrogância do papado. Roma demandava que essas igrejas cristãs reconhecessem a supremacia do soberano pontífice. Os bretões responderam que o papa não tinha direito à supremacia na igreja, e que eles poderiam prestar-lhe somente a submissão devida a todo seguidor de Cristo. Não conheciam outro mestre a não ser Cristo.

Revelou-se então o verdadeiro espírito do papado. Disse o chefe romano: "Se não receberdes irmãos que vos trazem paz, recebereis inimigos que vos trarão guerra."[1.] Guerra e engano foram empregados contra as testemunhas da fé bíblica, até que as igrejas da Bretanha foram destruídas ou obrigadas a submeter-se à autoridade do papa.

Em terras que ficavam além da jurisdição de Roma, durante muitos séculos corporações de cristãos permaneceram quase inteiramente livres da corrupção papal. Continuaram a considerar a Bíblia como a única regra de fé. Estes cristãos acreditavam na perpetuidade da lei de Deus e observavam o sábado do quarto mandamento. Igrejas que se mantiveram fiéis nesta fé e prática, existiram na África Central e entre os armênios, na Ásia.

Dentre os que resistiram ao poder papal, os valdenses ocuparam posição proeminente. Na própria terra em que o papa fixara a sede, as igrejas do Piemonte mantiveram-se independentes. Chegou, porém, o tempo em que Roma insistiu na submissão dessas igrejas. Houve alguns, entretanto, que se recusaram a ceder à autoridade do papa ou do prelado, decididos a manter a pureza e simplicidade de sua fé. Houve separação. Os que se apegaram à antiga fé, retiraram-se. Alguns, abandonando os Alpes, alçaram a bandeira da verdade em terras estrangeiras. Outros se retiraram para as fortalezas das montanhas e ali preservaram a liberdade de culto a Deus.

Sua crença religiosa baseava-se na Palavra escrita de Deus. Aqueles humildes camponeses, excluídos do mundo, não haviam por si sós chegado à verdade em oposição aos dogmas da igreja apóstata.

Sua fé religiosa era a herança de seus pais. Lutavam pela fé da igreja apostólica. “A igreja no deserto”, e não a orgulhosa hierarquia entronizada na grande capital do mundo, era a verdadeira igreja de Cristo, a depositária dos tesouros da verdade que Deus confiara a Seu povo para ser dada ao mundo.

Entre as principais causas que levaram a igreja verdadeira a separar-se da de Roma, estava o ódio desta ao sábado bíblico. Conforme predito pela profecia, o poder papal lançou a lei de Deus ao pó. As igrejas que estavam sob o governo papal foram compelidas a honrar o domingo. No meio do erro prevalecente, muitos dentre o verdadeiro povo de Deus ficaram tão desorientados que, ao mesmo tempo em que observavam o sábado, abstinham-se também do trabalho no domingo. Isto, porém, não satisfazia aos líderes papais. Estes exigiam que o sábado fosse profanado, e denunciavam os que ousassem honrá-lo. [33]

Centenas de anos antes da Reforma, os valdenses possuíam a Bíblia em sua língua materna. Isto os tornava objeto especial de perseguição. Declaravam ser Roma a Babilônia apóstata do Apocalipse. Sob perigo da própria vida ergueram-se para resistir às suas corrupções. Durante séculos de apostasia, houve alguns dentre os valdenses que negaram a supremacia de Roma, rejeitaram o culto às imagens como sendo idolatria e guardaram o verdadeiro sábado.

Por trás dos elevados baluartes das montanhas, os valdenses encontraram esconderijo. Aqueles fiéis exilados apontavam a seus filhos as alturas sobranceiras, em sua imutável majestade, e falavam-lhes dAquele cuja palavra é tão perdurável como os montes eternos. Deus estabelecera firmemente as montanhas; braço algum, senão o do Poder Infinito, poderia movê-las do lugar. De igual maneira estabelecera Ele a Sua lei. O braço humano seria tão impotente para desarraigar as montanhas e lançá-las no mar, quanto para modificar um só preceito da lei de Deus. Esses peregrinos não condescendiam com murmurações por causa das agruras da sorte; nunca se sentiam abandonados na solidão das montanhas. Regozijavam-se na liberdade de prestar culto. De muitos rochedos elevados entoavam eles louvores a Deus, e os exércitos de Roma não eram capazes de fazer silenciar seus cânticos de ações de graças.

Valorizados os princípios da verdade — Os valdenses avaliavam os princípios da verdade acima de casas e terras, amigos,

parentes e mesmo da própria vida. Desde a mais tenra infância eram ensinados a considerar os santos requisitos da lei de Deus. Eram raros os exemplares da Bíblia; portanto, suas preciosas palavras eram confiadas à memória. Muitos eram capazes de repetir longas porções tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

Eram educados desde a infância a suportar rudezas e a pensar e agir por si mesmos. Eram ensinados a suportar responsabilidades, a serem precavidos no falar e a compreenderem a sabedoria do silêncio. Uma palavra indiscreta que deixassem cair no ouvido de seus inimigos, poderia pôr em perigo a vida de centenas de irmãos, pois, semelhantes a lobos à caça da presa, os inimigos da verdade perseguiam os que ousavam reclamar liberdade para a fé religiosa.

Os valdenses labutavam com perseverante paciência para ganhar o pão. Cada recanto de terra cultivável entre as montanhas era cuidadosamente aproveitado. Economia e abnegação formavam parte da educação que os filhos recebiam. O processo era laborioso mas salutar, precisamente o que o homem necessita em seu estado decaído. Aos jovens era ensinado que todas as suas capacidades pertenciam a Deus, devendo estas ser desenvolvidas para o Seu serviço.

As igrejas valdenses se assemelhavam à igreja dos tempos apostólicos. Rejeitando a supremacia do papa e prelados, mantinham a Bíblia como a única autoridade infalível. Seus pastores, diferentes dos altivos sacerdotes de Roma, alimentavam o rebanho de Deus, [34] guiando-o às verdes pastagens e fontes vivas de Sua santa Palavra. O povo congregava-se, não em igrejas suntuosas ou grandes catedrais, mas nos vales alpinos ou, em tempos de perigo, em alguma fortaleza rochosa, a fim de escutar as palavras da verdade proferidas pelos servos de Cristo. Os pastores não apenas pregavam o evangelho; visitavam os enfermos e labutavam para promover harmonia e amor fraternal. Como Paulo, o fabricante de tendas, cada qual aprendia um ofício ou profissão, mediante a qual, sendo necessário, proveria o sustento próprio.

Os jovens recebiam instruções de seus pastores. A Bíblia era objeto do estudo principal. Os evangelhos de Mateus e João eram confiados à memória, juntamente com muitas das epístolas.

Mediante incansáveis labores, por vezes nas profundezas e escuridão das cavernas da Terra, à luz de tochas, eram copiadas as

Sagradas Escrituras, versículo por versículo. Anjos celestiais circundavam esses fiéis obreiros.

Satanás incitara sacerdotes e prelados a enterrarem a Palavra da verdade sob a escória do erro e superstição. Mas de um modo maravilhoso ela foi conservada incontaminada através de todos os séculos de trevas. Tal como a arca sobre as profundas águas encapeladas, a Palavra de Deus leva de vencida os temporais que a ameaçam de destruição. Assim como a mina tem ricos veios de ouro e prata ocultos sob a superfície, as Sagradas Escrituras têm tesouros de verdade que são revelados unicamente ao humilde e devoto pesquisador. Deus designou que a Bíblia fosse um compêndio para toda a humanidade, uma revelação de Si mesmo. Cada nova verdade divisada é uma nova revelação do caráter de seu Autor.

De suas escolas nas montanhas alguns dos jovens foram enviados a instituições de ensino na França ou Itália, onde havia campo mais vasto para o estudo do que nos Alpes. Os jovens assim enviados estavam expostos à tentação. Defrontavam-se com agentes satânicos, que queriam impor-lhes as mais sutis heresias e os mais perigosos enganos. Mas sua educação desde a meninice preparara-os para tudo isso.

Nas escolas aonde iam, não deveriam fazer confidentes a quem quer que fosse. Suas vestes eram preparadas de maneira a ocultar seu máximo tesouro — as Escrituras. Sempre que podiam, cautelosamente punham uma porção ao alcance daqueles cujo coração parecia aberto à recepção da verdade. Ganhavam-se conversos à verdadeira fé nessas instituições de ensino, e freqüentemente seus princípios permeavam toda a escola. Contudo, os chefes papais não conseguiam descobrir a fonte da assim chamada “heresia” corruptora.

Jovens treinados como missionários — Os cristãos valdenses sentiam solene responsabilidade no sentido de permitir que a sua luz brilhasse. Pelo poder da Palavra de Deus procuravam romper o cativeiro que Roma havia imposto. Os ministros valdenses deviam [35] servir três anos em algum campo missionário antes de assumir o encargo de uma igreja em seu país — introdução apropriada à vida pastoral naqueles tempos que punham à prova o caráter dos homens. Os jovens viam diante de si, não a perspectiva de riquezas e glórias terrestres, e sim trabalhos e perigos, e possivelmente o destino de

mártir. Os missionários iam de dois em dois, como Jesus enviara Seus discípulos.

Tornar conhecido o objetivo de sua missão seria assegurar a derrota. Cada ministro possuía conhecimento de algum ofício ou profissão e os missionários prosseguiam na obra sob a aparência de uma vocação secular, geralmente a de mercador ou vendedor ambulante. "Levavam sedas, jóias e outros artigos [...] e eram bem recebidos como negociantes onde teriam sido repelidos como missionários."[2.] Levavam consigo secretamente exemplares da Bíblia, no todo ou em parte. Muitas vezes se despertava o interesse em ler a Palavra de Deus, e alguma porção era deixada com os que a desejavam receber.

Descalços e com vestes singelas e gastas na jornada, estes missionários passavam por grandes cidades e penetravam em longínquas terras. Surgiam igrejas em seu caminho, e o sangue dos mártires testemunhava da verdade. Velada e silenciosa, a Palavra de Deus tinha alegre recepção nos lares e corações dos homens.

Os valdenses acreditavam que o fim de todas as coisas não estava muito distante. À medida que estudavam a Bíblia, sentiam-se profundamente impressionados com o dever de tornar conhecidas a outros as suas verdades salvadoras. Encontravam conforto, esperança e paz crendo em Jesus. Ao a luz alegrar-lhes o coração, anelavam derramar seus raios sobre os que se achavam nas trevas do erro papal.

Sob a direção do papa e sacerdotes, multidões eram ensinadas a confiar nas boas obras para se salvarem. Estavam sempre a olhar para si mesmas, ocupando a mente com sua condição pecaminosa, afligindo o espírito e o corpo, não achando, contudo, alívio. Milhares passavam a vida nas celas dos conventos. Por meio de freqüentes jejuns e açoitamentos, por vigílias à meia-noite, prostrando-se sobre o chão frio e úmido, por longas peregrinações — perseguidos pelo temor da ira vingadora de Deus — muitos continuavam a sofrer até que a natureza exausta se rendesse. Sem um resquício sequer de esperança, baixavam à sepultura.

Pecadores encaminhados a Cristo — Os valdenses ansiavam por revelar a essas pessoas famintas as mensagens de paz das promessas de Deus e apontar-lhes a Cristo como a única esperança de salvação. Asseguravam que a doutrina de que as boas obras podem

expiar a transgressão estava baseada sobre falsidade. Os méritos de um Salvador crucificado e ressurreto são o fundamento da fé cristã. A dependência de Cristo deve ser tão íntima como a do membro para com o corpo, ou a do ramo para com a videira.

Os ensinos dos papas e sacerdotes haviam levado os homens a considerar a Deus e até mesmo a Cristo como severos e repelentes, e [36] assim destituídos de simpatia para com o homem, de modo que devia ser invocada a mediação de sacerdotes e santos. Aqueles cuja mente havia sido iluminada, almejavam remover os obstáculos que Satanás havia acumulado, para que os homens pudessem ir diretamente a Deus, confessando os pecados e obtendo perdão e paz.

Invadindo o reino de Satanás — O missionário valdense citava com cautela as porções cuidadosamente copiadas das Sagradas Escrituras. Assim, a luz da verdade penetrava muitos corações obscurecidos, até que o Sol da Justiça resplandecesse no coração, trazendo saúde em seus raios. Muitas vezes o ouvinte desejava que alguma porção das Escrituras fosse repetida, como se quisesse assegurar-se de que ouvira corretamente.

Muitos viam quão vã é a mediação de homens em favor do pecador. Exclamavam com regozijo: "Cristo é meu Sacerdote; Seu sangue é o meu sacrifício; Seu altar é o meu confessionário." Tão grande era a inundação de luz que lhes sobrevinha, que pareciam transportados ao Céu. Bania-se todo temor da morte. Podiam agora desejar a prisão, se desse modo honrassem o seu Redentor.

A Palavra de Deus era apresentada e lida em lugares ocultos, algumas vezes a uma única pessoa, outras vezes a um pequeno grupo que anelava a luz. Amiúde a noite toda era passada desta maneira. Era comum se proferirem palavras como estas: "Deus aceitará a minha oferta? Ele sorrirá para mim? Ele me perdoará?" Lia-se a resposta: "Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei". Mateus 11:28.

Essas pessoas voltavam felizes para casa a fim de difundir a luz, para repetir a outros — tão bem quanto podiam — sua nova experiência. Haviam encontrado o caminho verdadeiro e vivo! As Escrituras falavam aos corações dos que anelavam pela verdade.

O mensageiro da verdade prosseguia em seu caminho. Em muitos casos os ouvintes não lhe perguntavam de onde viera ou para

onde iria. Ficavam tão dominados que não pensavam em interrogá-lo. Não seria ele um anjo do Céu? — indagavam.

Em muitos casos o mensageiro da verdade seguira para outros países, ou sua vida se consumia em algum calabouço, ou talvez seus ossos estivessem branqueando no local em que testificara a verdade. Mas as palavras que deixara para trás faziam o seu trabalho.

Os líderes papais viram perigo no trabalho desses humildes itinerantes. A luz da verdade varreria as pesadas nuvens do erro que envolviam o povo; dirigiria as mentes dos homens a Deus unicamente, talvez destruindo, afinal, a supremacia de Roma.

Esse povo, mantendo a fé da antiga igreja, era testemunho constante da apostasia de Roma, e assim excitava ódio e perseguição. Sua recusa em renunciar às Escrituras era uma ofensa que Roma não poderia tolerar. [37]

Roma decide destruir os valdenses — Começaram agora as mais terríveis cruzadas contra o povo de Deus em seus lares nas montanhas. Puseram-se inquisidores em suas pegadas. Reiteradas vezes foram devastadas as suas férteis terras e destruídas as suas habitações e capelas. Nenhuma acusação se poderia levantar contra o caráter moral da classe banida. Seu grande crime era o de não quererem adorar a Deus segundo a vontade do papa. Por tal "crime", todo insulto e tortura que homens ou diabos pudessem inventar, amontoaram-se sobre eles.

Determinando-se Roma a exterminar a odiada seita, uma bula [edito] foi promulgada pelo papa, condenando-os como hereges e entregando-os ao morticínio. Não eram acusados como ociosos, ou desonestos, ou desordeiros; mas declarava-se que tinham uma aparência de piedade e santidade que seduzia "as ovelhas do verdadeiro aprisco". Essa bula convocava todos os membros da igreja para se unirem à cruzada contra os hereges. Como incentivo, o texto "desobrigava a todos os que se unissem à cruzada, de qualquer juramento que pudessem ter feito; legitimava seu direito a qualquer propriedade que pudessem ter adquirido ilegalmente, e prometia remissão de todos os pecados aos que matassem algum herege. Anulava todos os contratos feitos em favor dos valdenses, proibia toda pessoa a dar-lhes qualquer auxílio que fosse e a todos permitia tomar posse da propriedade deles".[3.] Esse documento revela claramente o bramido do dragão, e não a voz de Cristo. O mesmo espírito que crucificou a

Cristo e matou os apóstolos, que impulsionou o sanguinário Nero contra os fiéis de seu tempo, estava em operação a fim de exterminar da Terra os que eram amados de Deus.

Apesar das cruzadas contra eles e da desumana carnificina a que foram sujeitos, esse povo temente a Deus prosseguiu enviando seus missionários a espalhar a preciosa verdade. Eram perseguidos até a morte, contudo seu sangue regava a semente lançada, e esta produziu fruto.

Assim os valdenses testemunharam de Deus séculos antes de Lutero. Plantaram a semente da Reforma que se iniciou no tempo de Wycliffe, que cresceu larga e profundamente nos dias de Lutero, e deve ser levada avante até o final do tempo. [38]

1. J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 17, cap. 2.

2. Wylie, livro 1, cap. 7.

3. Ibid., livro 16, cap. 1.

Capítulo 5 — A luz irrompe na Inglaterra

Deus não consentiu que Sua Palavra fosse totalmente destruída. Em vários países da Europa homens eram movidos pelo Espírito de Deus a buscar a verdade como a tesouros escondidos. Providencialmente guiados às Santas Escrituras, dispunham-se a aceitar a luz, a qualquer custo. Posto que não vissem todas as coisas claramente, puderam divisar muitas verdades sepultadas havia muito tempo.

Chegara o tempo em que as Escrituras seriam entregues ao povo em sua língua materna. A meia-noite havia passado para o mundo. Em muitas terras apareciam indícios da aurora a despontar.

No décimo quarto século surgiu na Inglaterra a "estrela da manhã da Reforma". João Wycliffe se distinguira na universidade pela fervorosa piedade, tanto quanto por seu profundo preparo intelectual. Educado na filosofia escolástica, nos cânones da igreja e nas leis civis, achava-se preparado para entrar na grande batalha pela liberdade civil e religiosa. Havia adquirido a disciplina intelectual das escolas e compreendia a tática dos escolásticos. A extensão e proficiência de seus conhecimentos impunham o respeito de amigos e inimigos. Estes eram impedidos de lançar o desprezo à causa da Reforma mediante o artifício de expor a ignorância ou fraqueza dos que a mantinham.

Quando ainda no colégio, Wycliffe iniciara o estudo das Escrituras. Até ali ele tinha sentido grande necessidade que nem seus estudos escolásticos, nem o ensino da igreja haviam podido satisfazer. Na Palavra de Deus encontrou o que antes havia procurado em vão. Ali ele viu a Cristo como o único advogado do homem. Decidiu-se a proclamar as verdades que descobrira.

Ao iniciar sua obra, Wycliffe não se colocou em oposição a Roma. Contudo, quanto mais claramente discernia os erros do papado, mais fervorosamente apresentava os ensinos da Bíblia. Via que Roma abandonara a Palavra de Deus pela tradição humana. Destemidamente acusava o sacerdócio de haver banido as Escrituras, e exigia que a Bíblia fosse devolvida ao povo e que sua autoridade fosse no-

vamente estabelecida na igreja. Ele era um pregador eloqüente, e sua vida diária era uma demonstração das verdades que pregava. O [39] conhecimento que possuía das Escrituras, a pureza de sua vida e sua coragem e integridade conquistaram-lhe a estima geral. Muitos viam a iniqüidade da Igreja Romana. Saudaram com incontida alegria as verdades expostas por Wycliffe. Mas os dirigentes papais encheram-se de raiva; este Reformador conquistava maior influência que a deles próprios.

Perspicaz descobridor de erros — Wycliffe era perspicaz descobridor de erros e atacou destemidamente muitos dos abusos sancionados por Roma. Enquanto capelão do rei, assumiu ousada atitude contra o pagamento de tributo que o papa reivindicava do monarca inglês. A pretensão de autoridade papal sobre os governantes seculares era contrária tanto à razão como à revelação. As exigências do papa tinham suscitado indignação, e os ensinos de Wycliffe influenciaram o espírito dos dirigentes do país. O rei e os nobres se uniram na recusa em pagar o tributo.

Frades mendicantes enxameavam a Inglaterra, lançando uma nódoa à grandeza e prosperidade da nação. A vida de ociosidade e mendicidade dos monges não só representava grande escoadouro dos recursos do povo, como ainda lançava o desdém sobre o trabalho útil. A juventude se desmoralizava e corrompia. Muitos eram induzidos a entrar para o claustro, não apenas sem o consentimento dos pais, como ainda mesmo sem o seu conhecimento e contra as suas ordens. Por esta "monstruosa desumanidade", como mais tarde Lutero a denominou, "que cheira mais a lobo e a tirano do que a cristão ou homem", o coração dos filhos se endureceu contra os pais.[1.]

Mesmo os estudantes das universidades eram enganados pelos monges e induzidos a unir-se às suas ordens. Uma vez presos na armadilha, era-lhes impossível obter liberdade. Muitos pais se recusavam a enviar os filhos às universidades. As escolas se enfraqueciam e prevalecia a ignorância.

O papa conferira a esses monges a faculdade de ouvir confissões e conceder perdão, o que se tornou fonte de grandes males. Inclinados a aumentar seus lucros, os frades estavam tão dispostos a conceder absolvição, que criminosos a eles recorriam, aumentando assim rapidamente os vícios mais detestáveis. Donativos que poderiam ter aliviado os doentes e pobres, eram carregados para os

monges. A riqueza dos frades aumentava constantemente, e seus suntuosos edifícios e lautas mesas tornavam mais notória a pobreza da nação. Contudo, os frades continuavam a manter o domínio sobre as multidões supersticiosas, levando-as a crer que todo dever religioso se resumia em reconhecer a supremacia do papa, adorar os santos e fazer donativos aos monges. Isto seria suficiente para lhes garantir lugar no Céu!

Wycliffe, com intuição clara, feriu a raiz do mal, declarando que o próprio sistema era falso e deveria ser abolido. Despertavam-se discussões e indagações. Muitos se perguntavam se não deveriam buscar o perdão de Deus, em vez de procurá-lo junto ao pontífice de Roma. "Os monges e sacerdotes de Roma", diziam eles, "estão nos comendo como um câncer. Deus deve livrar-nos, ou o povo perecerá."[2.] Os monges mendicantes alegavam estar seguindo o exemplo do Salvador, declarando que Jesus e os discípulos haviam sido sustentados pela caridade do povo. Esta alegação levou muitos à Bíblia, a fim de saberem por si mesmos a verdade.

[40]

Wycliffe começou a escrever e publicar folhetos contra os frades, convocando o povo aos ensinamentos da Bíblia e seu Autor. De nenhuma outra maneira mais eficaz poderia ele ter empreendido a demolição da gigantesca estrutura erigida pelo papa, na qual milhões eram mantidos cativos.

Chamado a defender os direitos da coroa inglesa contra usurpações de Roma,Wycliffe foi designado embaixador real na Holanda. Ali entrou em contato com eclesiásticos da França, Itália e Espanha, e teve oportunidade de informar-se de muitos fatos que lhe teriam permanecido ocultos na Inglaterra. Nestes representantes da corte papal pôde ler o verdadeiro caráter da hierarquia. Voltou à Inglaterra a fim de repetir com maior zelo seus ensinamentos anteriores, declarando que o orgulho e o engano eram os deuses de Roma.

Depois de seu retorno à Inglaterra, Wycliffe recebeu do rei a nomeação para a reitoria de Lutterworth. Isto correspondia a uma prova de que o rei ao menos não se desagradara de sua maneira franca no falar. A influência de Wycliffe foi sentida na moldagem da crença da nação.

Os trovões papais logo se desencadearam contra ele. Três bulas foram expedidas ordenando medidas imediatas para fazer silenciar o ensinador de "heresias".[3.]

A chegada das bulas papais trazia para toda a Inglaterra a ordem peremptória de prisão do herege. Parecia certo que Wycliffe logo deveria cair vítima da vingança de Roma. Mas Aquele que um dia declarou a alguém: “Não temas [...] sou teu escudo” (Gênesis 15:1), de novo estendeu a mão para proteger Seu servo. A morte veio, não para o reformador, mas para o pontífice que decretou a sua destruição.

A morte de Gregório XI foi seguida da eleição de dois papas rivais. Cada um apelava aos fiéis a fim de o ajudarem a fazer guerra contra o outro, encarecendo suas exigências com terríveis anátemas contra os adversários e promessas de recompensas no Céu aos que o apoiavam. As facções rivais fizeram tudo que puderam para atacar uma à outra, e durante algum tempo Wycliffe teve descanso.

O cisma, com toda a contenda e corrupção que produziu, preparou o caminho para a Reforma, habilitando o povo a ver o que o papado realmente era. Wycliffe apelou ao povo a fim de que considerasse se esses dois papas não estavam falando a verdade ao condenarem um ao outro como sendo o anticristo.

Determinado a fazer com que a luz raiasse em todas as partes da Inglaterra, Wycliffe organizou um corpo de pregadores — homens simples e devotos que amavam a verdade e desejavam fazê-la [41] expandir-se. Estes homens, pregavam nos lugares públicos, nas ruas das grandes cidades, e nos atalhos do interior; procuravam os idosos, os doentes e os pobres, desvendando-lhes as alegres novas da graça de Deus.

Em Oxford, Wycliffe pregou a palavra de Deus nos salões da universidade. Recebeu o título de “Doutor do Evangelho”. Entretanto, a maior obra de sua vida foi a tradução das Escrituras para o inglês, de maneira que muitos na Inglaterra pudessem ler as maravilhosas obras de Deus.

Atacado por moléstia perigosa — Subitamente, porém, interromperam-se as suas atividades. Embora ainda não tivesse sessenta anos de idade, o trabalho incessante, o estudo e os assaltos de inimigos o tornaram prematuramente velho. Foi atacado de perigosa enfermidade. Os frades pensaram que ele se arrependeria do mal que havia causado à igreja, de modo que se precipitaram ao seu quarto para ouvir-lhe a confissão. “Tendes a morte em vossos

lábios", diziam, "comovei-vos com as vossas faltas, e retratai em nossa presença tudo quanto dissestes para ofensa nossa."

O reformador ouviu em silêncio. Pediu então ao assistente que o erguesse no leito. Olhando fixamente aos frades, falou com aquela voz firme e forte, que tantas vezes os havia feito tremer: "Não hei de morrer, mas viver, e denunciar novamente as más ações dos frades."[4.] Espantados e confundidos, os monges saíram apressadamente do quarto.

Wycliffe viveu a fim de colocar nas mãos de seus compatriotas a mais poderosa de todas as armas contra Roma, isto é, a Bíblia, o meio indicado pelo Céu para libertar, esclarecer e evangelizar o povo. Wycliffe sabia que apenas poucos anos de labor lhe restavam; viu a oposição que teria de enfrentar, contudo, encorajado pelas promessas da Palavra de Deus, avançou. Quando em pleno vigor de suas capacidades intelectuais, rico em experiências, havia sido preparado pela providência de Deus para isto, o maior trabalho por ele realizado. O reformador, em sua reitoria de Lutterworth, alheio à enfurecida tempestade lá fora, dedicava-se à tarefa que escolhera para si mesmo.

Concluiu-se, por fim, o trabalho — a primeira tradução inglesa da Bíblia. O reformador colocou nas mãos do povo inglês uma luz que jamais deveria extinguir-se. Fizera mais no sentido de quebrar os grilhões da ignorância e do vício, mais para elevar e enobrecer o seu país, do que já se conseguira pelas vitórias nos campos de batalha.

Unicamente por trabalho fatigante podiam-se multiplicar os exemplares da Bíblia. Tão grande era o interesse por se obter o Livro, que só com dificuldade os copistas podiam atender os pedidos. Ricos compradores desejavam a Bíblia toda. Outros compravam apenas parte. Em muitos casos várias famílias se uniam para comprar um exemplar. A Bíblia de Wycliffe logo teve acesso aos lares do povo. [42]

Wycliffe ensinava agora as doutrinas distintivas do protestantismo — salvação pela fé em Cristo e a infalibilidade das Escrituras unicamente. A nova fé foi aceita por quase metade do povo da Inglaterra.

O aparecimento das Escrituras trouxe desânimo às autoridades da igreja. Não havia nesta ocasião, na Inglaterra, qualquer lei que

proibisse a Bíblia, pois nunca antes fora publicada no idioma do povo. Semelhantes leis foram depois elaboradas e rigorosamente executadas.

Novamente os chefes papais conspiraram para fazer silenciar a voz do reformador. Primeiramente um sínodo de bispos declarou heréticos os seus escritos. Ganhando o jovem rei Ricardo II para o seu lado, obtiveram um decreto real sentenciando à prisão todos os que professassem as doutrinas condenadas.

Wycliffe apelou do sínodo para o Parlamento. Destemidamente acusou a hierarquia perante o conselho nacional e pediu uma reforma dos enormes abusos sancionados pela igreja. Seus inimigos ficaram confusos. Alimentara-se a expectativa de que o reformador, em sua avançada idade, só e sem amigos, se curvaria ante a autoridade da coroa. Mas, em vez disso, o Parlamento, despertado pelos estimuladores apelos de Wycliffe, repeliu o edito perseguidor e o reformador foi outra vez posto em liberdade.

Pela terceira vez ele foi chamado a julgamento, e agora perante o mais elevado tribunal eclesiástico do reino. Ali, finalmente, a obra do reformador seria detida. Assim pensavam os romanistas. Se pudessem cumprir o seu propósito, Wycliffe sairia da corte diretamente para as chamas.

Wycliffe recusa retratar-se — Wycliffe, porém, não se retratou. Destemidamente sustentou seus ensinos e repeliu as acusações de seus perseguidores. Citou os ouvintes perante o tribunal divino e pesou seus sofismas e enganos na balança da verdade eterna. O poder do Espírito Santo foi sentido pelos ouvintes. Como setas do Senhor, as palavras do reformador atingiam sua consciência. A acusação de heresia que haviam formulado reverteu contra eles.

“Com quem”, disse ele, “julgais estar a contender? Com um ancião às bordas da sepultura? Não! com a Verdade — Verdade, que é mais forte do que vós, e vos vencerá.”[5.] Assim dizendo, retirou-se, e nenhum de seus adversários tentou impedi-lo.

A obra de Wycliffe estava quase terminada, mas uma vez mais ele deveria dar testemunho do evangelho. Foi chamado a julgamento perante o tribunal papal em Roma, o qual tantas vezes derramara o sangue dos santos. Um ataque de paralisia tornou-lhe impossível a viagem. Mas, se bem que sua voz não devesse ser ouvida em Roma, poderia falar por carta. O reformador escreveu ao papa uma

carta que, embora respeitosa nas expressões e cristã no espírito, era incisiva censura à pompa e orgulho da sé papal. [43]

Wycliffe apresentou ao papa e aos cardeais a mansidão e humildade de Cristo, mostrando não somente a eles, mas a toda a cristandade, o contraste entre eles e o Mestre, a quem professavam representar.

Wycliffe esperava plenamente que sua vida seria o preço de sua fidelidade. O rei, o papa e os bispos estavam unidos para levá-lo à ruína, e parecia certo que, quando muito, em poucos meses o levariam à fogueira. Mas sua coragem não se abalou.

O homem que durante toda a vida permanecera ousadamente na defesa da verdade, não deveria cair vítima do ódio de seus adversários. O Senhor o havia protegido, e agora, quando seus inimigos julgavam segura a presa, a mão de Deus o removeu para além do seu alcance. Em sua igreja, em Lutterworth, na ocasião em que ia administrar a comunhão, caiu atacado de paralisia, e em pouco tempo veio a falecer.

Arauto de uma nova era — Deus pusera a palavra da verdade na boca de Wycliffe. Sua vida fora protegida e seus labores prolongados até que se assentassem os alicerces da Reforma. Antes dele não houve alguém por meio de cuja obra se pudesse modelar seu sistema de reforma. Ele foi o arauto de uma nova era. Contudo, nas verdades que apresentava, havia uma unidade e perfeição que os reformadores que o sucederam não excederam e que alguns sequer atingiram. Tão firme e verdadeiro foi o arcabouço, que não foi necessário ser reconstruído pelos que vieram depois dele.

O grande movimento inaugurado por Wycliffe, que deveria libertar as nações por tanto tempo submissas a Roma, teve sua fonte na Bíblia. Ali se encontrava a origem da corrente de bênçãos que tem manado durante gerações desde o décimo quarto século. Educado de modo a considerar a igreja de Roma como autoridade infalível e a aceitar com indiscutível reverência os ensinos e costumes estabelecidos havia um milênio, Wycliffe desviou-se de tudo isso para ouvir a Santa Palavra de Deus. Em vez da igreja falando através do papa, declarou ser a voz de Deus a única autoridade verdadeira, falando por intermédio de Sua Palavra. Ensinou que o Espírito Santo é o único intérprete da Bíblia.

Wycliffe foi um dos maiores reformadores. Foi igualado por poucos que vieram depois dele. Pureza de vida, incansável diligência no estudo e trabalho, incorruptível integridade e amor cristão, caracterizaram o primeiro dos reformadores.

Foi a Bíblia que fez de Wycliffe o que ele se tornou. O estudo da Bíblia enobrece todo pensamento, sentimento e aspiração, como nenhum outro estudo pode fazer. Pode dar estabilidade de propósito, coragem e fortaleza. O esquadrinhar fervoroso e reverente das Escrituras daria ao mundo homens de intelecto mais forte, bem como de princípios mais nobres, do que os que já existiram como resultado do mais hábil ensino proporcionado pela filosofia humana. [44]

Os seguidores de Wycliffe, conhecidos como wiclefitas e lolardos, espalharam-se por outros países, levando o evangelho. Agora que seu guia fora removido, os pregadores trabalhavam com zelo ainda maior que antes. Multidões se congregavam para ouvi-los. Alguns da nobreza e mesmo a esposa do rei se encontravam entre os conversos. Em muitos lugares os símbolos idolátricos do romanismo foram removidos das igrejas.

Logo, porém, impiedosa perseguição irrompeu sobre os que haviam ousado aceitar a Bíblia como guia. Pela primeira vez na história da Inglaterra a fogueira foi decretada contra os discípulos do evangelho. Martírios se sucederam a martírios. Perseguidos como inimigos da igreja e traidores do reino, os advogados da verdade continuaram a pregar em lugares secretos, encontrando abrigo nos humildes lares dos pobres, e muitas vezes refugiando-se mesmo em brenhas e cavernas.

Durante séculos continuou a ser proferido um protesto calmo e paciente contra as dominantes corrupções da fé religiosa. Os crentes daqueles primitivos tempos haviam aprendido a amar a Palavra de Deus e pacientemente sofriam por sua causa. Muitos sacrificavam suas posses deste mundo pela causa de Cristo. Aqueles a quem era permitido permanecer em casa, abrigavam alegremente os irmãos banidos, e quando eles também eram expulsos, aceitavam com prazer a sorte dos proscritos. Não foi pequeno o número dos que deram destemido testemunho da verdade nos cubículos dos cárceres e em meio de torturas e chamas, regozijando-se por terem sido considerados dignos de conhecer a "comunicação de Suas aflições".

O ódio dos romanistas não se satisfez enquanto o corpo de Wycliffe repousou na sepultura. Mais de quarenta anos após sua morte, seus ossos foram exumados e publicamente queimados, e as cinzas lançadas em um riacho vizinho. “Esse riacho”, diz antigo escritor, “levou suas cinzas para o Avon, o Avon para o Severn, o Severn para os pequenos mares, e estes para o grande oceano. E assim as cinzas de Wycliffe são o emblema de sua doutrina, que hoje está espalhada pelo mundo inteiro.”[6.]

Mediante os escritos de Wycliffe, João Huss, da Boêmia, foi levado a renunciar a muitos erros do romanismo. Da Boêmia a obra estendeu-se a outras terras. A mão divina estava preparando o caminho para a Grande Reforma. [45]

[1.] Barnas Sears, *The Life of Luther*, p. 70, 69.

[2.] J. H. Merle D’Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century,* livro 17, cap. 7.

[3.] Augustus Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, 6 período, seção 2, ponto 1, parágrafo 8.

[4.] D’Aubigné, Ibid.

[5.] Wylie, livro 2, cap. 13.

[6.] T. Fuller, *Church History of Britain*, livro 4, seção 2, parágrafo 54.

Capítulo 6 — Dois heróis enfrentam a morte

Já no século nono a Bíblia achava-se traduzida e o culto público era celebrado na língua do povo, na Boêmia. Mas Gregório VII intentava escravizar o povo, e uma bula foi expedida proibindo que o culto público fosse dirigido na língua boêmia. O papa declarava ser "agradável ao Onipotente que Seu culto fosse celebrado em língua desconhecida".[1.] Mas o Céu havia providenciado meios para a preservação da igreja. Muitos valdenses e albigenses, expulsos de seus lares pela perseguição, vieram à Boêmia. Trabalharam zelosamente em segredo. Assim foi preservada a verdadeira fé.

Antes dos dias de Huss, houve na Boêmia homens que se levantaram para condenar a corrupção na igreja. Suscitaram-se os temores da hierarquia e iniciou-se a perseguição contra o evangelho. Depois de algum tempo decretou-se que todos os que se afastassem do culto romano deviam ser queimados. Mas os cristãos olhavam à frente, para a vitória de sua causa. Um deles declarou ao morrer: "Levantar-se-á um dentre o povo comum, sem espada nem autoridade, e contra ele não poderão prevalecer."[2.] Já se erguia alguém, cujo testemunho contra Roma abalaria as nações.

João Huss era de humilde nascimento e cedo ficou órfão pela morte do pai. Sua piedosa mãe, considerando a educação e o temor de Deus como a mais valiosa das posses, procurou assegurar esta herança ao filho. Huss estudou na escola da província, passando depois para a Universidade de Praga, onde teve admissão como estudante carente.

Na universidade, Huss logo se distinguiu pelo rápido progresso. Seus modos afáveis e simpáticos lhe conquistaram estima geral. Era adepto sincero da Igreja de Roma e fervorosamente buscava as bênçãos espirituais que ela professava conferir. Depois de completar o curso superior, ingressou no sacerdócio. Atingindo rapidamente a eminência, foi logo chamado à corte do rei. Tornou-se também professor e mais tarde reitor da universidade. O humilde estudante,

que de favor recebera educação, tornou-se o orgulho de seu país e seu nome teve fama em toda a Europa.

Jerônimo, que mais tarde se associou a Huss, trouxera consigo da Inglaterra os escritos de Wycliffe. A rainha da Inglaterra, convertida aos ensinos de Wycliffe, era uma princesa boêmia. Por sua influência as obras do reformador foram amplamente divulgadas em seu país natal. Huss inclinava-se a considerar favoravelmente as reformas [46] advogadas. Conquanto não o soubesse, entrara já num caminho que o levaria para longe de Roma.

Dois quadros impressionam Huss — Por esse tempo chegaram a Praga dois estrangeiros da Inglaterra, homens de saber, que tinham recebido a luz e teriam vindo espalhá-la naquela terra distante. Foram logo silenciados, mas não estando dispostos a abandonar seu propósito, recorreram a outras medidas. Sendo artistas, bem como pregadores, pintaram em local franqueado ao público dois quadros. Um representava a entrada de Cristo em Jerusalém, "humilde, montado em jumento" (Mateus 21:5) e seguido de Seus discípulos, descalços e com trajes gastos pelas viagens. O outro estampava uma procissão pontifical — o papa em suas ricas vestes e tríplice coroa, montado em cavalo magnificamente adornado, precedido de trombeteiros e seguido pelos cardeais e prelados em deslumbrante pompa.

Multidões vieram contemplar os desenhos. Ninguém deixara de compreender a moral. Houve grande comoção em Praga, e os estrangeiros acharam necessário partir. Mas os quadros produziram profunda impressão em Huss e levaram-no a estudar mais profundamente a Bíblia e os escritos de Wycliffe.

Embora não estivesse preparado para aceitar todas as reformas advogadas por Wycliffe, Huss viu o verdadeiro caráter do papado, e denunciou o orgulho, a ambição e a corrupção da hierarquia.

Praga é interditada — Notícias foram levadas a Roma e Huss foi logo chamado a comparecer perante o papa. Obedecer seria expor-se à morte certa. O rei e a rainha da Boêmia, a universidade, membros da nobreza e oficiais do governo, uniram-se num apelo ao pontífice para que fosse permitido a Huss permanecer em Praga e responder por delegação. Em vez de atender ao pedido, o papa procedeu ao processo e condenação de Huss, declarando então acharse interditada a cidade de Praga.

Naquela época esta sentença despertava alarma geral. O povo considerava o papa como representante de Deus, possuindo as chaves do Céu e do inferno e possuindo poder para invocar juízos. Acreditava-se que até que o papa fosse servido remover a excomunhão, os mortos eram excluídos das moradas das bem-aventuranças. Todos os serviços religiosos foram suspensos. As igrejas foram fechadas. Celebravam-se os casamentos nos pátios das igrejas. Os mortos eram sepultados sem ritos em fossos ou no campo.

A cidade de Praga encheu-se de tumulto. Uma classe numerosa denunciou Huss e exigiu que ele fosse entregue a Roma. Para acalmar a tempestade, o reformador retirou-se por algum tempo à sua aldeia natal. Ele não cessou seus labores, mas viajou pelos territórios circunjacentes, pregando a multidões ávidas. Quando serenou a excitação em Praga, Huss retornou a fim de continuar a pregação [47] da Palavra de Deus. Seus inimigos eram poderosos, mas a rainha e muitos nobres eram seus amigos, e o povo em grande parte o apoiava.

Huss estivera sozinho em seus labores. Agora Jerônimo uniu-se à obra de Reforma. Daí em diante os dois estiveram ligados durante toda a vida, e na morte não deveriam ser separados. Quando às qualidades que constituem a verdadeira força de caráter, Huss era o maior. Jerônimo, com verdadeira humildade, se apercebia do valor do outro e cedia aos seus conselhos. Sob o trabalho unido de ambos, a Reforma estendeu-se rapidamente.

Deus permitiu que grande luz resplandecesse no espírito daqueles homens escolhidos, revelando-lhes muitos dos erros de Roma; mas eles não receberam toda a luz que devia ser dada ao mundo. Deus estava guiando as pessoas para fora das trevas do romanismo, e Ele os guiou passo a passo, conforme o podiam suportar. Se fosse apresentada como o completo fulgor do Sol do meio-dia para os que durante muito tempo permaneceram em trevas, teria feito com que se desviassem. Portanto Ele a revelou pouco a pouco, à medida que podia ser recebida pelo povo.

Persistia o cisma na igreja. Três papas contendiam agora pela supremacia. Sua luta encheu a cristandade de tumulto. Não contentes em lançar anátemas, recorriam à compra de armas e à contratação de soldados. É claro que necessitavam de dinheiro e, para arranjá-lo, os dons, ofícios e bênçãos da igreja eram oferecidos à venda.

Com crescente audácia, Huss fulminava as abominações que eram toleradas em nome da religião. O povo acusava abertamente a Roma como causa das misérias que oprimiam a cristandade.

Novamente a cidade de Praga parecia à borda de um conflito sangrento. Como em eras anteriores, o servo de Deus foi acusado de ser o "perturbador de Israel". 1 Reis 18:17. A cidade foi novamente posta sob interdito, e Huss retirou-se para a sua aldeia natal. Ele deveria falar a um cenário mais amplo, a toda a cristandade, antes de depor a vida como testemunha da verdade.

Um concílio geral foi convocado a reunir-se na cidade de Constança [sudoeste da Alemanha], convocado, a pedido do imperador Sigismundo, por um dos três papas rivais, João XXIII. O papa João, cujo caráter e política mal poderiam suportar exame, não ousou opor-se à vontade de Sigismundo. O principal objetivo a ser cumprido era apaziguar o cisma da igreja e desarraigar a "heresia". Os dois antipapas foram chamados a comparecer, bem como João Huss. Os primeiros foram representados por seus delegados. O Papa João compareceu com muitos pressentimentos, temendo ser chamado a prestar contas pelos vícios que haviam infelicitado a tiara, bem como pelos crimes que a haviam garantido. Não obstante, fez sua entrada na cidade de Constança com grande pompa, acompanhado de eclesiásticos e um séquito de cortesões. Vinha sob um pálio de ouro, carregado por quatro dos principais magistrados. A hóstia era [48] levada diante dele, e as ricas vestes dos cardeais e nobres ofereciam um espetáculo imponente.

Enquanto isto outro viajante se aproximava de Constança. Huss despedira-se dos amigos como se jamais devesse encontrá-los de novo, pressentindo que esta viagem o conduziria à fogueira. Havia recebido salvo-conduto do rei da Boêmia e outro do imperador Sigismundo. Contudo, fez seus planos encarando a possibilidade de morrer.

Salvo-conduto do rei — Numa carta dirigida aos amigos, disse ele: "Meus irmãos, [...] parto com um salvo-conduto do rei, ao encontro de meus numerosos e mortais inimigos. [...] Jesus Cristo sofreu por Seus bem-amados; deveríamos, pois, estranhar que Ele nos tenha deixado Seu exemplo? [...] Portanto, amados, se minha morte deve contribuir para a Sua glória, orai para que ela venha rapidamente, e para que Ele possa habilitar-me a suportar com lealdade

todas as minhas calamidades. [...] Oremos a Deus [...] para que eu não suprima um til da verdade do evangelho, a fim de deixar a meus irmãos um excelente exemplo a seguir."[3.]

Noutra carta, Huss falou com humildade de seus próprios erros, acusando-se de "ter sentido prazer em usar ricas decorações e haver despendido horas em ocupações frívolas". Acrescentou, então: "Que a glória de Deus e a salvação das pessoas ocupem tua mente, e não a posse de benefícios e bens. Acautela-te de adornar tua casa mais do que tua vida; e, acima de tudo, dá teu cuidado ao edifício espiritual. Sê piedoso e humilde para com os pobres, e não consumas teus haveres em festas."[4.]

Em Constança, Huss teve assegurada plena liberdade. Ao salvo-conduto do imperador acrescentou-se uma garantia pessoal de proteção por parte do papa. Mas, com violação destas repetidas declarações, em pouco tempo o reformador foi preso por ordem do papa e dos cardeais, e lançado em asquerosa masmorra. Mais tarde foi transferido para um castelo forte além do Reno e ali conservado prisioneiro. O papa foi logo depois entregue à mesma prisão.[5.] Provara-se perante o concílio ser ele réu dos mais baixos crimes, além de assassínio, simonia e adultério — "pecados que não convém mencionar". Foi ele finalmente despojado da tiara. Os antipapas também foram depostos, sendo escolhido um novo pontífice.

Se bem que o próprio papa tivesse sido acusado de maiores crimes que os de que Huss denunciara os padres, o mesmo concílio que rebaixou o pontífice tratou também de esmagar o reformador. O aprisionamento de Huss despertou grande indignação na Boêmia. O imperador, a quem repugnava permitir que fosse violado um salvo-conduto, opôs-se ao processo que lhe era movido. Mas os inimigos do reformador apresentaram argumentos a fim de provar que "não se deve dispensar fé aos hereges, tampouco a pessoas suspeitas de heresia, ainda que estas estejam munidas de salvo-conduto do imperador e reis".[6.]

[49]

Enfraquecido pela enfermidade — o ar úmido e impuro do calabouço lhe acarretara uma febre que quase o levou à sepultura — Huss foi finalmente conduzido perante o concílio. Carregado de cadeias, ficou em pé na presença do imperador, cuja honra e boa fé tinham sido empenhadas em defendê-lo. Manteve firmemente a verdade e proferiu solene protesto contra as corrupções da hierarquia.

Quando se lhe exigiu optar entre abjurar suas doutrinas ou sofrer a morte, aceitou a sorte de mártir.

A graça de Deus o susteve. Durante as semanas de sofrimento por que passou antes da sentença final, a paz celestial encheu seu coração. "Escrevo esta carta", dizia a um amigo, "na prisão e com as mãos algemadas, esperando a sentença de morte para amanhã [...] Quando, com o auxílio de Jesus Cristo, de novo nos encontrarmos na deliciosa paz da vida futura, sabereis quão misericordioso Deus Se mostrou para comigo, quão eficazmente me sustentou em meio de tentações e provas."[7.]

Antevisão do triunfo — Na masmorra ele previu o triunfo que teria a verdadeira fé. Em seu sonho viu o papa e seus bispos apagando as pinturas de Cristo que ele desenhara nas paredes da capela de Praga. "Esta visão angustiou-o; mas no dia seguinte viu muitos pintores ocupados na restauração dessas figuras, em maior número e em cores mais vivas. [...] Os pintores [...] rodeados de imensa multidão, exclamavam: 'Venham agora os papas e os bispos; nunca mais as apagarão!'" Disse o reformador: "A imagem de Cristo nunca se apagará. Quiseram destruí-la, mas será pintada de novo em todos os corações por pregadores muito melhores do que eu."[8.]

Pela última vez Huss foi levado perante o concílio, uma vasta e brilhante assembléia — o imperador, os príncipes do império, delegados reais, cardeais, bispos, sacerdotes e uma vasta multidão.

Chamado à decisão final, Huss declarou recusar-se a abjurar. Fixando o olhar penetrante no imperador cuja palavra empenhada fora tão vergonhosamente violada, declarou: "Decidi-me, de espontânea vontade, comparecer perante este concílio, sob a pública proteção e fé do imperador aqui presente."[9.] Intenso rubor avermelhou o rosto de Sigismundo quando o olhar de todos convergiu para ele.

Pronunciada a sentença, iniciou-se a cerimônia de degradação. Sendo de novo exortado a retratar-se, Huss replicou, volvendo-se para o povo: "Com que cara, pois, contemplaria eu os Céus? Como olharia para as multidões de homens a quem preguei o evangelho puro? Não! aprecio a sua salvação mais do que este pobre corpo, ora destinado à morte." As vestes sacerdotais foram removidas uma a uma, e cada bispo pronunciava uma maldição ao realizar sua parte na cerimônia. Finalmente, "puseram-lhe sobre a cabeça uma carapuça ou mitra de papel em forma piramidal, em que estavam desenhadas

horrendas figuras de demônios, com a palavra 'Arqui-herege' bem [50] visível na frente. 'Com muito prazer', disse Huss, 'levarei sobre a cabeça esta coroa de ignomínia por Teu amor, ó Jesus, que por mim levaste uma coroa de espinhos.'"[10.]

Huss morre na fogueira — Foi então levado para o lugar da execução. Imenso séquito acompanhou-o. Quando tudo estava pronto para ser aceso o fogo, uma vez mais foi ele exortado a renunciar a seus erros. "A que erros", disse Huss, "renunciarei eu? Não me julgo culpado de nenhum. Invoco a Deus para testemunhar que tudo que escrevi e preguei foi feito com o fim de livrar pessoas do pecado e perdição; e, portanto, muito alegremente confirmarei com meu sangue a verdade que escrevi e preguei."[11.]

Quando as chamas começaram a envolvê-lo, pôs-se a cantar: "Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim", e assim prosseguiu até que sua voz silenciou para sempre. Um zeloso adepto de Roma, que testemunhou a morte de Huss e a de Jerônimo, que ocorreu pouco depois, disse: "Prepararam-se para o fogo como se fosse para uma festa de casamento. Não soltaram nenhum grito de dor. Ao levantarem-se as chamas, começaram a cantar hinos, e mal podia a veemência do fogo fazer silenciar o seu canto."[12.]

Depois de consumido o corpo de Huss, suas cinzas foram ajuntadas e lançadas no Reno, e assim foram levadas para além do oceano, e daí espalhadas a todos os países da Terra. Em terras ainda desconhecidas elas produziriam fruto abundante em testemunho da verdade. A voz que falara no recinto do concílio em Constança despertou ecos que seriam ouvidos através de todas as eras vindouras. Seu exemplo animaria multidões a permanecerem fiéis em face da tortura e morte. Sua execução patenteou ao mundo inteiro a pérfida crueldade de Roma. Os inimigos da verdade promoveram a causa que em vão pensavam destruir.

Contudo, o sangue de mais uma testemunha deveria testificar da verdade. Jerônimo havia exortado Huss a que tivesse coragem e firmeza, declarando que se este caísse em algum perigo, ele próprio acudiria em seu auxílio. Ouvindo acerca da prisão do reformador, o fiel discípulo imediatamente se preparou para cumprir a promessa. Sem salvo-conduto, partiu para Constança. Ali chegando, convenceu-se de que apenas se havia exposto ao perigo, sem nada poder fazer em favor de Huss. Fugiu da cidade, mas foi preso e conduzido de

volta em ferros. Ao seu primeiro aparecimento perante o concílio, suas tentativas de responder foram defrontadas com clamores: “Às chamas! Que vá às chamas!”[13.] Foi lançado numa masmorra e alimentado a pão e água. As crueldades da prisão causaram-lhe uma enfermidade que lhe pôs em perigo a vida; seus inimigos, receosos de que ele pudesse escapar, trataram-no com menos severidade, posto que permanecesse na prisão durante um ano.

Jerônimo se submete ao Concílio — A violação do salvo-conduto de Huss suscitara uma tempestade de indignação. O concílio decidiu, em vez de queimar Jerônimo, obrigá-lo a retratar-se. [51] Ofereceu-lhe a alternativa de abjurar ou morrer na fogueira. Enfraquecido pela moléstia, pelos rigores do cárcere e pela tortura da ansiedade e apreensão, separado dos amigos e desanimado pela morte de Huss, a fortaleza de Jerônimo cedeu. Comprometeu-se a aderir à fé católica e aceitou o voto do concílio ao este condenar as doutrinas de Wycliffe e de Huss, exceção feita, contudo, às “sagradas verdades” que eles haviam ensinado.[14.]

Mas na solidão do calabouço ele viu mais claramente o que havia feito. Pensou na coragem e fidelidade de Huss e, em contraste, refletiu em sua própria negação da verdade. Pensou no divino Mestre que por amor a ele suportara a morte na cruz. Antes de sua retratação encontrara conforto, em todos os sofrimentos, na certeza do favor de Deus. Agora, porém, o remorso e a dúvida lhe torturavam o espírito. Sabia que outras retratações ainda teriam de ser feitas antes que pudesse estar em paz com Roma. O caminho em que estava entrando apenas poderia terminar em completa apostasia.

Jerônimo se arrepende e adquire nova coragem — Logo foi ele novamente levado perante o concílio. Sua submissão não satisfizera aos juízes. Apenas renunciando sem reservas à verdade poderia Jerônimo preservar a vida. Decidira-se, porém, a confessar sua fé e seguir às chamas seu irmão mártir.

Renunciou à abjuração anterior e, como moribundo, exigiu solenemente a oportunidade de apresentar sua defesa. Os prelados insistiram em que ele meramente afirmasse ou negasse as acusações lançadas contra sua pessoa. Jerônimo protestou contra tal crueldade e injustiça: “Conservastes-me encerrado durante trezentos e quarenta dias numa horrível prisão”, disse ele; “trazeis-me depois diante de vós e, dando ouvidos a meus inimigos mortais, recusais-vos a

ouvir-me [...] Tende cuidado em não pecar contra a justiça. Quanto a mim, sou apenas um fraco mortal; minha vida não tem senão pouca importância; e quando vos exorto a não lavrar uma sentença injusta, falo menos por mim do que por vós."[15.]

Seu pedido foi finalmente atendido. Na presença dos juízes, Jerônimo ajoelhou-se e pediu que o divino Espírito lhe dirigisse os pensamentos, de modo que nada falasse contrário à verdade ou indigno de seu Mestre. Para ele neste dia cumpriu-se a promessa: "Quando vos entregarem, não cuideis em como, ou o que haveis de falar [...] visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós". Mateus 10:19, 20.

Jerônimo havia estado durante um ano inteiro numa masmorra, impossibilitado de ler ou mesmo ver. No entanto, seus argumentos foram apresentados com tanta clareza e força como se houvesse tido oportunidade tranqüila para o estudo. Indicou aos ouvintes a longa série de homens santos que haviam sido condenados por juízes injustos. Em quase todas as gerações houve aqueles que procuraram [52] elevar o povo de seu tempo, e que foram rejeitados. O próprio Cristo foi condenado como malfeitor, por um tribunal injusto.

Jerônimo declarou agora o seu arrependimento e deu testemunho da inocência e santidade do mártir Huss. "Conheci-o desde a meninice", disse ele. "Foi um homem excelente, justo e santo; foi condenado, a despeito de sua inocência. [...] Estou pronto para morrer. Não recuarei diante dos tormentos que me estão preparados por meus inimigos e falsas testemunhas, que um dia terão de prestar contas de suas imposturas perante o grande Deus, a quem nada pode enganar."

Jerônimo prosseguiu: "De todos os pecados que tenho cometido desde minha juventude, nenhum pesa tão gravemente em meu espírito e me causa tão pungente remorso, como aquele que cometi neste lugar fatídico, quando aprovei a iníqua sentença dada contra Wycliffe e contra o santo mártir, João Huss, meu mestre e amigo. Sim! confesso-o de todo o coração e declaro com horror, que desgraçadamente fraquejei quando, por medo da morte, condenei suas doutrinas. Portanto suplico [...] a Deus todo-poderoso, Se digne perdoar meus pecados, e em particular este, o mais hediondo de todos."

Apontando para os juízes, disse com firmeza: “Condenastes Wycliffe e João Huss. [...] As coisas que eles afirmaram, e que são irrefutáveis, eu também as entendo e declaro como eles.”

Suas palavras foram interrompidas. Os prelados, trêmulos de cólera, exclamaram: “Que necessidade há de mais provas? Contemplamos com nossos próprios olhos o mais obstinado dos hereges!”

Sem se abalar com a tempestade, Jerônimo exclamou: “Ora! supondes que receio morrer? Conservastes-me durante um ano inteiro em horrível masmorra, mais horrenda que a própria morte. [...] Não posso senão exprimir meu espanto com tão grande barbaridade para com um cristão.”[16.]

Destinado à prisão e morte — De novo irrompeu a tempestade de cólera, e Jerônimo foi levado precipitadamente à prisão. Havia, contudo, alguns nos quais suas palavras produziram profunda impressão, e que desejavam salvar-lhe a vida. Foi visitado por dignitários e instado a submeter-se ao concílio. Brilhantes perspectivas lhe foram apresentadas como recompensa.

“Provai-me pelas Sagradas Escrituras que estou em erro, e abjurarei”, disse ele.

“As Sagradas Escrituras!” exclamou um de seus tentadores. “Então tudo deve ser julgado por elas? Quem as pode entender antes que a igreja as haja interpretado?”

“São as tradições dos homens mais dignas de fé do que o evangelho de nosso Salvador?” replicou Jerônimo.

“Herege! Arrependo-me de ter-me empenhado tanto tempo contigo. Vejo que és impulsionado pelo diabo.”[17.] [53]

Sem demora foi levado ao mesmo local em que Huss rendera a vida. Ele fez o trajeto cantando, tendo o semblante iluminado de alegria e paz. Para ele, a morte havia perdido o terror. Quando o carrasco, estando para acender a fogueira, passou por detrás dele, o mártir exclamou: “Ponha fogo à minha vista! Se eu tivesse medo, não estaria aqui.”

Suas últimas palavras foram uma oração: “Senhor, Pai todo-poderoso, tem piedade de mim, e perdoa os meus pecados; pois sabes que sempre amei Tua verdade.”[18.] As cinzas do mártir foram reunidas e, tal como ocorrera com as de Huss, lançadas ao Reno. Assim pereceram os fiéis porta-luzes de Deus.

A execução de Huss acendera uma chama de indignação e horror na Boêmia. A nação inteira declarou ter sido ele um fiel ensinador da verdade. O concílio foi acusado de assassinato. Suas doutrinas atraíam agora maior atenção do que antes, e muitos foram levados a aceitar a fé reformada. O papa e o imperador uniram-se para aniquilar o movimento, e os exércitos de Sigismundo foram lançados contra a Boêmia.

Surgiu, porém, um libertador. Zisca, um dos mais hábeis generais de seu tempo, foi o chefe dos boêmios. Confiando no auxílio de Deus, o povo resistiu aos mais poderosos exércitos que contra ele se poderiam levar. Reiteradas vezes o imperador invadiu a Boêmia, apenas para ser repelido. Os hussitas ergueram-se acima do temor da morte, e nada poderia resistir a eles. O bravo Zisca morreu, mas seu lugar foi preenchido por Procópio, que em alguns sentidos era um líder ainda mais capaz.

O papa proclamou uma cruzada contra os hussitas. Uma imensa força foi lançada contra a Boêmia, tão-somente para sofrer terrível derrota. Outra cruzada foi proclamada. Em todos os países papais da Europa, homens, dinheiro e munições de guerra foram reunidos. Multidões congregavam-se sob o estandarte papal.

A numerosa força entrou na Boêmia. O povo arregimentou-se para repeli-la. Os dois exércitos se aproximaram um do outro, até que havia entre eles apenas um rio. "Os cruzados constituíam força grandemente superior, mas em vez de se arremessarem através da torrente e travar batalha com os hussitas a quem de longe haviam vindo combater, ficaram a olhar em silêncio para aqueles guerreiros."[19.]

Subitamente, misterioso terror caiu sobre os soldados. Sem desferir um golpe, aquela poderosa força debandou e espalhou-se, como que dispersa por um poder invisível. O exército hussita perseguiu os fugitivos e imenso despojo caiu na mão dos vitoriosos. A guerra, em vez de empobrecer os boêmios, enriqueceu-os.

Poucos anos mais tarde, sob um novo papa, promoveu-se ainda outra cruzada. Vasto exército entrou na Boêmia. As forças hussitas recuaram diante deles, arrastando os invasores cada vez mais para o interior do país, levando-os a contar com a vitória já alcançada. [54]

Finalmente o exército de Procópio avançou para dar-lhes combate. Quando se ouviu o ruído da força que se aproximava, mesmo

antes que os hussitas estivessem à vista, um pânico de novo caiu sobre os cruzados. Príncipes, generais e soldados rasos, arrojando as armaduras, fugiram em todas as direções. A derrota foi completa, e novamente um imenso despojo caiu nas mãos dos vitoriosos.

Assim, pela segunda vez, vasto exército de homens aguerridos, treinados para a batalha, fugiu sem dar um golpe, diante dos defensores de uma nação pequena e fraca. Aquele que pôs em fuga os exércitos de Midiã diante de Gideão e seus trezentos, uma vez mais estendera Sua mão. Juízes 7:19-25; Salmos 53:5.

Traídos pela diplomacia — Os líderes papais recorreram finalmente à diplomacia. Adotou-se um compromisso mútuo que, traindo aos boêmios, entregou-os ao poder de Roma. Os boêmios haviam especificado quatro pontos como condições de paz com Roma: (1) livre pregação da Bíblia; (2) o direito da igreja toda, tanto ao pão como ao vinho na comunhão, e o uso da língua materna no culto divino; (3) a exclusão do clero de todos os ofícios e autoridades seculares; e (4) nos casos de crimes, a jurisdição das cortes civis tanto para o clero como para os leigos. As autoridades papais concordaram que os quatro artigos fossem aceitos, "mas que o direito de os explicar [...] deveria pertencer ao concílio — ou, em outras palavras, ao papa e ao imperador".[20.] Roma ganhou, pela dissimulação e fraude, o que não tinha conseguido pelo conflito. Aplicando sua própria interpretação aos artigos hussitas, como à Escritura Sagrada, poderia perverter seu sentido, de modo conveniente a seus propósitos.

Uma classe numerosa na Boêmia, vendo que isso traía sua liberdade, não se conformou com o tratado. Surgiram dissensões, que levaram à contenda entre eles próprios. O nobre Procópio sucumbiu, e acabou a liberdade da Boêmia.

Exércitos estrangeiros invadiram de novo a Boêmia, e aqueles que permaneceram fiéis ao evangelho foram sujeitos a uma perseguição sanguinolenta. Contudo, sua firmeza era inabalável. Obrigados a refugiar-se nas cavernas, congregavam-se ainda para ler a Palavra de Deus e unir-se em Seu culto. Por meio de mensageiros enviados secretamente a diversos países, souberam "que entre as montanhas dos Alpes havia uma antiga igreja, apoiada no fundamento das Escrituras e protestando contra as corrupções idolátricas de Roma".[21.] Com grande alegria iniciou-se correspondência com os cristãos valdenses.

Firmes no evangelho, os boêmios esperaram através da noite de sua perseguição, ainda volvendo os olhos para o horizonte na hora [55] mais tenebrosa, semelhantes aos homens que esperam a manhã.

---

[56]

[1] Wylie, livro 3, cap. 1.

[2] Ibid.

[3] Bonnechose, v. 1, p. 147, 148.

[4] Ibid., v. 1, p. 148, 149.

[5] Ibid., v. 1, p. 247.

[6] Jacques Lenfant, *History of the Council of Constance*, v. 1, p. 516.

[7] Bonnechose, v. 2, p. 67.

[8] J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 1, cap. 6.

[9] Bonnechose, v. 2, p. 84.

[10] Wylie, livro 3, cap. 7.

[11] Ibid.

[12] Ibid.

[13] Bonnechose, v. 1, p. 234.

[14] Ibid., v. 2, p. 141.

[15] Ibid., v. 2, p. 146, 147.

[16] Bonnechose, v. 2, p. 151, 153.

[17] Wylie, livro 3, cap. 10.

[18] Bonnechose, v. 2, p. 168.

[19] Wylie, livro 3, cap. 17.

[20] Ibid., livro 3, cap. 18.

[21] Ibid., livro 3, cap. 19.

Capítulo 7 — Lutero, o homem para seu tempo

Entre os que foram chamados para dirigir a igreja das trevas do papado à luz de uma fé mais pura, achava-se Martinho Lutero. Não conhecendo outro temor senão o de Deus, e não reconhecendo outro fundamento para a fé além das Escrituras Sagradas, Lutero foi o homem para o seu tempo.

Os primeiros anos de Lutero foram passados no humilde lar de um camponês alemão. Seu pai pretendia que ele fosse advogado, mas Deus tencionava fazer dele um construtor no grande templo que tão vagarosamente se vinha erigindo através dos séculos. Agruras, privações e severa disciplina foram a escola na qual a Sabedoria Infinita preparou Lutero para a missão de sua vida.

O pai de Lutero era homem de espírito ativo. Seu genuíno bom-senso levava-o a considerar com desconfiança a organização monástica. Desgostou-se com Lutero quando este, sem seu consentimento, entrou para o convento. Dois anos decorreram antes que se reconciliasse com o filho, e mesmo então suas opiniões permaneceram as mesmas.

Os pais de Lutero esforçavam-se por instruir os filhos no conhecimento de Deus. Ardorosos e perseverantes eram seus esforços por preparar os filhos para uma vida útil. Por vezes exerciam severidade excessiva, mas o próprio reformador encontrava em sua disciplina mais para aprovar do que para condenar.

Na escola Lutero foi tratado com aspereza e mesmo violência. Muitas vezes passou fome. As tristes e supersticiosas idéias sobre religião, então prevalecentes, enchiam-no de temor. À noite deitava-se com o coração triste, em contínuo terror ao pensar em Deus como um cruel tirano, em vez de bondoso Pai celestial.

Ao ingressar na Universidade de Erfurt, suas perspectivas eram mais brilhantes do que nos primeiros anos. Os pais, havendo conseguido certo bem-estar pela economia e trabalho, puderam prestar-lhe todo o auxílio necessário. E a influência de amigos criteriosos diminuiu, até certo ponto, os efeitos sombrios de seu aprendizado

anterior. Sob influências favoráveis, seu espírito logo se desenvolveu. A incansável aplicação logo o colocou em primeiro plano entre [57] seus companheiros.

Lutero não deixava de iniciar cada dia com oração, em que o íntimo estivesse continuamente a respirar uma súplica de orientação: "Orar bem", dizia ele muitas vezes, "é a melhor metade do estudo."[1.]

Um dia, enquanto examinava os livros da biblioteca da universidade, Lutero descobriu uma Bíblia latina, livro que nunca vira antes. Tinha ouvido porções dos evangelhos e epístolas, e supunha que isso fosse a Bíblia toda. Agora, pela primeira vez, olhava para o todo da Palavra de Deus. Com reverência e admiração folheava as páginas sagradas e lia por si mesmo as palavras de vida, detendo-se a fim de exclamar: "Oh! se Deus me concedesse possuir tal livro!"[2.] Anjos estavam a seu lado. Raios da luz divina revelavam tesouros da verdade à sua compreensão. Profunda convicção de seu estado pecaminoso apoderou-se dele como nunca antes.

Paz com Deus — O desejo de encontrar paz com Deus levou-o a devotar-se à vida monástica. Foi-lhe exigido que efetuasse os mais humildes trabalhos e mendigasse de porta em porta. Suportou pacientemente a humilhação, crendo ser necessária por causa de seus pecados.

Furtando-se ao sono e cedendo mesmo o tempo empregado em suas escassas refeições, deleitava-se no estudo da Palavra de Deus. Achara uma Bíblia acorrentada à parede do convento, e a ela muitas vezes recorria.

Levava vida austera, esforçando-se por meio de jejuns, vigílias e penitências para subjugar os males de sua natureza. Disse ele mais tarde: "Se fora possível a um monge obter o Céu por suas obras monásticas, eu teria certamente direito a ele. [...] Se eu tivesse continuado por mais tempo, teria levado minhas mortificações até a própria morte."[3.] Com todos os seus esforços, o coração sobrecarregado não encontrou alívio. Finalmente foi arrojado às bordas do desespero.

Quando pareceu a Lutero que tudo estava perdido, Deus lhe suscitou um amigo. Staupitz abriu a Palavra de Deus ao espírito de Lutero e orientou-o a não olhar para si mesmo, mas a Jesus. "Em vez de torturar-te por causa de teus pecados, lança-te nos braços do Redentor. Confia nEle, na justiça de Sua vida, na expiação de

Sua morte. [...] O Filho de Deus [...] Se fez homem para dar-te a certeza do favor divino. [...] Ama Aquele que primeiro te amou."[4.] Essas palavras produziram profunda impressão na mente de Lutero. Veio-lhe a paz ao espírito perturbado.

Lutero foi ordenado ao sacerdócio, sendo chamado para o cargo de professor na Universidade de Wittenberg. Começou a fazer conferências sobre os Salmos, os Evangelhos e as Epístolas, às multidões que se deleitavam em ouvir. Staupitz, seu amigo e superior, insistia que ele subisse ao púlpito e pregasse. Mas Lutero se sentia indigno de falar ao povo em lugar de Cristo. Foi apenas depois de longa luta que cedeu às solicitações dos amigos. Era poderoso nas Escrituras, e sobre ele repousava a graça de Deus. A clareza e poder com que [58] apresentava a verdade levavam-nos à convicção, e seu fervor tocava os corações.

Lutero era ainda um verdadeiro filho da igreja papal, e não tinha idéia alguma de que houvesse alguma outra coisa. Levado a visitar Roma, seguiu viagem a pé, hospedando-se nos mosteiros, pelo caminho. Encheu-se de admiração ante a magnificência e luxo que testemunhou. Os monges habitavam em esplêndidos apartamentos, ornamentavam-se em custosas vestes e banqueteavam-se em suntuosas mesas. A mente de Lutero se tornou perplexa.

Contemplou finalmente, à distância, a cidade das sete colinas. Prostrou-se ao solo, exclamando: "Santa Roma, eu te saúdo!"[5.] Visitou as igrejas, ouviu as histórias maravilhosas repetidas pelos padres e monges, e cumpriu todas as cerimônias exigidas. Por toda parte via cenas que o enchiam de espanto — iniqüidade entre o clero, gracejos imorais dos prelados. Horrorizou-se com sua espantosa profanidade, mesmo durante a missa. Deparou-se com desregramento e libertinagem. "Ninguém pode imaginar", escreveu ele, "que pecados e ações infames se cometem em Roma. [...] Por isso costumam dizer: 'Se há inferno, Roma está construída sobre ele.'"[6.]

A verdade junto à escada de Pilatos — Fora prometida certa indulgência a todos os que subissem de joelhos a "escada de Pilatos", que se dizia ter sido miraculosamente transportada de Jerusalém para Roma. Lutero estava certo dia subindo devotamente esses degraus, quando de súbito uma voz semelhante a trovão pareceu dizer-lhe: "O justo viverá por fé". Romanos 1:17. Ergueu-se de um salto, envergonhado e horrorizado. Desde aquele tempo, viu mais claramente

a falácia de se confiar nas obras humanas para a salvação. Deu as costas a Roma. O afastamento se tornou cada vez maior, até vir a romper todo contato com a igreja papal.

Depois de voltar de Roma, Lutero recebeu o grau de doutor em teologia. Estava agora na liberdade de se dedicar, como nunca antes, às Escrituras que amava. Fez solene voto de ensinar com fidelidade a Palavra de Deus, e não a doutrina dos papas. Não mais era o simples monge, mas o autorizado arauto da Bíblia, chamado como pastor a fim de alimentar o rebanho de Deus, que tinha fome e sede da verdade. Declarava firmemente que os cristãos não deveriam receber outras doutrinas a não ser as que se apóiam na autoridade das Sagradas Escrituras.

Ávidas multidões apegavam-se às suas palavras. As alegres novas do amante Salvador, a certeza de perdão e paz mediante Seu sangue expiatório alegravam-lhes o coração. Acendeu-se em Wittenberg uma luz cujos raios deveriam aumentar em brilho até ao final dos tempos.

Mas entre a verdade e o erro há conflito. Nosso Salvador mesmo declarou: “Não vim trazer paz, mas espada”. Mateus 10:34. Disse Lutero, uns poucos anos após o início da Reforma: “Deus [...] me impele avante. [...] Desejo viver em repouso; mas sou arrojado ao meio de tumultos e revoluções.”[7.] [59]

Indulgências à venda — A igreja de Roma mercadejava com a graça de Deus. Com a alegação de levantar fundos para a construção da igreja de S. Pedro, em Roma, indulgências pelo pecado eram oferecidas à venda por autorização do papa. Pelo preço do crime dever-se-ia construir um templo para o culto a Deus. Foi isto que suscitou o mais eficaz dos inimigos do papado, determinando a batalha que abalou o trono papal e fez tremer na cabeça do pontífice a tríplice coroa.

Tetzel, o oficial designado para dirigir a venda das indulgências na Alemanha, era culpado das mais ignóbeis ofensas à sociedade e à lei de Deus; no entanto, foi empregado para promover os projetos mercenários do papa na Alemanha. Repetia deslumbrantes falsidades e histórias maravilhosas para enganar um povo ignorante e supersticioso. Tivesse este a Palavra de Deus, e não teria sido enganado desta maneira; mas a Bíblia havia sido retirada.[8.]

Ao entrar Tetzel numa cidade, um mensageiro ia adiante dele, anunciando: “A graça de Deus e do santo padre está às vossas portas!”[9.] O povo recebia o pretensioso blasfemo como se fosse o próprio Deus. Tetzel, subindo ao púlpito da igreja, exaltava as indulgências como o mais precioso dom de Deus. Declarava que em virtude de seus certificados de perdão, todos os pecados que o comprador mais tarde quisesse cometer, ser-lhe-iam perdoados, e que “mesmo o arrependimento não é necessário”.[10.] Assegurava aos ouvintes que as indulgências tinham também poder para salvar os mortos; no mesmo instante em que o dinheiro tinia de encontro ao fundo de sua caixa, a alma em cujo favor era pago escaparia do purgatório, ingressando no Céu.[11.]

Ouro e prata eram canalizados para o tesouro de Tetzel. Uma salvação que se comprava com dinheiro era mais fácil do que aquela que exige arrependimento, fé e diligente esforço para resistir ao pecado e vencê-lo.

Lutero encheu-se de horror. Muitos de sua própria congregação haviam comprado certidões de perdão. Logo começaram a dirigir-se a seu pastor, confessando seus pecados e esperando absolvição, não porque estivessem arrependidos e desejassem corrigir-se, mas sob o fundamento da indulgência. Lutero recusou-se a isto, advertindo-os de que, a menos que se arrependessem e reformassem a vida, haveriam de perecer em seus pecados. Voltaram-se a Tetzel queixando-se de que seu confessor lhes recusara o certificado, e alguns exigiram ousadamente que lhes fosse restituído o dinheiro. Cheio de ira, o frade proferiu terríveis maldições, fez com que se acendessem fogos nas praças públicas e declarou “haver recebido ordem do papa para queimar todos os hereges que pretendessem opor-se às suas santíssimas indulgências”.[12.]

Começa a obra de Lutero — A voz de Lutero foi ouvida do púlpito em solene advertência. Expôs ao povo o caráter ofensivo do pecado, ensinando ao povo ser impossível ao homem, por suas [60] próprias obras, diminuir as culpas ou evadir-se do castigo. Nada, a não ser o arrependimento para com Deus e a fé em Cristo, pode salvar o pecador. A graça de Cristo não pode ser comprada; é um dom gratuito. Aconselhou o povo a não comprar indulgências, mas a olhar com fé para o Salvador crucificado. Relatou sua própria e

penosa experiência e afirmou a seus ouvintes que foi por crer em Cristo que encontrara paz e alegria.

Prosseguindo Tetzel com suas ímpias pretensões, Lutero decidiu-se a um protesto mais eficaz. A igreja do castelo de Wittenberg possuía relíquias que em certos dias santos eram expostas ao público. Concedia-se completa remissão de pecados a todos os que então visitassem a igreja e se confessassem. Uma das mais importantes destas ocasiões, a festa de "Todos os Santos", aproximava-se. Lutero, unindo-se à multidão que já seguia para a igreja, afixou na porta desta, noventa e cinco proposições contra a doutrina das indulgências.

Suas proposições atraíram a atenção geral. Eram lidas e repetidas por todos os lados. Estabeleceu-se grande excitação na cidade inteira. Mostrava-se por essas teses que o poder de conferir perdão e remir de sua pena jamais fora confiado ao papa ou a qualquer homem. Mostrava-se claramente que a graça de Deus é livremente concedida a todos os que a buscam com arrependimento e fé.

As teses de Lutero se espalharam por toda a Alemanha, e em breves semanas repercutiam por toda a Europa. Muitos dedicados romanistas leram as proposições com grande regozijo, reconhecendo nelas a voz de Deus. Pressentiam que o Senhor estendera a mão para deter a maré de corrupção que provinha de Roma. Príncipes e magistrados secretamente se regozijavam de que estava para ser posto um paradeiro ao arrogante poder que negava o direito de apelo diante de suas decisões.

Ardilosos eclesiásticos, vendo perigar seus lucros, encolerizaram-se. O reformador teve atrozes acusadores a enfrentar. "Quem é que não sabe", respondia ele, "que raramente um homem apresenta uma idéia nova sem [...] que seja acusado de suscitar rixas? [...] Por que foram mortos Cristo e todos os mártires? Porque [...] apresentavam idéias novas sem ter primeiro humildemente tomado conselho com os oráculos das antigas opiniões."[13.]

As exprobrações dos inimigos de Lutero, a difamação de seus propósitos e as maldosas observações acerca de seu caráter, sobrevieram-lhe como um dilúvio. Ele confiava que os dirigentes se uniriam alegremente a ele na reforma. Viu, com expectativa, um dia mais radiante despontar para a igreja.

Mas o estímulo converteu-se em condenação. Muitos dignitários da Igreja e do Estado logo viram que a aceitação dessas verdades implicaria em minar virtualmente a autoridade de Roma, sustando milhares de torrentes que ora fluíam para o seu tesouro, cerceando assim grandemente [61]

o luxo dos chefes papais. Ensinar o povo a buscar apenas a Cristo para a salvação subverteria o trono do pontífice, destruindo finalmente sua própria autoridade. Desta forma, dispuseram-se contra Cristo e a verdade pela sua oposição ao homem que Ele enviara para os esclarecer.

Lutero tremia quando olhava para si mesmo — um só homem opondo-se às mais poderosas forças da Terra. "Quem era eu", escreveu ele, "para opor-me à majestade do papa, perante quem os reis da Terra e o mundo inteiro tremiam? [...] Ninguém poderá saber o que meu coração sofreu durante estes primeiros dois anos, e em que desânimo, poderia dizer em que desespero, me submergi."[14.] Quando, porém, faltou o apoio humano, olhou para Deus somente. Poderia confiar-se em perfeita segurança àquele braço todo-poderoso.

A um amigo escreveu Lutero: "Teu primeiro dever é começar pela oração. [...] Nada esperes de teus próprios trabalhos, de tua própria compreensão: confia somente em Deus, e na influência de Seu Espírito."[15.] Eis aqui uma lição de importância para os que sentem que Deus os chamou para apresentar a outros as solenes verdades para esse tempo. No conflito com os poderes do mal, há necessidade de algo mais que o intelecto e a sabedoria humana.

Lutero apela à Bíblia unicamente — Quando os inimigos apelavam aos costumes e tradições, Lutero os enfrentava com a Bíblia, e estes eram argumentos que eles não podiam refutar. Dos sermões e escritos de Lutero procediam raios de luz que despertavam e iluminavam a milhares. A Palavra de Deus era semelhante a uma espada de dois gumes, abrindo caminho ao coração do povo. Os olhos das pessoas, havia tanto dirigidos para ritos humanos e mediadores terrestres, volviam-se agora em fé para Cristo, e Este crucificado.

Esse interesse generalizado despertou os temores das autoridades papais. Lutero foi intimado a comparecer em Roma. Seus amigos sabiam do perigo que o ameaçava naquela corrupta cidade, já embriagada com o sangue dos mártires de Jesus. Requereram que ele fosse interrogado na Alemanha.

Assim se fez, e foi designado o núncio papal para ouvir o caso. Nas instruções a esse legado, afirmou-se que Lutero já fora declarado herege. O núncio foi, portanto, encarregado de o "processar e constranger sem demora". O legado recebeu poderes "para proscrevê-lo em todas as partes da Alemanha; banir, amaldiçoar e excomungar todos os que estivessem ligados a ele", e a excomungar a todos de qualquer dignidade na Igreja ou Estado — exceto ao imperador — caso negligenciassem prender Lutero e seus adeptos, entregando-os à vingança de Roma.[16.]

Nenhum indício de princípios cristãos, ou mesmo de justiça comum pôde ser notado nesse documento. Lutero não tivera oportunidade de explicar ou defender sua posição; no entanto, foi declarado herege, e no mesmo dia exortado, acusado, julgado e condenado. [62]

No momento em que Lutero tanto necessitava de conselho de um genuíno amigo, Deus enviou Melâncton a Wittenberg. O bom discernimento de Melâncton, combinado com a pureza e retidão de seu caráter, conquistaram admiração geral. Logo se tornou o mais fiel amigo de Lutero. Sua brandura, prudência e exatidão serviam de complemento à coragem e energia do reformador.

Augsburgo fora designada como o lugar para o processo, e o reformador para lá se dirigiu a pé. Foram feitas ameaças de que seria assassinado no caminho, e seus amigos rogaram-lhe que não se aventurasse. Mas sua linguagem era: "Sou como Jeremias, homem de contendas e lutas; mas, quanto mais aumentam suas ameaças, mais cresce a minha alegria. [...] Já destruíram minha honra e reputação. [...] Quanto a minha alma, não a podem tomar. Aquele que deseja proclamar a verdade de Cristo ao mundo deve esperar a morte a cada momento."[17.]

As notícias da chegada de Lutero a Augsburgo deram grande satisfação ao representante do papa. O perturbador herege que despertava a atenção do mundo parecia agora em poder de Roma; ele não escaparia. O embaixador do papa pretendia obrigar Lutero à retratação; se não o conseguisse, faria com que fosse levado a Roma, para participar da sorte de Huss e Jerônimo. Por conseguinte, mediante seus agentes, esforçou-se por induzir Lutero a comparecer sem salvo-conduto, confiante em sua misericórdia. Isto o reformador recusou-se firmemente a fazer. Antes que recebesse o documento

hipotecando-lhe a proteção do imperador, não compareceu à presença do embaixador papal.

Por uma questão política, os romanistas haviam decidido ganhar Lutero por uma aparência de amabilidade. O legado papal mostrava grande amizade, mas exigia que Lutero se submetesse implicitamente à igreja e cedesse em todos os pontos, sem argumentação ou questionamento. Lutero, em resposta, exprimiu sua consideração pela igreja, seu desejo de verdade, sua prontidão em responder a todas as objeções ao que havia ensinado, e em submeter suas doutrinas à decisão das principais universidades. Mas ele protestou contra a maneira de agir do cardeal, que lhe exigia a retratação sem ter provado estar ele em erro.

A única resposta foi: "Retrate-se, retrate-se!" O reformador mostrou que sua posição era apoiada pela Escritura. Não poderia renunciar à verdade. O legado, incapaz de responder ao argumento de Lutero, cumulou-o com uma tempestade de exprobrações, zombarias, escárnios e lisonjas, citando tradições e dizeres dos Pais da Igreja, sem deixar ao reformador a oportunidade de falar. Lutero finalmente obteve relutante permissão para apresentar sua resposta por escrito. [63]

Disse ele, escrevendo a um amigo: "O que está escrito pode ser submetido ao juízo de outrem; segundo, tem-se melhor oportunidade de trabalhar com os temores, se é que não com a consciência, de um déspota arrogante e palrador, que do contrário dominaria pela sua linguagem imperiosa."[18.]

Na próxima entrevista, Lutero apresentou uma exposição clara, concisa e poderosa de suas opiniões, apoiada pela Escritura. Este documento, depois de o ter lido em voz alta, entregou ao cardeal, que o lançou desdenhosamente de lado, declarando ser ele um acervo de palavras ociosas e citações irrelevantes. Lutero defronta então o prelado em seu próprio terreno — as tradições e ensinos da igreja — e derrota literalmente suas afirmações.

O prelado perdeu todo domínio de si mesmo e, colérico, exclamou: "Retrate-se! ou o mandarei a Roma." E finalmente declarou, em tom altivo e irado: "Retrate-se, ou não volte mais!"[19.]

O reformador se retirou prontamente com os amigos, declarando assim plenamente que nenhuma retratação se deveria esperar dele. Isto não era o que o cardeal se propusera. Agora, deixado só com os

que o apoiavam, olhava para um e para outro, em completo desgosto pelo inesperado fracasso de seus planos.

A grande assembléia presente tivera oportunidade de comparar os dois homens, e julgar por si do espírito manifestado por eles, bem como da força e verdade de suas posições. O reformador, simples, humilde, firme, permanecia ao lado da verdade; o representante do papa, importante aos próprios olhos, despótico, desarrazoado, achava-se sem um único argumento das Escrituras, e ainda assim exclamava veementemente: “Retrate-se, ou será enviado a Roma.”

Escapando de Augsburgo — Os amigos de Lutero insistiram que lhe era inútil permanecer ali, devendo retornar a Wittenberg sem demora, e ainda assim com a máxima cautela. De acordo com isto, ele deixou Augsburgo antes do raiar do dia, a cavalo, acompanhado apenas de um guia fornecido pelo magistrado. Atravessou sem ser percebido as ruas escuras da cidade. Inimigos, vigilantes e cruéis, estavam a conspirar para a sua destruição. Aqueles foram momentos de ansiedade e fervorosas orações. Atingiu uma pequena porta no muro da cidade. Esta lhe foi aberta e, com o guia, passou por ela. Antes que o legado soubesse da partida de Lutero, ele se achava além do alcance de seus perseguidores.

Com as notícias da fuga de Lutero, o legado ficou dominado de surpresa e cólera. Esperara receber grande honra por seu tino e firmeza ao tratar com o perturbador da igreja. Numa carta a Frederico, o eleitor da Saxônia, denunciou com amargura a Lutero, exigindo que Frederico enviasse o reformador a Roma ou que o banisse da Saxônia. [64]

O eleitor possuía ainda pouco conhecimento das doutrinas reformadas, mas estava profundamente impressionado pela força e clareza das palavras de Lutero. Até que se provasse estar o reformador em erro, Frederico resolveu permanecer como seu protetor. Em resposta ao pedido do legado, escreveu: “Visto que o Dr. Martinho compareceu perante vós em Augsburgo, deveríeis estar satisfeito. Não esperávamos que vos esforçásseis por fazê-lo retratar-se sem o haver convencido de seus erros. Nenhum dos homens doutos de nosso principado me informou de que a doutrina de Martinho seja ímpia, anticristã ou herética.”[20.] O eleitor via ser necessária uma obra de reforma. Secretamente se regozijava de que uma influência melhor se estivesse fazendo sentir na igreja.

Apenas um ano decorrera desde que o reformador afixara as teses na igreja do castelo e, no entanto, seus escritos haviam suscitado por toda parte um novo interesse pelas Escrituras Sagradas. Não somente de todos os recantos da Alemanha, como ainda de outros países, estudantes se congregavam na universidade. Moços, vislumbrando Wittenberg pela primeira vez, "erguiam as mãos ao Céu e louvavam a Deus por ter feito com que desta cidade a luz da verdade resplandecesse".[21.]

Lutero ainda não estava de todo convertido dos erros do romanismo. Mas ele escreveu: "Estou lendo os decretos do pontífice e [...] não sei se o papa é o próprio anticristo, ou seu apóstolo, tão grande é a maneira em que Cristo é neles representado falsamente e crucificado."[22.]

Roma exasperou-se cada vez mais com os ataques de Lutero. Oponentes fanáticos, até mesmo doutores das universidades católicas, declaravam que aquele que matasse o monge estaria sem pecado. Deus era a sua defesa. Suas doutrinas eram ouvidas em toda parte — "nas cabanas e nos conventos, [...] nos castelos dos nobres, nas universidades e nos palácios dos reis".[23.]

Por esse tempo Lutero constatou que a grande verdade da justificação pela fé havia sido sustentada pelo reformador boêmio, Huss. "Nós todos", disse Lutero, "Paulo, Agostinho, e eu mesmo, temos sido hussitas, sem o saber!" "A verdade foi pregada [...] há um século e queimada!"[24.]

Lutero escreveu sobre as universidades: "Receio muito que as universidades se revelem grandes portas do inferno, a menos que diligentemente trabalhem para explicar as Santas Escrituras, e gravá-las no coração dos jovens. [...] Toda instituição em que os homens não se achem incessantemente ocupados com a Palavra de Deus, tem de se tornar corrupta."[25.]

Esse apelo circulou por toda a Alemanha. A nação inteira foi abalada. Os oponentes de Lutero insistiam que o papa tomasse medidas decisivas contra ele. Decretou-se que suas doutrinas fossem imediatamente condenadas. O reformador e seus adeptos, se não abjurassem, deveriam todos ser excomungados. [65]

Crise terrível — Foi uma terrível crise para a Reforma. Lutero não tinha os olhos fechados à tempestade prestes a irromper, mas confiava que Cristo lhe seria apoio e escudo. "O que está para

acontecer não sei, nem cuido de sabê-lo. [...] Nem ao menos uma folha tomba ao solo sem a vontade de nosso Pai. Quanto mais não cuidará Ele de nós! Coisa fácil é morrer pela Palavra, visto que a própria Palavra Se fez carne e morreu."[26.]

Quando a bula papal chegou a Lutero, disse ele: "Desprezo-a e ataco-a, como ímpia e falsa. [...] É o próprio Cristo que nela é condenado. [...] Sinto já maior liberdade em meu coração; pois finalmente sei que o papa é o anticristo, e que o seu trono é o do próprio Satanás."[27.]

Todavia a ordem de Roma não foi sem efeito. Os fracos e supersticiosos tremiam perante o decreto do papa, e muitos sentiam que a vida era por demais preciosa para ser arriscada. Deveria ser encerrada a obra do reformador?

Mas Lutero continuava destemido. Com terrível poder ele rebateu contra a própria Roma a sentença de condenação. Na presença de uma multidão de cidadãos, Lutero queimou a bula papal. Disse ele: "Uma luta séria acaba de começar. Até aqui tenho estado apenas a brincar com o papa. Iniciei esta obra no nome de Deus; ela se concluirá sem mim, e pelo Seu poder. [...] Quem sabe se Deus não me escolheu e chamou, e se eles não deverão temer que, ao desprezar-me, desprezem ao próprio Deus? [...]

"Deus nunca escolheu como profeta nem o sumo sacerdote, nem qualquer outro grande personagem; mas comumente escolhia homens humildes e desprezados, e uma vez mesmo o pastor Amós. Em todas as épocas, os santos tiveram que reprovar os grandes, reis, príncipes, sacerdotes e sábios, com perigo de vida. [...] Não estou dizendo que sou profeta; mas digo que eles devem temer precisamente porque estou só e eles são muitos. Disto estou certo: que a Palavra de Deus está comigo, e não com eles."[28.]

Entretanto, não foi sem terrível luta consigo mesmo que Lutero se decidiu por uma separação definitiva da igreja: "Oh! quanta dor me causou, posto que eu tivesse as Escrituras a meu lado, o justificar a mim mesmo que eu ousaria assumir atitude contra o papa, e tê-lo na conta de anticristo! Quantas vezes não fiz a mim mesmo, com amargura, a pergunta que era tão freqüente nos lábios dos adeptos do papa: 'Só tu és sábio? Poderão todos os demais estar errados? Como será se, afinal de contas, és tu que te achas errado, e estás a envolver em teu erro tantas pessoas, que então serão eternamente

condenadas?' Era assim que eu lutava comigo mesmo e com Satanás, até que Cristo, por Sua própria e infalível Palavra, me fortaleceu o coração contra estas dúvidas."[29.]

Apareceu nova bula, declarando a separação final do reformador, da Igreja Romana, denunciando-o como amaldiçoado do Céu, e incluindo na mesma condenação todos os que recebessem suas doutrinas. [66]

A oposição é o quinhão de todos aqueles a quem Deus emprega para apresentar verdades especialmente aplicáveis a seu tempo. Havia uma verdade presente nos dias de Lutero; há uma verdade presente para a igreja hoje. A verdade, porém, não é mais desejada pela maioria de hoje, do que o era pelos romanistas que se opunham a Lutero. Os que apresentam a verdade para este tempo não devem esperar ser recebidos com mais favor do que o foram os primeiros reformadores. A grande controvérsia entre a verdade e o erro, entre Cristo e Satanás, há de aumentar em intensidade até ao final da história deste mundo. João 15:19, 20; Lucas 6:26. [67]

[1.] J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 2, cap. 2.

[2.] Ibid.

[3.] Ibid., livro 2, cap. 3.

[4.] Ibid., livro 2, cap. 4.

[5.] D'Aubigné, livro 2, cap. 6.

[6.] Ibid.

[7.] Ibid., livro 5, cap. 2.

[8.] John C. L. Giesler, *A Compendium of Ecclesiastical History*, per. 4, seção 1, parágrafo 5.

[9.] D'Aubigné, livro 3, cap. 1.

[10.] Ibid., livro 3, cap. 1.

[11.] K. R. Hagenbach, *History of the Reformation*, v. 1, p. 96.

[12.] D'Aubigné, livro 3, cap. 4.

[13.] Ibid., livro 3, cap. 6.

[14.] Ibid.

[15.] Ibid., livro 3, cap. 7.

[16.] Ibid., livro 4, cap. 2.

[17.] Ibid., livro 4, cap. 4.

[18.] Martyn, *The Life and Times of Luther*, p. 271, 272.

[19.] D'Aubigné, ed. londrina, livro 4, cap. 8.

[20.] Ibid., livro 4, cap. 10.

[21.] Ibid.

[22.] Ibid., livro 5, cap. 1.

[23]. Ibid., livro 6, cap. 2.
[24]. Wylie, livro 6, cap. 1.
[25]. D'Aubigné, livro 6, cap. 3.
[26]. Ibid., 3 ed. londrina, Walther, 1840, livro 6, cap. 9.
[27]. Ibid.
[28]. Ibid., livro 6, cap. 10.
[29]. Martyn, p. 372, 373.

Capítulo 8 — Um campeão da verdade

Um novo imperador, Carlos V, subiu ao trono da Alemanha. O eleitor da Saxônia, a quem Carlos em grande parte devia a coroa, rogava-lhe que não desse qualquer passo contra Lutero antes de lhe conceder oportunidade de ser ouvido. O imperador foi assim colocado em posição de grande perplexidade e embaraço. Os romanistas não ficariam satisfeitos com coisa alguma senão a morte de Lutero. O eleitor declarara "que o Dr. Lutero deveria ser provido de salvo-conduto, de maneira que pudesse comparecer perante um tribunal de juízes sábios, piedosos e imparciais".[1.]

A assembléia reuniu-se em Worms. Pela primeira vez os príncipes da Alemanha deveriam encontrar-se com seu jovem monarca numa assembléia. Dignitários da Igreja e Estado, assim como embaixadores de países estrangeiros, reuniram-se em Worms. O assunto que despertava o mais profundo interesse era a causa do reformador. Carlos encarregara o eleitor de levar Lutero, assegurando-lhe proteção e prometendo franco estudo das questões em contenda. Lutero escreveu ao eleitor: "Se o imperador me chama, não posso duvidar de que é o chamado do próprio Deus. Se desejarem usar de violência para comigo [...] ponho o caso nas mãos do Senhor. [...] Se Ele não me salvar, minha vida é de pouca importância. [...] Podeis esperar tudo de mim [...] exceto fuga e abjuração. Fugir não posso, e menos ainda me retratar."[2.]

Circulando as notícias de que Lutero deveria comparecer perante a Dieta [Assembléia política], houve excitação geral. Aleandro, o delegado papal, estava alarmado e enraivecido. Instituir inquérito sobre um caso em que o papa já havia pronunciado sentença de condenação, seria lançar o desdém sobre a autoridade do pontífice. Além disso, os poderosos argumentos deste homem poderiam desviar da causa do papa muitos dos príncipes. Advertiu Carlos contra o comparecimento de Lutero em Worms, induzindo o imperador a ceder.

Não contente com esta vitória, Aleandro trabalhou para conseguir a condenação de Lutero, acusando o reformador de "sedição, rebelião, impiedade e blasfêmia". Mas sua veemência revelava demasiadamente claro o espírito que o impulsionava. "Ele é movido pelo ódio e vingança", foi a observação geral.[3.]

Com redobrado zelo, Aleandro insistia que o imperador executasse os editos papais. Vencido pela importunação do legado, Carlos [68] ordenou-lhe apresentar seu caso à Dieta. Com algum receio, os que favoreciam o reformador anteviam o efeito do discurso de Aleandro. O eleitor da Saxônia não estava presente, mas alguns de seus conselheiros tomaram notas do discurso do núncio.

Lutero é acusado de heresia — Com erudição e eloqüência, Aleandro lançou-se contra Lutero, como sendo este inimigo da Igreja e do Estado. "Nos erros de Lutero há o suficiente", declarou ele, "para assegurar a queima de cem mil hereges."

"O que são estes luteranos? Uma quadrilha de insolentes pedantes, padres corruptos, devassos monges, advogados ignorantes e nobres degradados. [...] Quanto lhes é superior o partido católico em número, competência e poder! Um decreto unânime desta ilustre assembléia esclarecerá os simples, advertirá os imprudentes, firmará os versáteis e dará força aos fracos."[4.]

Os mesmos argumentos ainda se apresentam contra os que ousam apresentar os claros ensinamentos da Palavra de Deus. "Quem são estes pregadores de novas doutrinas? São indoutos, poucos em número, e das classes pobres. Contudo, pretendem ter a verdade e ser o povo escolhido de Deus. São ignorantes e estão enganados. Quão superior em número e influência é a nossa igreja!" Tais argumentos não são mais conclusivos hoje do que o foram nos dias do reformador.

Lutero não se achava presente, com as claras e convincentes verdades da Palavra de Deus, para superar o campeão papal. Era manifesta a disposição geral de não somente condená-lo, e às doutrinas que ele ensinava, como ainda, em sendo possível, desarraigar a heresia. Tudo que Roma poderia haver dito em sua própria vindicação, fora dito. Dali em diante o contraste entre a verdade e o erro seria visto mais claramente, ao entrarem para a luta em campo aberto.

O Senhor constrangeu então um membro da Dieta a dar uma descrição verdadeira dos efeitos da tirania papal. O duque Jorge da

Saxônia se levantou naquela assembléia principesca e especificou com terrível precisão os enganos e abominações do papado:

“Abusos [...] clamam contra Roma. Toda vergonha foi posta à parte, e seu único objetivo é [...] dinheiro, dinheiro, dinheiro [...] de maneira que os pregadores que deveriam ensinar a verdade, nada proferem senão falsidades, e são não somente tolerados, como ainda recompensados, pois quanto maiores suas mentiras, tanto maior o seu ganho. É desta fonte impura que fluem tais águas contaminadas. A devassidão estende a mão à avareza. [...] Ai! é o escândalo causado pelo clero que arremessa tantas pobres pessoas à condenação eterna. Deve ser efetuada uma reforma geral.”[5.] O fato de ser o orador um decidido inimigo do reformador, emprestou maior influência às suas palavras. [69]

Anjos de Deus derramaram raios de luz por entre as trevas do erro e abriram os corações à verdade. O poder do Deus da verdade dirigia até os adversários da Reforma e preparou o caminho para a grande obra prestes a realizar-se. A voz de Alguém maior que Lutero fora ouvida naquela assembléia.

Uma comissão foi designada para preparar um relatório das opressões papais que pesavam esmagadoramente sobre o povo alemão. A lista foi apresentada ao imperador, com o pedido de que ele tomasse medidas para a correção de tais abusos. Diziam os suplicantes: “É nosso dever evitar a ruína e desonra de nosso povo. Por esta razão nós, humildemente, mas com muita insistência, rogamo-vos que ordeneis uma reforma geral, e empreendais a sua realização.”[6.]

Lutero é convocado à Dieta — O concílio pediu então o comparecimento do reformador. Finalmente o imperador consentiu, e Lutero foi intimado. Com a intimação foi expedido um salvo-conduto. Ambos foram levados a Wittenberg por um arauto, incumbido de levar o reformador a Worms.

Sabendo do preconceito e inimizade contra ele, os amigos de Lutero temiam que o salvo-conduto não fosse respeitado. Ele respondeu: “Cristo me dará Seu Espírito para vencer esses ministros do erro. Desprezo-os em minha vida; triunfarei sobre eles pela minha morte. Estão atarefados em Worms com o intuito de me obrigarem a abjurar; e esta será a minha retratação: anteriormente eu dizia que o papa é o vigário de Cristo; hoje assevero ser ele o adversário de nosso Senhor e o apóstolo do diabo.”[7.]

Além do mensageiro imperial, três amigos decidiram acompanhar Lutero. O coração de Melâncton achava-se unido ao do reformador, e ele suplicou por acompanhar aquele. Seus rogos, porém, não foram atendidos. Disse o reformador: "Se eu não retornar e meus inimigos me matarem, continua a ensinar e permanece firme na verdade. Trabalha em meu lugar. [...] Se sobreviveres, minha morte terá pouca importância."[8.]

A mente das pessoas achava-se oprimida por sombrios pressentimentos. Souberam que os escritos de Lutero haviam sido condenados em Worms. O arauto, temendo pela segurança de Lutero no concílio, perguntou-lhe se ainda desejava ir avante. Ele respondeu: "Mesmo interditado em todas as cidades, irei."[9.]

Em Erfurt, Lutero passou pelas ruas que muitas vezes atravessara, visitou sua cela no convento e pensou nas lutas pelas quais a luz que agora inundava a Alemanha se derramara em sua vida. Insistira-se com ele que pregasse. Isto lhe havia sido vedado, mas o arauto concedeu-lhe permissão, e o frade que outrora fora o serviçal do convento, subiu agora ao púlpito.

O povo ouvia como que extasiado. O pão da vida foi partido àquelas pessoas. Perante elas Cristo foi levantado acima de papas, [70] legados, imperadores e reis. Lutero não fez referência alguma à sua perigosa posição. Em Cristo perdera de vista o próprio eu. Escondera-se detrás do Homem do Calvário, procurando apenas apresentar a Jesus como o Redentor do pecador.

Coragem de mártir — Enquanto o reformador prosseguia, uma ávida multidão se acotovelava em redor dele, e vozes amigas advertiam-no dos propósitos dos romanistas. "Eles vos queimarão", diziam alguns, "e reduzirão vosso corpo a cinzas, como fizeram com João Huss." Lutero respondia: "Ainda que acendessem por todo o caminho de Worms a Wittenberg uma fogueira [...] em nome do Senhor eu caminharia pelo meio dela; compareceria perante eles [...] e confessaria o Senhor Jesus Cristo."[10.]

Sua aproximação de Worms estabeleceu grande comoção. Amigos tremiam por sua segurança; inimigos temiam pelo êxito de sua causa. Por instigação dos adeptos do papa, insistiu-se com que ele se retirasse para o castelo de um fidalgo amigo, onde, declaravam, todas as dificuldades poderiam ser amigavelmente resolvidas. Amigos descreviam os perigos que o ameaçavam. Lutero, ainda inabalá-

vel, declarou: “Mesmo que houvesse tantos demônios em Worms quantas telhas existem nos telhados, eu ali entraria.”[11.]

À sua chegada em Worms, vasta multidão se congregou junto às portas para dar-lhe as boas-vindas. A excitação era intensa. “Deus será a minha defesa”, disse Lutero ao saltar da carruagem. Sua chegada encheu os romanistas de consternação. O imperador convocou seus conselheiros. Como deveriam agir? Um romanista rígido declarou: “Temo-nos consultado durante muito tempo acerca deste assunto. Livre-se vossa majestade imperial deste homem, e duma vez. Não fez Sigismundo com que João Huss fosse queimado? Não somos obrigados a dar ou observar o salvo-conduto de um herege.” “Não”, disse o imperador, “devemos cumprir nossa promessa.”[12.] Decidiu-se, portanto, que o reformador seria ouvido.

Toda a cidade achava-se ansiosa por ver este homem notável. Lutero, cansado da viagem, necessitava de sossego e repouso. Entretanto, mal havia desfrutado o descanso de algumas horas quando ao seu redor se reuniram avidamente nobres, cavaleiros, sacerdotes e cidadãos. Entre estes se encontravam muitos dos nobres que ousadamente haviam requerido reformas dos abusos eclesiásticos ao imperador. Inimigos, tanto quanto amigos, foram ver o intrépido monge. Seu porte era firme e corajoso. O rosto, pálido e magro, apresentava uma expressão amável e mesmo alegre. A profunda sinceridade de suas palavras conferia-lhe um poder a que mesmo os inimigos não podiam resistir completamente. Alguns estavam convictos de que uma divina influência o acompanhava; outros declaravam, como fizeram os fariseus em relação a Cristo: “Ele tem demônio”. João 10:20.

No dia seguinte um oficial imperial foi designado para conduzir Lutero ao salão de audiência. Todas as ruas estavam cheias de espectadores ávidos por ver o monge que ousara resistir ao papa. [71] Um velho general, herói de muitas batalhas, disse-lhe amavelmente: “Pobre monge, vais agora assumir posição mais nobre do que eu ou qualquer de meus capitães jamais assumimos nas mais sanguinolentas de nossas batalhas. Mas, se tua causa é justa, [...] vai avante em nome de Deus, e nada temas. Deus não te abandonará.”[13.]

Lutero comparece perante o Concílio — O imperador ocupava o trono, rodeado dos mais ilustres personagens do império. Martinho Lutero deveria agora responder por sua fé. “Aquele com-

parecimento era por si só uma assinalada vitória sobre o papado. O papa condenara o homem, e agora estava ele em pé, diante de um tribunal que, por esse mesmo ato, se colocava acima do papa. Este o havia posto sob interdito, separando-o de toda a sociedade humana; e, no entanto, ele era chamado em linguagem respeitosa, e recebido perante a mais augusta assembléia do mundo. [...] Roma descia já do trono, e era a voz de um monge que determinava esta humilhação."[14.]

O reformador de humilde nascimento parecia intimidado e embaraçado. Vários príncipes aproximaram-se dele, e um lhe segredou: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma." Outro disse: "Por Minha causa sereis levados à presença de governadores e reis. [...] Não cuideis em como, ou o que haveis de responder [...] visto que [...] o Espírito de vosso Pai é quem vos fala". Mateus 10:28, 18-20.

Profundo silêncio caiu sobre a assembléia congregada. Então um oficial imperial se ergueu e, apontando aos escritos de Lutero, exigiu que o reformador respondesse a duas perguntas: Se ele os reconhecia como seus e se se dispunha a retratar-se das opiniões que neles emitira. Lidos os títulos dos livros, Lutero respondeu, quanto à primeira pergunta, que os reconhecia como seus. "Quanto à segunda", disse ele, "eu agiria imprudentemente se respondesse sem reflexão. Poderia afirmar menos do que as circunstâncias exigem, ou mais do que a verdade requer. Por esta razão, com toda a humildade, eu rogo a vossa majestade imperial conceder-me tempo para que eu possa responder sem ofensa à Palavra de Deus."[15.]

Lutero convenceu a assembléia de que não agia por paixão ou impulso. Semelhante calma e domínio próprio, inesperados em quem se mostrara ousado e intransigente, habilitaram-no a responder com sabedoria e dignidade que surpreendiam seus adversários e repreendiam sua insolência.

No dia seguinte ele deveria apresentar sua resposta final. Durante algum tempo seu coração se abateu. Seus inimigos pareciam a ponto de triunfar. Nuvens se acumulavam ao seu redor e pareciam separá-lo de Deus. Em angústia de espírito lançou-se em clamores entrecortados e pungentes, os quais ninguém, senão Deus, poderia compreender plenamente. [72]

"Ó Deus todo-poderoso e eterno", implorou ele, "se é unicamente na força deste mundo que devo pôr minha confiança, tudo está acabado. [...] É vinda a minha última hora, minha condenação foi pronunciada. [...] Ó Deus, ajuda-me contra toda a sabedoria do mundo. [...] A causa é Tua [...] e é uma causa justa e eterna. Ó Senhor, auxilia-me! Deus fiel e imutável, em homem algum ponho a minha confiança. [...] Escolheste-me para esta obra. [...] Fica a meu lado, por amor de Teu bem-amado Jesus Cristo, que é minha defesa, meu escudo e torre forte."[16.]

Não era, contudo, o temor do sofrimento pessoal, da tortura ou da morte, o que o oprimia com seus horrores. Sentia sua insuficiência. Por sua fraqueza, a causa da verdade poderia sofrer dano. Não pela sua própria segurança, mas para a vitória do evangelho, lutava ele com Deus. Em seu completo desamparo, sua fé se firmou em Cristo, o poderoso Libertador. Não compareceria sozinho perante o Concílio. A paz voltou-lhe ao espírito, e ele se regozijou de que lhe fosse permitido exaltar a Palavra de Deus perante os governadores das nações.

Lutero meditou sobre o plano de sua resposta, examinou passagens de seus escritos e tirou das Escrituras as provas convincentes para o apoio de suas posições. Então, colocando a mão esquerda sobre o Sagrado Volume, levantou a destra para o céu e votou "permanecer fiel ao evangelho e confessar francamente sua fé, mesmo que tivesse de selar com o sangue seu testemunho".[17.]

Lutero novamente perante a Dieta — Ao ser de novo introduzido à presença da Dieta, ele se achava calmo e cheio de paz, ainda que valoroso e nobre, como testemunha de Deus entre os grandes da Terra. O oficial imperial demandou então a sua decisão. Desejava ele retratar-se? Lutero respondeu em tom humilde, sem violência nem paixão. Suas maneiras eram tímidas e respeitosas; manifestou, contudo, confiança e alegria que surpreenderam a assembléia.

"Sereníssimo imperador, ilustres príncipes, graciosos fidalgos", disse Lutero; "compareço neste dia perante vós, em conformidade com a ordem a mim dada ontem. Se, por ignorância, eu transgredir os usos e etiquetas das cortes, rogo-vos perdoar-me; pois não fui criado nos palácios dos reis, antes na reclusão de um convento."[18.]

Declarou então que em suas obras, algumas haviam tratado da fé e das boas obras; mesmo seus inimigos as declaravam proveito-

sas. Abjurá-las seria condenar verdades que todos confessavam. A segunda classe consistia de escritos que expunham as corrupções e os abusos do papado. Revogá-las seria o mesmo que fortalecer a tirania de Roma e abrir uma porta mais larga a grandes impiedades. Na terceira classe de obras atacara indivíduos que haviam defendido erros existentes. Em relação a eles confessou francamente que tinha [73] sido mais violento do que convinha. Mesmo esses livros, porém, não poderia ele revogar, pois os inimigos neste caso aproveitariam a ocasião para afligir o povo de Deus com crueldade ainda maior.

Prosseguiu ele: "Defender-me-ei como o fez Cristo: 'Se falei mal, dá testemunho do mal.' [...] Pela misericórdia de Deus, conjuro-vos, sereníssimo imperador, e a vós, ilustríssimos príncipes, e a todos os homens de toda categoria, a provar pelos escritos dos profetas e dos apóstolos, que errei. Logo que estiver convicto disso, retratarei todo erro e serei o primeiro a lançar mão de meus livros e atirá-los ao fogo. [...]

"Longe de me desanimar, regozijo-me por ver que o evangelho é hoje, como nos tempos antigos, causa de perturbação e dissensão. Este é o caráter, este é o destino da Palavra de Deus. 'Não vim trazer paz à Terra, mas espada', disse Jesus Cristo. [...] Acautelai-vos para que não aconteça que, supondo estar apagando dissensões, persigais a santa Palavra de Deus e arrosteis sobre vós mesmos um pavoroso dilúvio de insuperáveis perigos, de desastres presentes e desolação eterna."[19.]

Lutero falara em alemão; foi-lhe pedido então que repetisse as mesmas palavras em latim. Fez novamente seu discurso, com a clareza e energia de antes. A providência de Deus dirigiu isso. O espírito de muitos dos príncipes estava tão obliterado pelo erro e superstição que à primeira vista não viram a força do raciocínio de Lutero; mas a repetição habilitou-os a perceber claramente os pontos apresentados.

Os que obstinadamente fechavam os olhos à luz, enraiveceram-se contra o poder das palavras de Lutero. O anunciador da Dieta disse, irado: "Não respondestes à pergunta feita. [...] Exige-se que dês resposta clara e precisa. [...] Retratar-te-ás, ou não?"

O reformador respondeu: "Visto que vossa sereníssima majestade e vossas nobres altezas exigem de mim resposta clara, simples e precisa, vou dá-la, e é esta: Não posso submeter minha fé, quer

ao papa, quer aos concílios, porque é claro como o dia que eles têm freqüentemente errado e se contradito um ao outro. A menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras, [...] não posso retratar-me e não me retratarei, pois é perigoso a um cristão falar contra a consciência. Aqui permaneço, não posso fazer outra coisa; queira Deus ajudar-me. Amém."[20.]

Assim se manteve esse homem justo. Sua grandeza e pureza de caráter, sua paz e alegria de coração eram manifestas a todos ao testificar ele da superioridade da fé que vence o mundo.

Em sua primeira resposta Lutero falara em atitude respeitosa, quase submissa. Os romanistas haviam interpretado o pedido de delonga como simples prelúdio de sua retratação. O próprio Carlos, observando com certo desdém a constituição abatida do monge, seu traje singelo e a simplicidade de suas maneiras, havia declarado: "Este monge nunca fará de mim um herege." A coragem e firmeza que agora ostentara, o poder de seu raciocínio, encheram de surpresa [74] a todos os partidos. O imperador, possuído de admiração, exclamou: "Este monge fala com coração intrépido e inabalável coragem."

Os partidários de Roma haviam sido vencidos. Procuravam manter seu poder, não apelando para as Escrituras, mas recorrendo às ameaças — o infalível argumento de Roma. Disse o anunciador da Dieta: "Se não te retratares, o imperador e os governos do império consultar-se-ão quanto à conduta a adotar contra um herege incorrigível."

Lutero disse calmamente: "Queira Deus ser meu ajudador, pois não tenho coisa alguma de que retratar-me."[21.]

Foi-lhe ordenado que se retirasse da Dieta, enquanto os príncipes manteriam consultas mútuas. A persistente recusa de Lutero em submeter-se poderia afetar a história da igreja durante séculos. Decidiu-se oferecer-lhe mais uma oportunidade para abjurar. Novamente foi apresentada a questão: renunciaria ele a suas doutrinas? "Não tenho outra resposta a dar", disse ele, "a não ser a que já dei."

Os chefes papais aborreceram-se de que seu poderio fosse desta maneira desprezado por um simples monge. Lutero falara a todos com dignidade e calma cristãs. Suas palavras haviam sido isentas de paixão e falsidade. Perdera de vista a si próprio e sentia unicamente que se achava na presença de Alguém infinitamente superior

a papas, reis e imperadores. O Espírito de Deus fizera-Se presente, impressionando os corações dos principais do império.

Vários dos príncipes reconheceram ousadamente a justiça da causa de Lutero. Outra classe não exprimiu suas convicções, mas em ocasião posterior essas pessoas se tornaram destemidos sustentáculos da Reforma.

O eleitor Frederico ouvira com profunda emoção o discurso de Lutero. Com alegria e orgulho testemunhou a coragem e domínio próprio do doutor, e decidiu-se a permanecer ainda mais firmemente em sua defesa. Viu que a sabedoria de papas, reis e prelados fora reduzida a nada pelo poder da verdade.

Quando o representante papal percebeu o efeito produzido pelo discurso de Lutero, resolveu empregar todos os meios a seu alcance para levar a termo a derrota do reformador. Com eloqüência e habilidade diplomática, apresentou ao jovem imperador o perigo de sacrificar, pela causa de um monge desprezível, a amizade e apoio de Roma.

No dia que se seguiu à resposta de Lutero, Carlos anunciou à Dieta sua resolução em manter e proteger a religião católica. Medidas vigorosas seriam empregadas contra Lutero e as heresias por ele ensinadas: "Sacrificarei meus reinos, meus tesouros, meus amigos, meu corpo, meu sangue e minha vida. [...] Procederei [...] contra ele e seus adeptos como hereges contumazes, pela excomunhão, pelo interdito e por todos os meios calculados para destruí-los."[22.] [75] Não obstante, o imperador declarou que o salvo-conduto de Lutero deveria ser respeitado. Deveria ser-lhe permitido chegar ao lar em segurança.

Ameaçado o salvo-conduto de Lutero — Os representantes do papa novamente demandavam que o salvo-conduto do reformador fosse desrespeitado. "O Reno deveria receber suas cinzas, como recebeu as de João Huss, há um século."[23.] Porém, príncipes alemães, embora inimigos declarados de Lutero, protestaram contra tal brecha da fé pública. Apontavam às calamidades que se seguiram à morte de Huss. Não ousariam atrair sobre a Alemanha a repetição daqueles terríveis males.

Carlos, respondendo à vil proposta, disse: "Embora fossem a honra e a fé banidas do mundo todo, deveriam encontrar um refúgio no coração dos príncipes."[24.] Houve ainda mais insistência por parte

dos inimigos papais de Lutero no sentido de que este fosse tratado como Sigismundo fizera com Huss. Lembrando-se, porém, da cena em que Huss, em assembléia pública, apontara a suas cadeias e lembrara ao monarca a sua fé empenhada, Carlos V declarou: "Eu não gostaria de corar como Sigismundo."[25.]

Não obstante, Carlos rejeitou deliberadamente as verdades apresentadas por Lutero. Não deixaria a senda do costume a fim de andar nos caminhos da verdade e justiça. Em virtude de seus pais terem feito o mesmo, ele também apoiaria o papado. Recusou-se, assim, a aceitar qualquer luz em acréscimo à que seus pais haviam recebido.

Muitos hoje se apegam às tradições de seus pais. Quando o Senhor lhes envia mais luz, recusam-se a aceitá-la porque seus pais não a haviam acolhido. Não seremos aprovados por Deus olhando para o exemplo de nossos pais a fim de determinar nosso dever, em vez de pesquisar por nós mesmos a Palavra da verdade. Somos responsáveis pela luz adicional da Palavra de Deus, que brilha sobre nós hoje.

O divino poder falara por intermédio de Lutero ao imperador e príncipes da Alemanha. Seu Espírito contendeu pela última vez com muitos naquela assembléia. Como Pilatos, séculos antes, Carlos V, cedendo ao orgulho mundano, decidiu-se a rejeitar a luz da verdade.

Os planos estabelecidos contra Lutero circularam amplamente, causando grande agitação por toda a cidade. Muitos amigos, conhecendo a traiçoeira crueldade de Roma, resolveram que o reformador não deveria ser sacrificado. Centenas de nobres se comprometeram a protegê-lo. Às portas das casas e em lugares públicos, foram afixados cartazes, alguns condenando e outros apoiando Lutero. Num deles estavam escritas as significativas palavras: "Ai de ti, ó terra, cujo rei é criança!" Eclesiastes 10:16. O entusiasmo popular em favor de Lutero convenceu o imperador e a Dieta de que qualquer injustiça a ele manifesta faria perigar a paz do império e a estabilidade do trono. [76]

Esforços em comprometer-se com Roma — Frederico da Saxônia cuidadosamente ocultou seus verdadeiros sentimentos em relação ao reformador. Ao mesmo tempo o guardava com incansável vigilância e observava os movimentos de seus inimigos. Muitos, porém, não fizeram qualquer esforço por esconder sua simpatia por Lutero. "A salinha do doutor", escreveu Spalatin, "não podia con-

ter todos os visitantes que se apresentavam."[26.] Mesmo os que não tinham fé em suas doutrinas, não podiam deixar de admirar aquela integridade que o levara a afrontar a morte de preferência a violar a consciência.

Ardentes esforços foram feitos a fim de que Lutero consentisse em se comprometer com Roma. Nobres e príncipes lembraram-lhe que, se persistisse em colocar seu próprio juízo contra o da igreja e dos concílios, seria logo banido do império e já não teria defesa. De novo insistiu-se em que ele se submetesse ao juízo do imperador, e então nada teria a temer. "Consinto", disse ele em resposta, "de todo o meu coração, que o imperador, os príncipes e mesmo o mais obscuro cristão, examinem e julguem os meus livros; mas sob uma condição: que tomem a Palavra de Deus como norma. Os homens nada têm a fazer senão obedecer-lhe."

A outro apelo ele respondeu: "Consinto em renunciar ao salvo-conduto. Coloco minha pessoa e minha vida nas mãos do imperador, mas a Palavra de Deus — nunca!"[27.] Declarou estar disposto a submeter-se à decisão de um concílio geral, mas sob a condição de que se exigisse que tal concílio tomasse decisões de acordo com as Escrituras. "No tocante à Palavra de Deus e à fé, todo cristão é juiz tão bom como pode ser o próprio papa, embora apoiado por um milhão de concílios."[28.] Tanto amigos como adversários finalmente se convenceram de que seriam em vão quaisquer outros esforços de reconciliação.

Houvesse o reformador cedido num único ponto, Satanás e suas hostes teriam ganho a vitória. Mas sua persistente firmeza foi o meio de emancipação da igreja. A influência desse único homem, que ousou pensar e agir por si mesmo, deveria afetar a igreja e o mundo, não apenas em seu próprio tempo, como em todas as gerações futuras.

O imperador logo ordenou a Lutero que retornasse ao lar. Este aviso seria imediatamente seguido de sua condenação. Nuvens ameaçadoras pairavam sobre seu caminho, mas ele partiu de Worms com o coração cheio de alegria e louvor.

Depois de sua partida, desejoso de que sua firmeza não fosse confundida com rebelião, Lutero escreveu ao imperador: "Estou pronto para, da maneira mais ardorosa, obedecer a vossa majestade, na honra e na desonra, na vida e na morte, e sem exceções, a não

ser a Palavra de Deus, pela qual o homem vive. [...] Quando se acham envolvidos interesses eternos, Deus não quer que o homem se submeta ao homem, pois tal submissão em assuntos espirituais é verdadeiro culto, e este deve ser prestado unicamente ao Criador."[29.] [77]

Na viagem de volta de Worms, eclesiásticos principescos davam as boas-vindas ao monge excomungado, e governadores civis honravam ao homem que o imperador denunciara. Insistiu-se com ele que pregasse e, não obstante a proibição imperial, de novo subiu ao púlpito. "Nunca me comprometi a acorrentar a Palavra de Deus", disse ele, "nem o farei."[30.]

Não estivera ainda muito tempo ausente de Worms quando os chefes papais coagiram o imperador a promulgar um edito contra ele. Lutero foi denunciado como "o próprio Satanás sob a forma de homem e sob as vestes de monge".[31.] Logo que expirasse seu salvo-conduto, todas as pessoas seriam proibidas de abrigá-lo, de oferecer-lhe comida ou bebida, ou por palavras e atos, em público ou em particular, auxiliá-lo ou apoiá-lo. Deveria ser entregue às autoridades, e seus adeptos também deveriam ser presos, e suas propriedades confiscadas. Seus escritos deveriam ser destruídos e, finalmente, todos que ousassem agir contrariamente àquele decreto seriam incluídos em sua condenação. O eleitor da Saxônia e os príncipes mais amigos de Lutero tinham-se retirado de Worms logo depois de sua partida, e o decreto do imperador recebeu a sanção da Dieta. Achavam-se jubilosos os romanistas. Consideravam selada a sorte da Reforma.

Deus usa Frederico da Saxônia — Um olhar vigilante acompanhara os movimentos de Lutero, e um coração verdadeiro e nobre decidira o seu livramento. Deus provera a Frederico da Saxônia um plano destinado a preservar o reformador. Em sua viagem de volta para casa Lutero foi separado dos que o acompanhavam e precipitadamente transportado através da floresta, para o castelo de Wartburgo, uma isolada fortaleza nas montanhas. Seu esconderijo ficou de tal modo envolto em mistério, que o próprio Frederico não soube para onde fora ele conduzido. Esta ignorância teve seu desígnio; enquanto o eleitor nada soubesse, nada poderia revelar. Satisfeito de que o reformador estivesse em segurança, ficou contente.

Passaram-se a primavera, o verão e o outono, e chegou o inverno, e Lutero ainda permanecia prisioneiro. Aleandro e seus partidários

exultavam. A luz do evangelho parecia prestes a extinguir-se. Mas a luz do reformador deveria resplandecer com maior brilho.

Segurança em Wartburgo — Na proteção amiga de Wartburgo, Lutero se regozijou em seu livramento do ardor e torvelinho da batalha. Contudo, acostumado a uma vida de atividade e acirrado conflito, mal suportava permanecer inativo. Naqueles dias de solidão, surgia diante dele o estado da igreja. Receava ser acusado de covardia por afastar-se da contenda. Acusava-se, então de indolência e condescendência própria.

Entretanto, ao mesmo tempo produzia diariamente mais do que parecia possível a um homem fazer. Sua pena nunca estava ociosa. [78] Seus inimigos espantavam-se e confundiam-se diante da prova palpável de que ele ainda estava em atividade. Grande número de folhetos de sua autoria circulavam pela Alemanha toda. De sua Patmos rochosa, continuou durante quase um ano inteiro a proclamar o evangelho e a repreender os erros da época.

Deus retirara Seu servo do cenário da vida pública. Na solidão e obscuridade de seu retiro na montanha, Lutero foi removido do apoio terrestre e excluído dos louvores humanos. Foi desta maneira salvo do orgulho e confiança própria, tantas vezes determinados pelo êxito.

Ao exultarem os homens na libertação que a verdade lhes traz, Satanás procura desviar de Deus os seus pensamentos e afeições, e fixá-los nos fatores humanos, de modo a honrar o instrumento e ignorar a Mão que dirige os acontecimentos da providência. Com demasiada freqüência os líderes religiosos que assim são louvados acabam por confiar em si mesmos. O povo é levado a olhar para eles em busca de orientação, em vez de esperá-la da Palavra de Deus. Deste perigo Deus haveria de guardar a Reforma. Os olhares dos homens haviam-se voltado para Lutero como o expositor da verdade; ele foi removido para que todos os olhares pudessem dirigir-se ao [79] sempiterno Autor da verdade.

[1] J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 6, cap. 11.

[2] Ibid., livro 7, cap. 1.

[3] Ibid.

[4] Ibid., livro 7, cap. 3.

[5] Ibid., livro 7, cap. 4.

[6]. Ibid.
[7]. Ibid., livro 7, cap. 6.
[8]. Ibid., livro 7, cap. 7.
[9]. Ibid.
[10]. Ibid.
[11]. Ibid.
[12]. Ibid., livro 7, cap. 8.
[13]. Ibid.
[14]. Ibid.
[15]. Ibid.
[16]. Ibid.
[17]. Ibid.
[18]. Ibid.
[19]. Ibid.
[20]. Ibid.
[21]. Ibid.
[22]. Ibid., livro 7, cap. 9.
[23]. Ibid.
[24]. Ibid.
[25]. Lenfant, v. 1, p. 422.
[26]. Martyn, v. 1, p. 404.
[27]. D'Aubigné, livro 7, cap. 10.
[28]. Martyn, v. 1, p. 410.
[29]. D'Aubigné, livro 7, cap. 11.
[30]. Martyn, v. 1, p. 420.
[31]. D'Aubigné, livro 7, cap. 11.

Capítulo 9 — A luz acende-se na Suíça

Poucas semanas depois do nascimento de Lutero na cabana de um mineiro, na Saxônia, nasceu Ulrico Zuínglio, na choupana de um pastor entre os Alpes. Criado entre cenas de grandiosidade natural, sua mente foi precocemente impressionada com a majestade de Deus. Ao lado da avó, ouvia as poucas e preciosas histórias bíblicas que ela rebuscara entre as lendas e tradições da igreja.

Com a idade de treze anos foi a Berna, que possuía então a mais conceituada escola da Suíça. Ali, contudo, surgiu um perigo. Os frades fizeram todos os esforços possíveis a fim de atraí-lo a um convento. Providencialmente, seu pai recebeu a notícia do intuito dos frades. Viu que a utilidade futura do filho estava em perigo, e ordenou-lhe que voltasse para casa.

A ordem foi obedecida, mas o jovem não poderia estar contente por muito tempo em seu vale natal, de modo que logo retomou os estudos, dirigindo-se, depois de algum tempo, a Basiléia. Foi ali que Zuínglio ouviu pela primeira vez o evangelho da livre graça de Deus. Wittembach, ao estudar o grego e o hebraico, fora conduzido às Escrituras Sagradas, e assim raios de luz divina se derramaram na mente dos estudantes sob sua instrução. Ele declarava que a morte de Cristo é o único resgate do pecador. Para Zuínglio estas palavras foram como que o primeiro raio de luz que precede a aurora.

Logo Zuínglio foi chamado de Basiléia para o serviço ativo. Seu primeiro trabalho foi numa paróquia alpina. Ordenado sacerdote, "dedicou-se totalmente à pesquisa da verdade divina".[1.]

Quanto mais pesquisava as Escrituras, mais claro aparecia o contraste entre suas verdades e as heresias de Roma. Ele se submeteu à Bíblia como a Palavra de Deus, única regra suficiente e infalível. Viu que ela deveria ser seu próprio intérprete. Procurou todo auxílio a fim de obter compreensão ampla e correta de seu sentido, e invocou a ajuda do Espírito Santo. "Comecei a rogar a Deus a Sua luz", escreveu ele mais tarde, "e as Escrituras foram-se tornando muito mais fáceis para mim."[2.]

A doutrina pregada por Zuínglio não foi recebida de Lutero. Era a doutrina de Cristo. "Se Lutero prega a Cristo", disse o reformador suíço, "ele faz o que eu estou fazendo. [...] Nunca uma só palavra foi por mim escrita a Lutero, nem por Lutero a mim. E por quê? [...] Para que se pudesse mostrar o quanto o Espírito de Deus é coerente, [80] visto que nós dois, sem qualquer combinação, ensinamos a doutrina de Cristo com tal uniformidade."[3.]

Em 1516 Zuínglio foi convidado a pregar no convento de Einsiedeln. Ali deveria, como reformador, exercer uma influência que seria sentida muito além de seus Alpes nativos.

Entre as principais atrações de Einsiedeln havia uma imagem da Virgem, que diziam ter o poder de operar milagres. Sobre o portal do convento havia a inscrição: "Aqui se pode obter remissão plenária dos pecados."[4.] Multidões acorriam ao relicário da Virgem, vindas de todas as partes da Suíça, e mesmo da França e da Alemanha. Zuínglio aproveitou a oportunidade para proclamar àqueles escravos das superstições a liberdade mediante o evangelho.

"Não imagineis", disse ele, "que Deus está neste templo mais do que em qualquer outra parte da criação. [...] Podem obras sem proveito, longas peregrinações, ofertas, imagens, invocações da Virgem ou dos santos assegurar-vos a graça de Deus? [...] Que eficácia tem um capuz luzidio, cabeça bem rapada, vestes bem compridas e flutuantes, ou chinelas bordadas a ouro? Cristo, que uma vez foi oferecido sobre a cruz, é o sacrifício e vítima, que por toda a eternidade proveu satisfação para os pecados dos crentes."[5.]

Para muitos representava uma amarga decepção ouvir que sua penosa viagem fora sem proveito. O perdão livremente oferecido em Cristo era algo que não podiam compreender. Estavam satisfeitos com o caminho que Roma lhes indicara. Era mais fácil confiar sua salvação aos padres e ao papa do que procurar pureza de coração.

Outra classe, entretanto, recebeu com alegria as novas da redenção por meio de Cristo. Pela fé aceitaram o sangue do Salvador como sua propiciação. Estes voltavam para casa a fim de revelar a outros a preciosa luz que haviam recebido. A verdade era assim levada de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, e o número de peregrinos ao relicário da Virgem diminuiu grandemente. Houve decréscimo nas ofertas e, conseqüentemente, no salário de Zuínglio, que delas era tirado. Mas isto apenas lhe causava alegria, vendo ele

que o poder da superstição estava sendo quebrado. A verdade estava ganhando o coração do povo.

Zuínglio é chamado a Zurique — Depois de três anos Zuínglio foi chamado a pregar na catedral de Zurique, que era então a mais importante cidade da confederação suíça. A influência exercida ali seria amplamente sentida. Os eclesiásticos se puseram a instruí-lo quanto a seus deveres:

"Farás todo o esforço, para coletar as receitas do capítulo, sem desprezar a menor. [...] Serás diligente em aumentar as rendas que se arrecadam dos doentes, das missas e de toda ordenança eclesiástica em geral." "Quanto à administração dos sacramentos, à pregação e ao cuidado do rebanho, [...] podes empregar um substituto, e particularmente no pregar."[6.]

[81]

Zuínglio ouviu em silêncio esta ordem, e disse em resposta: "A vida de Cristo tem por demasiado tempo sido ocultada do povo. Pregarei acerca do evangelho todo de Mateus. [...] À glória de Deus, ao louvor de Seu único Filho, à salvação real das pessoas e à sua edificação na verdadeira fé, é que eu consagrarei meu ministério."

O povo afluía em grande número para ouvir sua pregação. Iniciou seu ministério abrindo os evangelhos, lendo e explicando aos ouvintes a vida, ensinos e morte de Cristo. "É a Cristo", dizia ele, "que eu desejo conduzir-vos — a Cristo, a verdadeira fonte da salvação." Estadistas, eruditos, operários e camponeses escutavam suas palavras. Destemidamente reprovava ele os males e corrupções dos tempos. Muitos voltavam da catedral louvando a Deus. "Este homem", diziam, "é um pregador da verdade. Ele será nosso Moisés, para tirar-nos das trevas egípcias."[7.]

Depois de algum tempo surgiu a oposição. Os monges o atacavam com zombarias e escárnios; outros recorriam à insolência e ameaças. Zuínglio, porém, suportou tudo com paciência.

Na ocasião em que Deus Se prepara para quebrar as algemas da ignorância e da superstição, Satanás age com maior poder a fim de enredar os homens em trevas e segurá-los ainda mais firmemente em seus aguilhões. Roma prosseguiu com renovada energia a abrir seu mercado por toda a cristandade, oferecendo o perdão em troca de dinheiro. Cada pecado tinha o seu preço, e aos homens se concedia livre permissão para o crime, contanto que o tesouro da igreja se conservasse cheio. Assim, os dois movimentos prosseguiram:

Roma permitindo o pecado e fazendo dele sua fonte de renda, e os reformadores condenando o pecado e apontando para Cristo como a propiciação e libertação.

Venda de indulgências na Suíça — Na Alemanha a venda de indulgências era dirigida pelo infame Tetzel. Na Suíça o tráfico foi posto sob o controle de Sansão, monge italiano. Sansão já havia conseguido imensas somas da Alemanha e Suíça, para encher o tesouro papal. Atravessara então a Suíça, despojando pobres camponeses de seus escassos ganhos e extorquindo ricos donativos das classes abastadas. O reformador imediatamente começou a se opor a ele. Tal foi o êxito de Zuínglio ao expor as pretensões do frade, que este foi obrigado a partir para outras localidades. Em Zurique, Zuínglio pregou zelosamente contra os vendedores de perdão. Quando Sansão se aproximou do lugar, conseguiu entrada através de um estratagema. Contudo, foi mandado embora sem a venda de um único perdão, e logo depois deixou a Suíça.

A peste, ou "Grande Morte", varreu a Suíça em 1519. Muitos foram levados a ver quão vãos e inúteis eram os perdões que haviam comprado; anelavam um fundamento mais seguro para a sua fé. [82] Zuínglio, em Zurique, caiu enfermo, e circulou amplamente a notícia de que falecera. Naquela hora de provação ele contemplou em fé o Calvário, confiando na todo-suficiente propiciação pelo pecado. Ao retornar do vale da sombra da morte, foi para pregar o evangelho com fervor ainda maior do que antes. O próprio povo tinha acabado de assistir os doentes e moribundos e sentia, como nunca antes, o valor do evangelho.

Zuínglio chegara a uma compreensão mais clara das verdades da Bíblia e experimentara mais completamente em si mesmo o seu poder renovador. "Cristo", disse ele, "[...] adquiriu-nos uma redenção intérmina. [...] Sua paixão é [...] um sacrifício eterno, e eternamente eficaz para curar; satisfaz para sempre a justiça divina, em favor de todos os que nela confiam com firme e inabalável fé. [...] Onde quer que haja fé em Deus, ali se desperta um zelo que insta com os homens e os impele às boas obras."[8.] Passo a passo a Reforma avançava em Zurique. Alarmados, seus inimigos levantaram-se em ativa oposição. Repetidos ataques foram lançados contra Zuínglio. O ensinador de heresias deveria ser reduzido ao silêncio. O bispo de Constança enviou três delegados ao conselho de Zurique, acusando Zuínglio

de ameaçar a paz e a boa ordem da sociedade. Se a autoridade da igreja fosse posta de lado, insistia ele, o resultado seria a desordem universal.

O conselho recusou-se a agir contra Zuínglio, e Roma preparou-se para novo ataque. O reformador exclamou: "Eles que venham; eu os temo como o rochedo teme as ondas que trovejam a seus pés."[9.] Os esforços dos eclesiásticos apenas fortaleceram a causa que procuravam destruir. A verdade continuou a ser espalhada. Na Alemanha seus adeptos, abatidos com o desaparecimento de Lutero, tomaram novo ânimo quando viram o progresso do evangelho na Suíça. Estabelecendo-se a Reforma em Zurique, seus frutos eram mais amplamente vistos na supressão do vício e na promoção da ordem.

Disputa com os romanistas — Vendo quão pouco fora alcançado pela perseguição no sentido de suprimir a obra de Lutero na Alemanha, os romanistas decidiram entrar em disputa com Zuínglio. Garantiriam a vitória escolhendo não apenas o local do debate, como também os juízes que decidiriam entre os contendores. E, se pudessem manter Zuínglio em seu poder, teriam cuidado em que ele não escapasse. Esse propósito, contudo, foi cuidadosamente ocultado.

Foi designado que o debate ocorresse em Baden. Mas o Conselho de Zurique, suspeitando dos desígnios dos romanistas e advertido pelas fogueiras acesas nos cantões papais para os que professavam o evangelho, proibiu seu pastor de expor-se àquele perigo. Ir a Baden, onde o sangue dos mártires da verdade acabara de ser derramado, [83] seria ir para a morte certa. Oecolampadius e Haller foram escolhidos para representar os reformadores, ao passo que o famoso Dr. Eck, apoiado por uma hoste de ilustres doutores e prelados, era o defensor de Roma.

Os secretários foram todos escolhidos pelos romanistas, e a outros foi vedado tomar notas, sob pena de morte. Entretanto, um estudante que assistia à discussão fazia cada noite um relato dos argumentos apresentados durante o dia. Dois outros estudantes faziam a entrega desses papéis, juntamente com as cartas diárias de Oecolampadius, a Zuínglio, em Zurique. O reformador respondia, oferecendo conselhos. Para iludir a vigilância dos guardas estacionados às portas da cidade, esses mensageiros levavam sobre a

cabeça cestos de aves domésticas, e era-lhes permitido passar sem impedimento.

Zuínglio "trabalhou mais", disse Myconius, "com suas meditações, noites de vigília e conselhos transmitidos a Baden, do que teria feito discutindo pessoalmente no meio de seus inimigos".[10.]

Os romanistas tinham ido a Baden com as mais ricas vestes e resplendentes jóias. Viviam luxuosamente e suas mesas eram servidas com as mais custosas iguarias e vinhos seletos. Em acentuado contraste apareciam os reformadores, cuja dieta frugal os conservava apenas pouco tempo à mesa. O hospedeiro de Oecolampadius, procurando ocasião de observá-lo em seu quarto, encontrava-o sempre empenhado no estudo ou em oração, e referiu que o herege era, ao menos, "muito piedoso".

Na conferência, "Eck subiu altivamente a um púlpito esplendidamente ornamentado, enquanto o humilde Oecolampadius, modestamente vestido, foi obrigado a tomar assento defronte de seu oponente, em um banco tosco". A voz tonitruante e a ilimitada confiança de Eck nunca lhe faltaram. Quando melhores argumentos falhavam, recorria a insultos e mesmo a blasfêmias.

Oecolampadius, modesto e não confiante em si próprio, temera o combate. Posto que gentil e cortês nas maneiras, mostrou-se capaz e persistente. O reformador apegou-se tenazmente às Escrituras. "O costume", dizia ele, "não tem força alguma em nossa Suíça, a menos que esteja de acordo com a constituição; ora, em assunto de fé, a Bíblia é a nossa constituição."[11.]

O raciocínio calmo e claro do reformador, tão gentil e modestamente apresentado, falava aos espíritos que se desviavam desgostosos das afirmações jactanciosas de Eck.

A discussão prosseguiu por dezoito dias. Os representantes do papa se arrogaram a vitória. A maior parte dos delegados ficou ao lado de Roma, e a Dieta declarou vencidos os reformadores, e notificou que eles, juntamente com Zuínglio, seu chefe, estavam separados da igreja. Mas a contenda resultou em forte impulso para a causa protestante. Não muito tempo depois, as importantes cidades de Berna e Basiléia se declararam pela Reforma. [84]

[85]

[1] Wylie, livro 8, cap. 5.

[2] Ibid., livro 8, cap. 6.

[3] J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 8, cap. 9.

[4] Ibid., livro 8, cap. 5.

[5] Ibid.

[6] Ibid., livro 8, cap. 6.

[7] Ibid.

[8] Ibid., livro 8, cap. 9.

[9] Wylie, livro 8, cap. 11.

[10] D'Aubigné, livro 11, cap. 13.

[11] Ibid.

Capítulo 10 — Progresso na Alemanha

O desaparecimento misterioso de Lutero provocou consternação por toda a Alemanha. Circulavam rumores disparatados, e muitos criam que ele havia sido assassinado. Houve grande lamentação e muitos se comprometiam, sob juramento solene, a vingar sua morte.

Embora a princípio se sentissem felizes com a suposta morte de Lutero, seus inimigos encheram-se de temor agora que ele se tornara um cativo. "O único meio que resta para nos salvarmos", disse um deles, "consiste em acender tochas e sair à procura de Lutero pelo mundo inteiro, a fim de reintegrá-lo à nação que está chamando por ele."[1.] As notícias de que ele estava em segurança, embora prisioneiro, acalmaram o povo, ao passo que seus escritos eram lidos com maior sofreguidão do que nunca antes. Um número crescente de pessoas aderiu à causa do heróico homem que defendera a Palavra de Deus.

A semente que Lutero lançara germinou por toda parte. Sua ausência cumpriu uma obra que sua presença não teria conseguido realizar. Agora que seu grande chefe fora removido, outros obreiros avançavam a fim de que não fosse impedida a obra tão nobremente iniciada.

Satanás tentou agora enganar e destruir o povo apresentando-lhe uma contrafação em lugar da verdadeira obra. Assim como houve falsos cristos no primeiro século da igreja cristã, surgiram também falsos profetas no século décimo sexto.

Alguns poucos homens imaginaram haver recebido revelações especiais do Céu, pretendendo ter sido divinamente comissionados a levar avante a obra de Reforma, a qual, declaravam eles, fora apenas fracamente iniciada por Lutero. Na verdade, estavam desfazendo o próprio trabalho que ele realizara. Rejeitavam o princípio da Reforma — que a Palavra de Deus é a regra todo-suficiente de fé e prática. Eles substituíram esse guia infalível pelo padrão incerto de seus próprios sentimentos e impressões.

Outros, que eram naturalmente propensos ao fanatismo, se uniram a eles. A ação desses entusiastas criou grande confusão. A pregação de Lutero tinha levado o povo a sentir a necessidade de reforma, e agora algumas pessoas realmente sinceras foram transviadas pelas pretensões dos novos "profetas".

Os líderes do movimento instaram com Melâncton para que aceitasse suas pretensões. "Nós somos enviados por Deus para instruir o [86] povo. Temos mantido conversação familiar com o Senhor; sabemos o que acontecerá; em uma palavra, somos apóstolos e profetas, e apelamos para o Dr. Lutero."

Os reformadores ficaram perplexos. Disse Melâncton: "Há efetivamente espírito extraordinário nestes homens; mas que espírito? [...] De um lado, acautelemo-nos de entristecer o Espírito de Deus, e de outro, de sermos desgarrados pelo espírito de Satanás."[2.]

O fruto dos novos ensinos torna-se evidente — O povo foi levado a negligenciar a Bíblia ou a lançá-la inteiramente de lado. Estudantes, repelindo toda restrição, abandonavam os estudos e retiravam-se da universidade. Os homens que se julgavam competentes para reanimar e controlar a obra da Reforma, conseguiram unicamente levá-la às bordas da ruína. Os romanistas recuperaram então sua confiança, e exclamaram exultantemente: "Mais uma luta, e tudo será nosso."

Lutero, em Wartburgo, ouvindo o que ocorrera, disse com profundo pesar: "Sempre esperei que Satanás nos mandaria esta praga."[3.] Percebeu o verdadeiro caráter destes pretensos "profetas". A oposição do papa e do imperador não lhe causara tão grande angústia quanto agora. Dos professos "amigos" da Reforma haviam surgido seus piores inimigos, provocando contenda e criando confusão.

Lutero fora compelido à frente pelo Espírito de Deus, e levado além do que ele pessoalmente teria ido. Contudo, muitas vezes estremecia pelos resultados de seu trabalho. "Se eu soubesse que minha doutrina tivesse prejudicado um homem — um só homem — por humilde e obscuro que fosse — o que não pode ser, pois que é o próprio evangelho — eu preferiria morrer dez vezes a não retratar-me."[4.]

A própria cidade de Wittenberg estava caindo sob o poder do fanatismo e da anarquia. Por toda a Alemanha os inimigos de Lu-

tero o estavam acusando. Em amargura de espírito ele perguntou: “Poderá, então, ser esse o fim desta grande obra de Reforma?” De novo, lutando com Deus em oração, seu coração se encheu de paz. “A obra não é minha, mas Tua”, disse ele. Tomou então a decisão de retornar a Wittenberg.

Achava-se sob a condenação do império. Os inimigos tinham a liberdade de tirar-lhe a vida, e aos amigos era vedado auxiliá-lo ou abrigá-lo. Via, porém, que a obra do evangelho estava em perigo, e em nome do Senhor saiu destemidamente para batalhar pela verdade. Numa carta ao eleitor, Lutero disse: “Estou indo a Wittenberg sob proteção muito maior que a de príncipes e eleitores. Não penso em solicitar o apoio de Vossa Alteza, e longe de desejar sua proteção, eu mesmo, antes, o protegerei. [...] Não há espada que possa favorecer esta causa. Deus, sozinho, deve fazer tudo.” Numa segunda carta, Lutero acrescentou: “Estou pronto para incorrer no desagrado de Vossa Alteza e na ira do mundo inteiro. Não são os habitantes de Wittenberg minhas ovelhas? Não deveria eu, em sendo necessário, expor-me à morte por sua causa?”[5.] [87]

O poder da Palavra — Logo circulou por toda Wittenberg a notícia de que Lutero voltara e deveria pregar. A igreja transbordou. Com grande sabedoria e mansidão, ele instruiu e reprovou:

“A missa é coisa má; Deus Se opõe a ela; deve ser abolida. [...] Mas que ninguém seja dela arrancado pela força. [...] A Palavra de Deus [...] deve agir, e não nós. [...] Temos o direito de falar: não temos o direito de agir. Preguemos; o resto pertence a Deus. Se eu empregasse a força, o que haveria de lucrar? Deus Se apodera do coração; e quando o coração é tomado, tudo está ganho. [...]

“Pregarei, discutirei, escreverei; mas não constrangerei a ninguém, pois a fé é ato voluntário. [...] Levantei-me contra o papa, seus partidários e as indulgências, mas sem violência ou tumulto. Apresentei a Palavra de Deus; preguei e escrevi — isso é tudo que fiz. Contudo, enquanto eu dormia [...] a palavra que eu preguei subverteu o papado, de maneira tal que nunca um imperador ou príncipe lhe aplicou semelhante golpe. E, entretanto, nada fiz; sozinha, a Palavra fez tudo.”[6.] A Palavra de Deus quebrou o encanto da provocação fanática. O evangelho trouxe de novo para o caminho da verdade o povo transviado.

Alguns anos mais tarde o fanatismo irrompeu com resultados ainda mais terríveis. Disse Lutero: “Para eles as Escrituras Sagradas não eram senão letra morta, e todos começaram a clamar: ‘O Espírito! O Espírito!’ Mas com certeza não seguirei para onde o seu espírito os conduz.”[7.]

Thomas Münzer, o mais ativo dos fanáticos, era homem de considerável habilidade, mas não aprendera a verdadeira religião: “Tinha o desejo de reformar o mundo, e esquecia-se, como o fazem todos os entusiastas, de que a reforma deveria começar consigo mesmo.”[8.] Não estava disposto a ficar em segundo lugar, nem mesmo em relação a Lutero. Ele próprio pretendia haver sido divinamente incumbido de introduzir a verdadeira reforma: “Aquele que possui este espírito, possui a verdadeira fé, ainda que em sua vida nunca houvesse visto as Escrituras.”[9.]

Os ensinadores fanáticos se deixaram levar por sentimentos, considerando todo pensamento e impulso como sendo a voz de Deus. Alguns até mesmo queimavam suas Bíblias. As doutrinas de Münzer foram recebidas com entusiasmo por milhares. Logo ele declarava que obedecer aos príncipes era tentar servir simultaneamente a Deus e a Belial.

Os ensinos revolucionários de Münzer levaram o povo a romper com todo domínio. Seguiram-se terríveis cenas de contenda, e os campos da Alemanha se encharcaram de sangue.

Agonia oprime Lutero — Os príncipes romanistas declararam que aquela rebelião era fruto das doutrinas de Lutero. Tal acusação só poderia causar grande angústia ao reformador, e isto porque a causa da verdade estava sendo classificada com o mais desprezível [88] fanatismo. Por outro lado, os chefes da revolta odiavam Lutero. Este não apenas se opusera às pretensões de divina inspiração que aqueles reclamavam, como ainda os declarara rebeldes à autoridade civil. Em represália, denunciaram-no como um vil pretensioso.

Os romanistas esperavam testemunhar a queda da Reforma. Culpavam Lutero até mesmo dos erros que ele tão zelosamente se esforçou por corrigir. A facção fanática, pretendendo falsamente haver sido tratada com injustiça, conseguiu ganhar simpatias, vindo seus membros a ser vistos como mártires. Assim, aqueles que se encontravam em oposição à Reforma eram vistos com piedade e

elogiados. Essa obra pertencia ao mesmo espírito de rebelião que se manifestou primeiramente no Céu.

Satanás está constantemente procurando enganar os homens e levá-los a chamar ao pecado justiça, e à justiça, pecado. Santidade falsificada, santificação espúria, são ainda hoje manifestações do mesmo espírito que as produziu nos dias de Lutero, desviando a mente das Escrituras e conduzindo os homens a seguir sentimentos e impressões em lugar da lei de Deus.

Destemidamente, Lutero defendeu o evangelho dos ataques. Com a Palavra de Deus, guerreou outra vez contra a usurpadora autoridade do papa, ao mesmo tempo que se mantinha firme como uma rocha contra o fanatismo que pretendia estar aliado à Reforma.

Cada um desses elementos oponentes estava pondo de parte as Sagradas Escrituras, exaltando a sabedoria humana como a fonte de verdade. O racionalismo deifica a razão e dela faz o critério para a religião. O romanismo, pretendendo uma inspiração que descende ininterruptamente dos apóstolos, oferece oportunidade para a extravagância e corrupção se ocultarem sob a comissão "apostólica". A inspiração pretendida por Münzer procedia das divagações da imaginação. O verdadeiro cristianismo recebe a Palavra de Deus como a prova de toda inspiração.

De volta de Wartburgo, Lutero completou sua tradução do Novo Testamento, que logo depois foi entregue ao povo da Alemanha em sua própria língua. Essa tradução foi recebida com grande alegria por todos os que amavam a verdade.

Os padres estavam alarmados com a idéia de que o povo comum seria agora capaz de discutir com eles a respeito da Palavra de Deus, e de que sua própria ignorância seria assim exposta. Roma convocou toda a sua autoridade para impedir a disseminação das Escrituras. Contudo, quanto mais ela proibia a Bíblia, maior era a ansiedade do povo por saber o que a mesma realmente ensinava. Todos os que sabiam ler estavam ávidos por estudar por si mesmos e não podiam satisfazer-se antes que confiassem à memória grandes porções da Palavra. Lutero iniciou imediatamente a tradução do Antigo Testamento.

Os escritos de Lutero foram bem recebidos, tanto nas cidades quanto nas aldeias. "O que Lutero e seus amigos compunham, outros faziam circular. Monges, convictos das obrigações ilícitas dos

mosteiros, mas demasiado ignorantes para proclamar a Palavra de [89] Deus, [...] vendiam os livros de Lutero e de seus amigos. Logo se espalharam pela Alemanha esses ousados colportores."[10.]

A Bíblia é estudada por toda parte — À noite os professores das escolas das aldeias liam em voz alta aos pequenos grupos reunidos à sua volta. Com cada esforço, algumas pessoas eram convencidas da verdade. "A revelação das Tuas palavras esclarece, e dá entendimento aos simples". Salmos 119:130.

Os romanistas, que haviam deixado o estudo das Escrituras aos padres e monges, chamavam por eles agora, para que refutassem os novos ensinos. Mas, ignorantes acerca das Escrituras, sacerdotes e frades eram totalmente derrotados. "Infelizmente", escreveu um autor católico, "Lutero persuadiu seus seguidores a não depositar fé em qualquer outro oráculo além das Escrituras Sagradas."[11.] Multidões se reuniam para ouvir a verdade advogada por homens de pouca instrução. A vergonhosa ignorância dos grandes homens tornava-se evidente à medida que seus argumentos eram defrontados pelos singelos ensinos da Palavra de Deus. Operários, soldados, mulheres e mesmo crianças, estavam mais familiarizados com os ensinos da Bíblia do que os padres e ilustres doutores.

Jovens de espírito lúcido dedicavam-se ao estudo, investigando as Escrituras e familiarizando-se com as obras-primas da Antiguidade. Possuindo mentes ativas e corações intrépidos, esses jovens logo adquiriram tal saber que durante longo período de tempo ninguém podia competir com eles. [...] O povo encontrara nos novos ensinos aquilo que lhes supria as necessidades espirituais, e afastou-se daqueles que por tanto tempo o tinham alimentado com inúteis bolotas de ritos supersticiosos e tradições humanas.

Quando se acendeu a perseguição contra os ensinadores da verdade, deram atenção às palavras de Cristo: "Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra". Mateus 10:23. Os fugitivos encontraram portas abertas em outros lugares, e ali pregaram a Cristo, algumas vezes na igreja, ou nas casas particulares, ou ao ar livre. A verdade propagava-se com irresistível poder.

Em vão as autoridades eclesiásticas e civis recorriam à prisão, tortura, fogo e espada. Milhares de crentes selaram a fé com seu sangue, e não obstante a perseguição serviu apenas para propagar a verdade. O fanatismo que Satanás se esforçou por confundir com

esta, teve como resultado tornar mais claro o contraste entre a obra de Satanás e a de Deus. [90]

[1] J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 9, cap. 1.

[2] Ibid., livro 9, cap. 7.

[3] Ibid.

[4] Ibid.

[5] Ibid., livro 9, cap. 8.

[6] Ibid.

[7] Ibid., livro 10, cap. 10.

[8] Ibid., livro 9, cap. 8.

[9] Ibid., livro 10, cap. 10.

[10] Ibid., livro 9, cap. 11.

[11] Ibid.

Capítulo 11 — O protesto dos príncipes

Um dos mais nobres testemunhos já proferidos pela Reforma foi o protesto apresentado pelos príncipes cristãos da Alemanha, na Dieta de Espira, em 1529. A coragem e firmeza daqueles homens de Deus obtiveram, para os séculos que se seguiram, a liberdade de consciência, dando à igreja reformada o nome de Protestante.

A providência divina repelira as forças que se opunham à verdade. Carlos V estava inclinado a aniquilar a Reforma, mas sempre que levantou a mão para dar o golpe foi obrigado a desviá-lo. Repetidas vezes, no momento crítico, os exércitos dos turcos apareceram na fronteira, ou o rei da França, ou mesmo o próprio papa, faziam guerra contra ele. Assim, entre a contenda e o tumulto das nações, a Reforma foi deixada a fortalecer-se e expandir-se.

Finalmente, contudo, os soberanos católicos estabeleceram causa comum contra os reformadores. O imperador convocou uma Dieta a reunir-se em Espira, em 1529, com o propósito de destruir a heresia. Se os meios pacíficos falhassem, Carlos estaria disposto a recorrer à espada.

Os romanistas reunidos em Espira manifestaram sua hostilidade para com os reformadores. Disse Melâncton: "Somos a execração e a escória do mundo; mas Cristo olhará para o Seu pobre povo e o preservará."[1.] O povo de Espira tinha sede da Palavra de Deus e, a despeito da proibição, milhares se congregavam para os serviços realizados na capela do eleitor da Saxônia. Isto apressou a crise. A tolerância religiosa havia sido estabelecida legalmente, e os estados evangélicos estavam resolvidos a opor-se à violação de seus direitos. O lugar de Lutero foi preenchido por seus cooperadores e pelos príncipes que Deus suscitara para defender Sua causa. Frederico da Saxônia fora arrebatado pela morte, mas o duque João, seu sucessor, aceitou alegremente a Reforma e manifestava grande coragem.

Os padres demandavam que os Estados que haviam aceito a Reforma se submetessem à jurisdição romana. Os reformadores, por

outro lado, não poderiam consentir que Roma pusesse de novo sob seu domínio Estados que haviam recebido a Palavra de Deus.

Foi finalmente proposto que onde a Reforma não se houvesse estabelecido, o edito de Worms deveria ser rigorosamente posto em execução; e que “onde o povo não pudesse conformar-se com ele sem perigo de revolta, não se deveria ao menos efetuar qualquer nova Reforma, [...] não deveria haver oposição à celebração da missa, e nem se permitir que qualquer católico romano abraçasse o luteranismo”. Essa medida foi aprovada pela Dieta, para grande satisfação dos sacerdotes e prelados. [91]

Questões fundamentais em jogo — Se esse edito fosse executado, “a Reforma não poderia nem estender-se [...] nem estabelecer-se sobre sólidos fundamentos [...] onde já existia”.[2.] A liberdade seria proibida. Não se permitiriam conversões. As esperanças do mundo pareciam a ponto de se extinguir.

Os do partido evangélico se entreolharam, pálidos de terror: “Que se poderá fazer?” “Os chefes da Reforma se submeterão e aceitarão o edito? [...] Aos príncipes luteranos era garantido o livre exercício de sua religião. O mesmo favor era estendido a todos os seus súditos que, antes da aprovação daquela medida, haviam abraçado as idéias reformadas. Não deveria isto contentá-los? [...]

“Felizmente consideraram o princípio sobre o qual aquele acordo se baseava, e agiram com fé. Qual era o princípio? Era o direito de Roma em coagir a consciência e proibir a livre pesquisa. Mas não deveriam eles próprios e seus súditos protestantes gozar de liberdade religiosa? Sim, como um favor especialmente estipulado naquele acordo, mas não como um direito. [...] A aceitação do acordo proposto teria sido admissão virtual de que a liberdade religiosa se devesse limitar à Saxônia reformada; quanto ao resto de toda a cristandade, a livre investigação e a profissão da fé reformada seriam crimes, e deveriam ser castigados com a masmorra e a fogueira. Poderiam eles consentir em localizar a liberdade religiosa? [...] Poderiam os reformadores alegar que eram inocentes do sangue daquelas centenas e milhares que, em conseqüência desse acordo, teriam de perder a vida nas terras papais?”[3.]

“Rejeitemos esse decreto”, disseram os príncipes. “Em assuntos de consciência a maioria não tem poder.” Proteger a liberdade de

consciência é dever do Estado, e este é o limite de sua autoridade em matéria de religião.

Os romanistas decidiram-se a derrubar o que denominaram “ousada obstinação”. Dos representantes das cidades livres foi exigido que declarassem se acederiam ou não aos termos da proposta. Estes pediram prazo, mas em vão. Quase a metade se declarou pela Reforma, e estes bem sabiam que sua posição os assinalava para a futura condenação e perseguição. Disse um deles: “Devemos ou negar a Palavra de Deus, ou ser queimados.”[4.]

Posição nobre dos príncipes — O rei Fernando, representante do imperador, experimentou a arte da persuasão. “Pediu aos príncipes que aceitassem o decreto, assegurando-lhes que o imperador grandemente se agradaria deles.” Mas aqueles homens leais responderam calmamente: “Obedeceremos ao imperador em tudo que possa contribuir para manter a paz e a honra de Deus.” [92]

O rei finalmente anunciou que “a única maneira de agir que lhes restava, seria submeter-se à maioria”. Tendo assim falado, retirou-se, não dando aos reformadores oportunidade para replicar. “Sem nenhum resultado, enviaram uma delegação pedindo ao rei que voltasse.” Ele respondeu somente: “É questão decidida; a submissão é tudo o que resta.”[5.] O partido imperial estava convicto de que a causa do imperador e do papa era forte, e a dos reformadores, fraca. Se os reformadores tivessem confiado unicamente no auxílio humano teriam sido tão impotentes como o supunham os adeptos do papa. Mas eles apelaram “do relatório da Dieta para a Palavra de Deus, e do imperador Carlos para Jesus Cristo, Rei dos reis e Senhor dos senhores”.

Como Fernando se recusasse a tomar em consideração suas convicções de consciência, os príncipes se decidiram a não tomar em conta a sua ausência, mas levar sem demora seu protesto perante o concílio nacional. Foi redigida e apresentada à Dieta esta solene declaração:

“Protestamos pelos que se acham presentes [...] que nós, por nós e pelo nosso povo, não concordamos de maneira alguma com o decreto proposto, nem aderimos ao mesmo em tudo que seja contrário a Deus, à Sua santa Palavra, ao nosso direito de consciência, à nossa salvação. [...] Por essa razão rejeitamos o jugo que nos é imposto. [...] Ao mesmo tempo estamos na expectativa de que Sua

Majestade imperial procederá em relação a nós como príncipe cristão que ama a Deus acima de todas as coisas; e declaramo-nos prontos a tributar-lhe, bem como a vós, graciosos fidalgos, toda a afeição e obediência que sejam nosso dever justo e legítimo."[6.]

A maioria foi tomada de espanto e alarma ante a ousadia dos que protestavam. Dissensão, contenda e derramamento de sangue pareciam inevitáveis. Os reformadores, porém, confiando no braço da Onipotência, estavam "cheios de coragem e firmeza".

"Os princípios contidos nesse célebre protesto [...] constituem a própria essência do protestantismo. [...] O protestantismo coloca o poder da consciência acima do magistrado, e a autoridade da Palavra de Deus acima da igreja visível. [...] Ele diz com os profetas e apóstolos: 'Mais importa obedecer a Deus do que aos homens.' Na presença da coroa de Carlos V, ele ergue a coroa de Jesus Cristo."[7.] O protesto de Espira foi um testemunho solene contra a intolerância religiosa, e uma afirmação do direito de todos os homens adorarem a Deus de acordo com sua própria consciência.

A experiência desses nobres reformadores contém uma lição para todas as eras subseqüentes. Satanás ainda se opõe a que sejam as Escrituras adotadas como guia da vida. Em nosso tempo se observa a necessidade de uma volta ao grande princípio protestante — a Bíblia, e a Bíblia somente, como regra de fé e prática. Satanás ainda está trabalhando a fim de destruir a liberdade religiosa. O poder anticristão que os protestantes de Espira rejeitaram está hoje com renovado vigor procurando restabelecer sua supremacia perdida. [93]

A Dieta de Augsburgo — O rei Fernando havia se negado a ouvir os príncipes evangélicos, mas, a fim de acalmar as dissensões que perturbavam o império, Carlos V, no ano que se seguiu ao protesto de Espira, convocou uma Dieta em Augsburgo. Anunciou sua intenção de presidi-la pessoalmente. Os líderes protestantes foram convocados.

Os conselheiros do eleitor da Saxônia instaram com ele para que não comparecesse à Dieta: "Não é arriscar tudo, ir e encerrar-se alguém dentro dos muros de uma cidade, com um poderoso inimigo?" Outros, porém, nobremente declaravam: "Portem-se tão-somente os príncipes com coragem, e a causa de Deus está salva." "Deus é fiel; Ele não nos abandonará", disse Lutero.[8.]

O eleitor partiu para Augsburgo. Muitos o seguiram com semblante triste e coração perturbado. Mas Lutero, que os acompanhou até Coburgo, reviveu-lhes a fé cantando o hino escrito para aquela viagem: "Castelo Forte." Muitos corações sobrecarregados aliviaram-se ao som dos acordes inspirados.

Os príncipes reformados resolveram redigir uma declaração de suas opiniões, com as provas das Escrituras, a fim de apresentá-la à Dieta. A tarefa de sua preparação foi confiada a Lutero, Melâncton e seus companheiros. Esta Confissão foi aceita pelos protestantes, reunindo-se os mesmos para assinar o documento.

Os reformadores insistiam em que sua causa não fosse confundida com questões políticas. Ao virem para a frente os príncipes cristãos a fim de assinar a Confissão, Melâncton se interpôs, dizendo: "Compete aos teólogos e ministros propor estas coisas; reservemos para outros assuntos a autoridade dos poderosos da Terra." "Deus não permita", replicou João da Saxônia, "que me excluais. Estou resolvido a fazer o que é reto sem me perturbar acerca de minha coroa. Desejo confessar o Senhor. Meu chapéu de eleitor e meus arminhos não são para mim tão preciosos como a cruz de Jesus Cristo." Disse outro dos príncipes ao tomar a pena: "Se a honra de meu Senhor Jesus Cristo o exige, estou pronto [...] para deixar meus bens e a vida." "Renunciaria de preferência a meus súditos e a meus domínios, deixaria de preferência o país de meus pais com o bordão na mão", prosseguiu ele, "a receber qualquer outra doutrina que não a que se contém nesta Confissão."[9.]

Chegou o tempo designado. Carlos V, rodeado de seus eleitores e príncipes, deu audiência aos reformadores protestantes. Naquela augusta assembléia as verdades do evangelho foram claramente apresentadas, e indicados os erros da igreja papal. Aquele dia foi declarado "o maior dia da Reforma, e um dos mais gloriosos na [94] história do cristianismo e da humanidade".[10.]

O monge de Wittenberg estivera sozinho em Worms. Agora, em seu lugar estavam os mais nobres e poderosos príncipes do império. "Estou jubilosíssimo", escreveu Lutero, "de que eu tenha vivido até esta hora, na qual Cristo é publicamente exaltado por tão ilustres pessoas que O confessam, e numa assembléia tão gloriosa."

Aquilo que o imperador proibiu que fosse pregado do púlpito, era proclamado em palácio; aquilo que muitos tinham considerado

inconveniente que os próprios servos ouvissem, era com admiração ouvido pelos senhores e fidalgos do império. [...] Príncipes coroados eram os pregadores, e o sermão era a régia verdade de Deus. "Desde a era apostólica nunca houve obra maior nem mais magnificente Confissão."[11.]

Um dos princípios mais firmemente mantidos por Lutero era que não deveria haver recurso ao poder secular em apoio à Reforma. Regozijava-se de que o evangelho fosse confessado pelos príncipes do império; mas quando eles se propuseram unir-se numa liga defensiva, o reformador declarou que "a doutrina do evangelho seria defendida por Deus somente. [...] Todas as precauções políticas sugeridas eram, em sua opinião, atribuíveis ao temor indigno e à pecaminosa desconfiança".[12.]

Em data posterior, referindo-se à aliança sugerida pelos príncipes reformados, Lutero declarou que a única arma empregada nesta luta deveria ser a "espada do Espírito". Escreveu ele ao eleitor da Saxônia: "Não podemos perante nossa consciência aprovar a aliança proposta. [...] Temos de tomar a cruz de Cristo. Seja Vossa Alteza sem temor. Faremos mais com nossas orações do que todos os nossos inimigos com sua jactância."[13.]

Do local secreto da oração proveio o poder que abalou o mundo na grande Reforma. Em Augsburgo, Lutero "não passou um só dia sem dedicar pelo menos três horas à oração". Na intimidade de sua recâmara era ele ouvido a lutar com Deus em palavras "cheias de adoração, temor e esperança". Escreveu ele a Melâncton: "Se a causa é injusta, abandonai-a; se a causa é justa, por que desmentiríamos as promessas dAquele que nos manda dormir sem temor?"[14.] Os reformadores protestantes haviam edificado sobre Cristo. As portas do inferno não prevaleceriam contra eles! [95]

[1.] J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 13, cap. 5.

[2.] Ibid.

[3.] Wylie, livro 9, cap. 15.

[4.] D'Aubigné, livro 9, cap. 15.

[5.] Ibid.

[6.] Ibid., livro 13, cap. 6.

[7.] Ibid.

[8.] Ibid., livro 14, cap. 2.

[9] Ibid., livro 14, cap. 6.
[10] Ibid., livro 14, cap. 7.
[11] Ibid.
[12] D'Aubigné, edição londrina, livro 10, cap. 14.
[13] Ibid., livro 14, cap. 1.
[14] Ibid., livro 14, cap. 6.

Capítulo 12 — Aurora na França

O protesto de Espira e a Confissão de Augsburgo foram seguidos por anos de conflitos e trevas. Enfraquecido por divisões, o protestantismo parecia destinado à destruição.

Entretanto, no momento de seu triunfo aparente, o imperador foi afligido com a derrota. Foi forçado a conceder tolerância às doutrinas cuja destruição fora o anelo de sua vida. Via agora seus exércitos assolados pelas batalhas, os tesouros exauridos, seus muitos reinos ameaçados de revolta, enquanto, por toda parte, a fé que ele se esforçara em vão por suprimir, estava se estendendo. Carlos V estivera a batalhar contra o Poder onipotente. Deus dissera: "Haja luz", mas o imperador havia procurado perpetuar as trevas. Consumido pela longa luta, abdicou do trono e sepultou-se num claustro.

Na Suíça, ao mesmo tempo em que muitos cantões aceitaram a fé reformada, outros se apegaram com cega persistência ao credo de Roma. A perseguição deu lugar à guerra civil. Zuínglio e muitos outros que a ele se haviam unido na Reforma caíram no campo sangrento de Cappel. Roma estava triunfante e em muitos lugares parecia prestes a recobrar tudo que perdera. Mas Deus não abandonou Sua causa nem Seu povo. Suscitou, em outros países, obreiros para levar avante a Reforma.

Na França, um dos primeiros a receber a luz foi Lefèvre, professor na Universidade de Paris. Em suas pesquisas da literatura antiga, sua atenção foi dirigida para a Bíblia, e introduziu o estudo desta entre os seus alunos. Ele empreendera a preparação de uma história dos santos e mártires, conforme apresentados pelas lendas da igreja. Já havia alcançado considerável progresso nessa obra quando, imaginando que poderia obter auxílio na Bíblia, começou a estudá-la. Nesta encontrou, de fato, os santos, mas não segundo apresentados no calendário católico romano. Desgostoso, abandonou a tarefa que se propusera, e dedicou-se à Palavra de Deus.

Em 1512, antes que Lutero ou Zuínglio houvessem iniciado a obra da Reforma, Lefèvre escreveu: "É Deus que dá, pela fé, a

justiça que, somente pela graça, justifica para a vida eterna.”[1.] Ao mesmo tempo que ensinava pertencer unicamente a Deus a glória da salvação, declarava também que pertence ao homem o dever de obediência.

Alguns dentre os discípulos de Lefèvre ouviam avidamente suas palavras e, muito tempo depois que a voz do mestre silenciou, prosse- [96] guiram anunciando a verdade. Um destes foi Guilherme Farel. Filho de pais piedosos e devoto romanista, ardia em zelo para destruir a todos os que ousassem opor-se à igreja. “Eu rangia os dentes qual lobo furioso”, escreveu ele mais tarde, “quando ouvia alguém falar contra o papa.” Mas a adoração de santos, o culto junto aos altares e o adorno de santos relicários com dádivas, não lhe trouxeram paz ao coração. Fortalecia-se nele a convicção do pecado, a qual todos os atos de penitência não conseguiam banir. Escutou as palavras de Lefèvre: “A salvação é de graça.” “É unicamente a cruz de Cristo que abre as portas do Céu e fecha as do inferno.”[2.]

Por uma conversão semelhante à de Paulo, Farel volveu-se do cativeiro da tradição para a liberdade dos filhos de Deus. “Em vez de ter o coração assassino de um lobo devorador, voltou tranqüilamente, qual cordeiro manso e inofensivo, tendo o coração de todo desviado do papa e entregue a Jesus Cristo.”[3.]

Enquanto Lefèvre espalhou a luz entre os alunos, Farel saiu para anunciar a verdade em público. Um dignitário da igreja, o bispo de Meaux, logo se uniu a eles. Outros ensinadores uniram-se na proclamação do evangelho, conquistando-se assim adeptos nos lares dos artífices e camponeses, tanto quanto no palácio do rei. A irmã de Francisco I aceitou a fé reformada. Com grandes esperanças os reformadores aguardaram o tempo em que a França seria ganha para o evangelho.

Novo testamento em francês — Suas esperanças, porém, não deveriam realizar-se. Provas e perseguições aguardavam os discípulos de Cristo. Entretanto, houve um tempo de paz, de modo que pudessem adquirir forças a fim de enfrentar a tempestade; a Reforma obteve rápidos progressos. Lefèvre empreendeu a tradução do Novo Testamento; ao mesmo tempo em que a Bíblia alemã de Lutero saía do prelo em Wittenberg, era publicado o Novo Testamento em francês, em Meaux. Em breve os camponeses deste lugar estavam de posse das Santas Escrituras. Os trabalhadores no campo e os artí-

fices nas cidades, suavizavam a labuta diária conversando acerca das preciosas verdades da Bíblia. Embora pertencessem à mais humilde classe, camponeses indoutos e de rudes trabalhos que eram, viu-se em sua vida o poder reformador e enobrecedor da graça divina.

A luz acendida em Meaux derramou seus raios ao longe. Aumentava todos os dias o número de conversos. O rancor da hierarquia foi por algum tempo contido pelo rei, mas os líderes papais finalmente prevaleceram. Ateou-se a fogueira. Muitos testificaram da verdade entre as chamas.

Nos salões senhoriais do castelo e do palácio, houve pessoas da nobreza por quem a verdade era mais apreciada que a riqueza, posição social, ou a própria vida. Luís de Berquin era de nascimento nobre, devotado ao estudo, polido nas maneiras e de moral irrepreensível. "Ele coroava todas as suas virtudes por devotar ao luteranismo uma aversão especial." Mas, providencialmente, guiado à Bíblia, [97] maravilhou-se de encontrar ali "não as doutrinas de Roma, mas as de Lutero". Entregou-se completamente à causa do evangelho.

Os romanistas da França arrojaram-no à prisão como herege, mas foi posto em liberdade pelo rei. Durante anos, Francisco claudicou entre Roma e a Reforma. Berquin foi três vezes aprisionado pelas autoridades papais, tão-somente para ser libertado pelo monarca, que se recusava a sacrificá-lo à maldade do clero. Berquin foi repetidamente advertido do perigo que o ameaçava na França, e com ele se insistiu para que seguisse os passos dos que haviam encontrado segurança no exílio voluntário.

Corajoso Berquin — O zelo de Berquin, contudo, apenas se tornou mais forte. Decidiu-se por medidas ainda mais ousadas. Não somente permaneceria na defesa da verdade, como ainda atacaria o erro. Os mais ativos de seus oponentes eram os ilustrados monges do departamento teológico da Universidade de Paris, que se contavam entre as mais elevadas autoridades eclesiásticas da nação. Dos escritos desses doutores, Berquin extraiu doze proposições que declarou publicamente estarem "em oposição à Bíblia", e apelou ao rei no sentido de agir como juiz na controvérsia.

O monarca, contente pela oportunidade de humilhar o orgulho dos altivos monges, ordenou aos romanistas que defendessem sua causa pela Escritura Sagrada. Esta arma pouco lhes adiantaria; tortura e fogueira eram as armas que melhor sabiam manejar. Agora

viam-se prestes a cair no fosso em que haviam imaginado submergir Berquin. Procuravam em torno de si algum meio de escape.

"Exatamente por este tempo uma imagem da virgem apareceu mutilada na esquina de uma das ruas." Multidões acorreram ao local, com expressões de lamento e indignação. O rei ficou profundamente abalado. "São estes os frutos das doutrinas de Berquin", exclamavam os monges. "Tudo está a ponto de ser subvertido — religião, leis, o próprio trono — por esta conspiração luterana."[4.]

O rei saiu de Paris, e os monges ficaram assim em liberdade para executar sua vontade. Berquin foi julgado e condenado à morte; sob o receio de que Francisco se interpusesse para salvá-lo, a sentença foi executada no próprio dia de seu pronunciamento. Ao meio-dia reuniu-se imensa multidão para testemunhar o evento, e muitos viram com espanto e temor que a vítima fora escolhida dentre as mais valorosas e nobres famílias da França. Espanto, ira, escárnio e ódio figadal entenebreciam o rosto daquela multidão agitada, mas não havia sinal de tristeza naquelas faces. O mártir estava cônscio apenas da presença do Senhor.

O semblante de Berquin estava radiante com a luz do Céu. Trajava "uma capa de veludo, um gibão de cetim e damasco, e meias douradas".[5.] Estava para dar testemunho de sua fé perante o Rei dos reis, e nenhum sinal de lamento devia empanar sua alegria. [98]

Enquanto o cortejo se movia vagarosamente através das ruas apinhadas, as pessoas notavam com admiração o alegre triunfo que o mártir trazia no olhar e no porte. "Esse está", diziam, "como alguém que se senta num templo e medita sobre coisas santas."

Berquin na fogueira — Junto à fogueira, Berquin esforçou-se por dirigir algumas palavras ao povo; mas os monges começaram a gritar, e os soldados a bater as armas, e o rumor abafou a voz do mártir. Assim, em 1529, a mais alta autoridade eclesiástica da culta Paris "deu à populaça de 1793 o indigno exemplo de sufocar no cadafalso as palavras sagradas do moribundo".[6.] Berquin foi estrangulado, e seu corpo consumido pelas chamas.

Ensinadores da fé reformada partiram para outros campos. Lefèvre tomou o rumo da Alemanha. Farel voltou para sua cidade natal, na França oriental, a fim de disseminar a luz no lugar de sua infância. A verdade por ele ensinada encontrou ouvintes. Logo foi ele banido da cidade. Atravessou as aldeias, ensinando nas casas particulares

e nos prados isolados, encontrando abrigo nas florestas e entre as cavernas rochosas que haviam sido sua guarida nos tempos de rapaz.

Como nos dias apostólicos, a perseguição contribuiu "para o progresso do evangelho". Filipenses 1:12. Expulsos de Paris e Meaux, eles "iam por toda parte pregando a palavra". Atos dos Apóstolos 8:4. E assim a luz teve acesso a muitas das remotas províncias da França.

O chamado de Calvino — Em uma das escolas de Paris havia um jovem pensativo, quieto e que dava mostras de notável correção de vida, ardor intelectual e devoção religiosa. Seu gênio e aplicação logo o fizeram o orgulho de sua escola, e tinha-se como certo que João Calvino seria um dos mais habilidosos defensores da igreja.

Mas um raio da luz divina penetrou pelas paredes do escolasticismo e superstição em que Calvino se achava encerrado. Olivetan, primo de Calvino, unira-se aos reformadores. Os dois parentes discutiam as questões que estavam perturbando a cristandade. "Não há senão duas espécies de religião no mundo", disse Olivetan, o protestante. "Aquela [...] que os homens inventaram, e na qual [...] eles se salvam por cerimônias e boas obras; a outra religião é a que está revelada na Bíblia, e que ensina o homem a esperar pela salvação unicamente da livre graça de Deus."

"Não quero nenhuma das tuas novas doutrinas", exclamou Calvino; "achas que tenho vivido em erro todos os meus dias?"[7.] Contudo, sozinho em seu quarto, ponderou nas palavras do primo. Viu-se sem intercessor na presença do Juiz santo e justo. Boas obras, as cerimônias da igreja, tudo era impotente para expiar o pecado. Confissão e penitência não podiam reconciliar seu coração com Deus. [99]

Testemunho junto à fogueira — Visitando casualmente uma das praças públicas, Calvino testemunhou ali a queima de um herege. Entre as torturas daquela morte cruel e sob a mais terrível condenação da igreja, o mártir manifestou fé e coragem que o jovem estudante dolorosamente contrastou com seu próprio desespero e escuridão. Na Bíblia, sabia ele, os "hereges" fundamentavam sua fé. Resolveu estudá-la e descobrir o segredo da alegria deles.

Na Bíblia ele encontrou a Cristo. "Ó Pai", exclamou Calvino, "Seu sacrifício apaziguou a Tua ira; Seu sangue lavou minhas impurezas; Sua cruz suportou minha maldição; Sua morte fez expiação

por mim. [...] Tocaste-me o coração, a fim de que eu abominasse todos os outros méritos, com exceção dos de Jesus.”[8.]

Resolveu dedicar a vida ao evangelho. Sendo naturalmente tímido, desejava também dedicar-se ao estudo. Os ardorosos rogos dos amigos, entretanto, o persuadiram finalmente a tornar-se pregador público. Suas palavras foram como o orvalho que caía para refrigerar a terra. Encontrava-se então numa cidade provinciana, sob a proteção da princesa Margarida, a qual, amando o evangelho, estendia seu amparo aos discípulos do mesmo. O trabalho de Calvino começou nos lares do povo. Os que ouviam a mensagem levavam as boas novas a outros. Ia ele avançando, e lançava o fundamento de igrejas que deveriam dar corajoso testemunho da verdade.

Paris deveria receber outro convite para aceitar o evangelho. O apelo de Lefèvre e Farel fora rejeitado, mas de novo a mensagem deveria ser ouvida por todas as classes naquela grande capital. O rei não havia ainda tomado inteiramente sua posição ao lado de Roma e contra a Reforma. Margarida decidiu que a fé reformada seria pregada em Paris. Ordenou a um ministro protestante que pregasse nas igrejas da cidade. Sendo isto proibido pelos dignitários papais, abriu ela as portas do palácio. Foi anunciado que todos os dias seria pregado um sermão, e o povo era convidado a comparecer. Milhares reuniam-se diariamente.

O rei ordenou que duas das igrejas de Paris fossem abertas. Nunca antes a cidade fora tão comovida pela Palavra de Deus. Temperança, pureza, ordem e laboriosidade estavam ocupando o lugar de embriaguez, libertinagem, contenda e ociosidade. Ao passo que muitos aceitavam o evangelho, a maioria o rejeitava. Os romanistas conseguiram readquirir a ascendência. De novo se fecharam as igrejas e ateou-se a fogueira.

Calvino ainda estava em Paris. Finalmente as autoridades resolveram levá-lo às chamas. Ele não tinha idéia do perigo, quando amigos vieram precipitadamente a seu quarto, com a notícia de que oficiais estavam a caminho para prendê-lo. Naquele instante ouviu-se uma pancada à porta. Não havia um momento a perder. Amigos detiveram os oficiais à porta, enquanto outros ajudavam o reformador a descer por uma janela, e assim ele conseguiu chegar rapidamente à cabana de um trabalhador, amigo da Reforma. Disfarçou-se nos trajes de seu hospedeiro e, levando ao ombro uma enxada, partiu em

[100]

viagem. Caminhando rumo ao sul, encontrou novamente refúgio nos domínios de Margarida.

Calvino não poderia permanecer inativo por muito tempo. Logo que a tempestade amainou um pouco, procurou novo campo de trabalho em Poitiers, onde as novas opiniões já encontravam aceitação. Pessoas de todas as classes ouviam alegremente o evangelho. Aumentando o número de ouvintes, foi considerado mais seguro reunirem-se fora da cidade. Uma caverna ao lado de uma garganta, onde árvores e pedras salientes tornavam a reclusão ainda mais completa, foi o local escolhido para as reuniões. Nesse ponto isolado a Bíblia era lida e explicada. Ali, pela primeira vez, foi celebrada a ceia do Senhor pelos protestantes da França. Dessa pequena igreja foram enviados fiéis evangelistas.

Mais uma vez Calvino voltou a Paris, mas encontrou fechadas para o trabalho praticamente todas as portas. Finalmente resolveu partir para a Alemanha. Apenas deixara a França, quando irrompeu sobre os protestantes uma tempestade. Os reformadores franceses decidiram-se a desferir contra a superstição de Roma um golpe audaz, que despertaria a nação inteira. Em uma noite foram afixados por toda a França cartazes que atacavam a missa. Esse movimento zeloso, mas mal-interpretado, ofereceu aos romanistas o pretexto para exigirem a completa destruição dos "hereges", considerando-os como agitadores perigosos à estabilidade do trono e à paz da nação.

Um dos cartazes foi colocado à porta do quarto particular do rei. A audácia sem precedentes, de introduzir à presença do rei estas asserções surpreendentes, suscitou a ira real. Sua raiva encontrou expressão nestas terríveis palavras: "Sejam sem distinção agarrados todos os que são suspeitos de luteranismo. Vou exterminar a todos."[9.] O rei decidiu pôr-se completamente do lado de Roma.

Reinado do terror — Um pobre adepto da fé reformada, que se havia acostumado a convocar todos os crentes para as assembléias secretas, foi apanhado. Sob a ameaça de morte instantânea na fogueira, foi-lhe ordenado que conduzisse o emissário papal à casa de todos os protestantes na cidade. O medo às chamas prevaleceu, de modo que ele concordou em fazer-se traidor dos irmãos. Morin, o detetive real, junto com o traidor, vagarosa e silenciosamente passou pelas ruas da cidade. Chegando defronte da casa de um luterano, o traidor fazia um sinal, mas nenhuma palavra era proferida. O cortejo

[101] fazia alto, a casa era invadida, a família era arrastada e acorrentada, e o terrível séquito prosseguia em procura de novas vítimas. "Morin fez abalar toda a cidade. [...] Era o reinado do terror."[10.]

As vítimas foram mortas com tortura cruel, sendo ordenado especialmente que o fogo fosse abaixado, a fim de prolongar-lhes a agonia. Morreram, porém, como vencedores. Sua constância foi inabalável, imperturbada a sua paz. Os perseguidores sentiram-se derrotados. "Toda a Paris habilitou-se a ver que espécie de homens as novas opiniões produziram. Não havia púlpito como a fogueira do mártir. A serena alegria que iluminava o rosto daqueles homens ao se encaminharem [...] para o lugar da execução, [...] pleiteava com irresistível eloqüência em prol do evangelho."[11.]

Os protestantes eram acusados de conspirar para o massacre dos católicos, subverter o governo e assassinar o rei. Sequer uma sombra de provas podia ser apresentada em apoio às alegações. Contudo, as crueldades infligidas aos inocentes protestantes acumularam um peso de retribuições e, séculos mais tarde, ocasionaram a mesma sorte que eles haviam predito estar iminente sobre o rei, seu governo e seus súditos. Porém, foi produzida pelos incrédulos e os próprios romanistas. A supressão do protestantismo deveria trazer sobre a França essas horrendas calamidades.

Suspeita, desconfiança e terror invadiam agora todas as classes sociais. Centenas fugiram de Paris, constituindo-se exilados voluntários de sua terra natal, dando assim em muitos casos a primeira demonstração de que favoreciam a fé reformada. Os romanistas olharam em redor de si com espanto, ao pensar nos "hereges" que, sem o suspeitarem, haviam sido tolerados entre eles.

Declara-se abolida a imprensa — Francisco I deleitara-se em reunir em sua corte homens de letras de todos os países. Agora, inspirado pelo zelo em suprimir a heresia, este patrono do saber promulgou um edito declarando abolida a imprensa em toda a França! Francisco I representa um exemplo, dentre os muitos registrados, de que a cultura intelectual não é salvaguarda contra a intolerância e perseguição religiosas.

Os padres exigiram que a afronta feita aos altos Céus, com a condenação da missa, fosse expiada com sangue. O dia 21 de Janeiro de 1535 foi marcado para a terrível cerimônia. Diante de cada porta

havia uma tocha acesa em honra ao "santo sacramento". Antes de raiar o dia, formou-se a procissão, no palácio do rei.

"A hóstia era levada pelo bispo de Paris, sob magnificente pálio, [...] carregado por quatro príncipes de sangue. [...] Em seguida à hóstia caminhava o rei. [...] Francisco I naquele dia não levava a coroa, nem vestes de Estado."[12.] Em cada altar ele se curvava em humilhação, não pelos vícios que lhe aviltavam a vida, nem pelo sangue inocente que lhe manchava as mãos, mas pelo "pecado mortal" de seus súditos que haviam ousado condenar a missa. [102]

No grande salão do palácio do bispo o próprio monarca discursou com palavras de comovedora eloqüência, deplorando "o crime, a blasfêmia, o tempo de tristeza e desgraça" que sobrevieram à nação. Apelou a que todo súdito leal o auxiliasse na extirpação da pestilenta "heresia" que ameaçava a França de ruína. Lágrimas abafaram-lhe as palavras, e toda a assembléia chorou, exclamando em uníssono: "Viveremos e morreremos pela religião católica!"[13.]

"A graça que traz a salvação" aparecera, mas a França, depois de iluminada por seu fulgor, desviou-se, preferindo as trevas à luz. Tinham chamado ao mal bem, e ao bem mal, até se tornarem vítimas voluntárias de seu próprio engano. Haviam rejeitado voluntariamente a luz que os teria salvo do engano, da nódoa pelo crime de sangue.

Novamente se formou a procissão. "A pequenas distâncias haviam-se erigido cadafalsos, nos quais certos cristãos protestantes deveriam ser queimados vivos, e arranjos foram feitos para que as fogueiras fossem acesas no momento em que o rei se aproximasse e a procissão parasse para testemunhar a execução."[14.] Não houve vacilação por parte das vítimas. Ante a exigência de retratação, um dentre os mártires respondeu: "Creio unicamente no que os profetas e apóstolos anteriormente pregaram, e no que creu a multidão dos santos. Minha fé tem uma confiança em Deus que resistirá a todos os poderes do inferno."[15.]

Atingindo seu ponto de partida, no palácio real, a multidão dispersou-se e o rei e os prelados retiraram-se, congratulando-se com as realizações do dia, e propondo-se a prosseguir até a completa destruição da "heresia".

O evangelho da paz que a França rejeitara, havia de ser efetivamente desarraigado, e terríveis seriam os resultados. Em 21 de Janeiro de 1793, passou pelas ruas de Paris outra procissão. "De

novo era o rei a figura principal; novamente havia tumulto e aclamações; repetiu-se o clamor pedindo mais vítimas; reergueram-se negros cadafalsos; e de novo encerraram-se as cenas do dia com horríveis execuções; Luís XVI, lutando de mãos com seus carcereiros e executores, era arrastado para o cepo e ali seguro violentamente até cair o machado e sua cabeça decepada rolar no tablado."[16.] Perto do mesmo local dois mil e oitocentos seres humanos pereceram pela guilhotina.

A Reforma apresentara ao mundo a Bíblia aberta. O amor infinito manifestara aos homens os princípios do Céu. Quando a França rejeitou a dádiva do Céu, lançou as sementes da ruína. A inevitável operação de causa e efeito resultou na Revolução e no Reinado do Terror.

O ousado e ardoroso Farel fora obrigado a fugir da terra de seu nascimento para a Suíça. Todavia continuou a exercer decidida influência sobre a Reforma na França. Com o auxílio de outros exilados, os escritos dos reformadores alemães foram traduzidos para o francês e, juntamente com a Bíblia francesa, foram impressos em grande quantidade. Através de colportores estas obras foram extensamente vendidas na França. [103]

Farel entrou para o seu trabalho na Suíça com as humildes vestes de mestre-escola, cautelosamente introduzindo as verdades da Bíblia. Houve alguns que creram, mas os padres se apresentaram para deter o trabalho, e o povo supersticioso se ergueu para se opor ao mesmo. "Este não pode ser o evangelho de Cristo", insistiam os padres, "sendo que a pregação disto não traz paz, mas guerra."[17.]

De vila em vila ia ele, suportando fome, frio e cansaço, e por toda parte em perigo de vida. Pregava nas praças, nas igrejas, e por vezes nos púlpitos das catedrais. Mais de uma vez foi espancado quase até morrer. Contudo, prosseguia. Uma após outra, via vilas e cidades que haviam sido redutos do papado, abrirem suas portas ao evangelho.

Farel desejara implantar as normas protestantes em Genebra. Se esta cidade pudesse ser ganha, seria um centro para a Reforma na França, na Suíça e na Itália. Muitas das cidades e aldeias vizinhas foram ganhas.

Com um único companheiro, entrou em Genebra. Mas foi-lhe permitido pregar apenas dois sermões. Os padres chamaram-no

perante um concílio eclesiástico, ao qual chegaram com armas escondidas debaixo das vestes, decididos a tirar-lhe a vida. Fora do salão foi reunida uma multidão furiosa para garantir sua morte, caso conseguisse escapar ao concílio. A presença dos magistrados e de uma força armada, contudo, salvou-o. Cedo, na manhã seguinte, foi conduzido através do lago para um lugar de segurança. Assim terminou seu primeiro esforço para evangelizar Genebra.

Para a próxima prova foi escolhido um instrumento mais humilde — um jovem tão modesto na aparência, que foi tratado friamente até mesmo pelos professos amigos da Reforma. Mas que poderia ele fazer onde Farel havia sido rejeitado! "Deus [...] escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes". 1 Coríntios 1:27.

Froment, o mestre-escola — Froment iniciou seu trabalho como mestre-escola. As crianças repetiam em seus lares as verdades que ele ensinava na escola. Logo os pais foram ouvir a explicação da Bíblia. Novos Testamentos e folhetos foram livremente distribuídos. Depois de algum tempo esse obreiro também foi obrigado a fugir, mas as verdades que ensinara tinham alcançado a mente das pessoas. A Reforma havia sido plantada. Os pregadores retornaram, e o culto protestante foi finalmente estabelecido em Genebra. A cidade já se havia declarado pela Reforma quando Calvino entrou por suas portas. Estava ele a caminho de Basiléia quando foi obrigado a tomar um desvio por Genebra.

Nessa visita Farel reconheceu a mão de Deus. Embora Genebra houvesse aceitado a fé reformada, a obra de regeneração devia ainda ser realizada no coração pelo poder do Espírito Santo, e não por decretos de concílios. O povo de Genebra repelira a autoridade de Roma, mas não se mostrava tão pronto para renunciar aos vícios que haviam florescido. [104]

Em nome de Deus, Farel conjurou solenemente o jovem evangelista a que ficasse e ali trabalhasse. Calvino recuou, alarmado. Temia o contato com o espírito ousado e mesmo violento daquele filho de Genebra. Desejava encontrar um silencioso retiro para o estudo, e ali, pela imprensa, instruir e edificar igrejas. Entretanto, não ousou recusar-se. Pareceu-lhe "que a mão de Deus estivesse estendida do Céu, tomando-o e fixando-o irrevogavelmente no lugar que ele estava tão impaciente por deixar".[18.]

O trovão do anátema — Os anátemas [maldição, opróbrio, excomunhão] do papa trovejaram contra Genebra. Como poderia esta pequena cidade resistir à poderosa hierarquia que forçara reis e imperadores à submissão?

Passados os primeiros triunfos da Reforma, Roma convocou novas forças a fim de empreender sua destruição. Foi criada a ordem dos jesuítas — o mais cruel, sem escrúpulos e poderoso de todos os defensores do papado. Insensíveis às exigências das afeições naturais, tendo a consciência inteiramente silenciada, não conheciam nenhuma regra e nenhum dever, a não ser os de sua própria ordem.

O evangelho de Cristo habilitara seus adeptos a enfrentar o sofrimento, a não desfalecer diante do frio, fome, labutas e pobreza, e a desfraldar a verdade em face do instrumento de tortura, do calabouço e da fogueira. O jesuitismo inspirou seus seguidores com um fanatismo que os habilitava a suportar semelhantes perigos, e a opor-se ao poder da verdade com todas as armas do engano. Não havia crime demasiado grande para cometer, nenhum engano demasiado vil para praticar, disfarce algum por demais difícil para assumir. Era seu estudado objetivo subverter o protestantismo e restabelecer a supremacia papal.

Ostentavam uma aparência de santidade, visitando prisões e hospitais, ministrando aos doentes e pobres e levando o sagrado nome de Jesus, que andou fazendo o bem. Entretanto, sob esse exterior irrepreensível, propósitos criminosos e mortíferos freqüentemente se ocultavam.

Era princípio fundamental da ordem que os fins justificam os meios. Mentira, roubo, perjúrio e assassínio seriam até recomendáveis se servissem aos interesses da igreja. Sob vários disfarces, os jesuítas abriam caminho aos cargos do governo, subindo até conselheiros dos reis e moldando a política das nações. Tornavam-se servos para agirem como espias de seus senhores. Estabeleceram colégios para príncipes e nobres, e escolas para o povo comum. Os filhos de pais protestantes eram impelidos à observância dos ritos papais. Assim, a liberdade pela qual os pais tinham lutado e derramado seu sangue, era traída pelos filhos. Aonde quer que iam os jesuítas, eram seguidos de uma revificação do papado.

Para dar-lhes maior poder, foi promulgada uma bula restabelecendo a inquisição. Esse terrível tribunal foi novamente instalado

pelos chefes papais, e atrocidades demasiado terríveis para suportar a luz do dia foram repetidas em suas masmorras secretas. Em muitos [105] países, milhares e milhares da própria flor da nação, dos mais intelectuais e altamente educados, foram mortos ou obrigados a fugir para outros países.

Vitórias da Reforma — Tais foram os meios que Roma invocou a fim de apagar a luz da Reforma e restaurar a ignorância e superstição da Idade Escura. Mas sob a bênção de Deus e os trabalhos daqueles homens nobres que Ele suscitou a fim de suceder a Lutero, o protestantismo não foi esfacelado. Sua força não veio das armas dos príncipes. As menores e menos poderosas nações se tornaram o seu baluarte. Foi na pequena Genebra; foi na Holanda, lutando contra a tirania da Espanha; foi na gelada e estéril Suécia, que se ganharam vitórias em prol da Reforma.

Durante quase trinta anos Calvino trabalhou em Genebra em favor do avançamento da Reforma pela Europa toda. Sua conduta não era irrepreensível, tampouco suas doutrinas destituídas de erro. Mas ele foi um instrumento para a promulgação de verdades de especial importância, na manutenção de princípios do protestantismo contra a maré do papado que refluía rapidamente, e na promoção da simplicidade e pureza de vida nas igrejas reformadas.

De Genebra saíram publicações e ensinadores para disseminar as doutrinas reformadas. Daquele ponto os perseguidos de todos os países esperavam instrução e encorajamento. A cidade de Calvino tornou-se um refúgio para os acossados reformadores de toda a Europa ocidental. Eram afetuosamente recebidos e tratados com ternura; encontrando ali um lar, abençoavam a cidade de sua adoção por meio de sua habilidade, saber e piedade. João Knox, o bravo reformador escocês; não poucos puritanos ingleses; protestantes da Holanda e da Espanha, além dos huguenotes da França, levaram de Genebra a tocha da verdade para iluminar as trevas de suas terras natais. [106]

[1] Wylie, livro 13, cap. 1.

[2] Ibid., livro 13, cap. 2.

[3] J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 12, cap. 3.

[4] Ibid.

[5].D'Aubigné, *History of the Reformation in Europe in the Time of Calvin*, livro 2, cap. 16.

[6].Wylie, livro 13, cap. 9.

[7].Ibid., livro 13, cap. 7.

[8].Martyn, v. 3, cap. 13.

[9].D'Aubigné, livro 2, cap. 30.

[10].Ibid., livro 4, cap. 10.

[11].Wylie, livro 13, cap. 20.

[12].Ibid., livro 13, cap. 21.

[13].D'Aubigné, livro 4, cap. 12.

[14].Wylie, livro 13, cap. 21.

[15].D'Aubigné, livro 4, cap. 12.

[16].Wylie, livro 13, cap. 21.

[17].Ibid., livro 14, cap. 3.

[18].D'Aubigné, livro 9, cap. 17.

Capítulo 13 — Os Países Baixos e a Escandinávia

Nos países baixos a tirania papal suscitou protesto muito cedo. Setecentos anos antes de Lutero, o pontífice romano foi destemidamente acusado por dois bispos, os quais, tendo sido enviados em embaixada a Roma, se tornaram conhecedores do verdadeiro caráter da "Santa Sé": "Sentais-vos no templo como Deus; em vez de pastor vos fizestes lobo para as ovelhas. [...] Enquanto devíeis ser servo dos servos, como chamais a vós mesmos, esforçais-vos por vos tornar senhor dos senhores. [...] Trazeis o desdém aos mandamentos de Deus."[1.]

De século em século, surgiram outros para fazer soar este protesto. A Bíblia valdense foi traduzida em versos para a língua holandesa. Declararam "que havia nela grande vantagem; nada de motejos, fábulas, futilidades, enganos, mas palavras de verdade". Assim escreveram os amigos da antiga fé, no décimo segundo século.[2.]

Começaram então as perseguições de Roma; mas os crentes continuaram a multiplicar-se, declarando que a Bíblia é a única autoridade infalível em matéria de religião e que "nenhum homem deveria ser coagido a crer, mas sim ser ganho pela pregação".[3.]

Os ensinos de Lutero encontraram nos Países Baixos homens ardorosos e fiéis para pregar o evangelho. Menno Simons, educado como católico romano e ordenado ao sacerdócio, era completamente ignorante em relação à Escritura, e não queria lê-la com medo de cair em heresia. Entregando-se ao desregramento, esforçou-se por fazer silenciar a voz da consciência, mas em vão. Depois de algum tempo foi levado ao estudo do Novo Testamento; isto, juntamente com os escritos de Lutero, levou-o a aceitar a fé reformada.

Pouco depois testemunhou a morte de um homem, executado porque havia sido rebatizado. Isto o levou a estudar na Bíblia a questão do batismo infantil. Viu que o arrependimento e a fé eram requeridos como condições para o batismo.

Menno retirou-se da igreja romana e dedicou a vida a ensinar as verdades que recebera. Tanto na Alemanha quanto nos Países Baixos surgira uma classe de fanáticos, ultrajando a ordem e a decência, e levando a efeito a insurreição. Menno se opôs com tenacidade aos ensinos errôneos

[107]

e ferozes planos dos fanáticos. Durante vinte e cinco anos atravessou os Países Baixos e porção norte da Alemanha, exercendo vasta influência, e exemplificando em sua própria vida os preceitos que ensinava. Era um homem de integridade, humilde e gentil, sincero e fervoroso. Grande número se converteu através de seus labores.

Na Alemanha Carlos V havia condenado a Reforma, mas os príncipes mantiveram-se como uma barreira contra sua tirania. Nos Países Baixos seu poder foi maior. Editos perseguidores seguiam-se uns aos outros em rápida sucessão. Ler a Bíblia, ouvi-la ou pregá-la, orar a Deus em secreto, deixar de curvar-se perante as imagens, ou cantar um salmo, eram puníveis com a morte. Milhares pereceram sob Carlos V e Filipe II.

Certa ocasião uma família inteira foi levada perante os inquisidores, acusada de não assistir à missa e de fazer culto em casa. O filho mais moço respondeu: "Pomo-nos de joelhos e oramos para que Deus nos ilumine a mente e perdoe os pecados; oramos pelo nosso soberano, para que seu reino seja próspero e sua vida feliz; oramos pelos nossos magistrados, para que Deus os preserve." O pai e um dos filhos foram condenados à fogueira.[4.]

Não somente homens, mas mulheres e moças ostentavam coragem inflexível. "Esposas tomavam lugar junto aos suplícios de seus maridos e, enquanto estes suportavam o fogo, elas balbuciavam palavras de consolação, ou cantavam salmos para animá-los. Jovens se deitavam vivas nas sepulturas, como se estivessem a entrar em seu quarto para o sono noturno; ou saíam para o cadafalso e para a fogueira, trajando seus melhores vestidos, como se fossem para o casamento."[5.]

A perseguição servia para aumentar o número das testemunhas da verdade. Ano após ano o monarca persistia em sua obra cruel, mas em vão. Guilherme de Orange finalmente trouxe à Holanda a liberdade de culto a Deus.

Reforma na Dinamarca — Nos países do norte o evangelho encontrou entrada pacífica. Estudantes de Wittenberg, voltando para casa, levaram a fé reformada para a Escandinávia. Os escritos de Lutero também propagaram luz. O povo robusto do norte deixou a corrupção e as superstições de Roma para acolher as verdades vitais da Bíblia.

Tausen, "o reformador da Dinamarca", desde a infância deu mostras de vigoroso intelecto e entrou para o claustro. O exame demonstrou possuir ele talento que prometia bons serviços para a igreja. Concedeu-se ao jovem estudante permissão para escolher uma universidade da Alemanha ou dos Países Baixos, com a condição de que não fosse para Wittenberg e assim se expusesse à heresia. Era o que pensavam os frades.

Tausen foi para Colônia, um dos baluartes do romanismo. Ali logo se desgostou. Aproximadamente por esse mesmo tempo, leu os escritos de Lutero com deleite e desejou grandemente o privilégio de receber instrução pessoal do reformador. Mas para fazer isto, deveria [108] arriscar a perda do apoio de seu superior. Decidiu-se logo, e pouco tempo depois era estudante em Wittenberg.

Retornando à Dinamarca, não revelou seu segredo, mas esforçou-se por levar os companheiros a uma fé mais pura. Abria a Bíblia e pregava-lhes a Cristo como a única esperança de salvação para o pecador. Grande foi a ira do prior, que nele havia fundado elevadas esperanças como defensor de Roma. Foi imediatamente removido de seu mosteiro para outro, e confinado à cela. Através das barras da cela, Tausen comunicava aos companheiros o conhecimento da verdade. Fossem aqueles padres dinamarqueses peritos no plano da igreja de como tratar a heresia, a voz de Tausen jamais teria sido de novo ouvida; mas, em vez de o confiar a alguma masmorra subterrânea, expulsaram-no do mosteiro.

Um edito real, recentemente promulgado, oferecia proteção aos ensinadores da nova doutrina. As igrejas lhe foram abertas, e o povo se reunia em multidão para ouvi-lo. O Novo Testamento em dinamarquês circulava amplamente. Esforços feitos para destruir a obra tiveram como resultado estendê-la, e não muito tempo depois a Dinamarca declarava aceitar a fé reformada.

Progresso na Suécia — Também na Suécia, jovens de Wittenberg levavam a água da vida a seus conterrâneos. Dois líderes da

Reforma na Suécia, Olavo e Lourenço Petri, haviam estudado com Lutero e Melâncton. Tal como o grande reformador, Olavo despertava o povo com sua eloqüência, ao passo que Lourenço, assim como Melâncton, era refletido e calmo. Ambos revelavam inflexível coragem. Os padres católicos instigavam o povo ignorante e supersticioso. Olavo Petri, em várias ocasiões, mal pôde escapar com vida. Os reformadores, contudo, eram protegidos do rei, que havia tomado posição em favor de uma reforma e assim recebeu com agrado aqueles hábeis auxiliares na batalha contra Roma.

Na presença do monarca e dos principais homens da Suécia, Olavo Petri defendeu com grande habilidade a fé reformada. Declarou que os ensinos dos Pais da Igreja deveriam ser recebidos somente se estivessem de acordo com as Escrituras; que as doutrinas essenciais da fé são apresentadas na Bíblia de modo claro, assim que todos são capazes de entendê-las.

Esse debate serve para mostrar-nos "a qualidade dos homens que formavam a maior parte do exército dos reformadores. Longe de serem iletrados, sectaristas, controversistas ruidosos, eram homens que haviam estudado a Palavra de Deus e sabiam muito bem como manejar as armas com que o arsenal da Bíblia os supria. [Eram] eruditos e teólogos, homens que se assenhoreavam perfeitamente de todo o sistema de verdades evangélicas, e que ganharam vitória fácil sobre os sofismas das escolas e dos dignitários de Roma".[6.] [109]

O rei da Suécia aceitou a fé protestante, e a assembléia nacional declarou-se em seu favor. Por desejo do rei, os dois irmãos levaram a cabo a tradução de toda a Bíblia. Foi ordenado pela Dieta que por todo o reino os ministros explicassem as Escrituras e que às crianças nas escolas se ensinasse a leitura da Bíblia.

Liberta da opressão de Roma, a nação atingiu força e grandeza que nunca antes havia alcançado. Um século mais tarde, esta nação até ali fraca — a única da Europa que ousou prestar auxílio — foi em livramento da Alemanha nas terríveis lutas da Guerra dos Trinta Anos. Todo o Norte da Europa parecia a ponto de cair novamente sob a tirania de Roma. Foram os exércitos da Suécia que habilitaram a Alemanha a conquistar a tolerância aos protestantes e a restaurar a liberdade de consciência nos países que haviam abraçado a Reforma. [110]

[1] Gerard Brandt, *History of the Reformation in and About the Low Countries*, livro 1, p. 6.

[2] Ibid., p. 14.

[3] Martynm, v. 2, p. 87.

[4] Wylie, livro 18, cap. 6.

[5] Ibid.

[6] Ibid., livro 10, cap. 4.

Capítulo 14 — A verdade avança na Grã-Bretanha

Enquanto Lutero abria ao povo da Alemanha uma Bíblia até então fechada, Tyndale era impelido pelo Espírito de Deus a fazer o mesmo na Inglaterra. A Bíblia de Wycliffe havia sido traduzida do texto latino, que continha muitos erros. O custo de cópias manuscritas era tão elevado que houve apenas uma circulação restrita.

Em 1516 o Novo Testamento foi impresso pela primeira vez no idioma original grego. Muitos erros das versões anteriores foram corrigidos, dando-se mais clareza ao texto. Isto levou muitos dentre as classes mais cultas a compreender melhor a verdade e deu novo impulso à obra da Reforma. Mas o povo comum ainda estava, em grande parte, privado da palavra de Deus. Tyndale deveria completar a obra de Wycliffe, dando a Bíblia a seus compatriotas.

Destemidamente ele pregou suas convicções. À pretensão romanista de que a igreja dera a Bíblia, e de que somente ela a poderia explicar, respondeu Tyndale: "Longe de nos haverdes dado as Escrituras, sois vós que a tendes escondido de nós; sois vós que queimais os que as ensinam e, se pudésseis, queimaríeis as próprias Escrituras."[1.]

A pregação de Tyndale despertou grande interesse. Mas os padres se esforçaram para destruir sua obra. "Que se deve fazer?" exclamava ele. "Não posso estar em toda parte. Oh! se os cristãos possuíssem as Sagradas Escrituras em sua própria língua, poderiam por si mesmos resistir a esses sofismas. Sem a Bíblia é impossível firmar o leigo na verdade."[2.]

Novo propósito toma posse então de seu espírito. "Não falará o evangelho a língua da Inglaterra entre nós? [...] Deveria a igreja ter menos luz ao meio-dia do que à aurora? [...] Os cristãos devem ler o Novo Testamento em sua língua materna."[3.] Apenas pela Bíblia poderiam os homens chegar à verdade.

Um erudito católico, em controvérsia com ele, exclamou: "Seríamos melhores estando sem as leis de Deus do que sem as do papa." Tyndale respondeu: "Desafio o papa e todas as suas leis; e, se Deus

poupar minha vida, dentro em pouco farei com que um rapaz que conduz o arado saiba mais das Escrituras do que vós."[4.] [111]

Tyndale traduz o Novo Testamento em inglês — Expulso de casa pela perseguição, foi a Londres, e ali prosseguiu por algum tempo em seus labores, sem ser molestado. Mas de novo os romanistas o obrigaram a fugir. Toda a Inglaterra parecia fechar-se contra ele. Na Alemanha começou a imprimir o Novo Testamento. Quando proibido de imprimir numa cidade, ia para outra. Finalmente tomou o caminho de Worms onde, poucos anos antes, Lutero havia defendido o evangelho perante a Dieta. Naquela cidade havia muitos amigos do reformador. Três mil exemplares do Novo Testamento foram logo concluídos, e seguiu-se outra edição.

A Palavra de Deus foi secretamente levada para Londres e circulou por todo o país. Os romanistas tentaram suprimir a verdade, mas em vão. O bispo de Durham comprou de um livreiro todo o seu estoque de Bíblias com o propósito de destruí-las, supondo que desta forma embaraçaria a obra. Mas o dinheiro assim obtido foi usado para a compra de material para uma nova e melhor edição. Quando mais tarde Tyndale foi preso, foi-lhe oferecida a liberdade sob a condição de revelar os nomes dos que o haviam auxiliado a enfrentar as despesas com a impressão de Bíblias. Ele respondeu que o bispo de Durham fizera mais do que qualquer outra pessoa ao pagar elevado preço pelos livros deixados em seu poder.

Tyndale finalmente testemunhou de sua fé mediante a morte de mártir; mas as armas que preparou habilitaram outros soldados a batalhar por todos os séculos, chegando mesmo ao nosso tempo.

Latimer sustentava do púlpito que a Bíblia deveria ser lida na língua do povo. "Não tomemos quaisquer atalhos, mas dirija-nos a Palavra de Deus; não andemos segundo nossos antepassados, nem busquemos saber o que fizeram, mas sim o que deveriam ter feito."[5.]

Barnes e Frith, Ridley e Cranmer, líderes da Reforma na Inglaterra, eram homens de saber, grandemente estimados pelo zelo e piedade na comunhão romana. Sua oposição ao papado resultou de seu conhecimento dos erros da "Santa Sé".

Infalível autoridade das Escrituras — O grande princípio mantido por aqueles reformadores — o mesmo que fora sustentado pelos valdenses, por Wycliffe, Huss, Lutero, Zuínglio e pelos que a eles se uniram — foi a autoridade infalível das Escrituras.

Por seus ensinos provavam todas as doutrinas e todas as reivindicações. A fé na Palavra de Deus sustentava aqueles homens santos ao renderem a vida na fogueira. “Consola-te”, exclamou Latimer a seu companheiro de martírio, quando as chamas estavam a ponto de fazer silenciar-lhes a voz; “acenderemos neste dia na Inglaterra uma luz que, pela graça de Deus, espero que jamais se apague.”[6.]

Durante séculos, depois que as igrejas da Inglaterra se submeteram a Roma, as da Escócia mantiveram sua liberdade. No décimo segundo século, contudo, o papado estabeleceu-se ali, e em nenhum [112] país foram mais densas as trevas. Todavia, ali chegaram raios de luz penetrando a escuridão. Os lolardos, vindos da Inglaterra com a Bíblia e os ensinos de Wycliffe, fizeram muito para preservar o conhecimento do evangelho. Com a inauguração da Reforma, vieram os escritos de Lutero e o Novo Testamento redigido por Tyndale. Esses mensageiros atravessaram silenciosamente as montanhas e vales, reacendendo o facho da verdade prestes a extinguir-se, e desfazendo a obra que quatro séculos de opressão haviam realizado.

Os chefes romanistas, apercebendo-se subitamente do perigo que ameaçava a sua causa, levaram à fogueira alguns dos mais nobres dentre os filhos da Escócia. Aquelas moribundas testemunhas, por todo o país, fizeram o coração do povo vibrar no propósito firme de se libertar das algemas de Roma.

João Knox — Hamilton e Wishart, ao lado de grande número de discípulos mais humildes, renderam a vida na fogueira. Mas de junto da pira ardente de Wishart veio alguém a quem as chamas não reduziriam ao silêncio, alguém que, abaixo de Deus, vibraria o golpe de morte ao domínio papal, na Escócia.

João Knox desviara-se das tradições da igreja para alimentar-se das verdades da Palavra de Deus. Os ensinos de Wishart haviam confirmado sua determinação de abandonar Roma e unir-se aos reformadores perseguidos.

Havendo seus companheiros insistido em que ele pregasse, tremeu diante da responsabilidade. Foi somente depois de dias de intenso conflito que consentiu. Mas, uma vez aceito o cargo, foi avante com inflexível coragem. Este genuíno reformador não temia a face do homem. Quando posto face a face com a rainha da Escócia, João Knox não foi ganho por meio de afagos; não se subjugou diante de ameaças. Ele havia ensinado o povo a receber uma reli-

gião proibida pelo Estado, declarou ela, e desta forma transgredira o mandamento de Deus, que ordena aos súditos obedecer a seus príncipes. Knox respondeu com firmeza: “Se toda a semente de Abraão houvesse sido da religião de Faraó, de quem foram súditos durante muito tempo, pergunto-vos, senhora, que religião teria havido no mundo? Ou se todos os homens nos dias dos apóstolos houvessem sido da religião dos imperadores romanos, que religião teria havido sobre a face da Terra?”

Disse Maria: “Interpretais as Escrituras de uma maneira, e eles [os ensinadores católicos] interpretam-nas de outra; a quem deverei crer, e quem será juiz?”

“Crereis em Deus, que fala claramente em Sua Palavra”, respondeu o reformador. [...] “A Palavra de Deus é clara por si mesma; e se aparecer qualquer ambigüidade em algum lugar, o Espírito Santo, que nunca é contrário a Si mesmo, em outros lugares explica a mesma coisa de maneira mais clara.”[7.] [113]

Com intrépida coragem o destemido reformador, sob risco da própria vida, manteve seu propósito, até que a Escócia ficou livre do papado.

Na Inglaterra, o estabelecimento do protestantismo como religião nacional diminuiu a perseguição, mas não a deteve completamente. Conservaram-se não poucas das formas de Roma. Foi rejeitada a supremacia do papa, mas em seu lugar o monarca foi entronizado como cabeça da igreja. Ainda havia amplo desvio da pureza do evangelho. A liberdade religiosa ainda não fora compreendida. Ainda que só raramente os governadores protestantes recorressem às horríveis crueldades que Roma empregava, o direito de cada homem adorar a Deus segundo os ditames de sua própria consciência não era ainda reconhecido. Os dissidentes foram perseguidos durante centenas de anos.

Destituição de milhares de pastores — No século 17, milhares de pastores foram destituídos e o povo foi proibido de assistir a qualquer reunião religiosa exceto às que eram sancionadas pela Igreja. Na profundidade agasalhadora da floresta, aqueles perseguidos filhos do Senhor se congregavam para apresentar sua oração e seu louvor. Muitos sofreram pela fé. As cadeias ficaram repletas, famílias foram divididas. Mas a perseguição não conseguia fazer si-

lenciar seu testemunho. Muitos partiram para a América, através do Oceano, e ali lançaram os fundamentos da liberdade civil e religiosa.

Num calabouço repleto de criminosos, João Bunyan respirava a atmosfera do Céu e escreveu sua maravilhosa alegoria do peregrino, viajando da terra da destruição para a cidade celestial. O Peregrino e Graça Abundante ao Principal dos Pecadores têm guiado muitos à senda da vida.

Em tempo de grandes trevas espirituais, Whitefield e os irmãos Wesley apareceram como portadores da luz de Deus. Sob o domínio da igreja estabelecida, o povo havia caído num estado que dificilmente se distinguia do paganismo. As classes mais elevadas zombavam da piedade; as classes mais baixas eram abandonadas ao vício. A igreja não possuía coragem ou fé para apoiar a esmorecida causa da verdade.

Justificação pela fé — A grande doutrina da justificação pela fé, tão claramente ensinada por Lutero, fora quase inteiramente perdida de vista. O princípio romanista da confiança nas boas obras para a salvação tomou seu lugar. Whitefield e os Wesley buscavam sinceramente o favor de Deus. Isto, segundo lhes fora ensinado, deveria ser conseguido mediante vida virtuosa e pela observância das ordenanças da religião.

Quando Carlos Wesley certa vez caiu enfermo e previu a aproximação da morte, foi interrogado sobre aquilo em que depositava a esperança de vida eterna. Sua resposta: "Tenho empregado meus melhores esforços para servir a Deus." O amigo pareceu não ficar [114] completamente satisfeito com a resposta. Wesley pensou: "Pois quê? [...] Despojar-me-ia ele de meus esforços? Nada mais tenho em que confiar."[8.] Tais eram as densas trevas que haviam baixado sobre a igreja, desviando os homens de sua única esperança de salvação — o sangue do Redentor crucificado.

Wesley e seus companheiros foram levados a ver que a lei de Deus se estende tanto aos pensamentos quanto às palavras e ações. Com oração e diligentes esforços aplicavam-se a subjugar os males do coração natural. Viviam vida de renúncia e humilhação, observando com exatidão todas as medidas que julgavam poder ser um auxílio para obter aquela santidade que lhes asseguraria o favor de Deus. Mas foram vãos os seus esforços em libertar a si mesmos da condenação do pecado ou em quebrar seu poder.

Os fogos da verdade divina, quase extintos sobre os altares do protestantismo, deveriam reacender-se do antigo facho legado pelos cristãos boêmios. Alguns destes, encontrando refúgio na Saxônia, mantiveram a antiga fé. Destes cristãos foi que a luz chegou a Wesley.

João e Carlos foram enviados em missão à América. A bordo do navio havia um grupo de morávios. Violentas tempestades acossaram-nos na travessia, e João, posto face a face com a morte, sentiu que não tinha a certeza de paz com Deus. Os alemães manifestavam uma calma e confiança que lhe eram estranhas. "Muito tempo antes", disse ele, "eu já havia observado a grande seriedade de sua conduta. [...] Houve então uma oportunidade para provar se eram movidos pelo espírito do temor, ou de orgulho, ira e vingança. Em meio ao salmo com que iniciaram seu culto, o mar enfureceu-se, reduzindo a pedaços a vela principal, cobrindo o navio e derramando-se pelos conveses como se o grande abismo já nos houvesse tragado. Terrível alarido surgiu entre os ingleses. Os alemães continuaram calmamente a cantar. Perguntei a um deles depois: 'Vocês não ficaram com medo?' Ele respondeu: 'Não, graças a Deus.' Perguntei: 'Mas, e as mulheres e crianças não ficaram com medo?' Ele respondeu brandamente: 'Não, nossas mulheres e crianças não têm medo de morrer.'"[9.]

O coração de Wesley é "estranhamente aquecido" — Ao voltar para a Inglaterra, Wesley chegou a um entendimento mais claro da fé bíblica, sob a instrução de um morávio. Numa reunião da Sociedade Morávia de Londres, foi lida uma declaração de Lutero. Enquanto Wesley ouvia, acendeu-se a fé em seu coração. "Senti o coração aquecido de maneira estranha", disse ele. "Senti que confiava em Cristo, e em Cristo somente, para a salvação; e foi-me concedida certeza de que Ele tirara os meus pecados, sim, os meus, e me salvara da lei do pecado e da morte."[10.] Ele encontrara agora a graça que labutara por alcançar pelas orações e jejuns, obras de caridade e abnegação; era ela um dom, "sem dinheiro e sem preço". Seu coração ardia com o desejo de espalhar por toda parte o conhecimento do glorioso evangelho da livre graça de Deus. "Considero o mundo todo minha paróquia", disse ele; "em qualquer parte em que me encontre, julgo próprio, justo e de meu dever indeclinável, declarar a todos os que desejam ouvir, as alegres novas da salvação."[11.] [115]

Continuou em sua vida austera e abnegada, agora não mais como a base, e sim como o resultado da fé; não como raiz, mas como o fruto da santidade. A graça de Deus em Cristo será manifestada em obediência. A vida de Wesley foi dedicada à pregação das grandes verdades que recebera — justificação pela fé no sangue expiatório de Cristo e no poder renovador do Espírito Santo operando no coração, produzindo frutos em uma vida de conformidade com o exemplo de Cristo.

Whitefield e os Wesley foram desdenhosamente chamados de “metodistas” por seus descrentes colegas de estudo — um nome atualmente considerado honroso. O Espírito Santo compelia-os a pregar a Cristo, e a Ele crucificado. Milhares se converteram verdadeiramente. Era necessário que essas ovelhas fossem protegidas dos lobos devoradores. Wesley não tinha intenção de formar uma nova denominação, mas organizou os conversos no que se chamou a União Metodista.

Misteriosa e probante foi a oposição que esses pregadores encontraram de parte da igreja estabelecida — entretanto a verdade teve entrada onde as portas teriam de outra forma permanecido fechadas. Alguns do clero despertaram de sua letargia moral e se tornaram zelosos pregadores em suas próprias paróquias.

Nos dias de Wesley, homens de diferentes dons não se harmonizaram em todos os pontos de doutrina. As diferenças entre Whitefield e os Wesley ameaçaram certa vez estabelecer separação, mas como aprenderam a humildade na escola de Cristo, o perdão e a caridade mútuos os reconciliaram. Não tinham tempo para discutir enquanto o erro e a iniqüidade proliferavam por toda parte.

Wesley escapa da morte — Homens de influência empregaram suas capacidades contra eles. Muitos dentre o clero manifestaram decidida hostilidade, e as portas das igrejas fecharam-se contra a fé pura. O clero, denunciando-os do púlpito, suscitou os elementos das trevas e iniqüidade. Reiteradas vezes João Wesley escapou da morte por um milagre da misericórdia de Deus. Quando parecia não haver meio de escape, um anjo em forma humana vinha a seu lado, a plebe recuava, e o servo de Cristo saía em segurança do lugar de perigo.

De seu livramento em uma dessas ocasiões, disse Wesley: “Embora muitos se esforçassem por lançar mão de meu colarinho e vestes, para arrojar-me por terra, não puderam de maneira nenhuma

firmar-se; apenas um segurou firme a aba de meu colete, que logo lhe ficou na mão; a outra aba, em cujo bolso havia uma nota de banco, foi rasgada apenas pela metade. [...] Um homem robusto, bem atrás, me bateu várias vezes com uma grossa vara de carvalho, com a qual, caso tivesse me acertado uma única vez, na parte posterior da cabeça, teria se poupado de maiores esforços. Mas todas as vezes as pancadas se desviaram para o lado, não sei como; pois não podia mover-me nem para a direita, nem para a esquerda."[12.] [116]

Os metodistas daqueles dias suportaram ridículo e perseguição, e muitas vezes até mesmo violência. Em alguns casos, avisos públicos eram afixados, convocando os que desejavam ajudar a quebrar as janelas e saquear as casas metodistas, a se reunirem em determinado tempo e lugar. Promovia-se perseguição sistemática contra um povo cuja única falta era a de procurar conduzir os pecadores para a senda da santidade.

O declínio espiritual ocorrido na Inglaterra precisamente antes do tempo de Wesley foi em grande parte o resultado do ensino segundo o qual Cristo abolira a lei moral e os cristãos não mais se acham sob a obrigação de guardá-la. Outros declaravam não ser necessário que os ministros exortassem à obediência de seus preceitos, uma vez que aqueles a quem Deus elegera para a salvação "seriam, pelo impulso irresistível da graça divina, levados à prática da piedade e virtude", ao passo que os que estavam destinados à condenação eterna "não tinham força para obedecer à lei divina".

Outros, sustentando que "os eleitos não podem cair da graça, nem privar-se do favor divino", chegavam à conclusão ainda mais horrível de que "as ações ímpias que cometem não são realmente pecaminosas [...] e que em conseqüência não têm motivo quer para confessar os pecados, quer para romper com os mesmos pelo arrependimento".[13.] Declaravam, portanto, que mesmo um dos mais vis pecados, "universalmente considerado como violação enorme da lei divina, não é pecado à vista de Deus", se cometido por um dos eleitos de Deus. "Estes não podem fazer coisa alguma que seja desagradável a Deus ou proibida pela lei."

Essas monstruosas doutrinas são essencialmente as mesmas que o ensino posterior de que não há lei divina imutável como norma do que é reto, mas que a moralidade é indicada pela própria sociedade e está constantemente sujeita a mudança. Todas essas idéias são

inspiradas por aquele que mesmo entre os habitantes celestiais, sem pecado, iniciou sua obra de procurar derrubar as justas restrições da lei de Deus.

A doutrina dos decretos divinos, que fixam inalteravelmente o caráter dos homens, havia conduzido muitos à rejeição da lei de Deus. Wesley se opôs perseverantemente a esta doutrina, que conduz ao antinomismo [doutrina que afirmava ser a fé e não os atos, a única condição da salvação]. "A graça de Deus trouxe salvação a todos os homens." "Deus nosso Salvador [...] quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem, o qual Se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos." [117] Cristo, "a luz verdadeira [...] ilumina a todo homem". Tito 2:11; 1 Timóteo 2:3-6; João 1:9. Os homens decaem da salvação pela recusa voluntária da luz da vida.

Em defesa da lei de Deus — Em resposta à alegação de que pela morte de Cristo o Decálogo foi abolido, juntamente com a lei cerimonial, Wesley disse: "A lei moral, contida nos Dez Mandamentos e encarecida pelos profetas, Cristo não aboliu. Ela é uma lei que jamais poderá ser destruída, que permanece firme como fiel testemunha do Céu."

Wesley advogou a perfeita harmonia entre lei e evangelho. "Por um lado a lei nos abre continuamente caminho para o evangelho; por outro, o evangelho continuamente nos conduz ao cumprimento mais exato da lei. A lei, por exemplo, exige de nós amar a Deus e ao próximo, sermos mansos, humildes e santos. Sentimos não ser capazes destas coisas; [...] mas vemos a promessa de que Deus nos concederá esse amor, e nos fará humildes, mansos e santos; lançamos mão deste evangelho, destas alegres novas; [...] e 'a justiça da lei se cumpre em nós', pela fé em Cristo Jesus. [...]"

"Entre os mais acérrimos inimigos do evangelho de Cristo", disse Wesley, "estão os que [...] ensinam os homens a destruir [...] não apenas um dos menores ou dos maiores mandamentos, mas todos eles, de uma vez. [...] Estes honram a Cristo exatamente como o fez Judas, quando disse: 'Eu Te saúdo, Mestre, e O beijou.' [...] Não é outra coisa senão traí-Lo com um beijo, falar de Seu sangue e arrancar-Lhe a coroa; considerar levianamente qualquer parte de Sua lei, sob o pretexto de fazer avançar o evangelho."[14]

Harmonia entre Lei e Evangelho — Aos que insistiam em que "a pregação do evangelho responde a todos os fins da lei", Wesley replicava: "Isto não corresponde ao objetivo primário da própria lei, a saber: convencer os homens do pecado, despertar aos que ainda dormem às bordas do inferno. [...] É absurdo, portanto, oferecer médico aos que estão sãos, ou que ao menos se imaginam assim. Deveis primeiramente convencê-los de que estão doentes; de outra maneira não vos agradecerão o trabalho. É igualmente absurdo oferecer Cristo àqueles cujo coração está são, não tendo ainda sido quebrantado."[15.]

Enquanto pregava o evangelho da graça de Deus, Wesley, a exemplo de seu Mestre, procurava "engrandecer a lei, e torná-la gloriosa". Isaías 42:21. Excelentes foram os resultados que lhe foi permitido contemplar. No final de mais de meio século aplicado ao ministério, seus adeptos alcançavam mais de meio milhão de pessoas. Mas a multidão que foi erguida da ruína e degradação do pecado para uma vida mais elevada e pura, mediante seus labores, nunca será conhecida antes que a família toda dos resgatados seja reunida no reino de Deus. A vida de Wesley apresenta a todo cristão uma lição de inapreciável valor. [118]

Queira Deus que a fé, o incansável zelo, o espírito abnegado e a devoção desse servo de Cristo se reflitam nas igrejas de hoje. [119]

[1.] J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century*, livro 18, cap. 4.

[2.] Ibid.

[3.] Ibid.

[4.] Anderson, *Annals of the English Bible* (edição revista; 1862), p. 19.

[5.] Hugh Latimer, "First Sermon Preached Before King Edward VI."

[6.] *Work of Hugh Latimer*, v. 1, p. xiii.

[7.] David Laing, *The Collected Works of John Knox*, v. 2, p. 281, 284.

[8.] John Whitehead, *Life of the Rev. Charles Wesley*, p. 102.

[9.] Ibid., p. 10.

[10.] Ibid., p. 52.

[11.] Ibid., p. 74.

[12.] John Wesley, *Works*, v. 3, p. 297, 298.

[13.] McClintock & Strong, *Cyclopedia*, art. "Antinomians".

[14.] Wesley, Sermão 25.

[15.] Ibid., Sermão 35.

Capítulo 15 — O reinado do terror na França

Algumas nações receberam a Reforma com alegria, como um mensageiro do Céu. Em outras terras a luz do conhecimento da Bíblia foi quase completamente excluída. Em um país, durante séculos a verdade e o erro lutaram pelo predomínio. Finalmente a verdade divina foi rejeitada. A restrição do Espírito de Deus foi removida de um povo que havia desprezado o dom de sua graça. E todo o mundo viu os frutos da rejeição voluntária da luz. A guerra contra a Bíblia, na França, culminou com a Revolução, o legítimo resultado da supressão da Escritura por parte de Roma. Representou o mais flagrante exemplo jamais testemunhado dos resultados dos ensinos da Igreja de Roma.

O Revelador apontou os terríveis resultados que deveriam sobrevir de modo especial à França pelo domínio do "homem do pecado":

"Por quarenta e dois meses calcarão a pés a cidade santa. Darei às Minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. [...] Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas e as vencerá e matará, e os seus cadáveres ficarão estirados na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. [...] Os que habitam sobre a Terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram aos que moram sobre a Terra. Mas, depois de três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou e eles se ergueram sobre seus pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo". Apocalipse 11:2-11.

Os "quarenta e dois meses" e "mil duzentos e sessenta dias" são o mesmo período, o tempo em que a igreja de Cristo deveria sofrer opressão de Roma. Os 1.260 anos começaram em 538 d.C. e terminaram em 1798. Nessa ocasião um exército francês entrou em Roma e tomou prisioneiro o papa, que morreu no exílio. A hierarquia papal nunca pôde, desde então, exercer o poder que antes possuíra.

A perseguição da igreja não continuou durante todo o período de 1.260 anos. Deus, em misericórdia para com Seu povo, abreviou o tempo de sua dolorosa prova, através da influência da Reforma. [120]

As "duas testemunhas" representam as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento — importantes testemunhas quanto à origem e perpetuidade da lei de Deus, e também do plano da salvação.

"Profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco." Quando a Bíblia foi proscrita, quando seu testemunho foi pervertido, quando os que ousavam proclamar suas verdades eram traídos, torturados e martirizados por sua fé ou obrigados a fugir — então as fiéis "testemunhas" profetizam "vestidas de saco". Nos mais obscuros tempos houve fiéis a quem foi dada sabedoria e autoridade para declarar a verdade de Deus.

"Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo das suas bocas e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente deve morrer". Apocalipse 11:5. Os homens não podem impunemente tripudiar sobre a Palavra de Deus!

"Quando acabarem [estiverem acabando] seu testemunho." Aproximando-se elas do termo de sua obra em obscuridade, deveria fazer guerra contra elas o poder representado pela "besta que sobe do abismo". Aqui se faz referência a uma nova manifestação do poder satânico.

A política de Roma, sob profissão de reverência para com a Bíblia, foi conservá-la encerrada numa língua desconhecida, ocultando-a do povo. Sob seu domínio as testemunhas profetizaram "vestidas de saco". Mas "a besta do abismo" deveria surgir para fazer guerra aberta e declarada contra a Palavra de Deus.

A "grande cidade" em cujas ruas as testemunhas foram mortas, e onde seus corpos mortos jazeram, é "espiritualmente" o Egito. De todas as nações da história bíblica, o Egito, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos. Nenhum monarca já se aventurou em rebelião mais arrogante contra o Céu do que o fez Faraó, o rei do Egito: "Não conheço ao Senhor; nem tão pouco deixarei ir a Israel". Êxodo 5:2. Isto é ateísmo; e a nação representada pelo Egito daria expressão a uma negação semelhante de Deus, e manifestaria idêntico espírito de desafio."

A "grande cidade" é também comparada, "espiritualmente", com Sodoma. A corrupção de Sodoma manifestou-se especialmente na

licenciosidade. Este pecado também deveria ser característico da nação que cumpriria este texto.

Segundo o profeta, portanto, um pouco antes de 1798 algum poder de caráter satânico se levantaria para guerrear contra a Bíblia. E na terra em que o testemunho das "duas testemunhas" de Deus deveria ser assim silenciado, manifestar-se-ia o ateísmo de Faraó e a licenciosidade de Sodoma.

Marcante cumprimento da profecia — Essa profecia teve preciso cumprimento na história da França durante a Revolução, em 1793. "A França fica à parte, na história universal, como o único [121] Estado que, por decreto da Assembléia Legislativa, declarou não haver Deus, e em cuja capital a população inteira, e vasta maioria em toda parte, mulheres assim como homens, dançaram e cantaram com alegria ao ouvirem a declaração."[1.]

A França também apresentou a característica que mais notabilizou Sodoma. O historiador apresenta juntos o ateísmo e a licenciosidade da França: "Ligada intimamente a estas leis que afetam a religião, estava a que reduzia a união pelo casamento — o mais sagrado ajuste que seres humanos podem formar, cuja indissolubilidade contribui da maneira mais eficaz para a consolidação da sociedade — à condição de mero contrato civil de caráter transitório, em que quaisquer duas pessoas poderiam empenhar-se e que, à vontade, poderiam desfazer. [...] Sofia Arnoult, atriz famosa pelos ditos espirituosos que proferia, descreveu o casamento republicano como sendo 'o sacramento do adultério'."[2.]

Inimizade contra Cristo — "Onde também o seu Senhor foi crucificado." Isso também foi cumprido pela França. Em nenhum país a verdade encontrou mais cruel oposição. Na perseguição que a França infligiu aos que professavam o evangelho, crucificou a Cristo na pessoa de Seus discípulos.

Século após século o sangue dos santos foi derramado. Enquanto os valdenses depunham a vida nas montanhas do Piemonte "pelo testemunho de Jesus Cristo", idêntico testemunho era dado pelos albigenses da França. Os discípulos da Reforma foram mortos com horríveis torturas. Rei e nobres, senhoras de alto nascimento e delicadas moças, haviam recreado os olhos com as agonias dos mártires de Jesus. Os bravos huguenotes tinham derramado seu sangue em

muitos campos de rudes combates, acossados como animais selvagens.

Os poucos descendentes dos antigos cristãos que ainda penavam na França no século dezoito, ocultando-se nas montanhas do sul, acariciavam a fé de seus pais. Eram arrastados para a escravidão das galeras, por toda a vida. Os mais refinados e inteligentes dos franceses eram acorrentados, em horrível tortura, entre ladrões e assassinos. Outros eram fuzilados a sangue frio ao caírem de joelhos, em oração. Seu território, devastado pela espada, pelo machado, pela fogueira, "converteu-se em vasto e triste deserto". "Estas atrocidades não eram ordenadas [...] em qualquer época obscura, mas na brilhante era de Luís XIV. Cultivavam-se as ciências, as letras floresciam, os teólogos da corte e da capital eram homens doutos e eloqüentes, aparentando perfeitamente as graças da humildade e caridade."[3.]

O mais horrível dos crimes — Contudo, a mais horrível entre as ações diabólicas de todos os hediondos séculos foi o Massacre de S. Bartolomeu. O rei da França, instigado por sacerdotes e prelados, sancionou tal obra. Um sino, sob dobres fúnebres à noite, foi o sinal para o morticínio. Milhares de protestantes que dormiam tranqüilamente em suas casas, confiando na honra empenhada pelo rei, eram arrastados para fora e assassinados. [122]

Durante sete dias perdurou o massacre em Paris. Por ordem do rei estendeu-se a todas as cidades onde se encontravam protestantes. Nobres e camponeses, velhos e jovens, mães e filhos eram juntamente abatidos. Pereceram setenta mil da legítima flor da nação.

"Quando as notícias do massacre chegaram a Roma, a exultação entre o clero não teve limites. O cardeal de Lorena recompensou o mensageiro com mil coroas; o canhão de Santo Ângelo reboou em alegre salva; os sinos tangeram em todos os campanários; fogueiras festivas tornaram a noite em dia; e Gregório XIII, acompanhado dos cardeais e outros dignitários eclesiásticos, foi, em longa procissão, à igreja de S. Luís, onde o cardeal de Lorena cantou o Te Deum. [...] Uma medalha foi cunhada para comemorar o massacre. [...] Um sacerdote francês [...] falou 'daquele dia tão cheio de felicidade e regozijo, em que o santíssimo padre recebeu a notícia, e foi em aparato solene dar graças a Deus e a S. Luís'."[4.]

O mesmo espírito sobrenatural que instigou o Massacre de S. Bartolomeu, dirigiu também as cenas da Revolução. Foi declarado ser Jesus Cristo um impostor, e o grito dos incrédulos franceses era: "Esmagai o Miserável!", referindo-se a Cristo. Blasfêmia e impiedade iam de mãos dadas. Em tudo isso, prestava-se homenagem a Satanás, enquanto Cristo, em Suas características de verdade, pureza e amor abnegado, era "crucificado".

"A besta que surge do abismo pelejará contra elas e as vencerá e matará". Apocalipse 11:7. O poder ateísta que governou a França durante a Revolução e no Reinado do Terror desencadeou esta guerra contra Deus e Sua Palavra. O culto à Divindade foi abolido pela Assembléia Nacional. Bíblias eram recolhidas e publicamente incineradas. As instituições da Bíblia foram abolidas. O dia de repouso semanal foi posto de lado, e em seu lugar cada décimo dia era dedicado à orgia e blasfêmia. O batismo e a comunhão foram proibidos. E anúncios afixados visivelmente nos cemitérios declaravam ser a morte um sono eterno.

Todo culto religioso foi proibido, exceto o da "liberdade" e do país. O "bispo constitucional de Paris foi empurrado para a frente [...] a fim de declarar à Convenção que a religião por ele ensinada durante tantos anos era, em todos os sentidos, uma peça de artimanha padresca, destituída de fundamento tanto na História como na verdade sagrada. Ele negou, em termos solenes e explícitos, a existência da Divindade a cujo culto fora consagrado".[5.]

"Os que habitam sobre a Terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram aos que moram sobre a Terra". Apocalipse 11:10. [123] A França incrédula silenciou a voz reprovadora das duas testemunhas de Deus. A Palavra da verdade jazeu "morta" em suas ruas, e os que odiavam a lei de Deus estavam jubilosos. Os homens desafiavam publicamente o Rei dos Céus.

Ousadia blasfema — Um dos "sacerdotes" da nova ordem disse: "Deus, se existis, vingai Vosso nome injuriado. Eu Vos desafio! Conservai-Vos em silêncio; não ousais fazer uso de Vossos trovões. Quem depois disso crerá em Vossa existência?"[6.] Que eco fiel é este da pergunta de Faraó: "Quem é o Senhor, para que eu obedeça a Sua voz?"

“Diz o insensato no seu coração: ‘Não há Deus.’ E o Senhor declara: ‘A sua insensatez será a todos manifesta’”. Salmos 14:1; 2 Timóteo 3:9. Depois que a França renunciou ao culto do Deus vivo, desceu à idolatria degradante através da adoração à Deusa da Razão, uma mulher dissoluta. E isto na assembléia representativa da nação! “Uma das cerimônias desse tempo de loucuras permanece sem rival pelo absurdo combinado com a impiedade. As portas da Convenção foram abertas de par em par. [...] Os membros da corporação municipal entraram em solene procissão, cantando um hino de louvor à liberdade e escoltando, como objeto de seu futuro culto, uma mulher coberta com um véu, a quem denominavam a Deusa da Razão. Sendo levada à tribuna, tiraram-lhe o véu com grande pompa, e foi colocada à direita do presidente, sendo por todos reconhecida como dançarina de ópera.”

A deusa da razão — “O instituir da Deusa da Razão foi repetido e imitado por todo o país, nos lugares em que os habitantes desejavam mostrar-se à altura dos grandes da Revolução.”[7.]

Quando a “deusa” foi trazida à Convenção, o orador tomou-a pela mão e, voltando-se para a assembléia, disse: “Mortais, cessai de tremer perante os trovões impotentes de um Deus que vossos temores criaram. Não reconheçais, doravante, outra divindade senão a Razão. Ofereço-vos sua mais nobre e pura imagem; se haveis de ter ídolos, sacrificai apenas aos que sejam como este. [...]”

“A deusa, depois de ser abraçada pelo presidente, foi elevada a um carro suntuoso e conduzida à catedral de Notre Dame, para tomar o lugar da Divindade. Ali foi ela erguida ao altar-mor e recebeu a adoração dos presentes.”[8.]

O papado iniciara a obra que o ateísmo estava completando, precipitando a França na ruína. Referindo-se aos horrores da Revolução, dizem os escritores que esses excessos devem ser atribuídos ao trono e à igreja. Com estrita justiça devem ser atribuídos à igreja. O papado envenenara a mente dos reis contra a Reforma. O gênio de Roma inspirou a crueldade e opressão que procediam do trono. [124]

Onde quer que o evangelho era recebido, a mente do povo despertava. Começavam a sacudir as algemas que os haviam conservado escravos da ignorância e superstição. Os monarcas, ao verem isto, tremeram pelo seu despotismo.

Roma não foi tardia em inflamar seus cuidadosos temores. Disse o papa ao regente da França em 1525: "Esta mania [o protestantismo] não somente confundirá e destruirá a religião, mas todos os principados, nobreza, leis, ordens e classes juntamente." Um núncio papal advertiu o rei: "Os protestantes subverterão toda a ordem civil e religiosa. [...] O trono está em tão grande perigo quanto o altar."[9.] Roma conseguiu predispor a França contra a Reforma.

O ensino da Escritura Sagrada teria implantado nos corações do povo os princípios da justiça, temperança e verdade, que são a própria pedra basilar da prosperidade da nação. "A justiça exalta as nações." Por ela é o "trono estabelecido". Provérbios 14:34; 16:12; Isaías 32:17. O que obedece à lei divina é o que melhor respeitará e obedecerá às leis do país. A França proibiu a Bíblia. Século após século, homens de integridade, de agudeza intelectual e força moral, que tinham fé para sofrer pela verdade, labutaram como escravos nas galeras, pereceram na fogueira, ou apodreceram nas celas das masmorras. Milhares encontraram segurança na fuga durante 250 anos após o início da Reforma.

"Quase não houve geração de franceses, durante esse longo período, que não testemunhasse os discípulos do evangelho fugindo diante da fúria insana do perseguidor, levando consigo a inteligência, as artes, a indústria, a ordem, nas quais, em regra, grandemente se distinguiam, para o enriquecimento das terras em que encontravam asilo. [...] Se tudo o que então foi repelido houvesse sido conservado na França, [...] que país grandioso, próspero e feliz — modelo das nações — não teria ele sido! Mas o fanatismo cego e inexorável baniu de seu solo todo ensinador de virtude, todo campeão da ordem, todo defensor honesto do trono. [...] Finalmente a ruína do Estado foi completa."[10.] A Revolução, com seus horrores, foi o resultado.

O que poderia ter sido a França — "Com a fuga dos huguenotes baixou sobre a França um declínio geral. Florescentes cidades manufatureiras caíram em decadência [...] Calcula-se que, ao irromper a Revolução, duzentos mil pobres reclamavam caridade das mãos do rei. Somente os jesuítas floresciam na nação decadente."[11.]

O evangelho teria proporcionado à França a solução dos problemas que frustravam o clero, seu rei e seus legisladores, e que finalmente mergulharam a nação na anarquia e ruína. Sob o domínio de Roma, porém, o povo tinha perdido as benditas lições do Salvador

acerca do altruísmo e amor abnegado em benefício de outros. Os ricos não recebiam qualquer repreensão por oprimirem os pobres; estes não recebiam qualquer auxílio diante da degradação. O egoísmo [125] dos abastados e poderosos tornou-se mais e mais opressivo. Durante séculos, os ricos lesavam os pobres, e estes odiavam aqueles.

Em muitas províncias as classes trabalhadoras achavam-se à mercê dos proprietários e eram obrigadas a sujeitar-se às exigências escorchantes. As classes média e baixa eram pesadamente oneradas pelas autoridades civis e pelo clero. "Os lavradores e camponeses podiam perecer de fome sem que isso comovesse os opressores. [...] A vida dos trabalhadores agrícolas era de labuta incessante e miséria sem alívio; suas queixas [...] eram tratadas com insolente desprezo. [...] Juízes aceitavam abertamente o suborno. [...] Dos impostos [...] nem sequer a metade encontrava acesso ao tesouro real ou episcopal; o resto era desbaratado em condescendências imorais. E os mesmos homens que assim empobreciam seus compatriotas estavam isentos de impostos e, pela lei e costumes, com direitos a todos os cargos do Estado. [...] Para a satisfação dessa classe, milhões estavam condenados a levar uma vida de degradação irremediável".

Durante mais de meio século antes do tempo da Revolução, o trono foi ocupado por Luís XIV, que se distinguiu como um monarca indolente, frívolo e sensual. Achando-se o Estado em embaraços financeiros e o povo exasperado, não precisava ser profeta para prever uma terrível erupção. Em vão se insistia sobre a necessidade de reforma. A sorte que aguardava a França achava-se retratada na própria resposta egoísta do rei: "Depois de mim, o dilúvio!"

Roma influenciara os reis e classes dirigentes a manter o povo na escravidão, com o propósito de firmar em seu cativeiro tanto a alma dos príncipes quanto a do povo. Mil vezes mais terrível que o sofrimento físico que resultava de sua política, era a degradação moral. Despojado da Bíblia e abandonado ao egoísmo, o povo estava envolto em ignorância e submerso no vício, inteiramente incapacitado para o governo de si próprio.

Resultados colhidos sob forma de sangue — Em vez de manter as massas em submissão cega aos seus dogmas, a obra de Roma teve como resultado torná-las incrédulas e revolucionárias. Desprezavam o romanismo como uma artimanha do clero. O único deus

que conheciam era o deus de Roma. Consideravam sua avidez e crueldade como fruto da Bíblia, da qual nada queriam saber.

Roma tinha representado falsamente o caráter de Deus, e agora os homens rejeitavam tanto a Bíblia quanto seu Autor. Na reação, Voltaire e seus associados puseram inteiramente de lado a Palavra de Deus e disseminaram a incredulidade. Roma calcara o povo sob seu tacão de ferro; agora as massas arrojaram de si toda restrição. Enraivecidas, rejeitaram a verdade e a falsidade, ambas ao mesmo [126] tempo.

No início da Revolução, por concessão do rei, foi outorgada ao povo uma representação mais numerosa do que a dos nobres e do clero reunidos. Assim a balança do poder estava em suas mãos; não se achavam preparados, contudo, para usá-la com sabedoria e moderação. Uma turba ultrajada resolveu vingar-se a si própria. Os oprimidos puseram em prática a lição aprendida sob a tirania, e tornaram-se os opressores dos que os haviam oprimido.

A França ceifou em sangue a colheita de sua submissão a Roma. Onde a França, sob o romanismo, acendera a primeira fogueira ao começar a Reforma, ali a Revolução erigiu sua primeira guilhotina. No local em que os primeiros mártires da fé protestante foram queimados no século dezesseis, as primeiras vítimas foram guilhotinadas no século dezoito. Quando as restrições da lei de Deus foram postas de lado, a nação descambou para a revolta e anarquia. A guerra contra a Bíblia se conserva na história universal como o Reinado do Terror. O que triunfava hoje era condenado amanhã.

Rei, clero e nobreza foram obrigados a submeter-se às atrocidades do povo enlouquecido. Os que haviam decretado a morte do rei, logo o seguiram no cadafalso. Foi ordenado um morticínio geral de todos os que eram suspeitos de hostilizar a Revolução. A França tornou-se um vasto campo de pessoas em conflito, dominadas pela fúria das paixões. “Em Paris, tumulto sucedia a tumulto, e os cidadãos estavam divididos numa mistura de facções, que não pareciam visar coisa alguma a não ser a exterminação mútua. [...] O país estava quase falido, o exército a clamar pelos pagamentos em atraso, os parisienses passando fome, as províncias assoladas pelos salteadores, e a civilização quase extinta em anarquia e licenciosidade.”

O povo havia aprendido muito bem as lições de crueldade e tortura que Roma tão diligentemente ensinou. Não eram mais os

discípulos de Jesus que estavam sendo levados à fogueira. Havia muito que esses tinham perecido ou sido expulsos para o exílio. “Os cadafalsos estavam manchados do sangue dos sacerdotes. As galés e prisões, que em outro tempo se povoaram de huguenotes, estavam agora repletas de seus perseguidores. Acorrentados ao banco ou labutando com os remos, o clero católico romano experimentou todas as desgraças que sua igreja tão livremente infligira aos benignos hereges”.

“Vieram então os dias [...] em que os espias se emboscavam por todos os lados; em que todas as manhãs a guilhotina funcionava em trabalho rápido e prolongado; em que as cadeias estavam tão cheias como o porão de um navio de escravos; em que, nas sarjetas, o sangue corria espumante para o Sena. [...] Longas fileiras de prisioneiros eram metralhadas. Faziam-se rombos no fundo dos barcos repletos. [...] O número de moços e moças de dezessete anos que foram assassinados por aquele governo execrável, deve [127] ser computado às centenas. Criancinhas arrancadas dos seios eram arrojadas, de lança em lança, ao longo das fileiras jacobinas”.

Tudo isso foi como Satanás queria. Sua política é acarretar a desgraça aos homens, desfigurar a obra de Deus, desvirtuar os propósitos divinos de amor, ocasionando assim pesar no Céu. Então, por suas artes ilusórias, induz os homens a responsabilizar a Deus por tudo, como se toda essa miséria fosse resultado do plano do Criador. Quando o povo descobriu ser o romanismo um engano, Satanás compeliu-o a considerar toda religião como fraude e a Bíblia como uma fábula.

O erro fatal — O erro fatal que trouxe semelhante desgraça à França foi ignorar esta única e grande verdade: a genuína liberdade reside dentro das prescrições da lei de Deus. “Ah! se tivesses dado ouvidos aos Meus mandamentos! então seria a tua paz como um rio, e a tua justiça como as ondas do mar”. Isaías 48:18. Os que não leram esta história no Livro de Deus são convidados a lê-la na história das nações.

Quando agiu mediante a Igreja de Roma a fim de desviar os homens da obediência, Satanás o fez sob disfarce. Pela operação do Espírito de Deus, seus propósitos não atingiram resultado completo. O povo não ligava o efeito à causa, nem descobriu a fonte de suas misérias. Na Revolução, porém, a lei de Deus foi abertamente posta

de lado pelo Conselho Nacional. E no Reinado do Terror que se seguiu, todos puderam ver a operação de causa e efeito.

A transgressão de uma lei justa e reta deve resultar em ruína. O moderador Espírito de Deus, que impõe limites ao poder cruel de Satanás, foi em grande medida removido, permitindo-se que realizasse a vontade daquele cujo deleite consiste na miséria humana. Os que haviam escolhido a rebelião foram deixados a colher seus frutos. A Terra se encheu de crimes. Das províncias devastadas e de cidades arruinadas ouviu-se um terrível grito de angústia. A França foi abalada como que por um terremoto. Religião, leis, ordem social, família, Estado, Igreja — tudo foi derrubado pela mão ímpia que se insurgiu contra a lei de Deus.

As fiéis testemunhas de Deus, mortas pelo poder blasfemo que subiu "do abismo", não deveriam ficar em silêncio por muito tempo. "Depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou e eles se ergueram sobre seus pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo". Apocalipse 11:11. Em 1793 os decretos que aboliam a Bíblia passaram na Assembléia francesa. Três anos e meio mais tarde foi adotado pelo mesmo corpo legislativo uma resolução que abolia esses decretos. Os homens reconheceram a necessidade de fé em Deus e em Sua Palavra como fundamento da virtude e moralidade.

Com relação às duas testemunhas [Antigo e Novo Testamentos], declara ainda o profeta: "E as duas testemunhas ouviram grande voz [128] vinda do Céu, dizendo-lhes: 'Subi para aqui.' E subiram ao Céu na nuvem, e os seus inimigos as contemplaram". Apocalipse 11:12. "As duas testemunhas de Deus" têm sido honradas como nunca antes. Em 1804 foi organizada a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, e seguiram-se organizações semelhantes por todo o continente europeu. Em 1816 fundou-se a Sociedade Bíblica Americana. Desde então a Bíblia foi traduzida em centenas de idiomas e dialetos.

Nos anos anteriores a 1792, pouca atenção se dera à obra das missões estrangeiras. Mas próximo ao final do século dezoito, ocorreu grande mudança. Os homens se tornaram descontentes com o racionalismo e se compenetraram da necessidade da revelação divina e da religião experimental. Desde esse tempo a obra das missões estrangeiras tem atingido crescimento sem precedentes.

Os aperfeiçoamentos da imprensa deram impulso à obra da circulação da Bíblia. A derrocada de antigas barreiras de preconceitos e exclusivismo nacional, assim como a perda de poder secular por parte do pontífice de Roma, têm aberto o caminho para a entrada da Palavra de Deus. A Bíblia está sendo levada atualmente a todas as partes do globo.

Disse o incrédulo Voltaire: "Estou cansado de ouvir dizer que doze homens estabeleceram a religião cristã. Eu provarei que basta um homem para suprimi-la." Milhões têm aderido à guerra contra a Bíblia. Mas ela está longe de ser destruída. Onde havia cem cópias da Palavra de Deus nos dias de Voltaire, agora existem cem mil. Nas palavras de um primitivo reformador: "A Bíblia é uma bigorna que tem gasto muitos martelos."

O que quer que seja edificado sobre a autoridade do homem, será destruído; mas o que se acha fundado sobre a rocha da Palavra de Deus subsistirá eternamente. [129]

---

[1]. *Blackwood Magazine*, Novembro de 1870.

[2]. Sir Walter Scott, *Life of Napoleon*, v. 1, cap. 17.

[3]. Wylie, livro 22, cap. 7.

[4]. Henry White, *The Massacre of St. Bartholomew*, cap. 14, parágrafo 34.

[5]. Scott, v. 1, cap. 17.

[6]. Lacretelle, *History*, v. 11, p. 309: in Sir Archibald Alison; *History of Europe*, v. 1 cap. 10.

[7]. Scott, v. 1, cap. 17.

[8]. M. A. Thiers, *History of the French Revolution*, v. 2, p. 370, 371.

[9]. D'Aubigné, *History of the Reformation in Europe in the Time of Calvin*, livro 2, cap. 36.

[10]. Wylie, livro 13, cap. 20.

[11]. Ibid.

Capítulo 16 — Buscando liberdade no novo mundo

Embora a autoridade e o credo de Roma fossem rejeitados, muitas de suas cerimônias foram incorporadas ao culto da Igreja da Inglaterra (Anglicana). Alegava-se que as coisas não proibidas pelas Escrituras não eram necessariamente más. Sua observância tendia a diminuir o abismo que separava de Roma as igrejas reformadas, e insistia-se que promoveriam a aceitação da fé protestante pelos romanistas.

Outra classe não pensava assim. Olhavam para esses costumes como distintivos da escravidão da qual haviam sido libertos. Raciocinavam que Deus, em Sua Palavra, estabeleceu regras para ordenar o Seu culto, e que os homens não estão na liberdade de acrescentar a essas regras ou delas tirar qualquer coisa. Roma começou por ordenar o que Deus não proibiu, e acabou por proibir o que Ele ordenou explicitamente.

Muitos consideravam os costumes da Igreja da Inglaterra como monumentos à idolatria, e não podiam unir-se a ela nesse culto. Mas a igreja, apoiada pela autoridade civil, não permitia opiniões contrárias às suas formas. Proibiam-se assembléias para culto religioso que não tivessem autorização, sob pena de encarceramento, exílio e morte.

Caçados, perseguidos e aprisionados, os Puritanos não conseguiam vislumbrar dias melhores. Alguns, determinados a procurar refúgio na Holanda, foram entregues às mãos de seus inimigos. Mas a inabalável perseverança venceu finalmente, e encontraram abrigo nas praias amigas.

Eles haviam deixado casas e meios de vida. Eram estrangeiros em terra estranha, forçados a recorrer a ocupações novas a fim de ganhar o pão. Entretanto, não perderam tempo em ociosidade ou murmurações. Agradeciam a Deus as bênçãos que ainda lhes eram concedidas e encontravam alegria na tranqüila comunhão espiritual.

Deus dirige os eventos — Quando a mão de Deus pareceu apontar-lhes através do mar uma terra em que poderiam fundar para

si um Estado e legar a seus filhos a preciosa herança da liberdade religiosa, seguiram avante, pela senda da Providência. A perseguição e o exílio estavam abrindo caminho para a liberdade. [130]

Quando constrangidos pela primeira vez a separar-se da Igreja Anglicana, os puritanos se uniram em concerto, como o povo livre do Senhor, "para andarem juntos em todos os Seus caminhos, por eles conhecidos ou a serem conhecidos".[1.] Ali estava o princípio vital do protestantismo. Foi com esse intuito que os peregrinos partiram da Holanda para buscar um lar no Novo Mundo. João Robinson, seu pastor, em sua palestra de despedida aos exilados, disse:

"Recomendo-lhes perante Deus e Seus santos anjos a que não me sigam além do que eu tenho seguido a Cristo. Se Deus revelar algo mediante qualquer outro instrumento Seu, sejam tão prontos para recebê-lo como sempre foram para acolher qualquer verdade por intermédio de meu ministério; pois estou seguro de que o Senhor tem mais verdade e luz, a irradiar de Sua Palavra."[2.]

"De minha parte, não posso deplorar suficientemente a condição das igrejas reformadas que [...] não irão agora mais longe do que os instrumentos de sua reforma. Os luteranos não poderão ser arrastados a ir além do que Lutero viu; [...] e os calvinistas, vocês vêm, estacam onde foram deixados por aquele grande homem de Deus, que ainda não viu todas as coisas [...] Embora fossem luzes a arder e brilhar em seu tempo, não penetraram todo o conselho de Deus; mas, se vivessem hoje, estariam tão dispostos a receber mais luz como o estiveram para aceitar aquela que a princípio acolheram."[3.]

"Lembrem-se de sua promessa e concerto com Deus, e de uns com os outros, de aceitar qualquer luz e verdade que viessem a conhecer pela Palavra escrita; mas, além disso, tenham cuidado, eu lhes rogo, com o que recebem por verdade, e comparem, pesem com outros textos da verdade antes de o aceitar; pois não é possível que o mundo cristão, depois de haver por tanto tempo permanecido em tão densas trevas anticristãs, obtivesse de pronto um conhecimento perfeito em todas as coisas."[4.]

O desejo de liberdade de consciência inspirou os Peregrinos a cruzar o mar, a suportar as agruras de lugares ermos e a lançar os alicerces de uma nova nação. Entretanto, os próprios peregrinos não compreendiam o princípio da liberdade religiosa. Não estavam dispostos a conceder aos outros a liberdade por cuja obtenção tanto

se haviam sacrificado. A doutrina de que Deus confiou à igreja o direito de reger a consciência e de definir e punir a heresia é um dos erros papais mais profundamente arraigados. Os reformadores não estavam inteiramente livres do espírito de intolerância de Roma. As densas trevas em que o papado havia envolvido a cristandade, não tinham ainda sido inteiramente dissipadas.

Os colonos formaram uma espécie de Estado eclesiástico, concedendo-se aos magistrados autorização para suprimir a heresia. Assim, o poder secular encontrava-se nas mãos da igreja. Estas [131] medidas levaram ao resultado inevitável — a perseguição.

Roger Williams — Tal como os primeiros peregrinos, Roger Williams veio ao Novo Mundo para desfrutar de liberdade religiosa. Mas, divergindo daqueles, ele viu — o que tão poucos haviam visto — que essa liberdade é direito inalienável de todos. Era ele um fervoroso inquiridor da verdade. Williams "foi a primeira pessoa da cristandade moderna a estabelecer o governo civil sobre a doutrina da liberdade de consciência".[5.] "O público ou os magistrados podem decidir", afirmou ele, "o que é devido de homem para homem; mas, quando tentam prescrever os deveres do homem para com Deus, estão fora de seu lugar, e não poderá haver segurança; pois é claro que, se o magistrado tem esse poder, pode decretar um conjunto de opiniões ou crenças hoje e outro amanhã, conforme tem sido feito na Inglaterra por diferentes reis e rainhas, e por diferentes papas e concílios da Igreja Romana."[6.]

A assistência aos cultos da Igreja oficial era exigida sob pena de multa ou prisão. "[Williams] considerava como flagrante violação de seus direitos naturais obrigar os homens a se unirem aos de credo diferente; arrastar ao culto público os irreligiosos e os que não queriam, apenas se assemelhava a exigir a hipocrisia [...] 'Ninguém deveria ser obrigado a prestar culto', acrescentava ele, 'ou a custear um culto, contra a sua vontade.'"[7.]

Roger Williams era respeitado, mas ainda assim sua petição de liberdade religiosa não poderia ser tolerada. Para evitar a prisão, foi obrigado a fugir para a floresta virgem, debaixo de frio e das tempestades do inverno.

"Durante catorze semanas", diz ele, "fui dolorosamente torturado pelas inclemências do tempo, sem saber o que era pão ou cama." Mas "os corvos me alimentaram no deserto", e uma árvore oca muitas

vezes lhe serviu de abrigo.[8.] Assim, continuou a penosa fuga através da neve e das florestas intransitáveis, até que encontrou refúgio numa tribo indígena, cuja confiança e afeição havia conseguido conquistar.

Ele lançou os fundamentos do primeiro Estado dos tempos modernos que reconheceu o direito de "que todo homem teria liberdade para adorar a Deus segundo os ditames de sua própria consciência".[9.] Seu pequeno Estado — Rhode Island — cresceu e prosperou até que seus princípios básicos — a liberdade civil e religiosa — se tornaram as pedras angulares da República Americana.

Documento da liberdade — A Declaração de Independência Americana assegura: "Consideramos como verdade evidente que todas as pessoas foram criadas iguais; que foram dotadas por seu Criador de certos direitos inalienáveis, encontrando-se entre estes a vida, a liberdade e a busca da felicidade." A Constituição assegura a inviolabilidade da consciência: "O Congresso não fará qualquer lei que estabeleça uma religião ou proíba seu livre exercício." [132]

"Os elaboradores da Constituição reconheceram o eterno princípio de que a relação do homem para com o seu Deus está acima de legislação humana, e de que seus direitos de consciência são inalienáveis. [...] É um princípio inato que nada pode desarraigar."[10.]

Espalhou-se pela Europa a notícia de uma terra em que cada homem podia desfrutar dos resultados de seu próprio trabalho e de obedecer à sua própria consciência. Milhares se concentraram nas praias do Novo Mundo. Vinte anos depois do primeiro desembarque em Plymouth (1620), outros tantos milhares de peregrinos haviam se estabelecido na Nova Inglaterra.

"Nada pediam ao solo senão o razoável produto de seu próprio labor. [...] Suportavam pacientemente as privações do sertão, regando a árvore da liberdade com suas lágrimas e com o suor de seu rosto, até deitar ela profundas raízes na terra."

A mais confiável salvaguarda da grandeza nacional — Os princípios bíblicos eram ensinados no lar, na escola e na igreja; seus frutos eram manifestos em economia, inteligência, pureza e temperança. Durante anos, podia-se "não ver um ébrio, nem ouvir um praguejamento, ou encontrar um mendigo".[11.] Os princípios da Bíblia constituem a mais segura salvaguarda da grandeza nacional. As fracas colônias desenvolveram-se em poderosos Estados, e o

mundo observava a prosperidade de "uma igreja sem papa e um Estado sem rei".

Mas um crescente número de pessoas foi atraído para a América por motivos diferentes dos que nortearam os Peregrinos. Veio a tornar-se cada vez maior o número dos que buscavam unicamente vantagens seculares.

Os primeiros colonos permitiam somente aos membros da igreja votar ou ocupar cargos no governo. Esta medida havia sido aceita a fim de preservar a pureza do Estado, mas resultou na corrupção da igreja. Muitos uniram-se à igreja sem mudança de coração. Mesmo no ministério havia os que eram ignorantes do poder renovador do Espírito Santo. Desde os dias de Constantino até o presente, a tentativa de edificar a igreja com o auxílio do Estado, embora possa aparentemente trazer o mundo para mais perto da igreja, na realidade aproxima a igreja do mundo.

As igrejas protestantes da América, assim como as da Europa, deixaram de avançar no caminho da Reforma. A maioria, tal como os judeus nos dias de Cristo ou os romanistas nos dias de Lutero, contentava-se em crer como seus pais haviam crido. Erros e superstições foram mantidos. A Reforma decaiu gradualmente, até que houve quase tão grande necessidade de reforma nas igrejas protestantes, quanto na igreja romana ao tempo de Lutero. Havia idêntica reverência pelas opiniões humanas e substituição dos ensinos da Palavra de Deus pelas teorias dos homens. Os homens negligenciavam pesquisar as Escrituras, e assim continuaram a acalentar doutrinas que não possuíam fundamento bíblico. [133]

Orgulho e extravagância eram promovidos sob o disfarce da religião, e as igrejas se tornaram corruptas. Tradições que deveriam operar a ruína de milhões estavam a deitar profundas raízes. A igreja mantinha essas tradições em vez de contender pela "fé que uma vez foi dada aos santos".

Assim se degradaram os princípios pelos quais os reformadores tanto haviam sofrido. [134]

[1] J. Brown, *The Pilgrim Fathers*, p. 74.

[2] Martyn, v. 5, p. 70.

[3] D. Neal, *History of Puritans*, v. 1, p. 269.

[4] Martyn, v. 5, p. 70, 71.

[5] Bancroft, parte 1, cap. 15, parágrafo 16.

[6]. Martyn, v. 5, p. 340.
[7]. Bancroft, parte 1, cap. 15, parágrafo 2.
[8]. Martyn, v. 5, p. 349, 350.
[9]. Ibid., v. 5, p. 354.
[10]. *Documentos do Congresso* (dos EUA), série n 200, Documento n 271.
[11]. Bancroft, parte 1, cap. 19, parágrafo 25.

Capítulo 17 — A esperança que infunde alegria

A promessa da segunda vinda de Cristo, a fim de completar a grande obra da redenção é a nota tônica das Sagradas Escrituras. Desde o Éden, os filhos da fé têm esperado a vinda do Prometido, para levá-los novamente ao Paraíso perdido.

Enoque, o sétimo na descendência dos que habitaram o Éden, e que durante três séculos andou com Deus, declarou: “Eis que veio o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos”. Judas 14, 15. Jó, em meio à noite de sua aflição, exclamou: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e por fim Se levantará sobre a Terra; [...] em minha carne verei a Deus. Vê-Lo-ei por mim mesmo, os meus olhos O verão, e não outros”. Jó 19:25-27. Os poetas e profetas da Bíblia trataram da vinda de Cristo com palavras incendiadas de fogo celestial. “Alegrem-se os Céus, e a Terra exulte [...] na presença do Senhor, porque vem, vem julgar a Terra; julgará o mundo com justiça, e os povos, consoante a Sua fidelidade”. Salmos 96:11-13.

Disse Isaías: “Naquele dia se dirá: ‘Eis que Este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará; Este é o Senhor, a quem aguardávamos: na Sua salvação exultaremos e nos alegraremos”. Isaías 25:9.

O Salvador confortou Seus discípulos com a certeza de que viria outra vez: “Na casa de Meu Pai há muitas moradas. [...] Vou preparar-vos lugar. E quando Eu for, [...] voltarei e vos receberei para Mim mesmo.” “Quando vier o Filho do homem na Sua majestade e todos os anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória; e todas as nações serão reunidas em Sua presença”. João 14:2, 3; Mateus 25:31, 32.

Anjos repetiram aos discípulos a promessa de Sua volta: “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao Céu, assim virá do modo como O vistes subir”. Atos dos Apóstolos 1:11. Paulo testificou: “Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus”. 1

Tessalonicenses 4:16. Disse o profeta de Patmos: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá”. Apocalipse 1:7.

Quebrar-se-á então o prolongado domínio do mal. “Os reinos do mundo” se tornarão “de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos”. Apocalipse 11:15. “O Senhor Deus fará brotar a justiça e o louvor perante todas as nações”. Isaías 61:11. [135]

Será então estabelecido o reino pacífico do Messias: “Porque o Senhor tem piedade de Sião; terá piedade de todos os lugares assolados dela, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do Senhor”. Isaías 51:3.

A vinda do Senhor tem sido em todos os séculos a esperança de Seus verdadeiros seguidores. Em meio de sofrimento e perseguição, “o aparecimento do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo” foi a “bem-aventurada esperança”. Tito 2:13. Paulo apontou à ressurreição que deverá ocorrer por ocasião do advento do Salvador, quando os mortos em Cristo ressuscitarão, e junto com os vivos serão arrebatados para encontrar o Senhor nos ares. Completou ele: “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras”. 1 Tessalonicenses 4:17, 18.

Em Patmos o discípulo amado ouve a promessa: “Certamente venho sem demora”, e sua resposta sintetiza a prece de toda a igreja: “Amém. Vem, Senhor Jesus”. Apocalipse 22:20.

Do calabouço, da fogueira, da forca, onde os santos e mártires testificaram da verdade, vem através dos séculos a voz de sua fé e esperança. Estando “certos da ressurreição pessoal de Cristo e, por conseguinte, de sua própria, por ocasião da vinda de Jesus”, disse um desses cristãos, “desprezavam a morte, e verificava-se estarem acima dela”.[1.] Os valdenses acariciavam a mesma fé. Wycliffe, Lutero, Calvino, Knox, Ridley e Baxter olharam com fé para a vinda do Senhor. Esta foi a esperança da igreja apostólica, da “igreja no deserto”, e dos reformadores.

A profecia não somente prediz a maneira e objetivo da vinda de Cristo, mas apresenta ainda sinais pelos quais os homens podem saber quão próximo está aquele dia. “Haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas”. Lucas 21:25. “O sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos Céus serão abalados. Então verão o Filho do homem vir nas nuvens, com grande poder e glória”. Marcos 13:24-26. O revelador descreve assim

o primeiro dos sinais que precedem o segundo advento: “Sobreveio grande terremoto. O Sol se tornou negro como saco de crina, a Lua toda como sangue”. Apocalipse 6:12.

O terremoto que abalou o mundo — Em cumprimento dessa profecia, em 1755 ocorreu o mais terrível terremoto que já se registrou. Conhecido como terremoto de Lisboa, estendeu-se pela Europa, África e América. Foi sentido na Groenlândia, nas Antilhas, na Ilha da Madeira, na Noruega e na Suécia, na Grã-Bretanha e na Irlanda, numa extensão de mais de dez milhões de quilômetros quadrados. Na África o choque foi quase tão violento quanto na Europa. Grande parte da Argélia foi destruída. Uma vasta onda varreu a costa da Espanha e da África, submergindo cidades.

Montanhas, “algumas das maiores de Portugal, foram impetuosamente sacudidas, como que até aos fundamentos; e algumas delas [136] se abriram nos cumes, os quais se partiram e rasgaram de modo assombroso, sendo delas arrojadas imensas massas para os vales adjacentes. Diz-se terem saído chamas dessas montanhas”.

Em Lisboa, “um som como de trovão foi ouvido sob o solo e imediatamente depois um violento choque derrubou a maior parte da cidade. No período de mais ou menos seis minutos, pereceram sessenta mil pessoas. O mar a princípio se recolheu, deixando seca a barra; voltou então, erguendo-se doze metros ou mais acima de seu nível comum”.[2.]

“O terremoto ocorreu num dia santo, em que as igrejas e conventos estavam repletos de pessoas, das quais muito poucas escaparam.”[3.] “O terror do povo foi indescritível. Ninguém chorava; estava além das lágrimas. Corriam para aqui e para acolá, em delírio, com horror e espanto, batendo no rosto e no peito, exclamando: ‘Misericórdia! é o fim do mundo!’ Mães esqueciam-se de seus filhos e corriam para qualquer parte, carregando crucifixos. Infelizmente, muitos corriam para as igrejas em busca de proteção; mas em vão foi exposto o sacramento; em vão as pobres criaturas abraçaram os altares; imagens, padres e povo foram sepultados na ruína comum.”

O escurecimento do Sol e da Lua — Vinte e cinco anos mais tarde apareceu o sinal seguinte mencionado na profecia — o escurecimento do Sol e da Lua. O tempo de seu cumprimento fora definidamente indicado na conversa do Salvador com os discípulos, no Olivete. “Naqueles dias, após a referida tribulação, o Sol escure-

cerá, a Lua não dará a sua claridade". Marcos 13:24. Os 1.260 dias, ou anos, terminaram em 1798. Um quarto de século antes, a perseguição cessara quase completamente. Em seguida à perseguição, o Sol deveria escurecer-se. Em 19 de Maio de 1780 cumpriu-se esta profecia.

Testemunha ocular, em Massachusetts, descreve o evento nos seguintes termos: "Pesada nuvem negra se espalhou por todo o céu, exceto uma estreita orla no horizonte, e ficou tão escuro como geralmente é às nove horas de uma noite de verão. [...]

"Temor, ansiedade e pavor encheram gradualmente o espírito do povo. Mulheres ficavam à porta, olhando para a escura paisagem; os homens voltavam de seus labores no campo; o carpinteiro deixava as suas ferramentas, o ferreiro a forja, o negociante o balcão. As aulas eram suspensas, e as crianças, tremendo, fugiam para casa. Os viajantes acolhiam-se à fazenda mais próxima. 'O que será?' inquiriam todos os lábios e corações. Dir-se-ia que um furacão estivesse prestes a precipitar-se sobre o país, ou fosse o dia da consumação de todas as coisas.

"Acenderam-se velas, e o fogo na lareira brilhava tanto como em noite de outono sem luar. [...] As aves retiraram-se para os poleiros e iam dormir; o gado ajuntava-se no estábulo e berrava; as rãs coaxavam; os pássaros entoavam seus gorjeios vespertinos; e os morcegos voavam em derredor. Mas os seres humanos sabiam que não era vinda a noite. [...] [137]

"Reuniram-se congregações em muitos lugares. Os textos para os sermões improvisados eram invariavelmente os que pareciam indicar as trevas como estando de acordo com a profecia bíblica. [...] As trevas foram mais densas logo depois das onze horas."[4.]

"Na maioria dos lugares do país as trevas foram tão grandes durante o dia, que as pessoas não podiam dizer a hora, quer pelo relógio de bolso, quer pelo de parede, nem jantar, nem efetuar suas obrigações domésticas, sem a luz de velas."[5.]

Lua como sangue — "Tampouco foram as trevas da noite menos incomuns e aterrorizadoras do que as do dia; não obstante haver quase lua cheia, nenhum objeto se distinguia a não ser com o auxílio de alguma luz artificial, que, quando vista das casas vizinhas ou de outros lugares a certa distância, aparecia através de uma espécie de trevas egípcias, que se afiguravam quase impermeáveis aos raios."[6.]

“Se todos os corpos luminosos do Universo tivessem sido envoltos em sombras impenetráveis, ou arrancados da existência, as trevas não teriam sido mais completas.”[7.] Depois da meia-noite as trevas se desvaneceram, e a Lua, ao tornar-se visível, tinha a aparência de sangue.

O dia 19 de Maio de 1780 figura na história como “o Dia Escuro”. Desde o tempo de Moisés, nenhum período de trevas de igual densidade, extensão e duração, fora registrado. A descrição oferecida por testemunhas oculares não é senão um eco das palavras registradas por Joel, cerca de 2.500 anos antes: “O Sol se converterá em trevas, e a Lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”. Joel 2:31.

“Ao começarem estas coisas a suceder”, disse Cristo, “exultai e erguei as vossas cabeças, porque a vossa redenção se aproxima”. Lucas 21:28. Jesus indicou também a Seus seguidores as árvores brotando na primavera: “Quando começam a brotar, vendo-o, sabeis por vós mesmos que o verão está próximo. Assim também, quando virdes acontecer estas coisas, sabei que está próximo o reino de Deus”. Lucas 21:30, 31.

Mas na igreja o amor a Cristo e a fé em Sua vinda haviam se esfriado. O professo povo de Deus estava cego às instruções do Salvador, concernentes aos sinais de Seu aparecimento. A doutrina do segundo advento tinha sido negligenciada, a ponto de estar em grande parte esquecida e mesmo ignorada, especialmente na América. Uma absorvente devoção em adquirir dinheiro, a ansiosa busca de popularidade e poderio, levavam os homens a afastar para o futuro longínquo o dia solene em que passaria a presente ordem de coisas.

O Salvador indicara o estado de apostasia que haveria de existir precisamente antes de Seu segundo advento. Para os que vivessem nesse tempo, a advertência de Cristo é: “Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que os vossos corações fiquem [138] sobrecarregados com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço.” “Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder, e estar em pé na presença do Filho do homem”. Lucas 21:34, 36.

Era necessário que os homens despertassem a fim de preparar-se para os acontecimentos solenes ligados ao final do tempo da graça. “Grande é o dia do Senhor, e mui terrível! Quem o poderá suportar?” Quem poderá subsistir quando aparecer Aquele que é “tão puro de olhos, que não” pode “ver o mal”, e não pode contemplar a opressão? “Castigarei o mundo por causa da sua maldade, e os perversos por causa da sua iniqüidade; farei cessar a arrogância dos atrevidos, e abaterei a soberba dos violentos.” “Nem a sua prata nem o seu ouro os poderão livrar no dia da indignação do Senhor”; “por isso serão saqueados os seus bens, e assoladas as suas casas”. Joel 2:11; Habacuque 1:13; Isaías 13:11; Sofonias 1:18, 13.

Chamado ao despertamento — Em vista desse grande dia a Palavra de Deus convida Seu povo a buscar a Sua face com arrependimento:

“Porque o dia do Senhor vem, já está próximo.” “Promulgai um santo jejum, proclamai uma assembléia solene. Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, reuni os filhinhos e os que mamam. [...] Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o pórtico e o altar.” “Convertei-vos a Mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, com choro e com pranto. Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque Ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-Se, e grande em benignidade”. Joel 2:1, 15-17, 12, 13.

A fim de preparar um povo para estar em pé no dia de Deus, deveria realizar-se uma grande obra de reforma. Em Sua misericórdia estava Ele prestes a enviar uma mensagem de advertência a fim de levá-los a preparar-se para a vinda de Jesus.

Essa advertência é trazida a lume em Apocalipse 14. Apresenta-se-nos ali uma tríplice mensagem como sendo proclamada por seres celestiais, e imediatamente seguida pela vinda do Filho do homem para buscar a “colheita da Terra”. O profeta viu um anjo “voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, tribo, língua e povo, dizendo com grande voz: ‘Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas’”. Apocalipse 14:6, 7.

Declara-se que essa mensagem é parte do “evangelho eterno”. A obra de pregação foi confiada aos homens. Santos anjos têm dirigido,

mas a proclamação do evangelho propriamente dita é efetuada pelos servos de Cristo na Terra. Homens fiéis, obedientes aos impulsos do Espírito de Deus e aos ensinamentos de Sua Palavra, devem procla- [139] mar esta advertência. Eles têm buscado o conhecimento de Deus, considerando-o "melhor do que a mercadoria de prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino". "A intimidade do Senhor é para os que O temem, aos quais Ele dará a conhecer a Sua aliança". Provérbios 3:14; Salmos 25:14.

Mensagem apresentada por pessoas humildes — Houvessem os eruditos teólogos sido guardas fiéis, pesquisando as Escrituras com diligência e oração, teriam conhecido o tempo. As profecias lhes teriam esclarecido os acontecimentos prestes a ocorrer. Mas a mensagem foi apresentada por homens mais humildes. Os que negligenciam buscar a luz que lhes está ao alcance são deixados em trevas. Contudo, o Salvador declara: "Quem Me segue não andará nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida". João 8:12. A esta pessoa será enviada alguma estrela de fulgor celestial para guiá-la em toda a verdade.

No tempo do primeiro advento de Cristo os sacerdotes e escribas da Santa Cidade poderiam ter discernido "os sinais dos tempos" e proclamado a vinda do Prometido. Miquéias designou o local de Seu nascimento; Daniel, o tempo em que deveria ocorrer. Miquéias 5:2; Daniel 9:25. Os dirigentes judeus estariam sem desculpas se não soubessem. Sua ignorância era o resultado da pecaminosa negligência.

Com profundo interesse, os anciãos de Israel deveriam ter estudado o lugar, o tempo e as circunstâncias do maior evento da história do mundo — a vinda do Filho de Deus. O povo deveria ter vigiado para poder dar as boas-vindas ao Redentor do mundo. Mas em Belém dois fatigados viajores, procedentes de Nazaré, percorreram em toda a extensão a estreita rua até a extremidade oriental da cidade, procurando em vão um lugar como abrigo para a noite. Porta alguma se achava aberta para recebê-los. Sob miserável telheiro preparado para animais, encontraram finalmente refúgio, e ali nasceu o Salvador do mundo.

Foram designados anjos para levar as boas novas aos que estavam preparados para recebê-las, e que alegremente as tornariam conhecidas. Cristo Se humilhou para tomar sobre Si a natureza do

homem, para suportar um peso infinito de misérias ao fazer de Sua vida oferta pelo pecado. Todavia, os anjos desejavam que mesmo em Sua humilhação o Filho do Altíssimo pudesse aparecer diante dos homens com uma dignidade e glória condizentes com Seu caráter. Os grandes homens da Terra se congregariam na capital de Israel para saudar a Sua vinda? Legiões de anjos o apresentariam à multidão esperançosa?

Um anjo visitou a Terra a fim de ver quais os que se achavam preparados para receber a Jesus. Contudo, não ouviu voz de louvor anunciando que o tempo da vinda do Messias estava às portas. O anjo paira por algum tempo sobre a cidade escolhida e sobre o templo, onde a presença divina havia sido manifestada durante séculos, mas mesmo ali há idêntica indiferença. Os sacerdotes, em [140] pompa e orgulho, estão oferecendo profanos sacrifícios. Os fariseus estão em altas vozes discursando ao povo, ou fazendo jactanciosas orações nas esquinas das ruas. Reis, filósofos, rabis — todos se acham inconscientes do maravilhoso fato de que o Redentor dos homens está prestes a aparecer.

Pasmo de espanto, o mensageiro celestial está prestes a retornar ao Céu com a desonrosa notícia, quando descobre alguns pastores que vigiam seus rebanhos. Mirando o céu bordado de estrelas, meditam na profecia do Messias por vir e almejam o advento do Redentor do mundo. Ali se encontra um grupo que está preparado para receber a mensagem celestial. Subitamente a glória celestial inunda a planície toda, ao aparecer uma incontável multidão de anjos; e, como se fora demasiado grande a alegria para um só mensageiro trazê-la do Céu, uma multidão de vozes irrompe em antífonas que um dia todas as nações dos salvos entoarão: "Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na Terra entre os homens, a quem Ele quer bem". Lucas 2:14.

Oh, que lição encerra a maravilhosa história de Belém! Quanto ela reprova nossa incredulidade, nosso orgulho e auto-suficiência! Quanto nos adverte para que não aconteça que deixemos também de discernir os sinais dos tempos e, portanto, não conheçamos o dia de nossa visitação!

Não foi somente entre os humildes pastores que os anjos encontraram os que se achavam vigilantes pela vinda do Messias. Na terra dos gentios havia também os que por Ele esperavam — homens ricos, nobres e sábios — os filósofos do Oriente. Pelas Escrituras

hebraicas, tinham aprendido acerca da Estrela que surgiria de Jacó. Com ardente desejo esperavam a vinda dAquele que seria não somente a "Consolação de Israel", mas também a "luz para alumiar as nações" e "salvação até aos confins da Terra". Lucas 2:25, 32; Atos dos Apóstolos 13:47. A estrela enviada pelo Céu guiou os estrangeiros gentios ao lugar do nascimento do recém-nascido Rei.

É para os que O esperam que Cristo deve aparecer "segunda vez, sem pecado", e trazer-lhes a salvação. Hebreus 9:28. Semelhantemente às novas do nascimento do Salvador, a mensagem do segundo advento não foi confiada aos dirigentes religiosos do povo. Eles haviam recusado a luz do Céu; portanto, não pertenciam ao número daqueles descritos pelo apóstolo Paulo: "Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse dia como ladrão vos apanhe de surpresa; porquanto vós todos sois filhos da luz, e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas". 1 Tessalonicenses 5:4, 5.

Os guardas sobre os muros de Sião deveriam ter sido os primeiros a captar as novas do advento do Salvador, os primeiros a proclamar que Ele estava próximo. Entregavam-se, porém, ao comodismo, enquanto o povo dormia em seus pecados. Jesus viu a Sua igreja, simulando a figueira estéril, coberta de folhas pretensiosas e, no entanto, destituída do precioso fruto. O espírito de verdadeira humildade, penitência e fé estavam em falta. Havia orgulho, formalismo, egoísmo e opressão. Uma igreja apóstata fechava os olhos aos sinais dos tempos. O povo apartou-se de Deus e separou-se de Seu amor. Como se recusaram a satisfazer as condições, Suas promessas não se cumpriram para eles. [141]

Muitos dentre os professos seguidores de Cristo se recusam a receber a luz do Céu. Como os judeus de outrora, não conhecem o tempo de sua visitação. O Senhor os passa por alto e revela Sua verdade aos que, à semelhança dos pastores de Belém e dos sábios do Oriente, têm prestado atenção a toda a luz que receberam. [142]

---

[1] Veja Daniel T. Taylor, *The Reign of Christ on Earth* ou *The Voice of the Church in All Ages*, p. 33.

[2] Sir Charles Lyell, *Principles of Geology*, p. 495.

[3] *Encyclopedia Americana*, artigo "Lisbon" (ed. de 1831).

[4] *The Essex Antiquarium*, Abril de 1899, v. 3, n 4, p. 53, 54.

[5] William Gordon, *History of the Rise, Progress and Establishment of the Independence of the USA.*, v. 3, p. 57.

[6]. Isaiah Thomas, *Massachussetts Spy* ou *American Oracle of Liberty*, v. 10, n 472 (25/5/1780).

[7]. Carta do Dr. Samuel Tenney, de Exeter, New Hampshire, em Dezembro de 1785, no *Massachusetts Historical Society Collections*, 1792, v. 1, p. 97.

Capítulo 18 — Nova luz na América

Um lavrador íntegro e de sentimentos honestos, que desejava sinceramente conhecer a verdade, foi o homem escolhido por Deus para iniciar a proclamação da segunda vinda de Cristo. Como muitos outros reformadores, Guilherme Miller lutou com a pobreza, tendo aprendido as lições da auto-renúncia.

Já na meninice deu provas de força intelectual superior à comum. Com o passar dos anos, sua mente se revelou ativa e bem desenvolvida, demonstrando ardente sede de saber. Seus hábitos de estudo e de raciocínio criterioso, bem como aguda perspicácia, tornaram-no um homem de perfeito discernimento e largueza de visão. Era dotado de caráter irrepreensível e reputação invejável. Ocupou com distinção cargos civis e militares. Riqueza e honra pareciam abrir-se-lhe de par em par.

Na infância teve contato com a religião. Ao tornar-se jovem adulto, contudo, foi levado a associar-se com os deístas, cuja influência era forte, sobretudo pelo fato de serem na maioria bons cidadãos, humanos e benevolentes. Vivendo no meio de instituições cristãs, seu caráter havia até certo ponto sido moldado pelo ambiente. Deviam à Bíblia as boas qualidades com que haviam conquistado respeito, entretanto, esses dons apreciáveis se haviam pervertido a ponto de exercer influência contra a Palavra de Deus. Miller foi levado a adotar seus sentimentos.

As interpretações então existentes das Escrituras apresentavam dificuldades que lhe pareciam insuperáveis; todavia, sua nova crença, embora pusesse de lado a Bíblia, nada oferecia de melhor, de modo que ele permanecia insatisfeito. Chegando aos trinta e quatro anos de idade, o Espírito Santo impressionou seu coração com a intuição de seu estado pecaminoso. Não encontrou certeza alguma de felicidade no além-túmulo. O futuro era escuro e triste. Referindo-se aos sentimentos dessa época, disse Miller:

“O céu era como bronze sobre a minha cabeça, e a terra como ferro sob os meus pés. [...] Quanto mais pensava, mais divergentes as

minhas conclusões. Tentei deixar de pensar, mas meus pensamentos não podiam ser dominados. Sentia-me verdadeiramente infeliz, mas não compreendia a causa. Murmurava e queixava-me, sem saber de quem. Sabia que havia algo errado, mas não sabia como ou onde encontrar o que era correto.” [143]

Miller encontra um amigo — “Subitamente”, diz ele, “o caráter de um Salvador impressionou minha mente. Pareceu-me que bem poderia existir um Ser tão bom e compassivo que fizesse expiação por nossas transgressões, livrando-nos, assim, de sofrer a pena do pecado. [...] Mas surgiu a questão: Como se pode provar a existência deste Ser? Afora a Bíblia, achei que não poderia obter evidência da existência de semelhante Salvador, nem sequer de uma existência futura. [...]

“Vi que a Bíblia apresentava precisamente um Salvador como o que eu necessitava; e fiquei perplexo ao ver como um livro não inspirado desenvolvia princípios tão perfeitamente adaptados às necessidades de um mundo decaído. Fui constrangido a admitir que as Escrituras devem ser uma revelação de Deus. Elas se tornaram o meu deleite; e em Jesus encontrei um amigo. O Salvador tornou-Se para mim o primeiro entre dez mil; e as Escrituras, que antes eram obscuras e contraditórias tornaram-se agora a lâmpada para os meus pés e luz para meu caminho. [...] Descobri que o Senhor Deus é uma Rocha em meio ao oceano da vida. A Bíblia tornou-se então o meu estudo principal e, posso em verdade dizer, pesquisava-a com grande deleite. [...] Admirava-me de que não me houvesse apercebido antes de sua beleza e glória, e maravilhava-me de que já a pudesse haver rejeitado. [...] Perdi todo o gosto por outras leituras, e apliquei o coração a obter a sabedoria de Deus.”[1.]

Miller professou publicamente sua fé. Seus companheiros incrédulos, entretanto, apresentaram todos os argumentos que ele próprio muitas vezes utilizara contra as Escrituras. Raciocinava ele que, se a Bíblia é a revelação de Deus, deve ser coerente consigo mesma. Decidiu-se a estudar as Escrituras e verificar se as aparentes contradições podiam ser harmonizadas.

Dispensando comentários, comparou passagem com passagem, com o auxílio das referências marginais e da concordância. Começando com Gênesis, e lendo versículo após versículo, sempre que encontrava algum ponto obscuro era seu costume compará-lo com

todos os demais textos que pareciam ter qualquer relação com o assunto sob exame. Permitia que cada palavra tivesse a relação própria com o assunto do texto. Assim, sempre que encontrava passagem difícil de entender, achava explicação em alguma outra parte das Escrituras. Estudava com fervorosa oração pedindo esclarecimento divino, e assim experimentou a veracidade das palavras do salmista: "A revelação das Tuas palavras esclarece, e dá entendimento aos símplices". Salmos 119:130.

Com intenso interesse estudou ele os livros de Daniel e Apocalipse e constatou que os símbolos proféticos podiam ser compreendidos. Viu que todas as figuras, metáforas, símiles, etc., ou eram explicadas em seu contexto, ou então definidas em outros textos e [144] deviam, neste caso, ser entendidas literalmente. Elo após elo da cadeia da verdade recompensava seus esforços. Passo a passo divisava as grandes linhas proféticas. Anjos celestiais estavam a guiar-lhe a mente.

Chegou à conclusão de que o conceito popular, de um milênio temporal antes do fim do mundo, não encontrava apoio na Palavra de Deus. Essa doutrina, indicando mil anos de paz antes da vinda do Senhor, é contrária aos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, os quais declararam que o trigo e o joio devem crescer juntos até a ceifa — o fim do mundo — e que "os homens perversos e impostores irão de mal a pior". 2 Timóteo 3:13.

Vinda pessoal de Cristo — A doutrina da conversão do mundo e do reino espiritual de Cristo não era sustentada pela igreja apostólica. Não foi geralmente aceita pelos cristãos antes do começo do século dezoito. Ensinava os homens a afastarem para um longínquo futuro a vinda do Senhor, e os impedia de prestar atenção aos sinais que anunciavam Sua aproximação. Levou muitos a negligenciarem o preparo para o encontro com o Senhor.

Miller descobriu que a vinda de Cristo, literal, pessoal, é plenamente ensinada nas Escrituras. "Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus." "Verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do Céu com poder e muita glória." "Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem." "Quando vier o Filho do homem na Sua majestade e todos os anjos com Ele, então Se assentará no trono

de Sua glória.” “E Ele enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos”. 1 Tessalonicenses 4:16, 17; Mateus 24:30, 27; 25:31; 24:31.

Em Sua vinda, os justos que estiverem mortos ressuscitarão e os justos vivos serão transformados. “Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade.” “Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”. 1 Coríntios 15:51-53; 1 Tessalonicenses 4:16, 17.

O homem, em seu estado presente, é mortal, corruptível; mas o reino de Deus será incorruptível. Portanto o homem, em sua condição atual, não pode entrar no reino de Deus. Quando vier, Jesus conferirá imortalidade a Seu povo, e então os chamará para possuírem o reino do qual até então haviam sido apenas herdeiros. [145]

As Escrituras e a cronologia — Estas e outras passagens provaram claramente a Miller que o reino universal de paz e o estabelecimento do reino de Deus sobre a Terra seriam subseqüentes ao segundo advento. Além disso, as condições do mundo correspondiam à descrição profética dos últimos dias. Foi levado à conclusão de que o período de tempo concedido à existência da Terra em seu presente estado de coisas estava prestes a terminar.

“Outra espécie de evidência que me impressionava vivamente o espírito”, diz ele, “era a cronologia das Escrituras. [...] Notei que os acontecimentos preditos, que se haviam cumprido no passado, muitas vezes ocorreram dentro de um dado tempo. [...] Eventos [...] que antes eram apenas assuntos de profecia [...] Cumpriram-se de acordo com as predições.”[2.]

Ao encontrar períodos cronológicos que se estendiam até a segunda vinda de Cristo, ele não pôde deixar de considerá-los como os “tempos já dantes ordenados”, que Deus revelara a Seus servos. As coisas “reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre”. O Senhor declara que “não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas”. Deuteronômio 29:29;

Amós 3:7. Os estudantes da Palavra de Deus podem confiantemente esperar que encontrarão indicado, nas Escrituras, o mais estupendo evento a ocorrer na história da humanidade.

"Estava eu plenamente convencido", disse Miller, "de que toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa; de que ela [...] foi escrita por homens santos, inspirados pelo Espírito Santo, e dada 'para nosso ensino'; 'para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança'. [...] Senti, pois, que, esforçando-me por compreender o que Deus em Sua misericórdia achou conveniente revelar-nos, eu não tinha direito de omitir os períodos proféticos."[3.]

A profecia que mais claramente parecia revelar o tempo do segundo advento era a de Daniel 8:14: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado." Fazendo das Escrituras seu próprio intérprete, Miller descobriu que um dia na profecia simbólica representa um ano. Ele viu que o período de 2.300 dias proféticos, ou anos literais, se estenderia para muito além do final da dispensação judaica, não podendo, por isso, referir-se ao santuário daquela dispensação.

Miller aceitou a opinião generalizada de que na era cristã a Terra é o santuário e, portanto, compreendeu que a purificação do santuário predita em Daniel 8:14 representa a purificação da Terra pelo fogo, quando da segunda vinda de Cristo. Ele concluiu que se pudesse encontrar o correto ponto de partida para os 2.300 dias, poderia calcular a ocasião do segundo advento.

Descobrindo a escala de tempo profético — Miller continuou o exame das profecias, dedicando dias e noites inteiras ao estudo do que agora lhe parecia possuir estupenda importância. No oitavo [146] capítulo de Daniel não pôde achar nenhuma chave que o conduzisse ao ponto de partida dos 2.300 dias; o anjo Gabriel, embora houvesse recebido ordem de fazer com que Daniel compreendesse a visão, oferecera-lhe apenas uma explicação parcial. Quando a terrível perseguição a recair sobre a igreja foi desvendada à visão do profeta, ele não pôde suportar. Daniel se enfraqueceu e esteve enfermo durante alguns dias. "Espantava-me com a visão, e não havia quem a entendesse". Daniel 8:27.

Deus ordenara, contudo, a Seu mensageiro: "Dá a entender a este a visão." Em obediência, o anjo retornou a Daniel, dizendo: "Agora saí para fazer-te entender o sentido. [...] Considera, pois, a coisa,

e entende a visão.” Um ponto importante no oitavo capítulo havia sido deixado sem explicação, ou seja, os 2.300 dias; portanto o anjo, retomando sua explanação, ocupa-se principalmente da questão do tempo:

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade. [...] Sabe, entende: desde a saída da ordem para restaurar e para reedificar Jerusalém, até o Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas será morto o Ungido, e já não estará. [...] Ele fará firme aliança com muitos por uma semana; na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares”. Daniel 8:16; 9:22-27.

O anjo foi enviado a Daniel a fim de explicar o ponto que este não havia conseguido compreender — “até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. As primeiras palavras do anjo foram: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade.” A palavra “determinadas” significa literalmente “cortadas”, ou “separadas”. Setenta semanas, ou 490 anos, deveriam ser separadas, pertencendo especialmente aos judeus.

Dois períodos proféticos começam simultaneamente — Mas [...] de onde deveriam essas semanas ser separadas? Como os 2.300 dias foram o único período de tempo mencionado no capítulo 8, as setentas semanas devem ser uma parte dos 2.300 dias. Os dois períodos devem começar ao mesmo tempo, sendo que as setenta semanas deveriam ser contadas “desde a saída da ordem para restaurar e para reedificar Jerusalém”. Se a data dessa ordem pudesse ser localizada, estaria estabelecido o ponto de partida do grande período dos 2.300 dias.

No sétimo capítulo de Esdras acha-se o decreto, promulgado por Artaxerxes, rei da Pérsia, em 457 antes de Cristo. Três reis, originando e completando o decreto, deram-lhe a perfeição requerida pela profecia para assinalar o início dos 2.300 anos. Tomando-se o ano de 457 a.C., quando se completou o decreto, como a data da “ordem”, cada especificação da profecia das setentas semanas foi cumprida. [147]

“Desde a saída da ordem para restaurar e para reedificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas” — sessenta e nove semanas, ou 483 anos. O decreto de

Artaxerxes entrou em vigor no outono de 457 a.C. A partir dessa data, 483 anos estendem-se até o outono do ano 27 da nossa era. Nesse tempo se cumpriu a profecia. No outono de 27 d.C., Cristo foi batizado por João, e recebeu a unção do Espírito. Depois de Seu batismo Ele foi para a Galiléia, "pregando o evangelho de Deus, dizendo: 'O tempo está cumprido'". Marcos 1:14, 15.

O evangelho é dado ao mundo — "Ele fará firme aliança com muitos por uma semana" — os últimos sete anos do período concedido especialmente aos judeus. Durante esse tempo, de 27 d.C. a 34 d.C., Cristo e os discípulos dirigiram o convite do evangelho especialmente aos judeus. A recomendação do Salvador foi: "Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel". Mateus 10:5, 6.

"Na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares." No ano 31 d.C., três anos e meio depois de Seu batismo, nosso Senhor foi crucificado. Com o grande sacrifício oferecido sobre o Calvário, o tipo [modelo] alcançou o antítipo [tipo ou figura que representa outra]. Todos os sacrifícios e oferendas do sistema cerimonial deveriam cessar.

Os 490 anos reservados especialmente aos judeus findaram em 34 d.C. Naquele tempo, pelo ato do Sinédrio judaico, a nação selou sua recusa do evangelho através do martírio de Estêvão e perseguição aos seguidores de Cristo. Assim a mensagem da salvação foi dada ao mundo. Os discípulos, forçados a fugir de Jerusalém pela perseguição, "iam por toda parte pregando a palavra". Atos dos Apóstolos 8:4.

Até aqui se cumpriram de maneira surpreendente todas as especificações da profecia. O início das setenta semanas fixa-se inquestionavelmente em 457 a.C., e seu término em 34 da nossa era. Tendo sido as setenta semanas (490 anos) separadas dos 2.300 anos, restam ainda 1.810 anos. Depois do fim dos 490 dias, os 1.810 dias deveriam ainda cumprir-se. Contando do ano 34 d.C., 1.810 anos estendem-se até 1844. Conseqüentemente, os 2.300 dias de Daniel 8:14 terminam em 1844. Ao expirar esse grande período profético, "o santuário será purificado". Deste modo foi indicado o tempo da purificação do santuário, que quase universalmente se acreditava

ocorresse por ocasião do segundo advento (ver o diagrama à página 158).

Surpreendente conclusão — Miller não tinha a princípio a menor expectativa de atingir a conclusão a que chegara. A custo podia ele mesmo dar crédito aos resultados de sua investigação. Mas as evidências das Escrituras eram por demais claras para que fossem postas de lado. [148]

Em 1818 ele chegou à solene convicção de que dentro de vinte e cinco anos, aproximadamente, Cristo apareceria para a redenção de Seu povo. "Não necessito falar", diz Miller, "do júbilo que me encheu o coração em vista da deleitável perspectiva, nem do anelo ardente de participar das alegrias dos remidos. [...] Oh, quão brilhante e gloriosa se me apresentava a verdade! [...]

"Surgiu com força dentro de mim a questão de saber qual meu dever para com o mundo, em face da evidência que atingira minha própria mente."[4.] Não pôde deixar de sentir que era seu dever comunicar a outros a luz que havia recebido. Esperava encontrar oposição por parte dos ímpios, mas confiava que todos os cristãos se regozijariam na esperança de ver o Salvador. Hesitou em apresentar a perspectiva do glorioso livramento, tão prestes a ser consumado, receando que estivesse em erro e assim desviasse a outros. Foi levado, desta maneira, a rever e a considerar cuidadosamente toda dificuldade que se lhe apresentava ao espírito. Cinco anos assim despendidos deixaram-no convicto da correção de suas opiniões.

"Vai e anuncia-o ao mundo" — "Quando me achava em minha ocupação", disse ele, "soava continuamente em meu ouvido: 'Vai falar ao mundo sobre o perigo que o ameaça.' Ocorria-me constantemente esta passagem: 'Se Eu disser ao perverso: 'Ó perverso, certamente morrerás'; e tu não falares, para avisar ao perverso do seu caminho, morrerá esse perverso na sua iniqüidade, mas o seu sangue Eu o demandarei de ti.' Compreendi que, se os ímpios pudessem ser devidamente advertidos, multidões deles se arrependeriam; e que, se eles não fossem avisados, seu sangue poderia ser exigido de minha mão."[5.] Ocorriam-lhe sempre à mente as palavras: "Vai dizê-lo ao mundo; seu sangue requererei de tuas mãos." Durante nove anos esperou, pesando-lhe sempre esse fardo sobre o coração, até que em 1831, pela primeira, vez expôs publicamente as razões de sua fé.

Contava então cinqüenta anos de idade, não estava habituado a falar em público, e ainda assim seus labores foram abençoados. Sua primeira conferência foi seguida de um despertamento religioso. Converteram-se treze famílias inteiras, com exceção de duas pessoas. Foi instado a falar em outros lugares, e em quase toda parte pecadores se convertiam. Os cristãos eram despertados a maior consagração, e deístas e incrédulos reconheciam a verdade da Bíblia. Sua pregação despertou o espírito público para os grandes temas da religião, e deteve o crescente mundanismo e sensualidade da época.

Em muitos lugares as igrejas protestantes de quase todas as denominações se abriram para ele, e os convites geralmente provinham dos ministros. Adotava como regra não trabalhar em qualquer lugar a que não fosse convidado; e, no entanto, logo se viu impossibilitado [149] de atender à metade dos pedidos que choviam sobre ele. Muitos ficaram convencidos da certeza da proximidade da vinda de Cristo e de sua necessidade de preparo. Em algumas das grandes cidades os vendedores de bebidas transformavam suas lojas em salas de culto; antros de jogos eram fechados; incrédulos e mesmo os libertinos mais perdidos eram transformados. Várias denominações efetuavam reuniões de oração quase a todas as horas do dia, reunindo-se homens de negócios ao meio-dia para orações e louvor. Não existia excitação extravagante. Seu trabalho, como o dos primeiros reformadores, tendia mais a convencer o entendimento e despertar a consciência do que meramente a provocar emoções.

Em 1833 Miller recebeu da igreja batista uma licença para pregar. Grande número dos ministros de sua denominação aprovou sua obra; foi com essa sanção formal que continuou com os seus trabalhos. Viajou e pregou incessantemente, nunca recebendo o suficiente para custear as despesas de viagem aos lugares a que era convidado. Assim, seus labores públicos eram um pesado encargo sobre suas posses.

"As estrelas cairão" — Em 1833 apareceu o último dos sinais que foram prometidos pelo Salvador como indício de Seu segundo advento: "As estrelas cairão do céu." E João, o revelador, dissera: "As estrelas do céu caíram pela Terra, como a figueira, quando abalada por forte vento, deixa cair os seus figos verdes". Mateus 24:29; Apocalipse 6:13. Essa profecia teve cumprimento surpreendente na grande chuva de meteoros de 13 de Novembro de 1833, a mais

extensa e maravilhosa exibição de estrelas cadentes que já se tem registrado. “Jamais caiu chuva mais densa do que caíram os meteoros em direção à Terra: leste, oeste, norte e sul, tudo era o mesmo. Em uma palavra, todo o céu parecia em movimento. [...] Desde as duas horas até pleno dia, estando o céu perfeitamente sereno e sem nuvens, um contínuo jogo de luzes deslumbrantemente fulgurantes se manteve em todo o firmamento.”[6.] “Dir-se-ia que todas as estrelas tivessem se reunido em um ponto próximo ao zênite, e dali fossem simultaneamente arrojadas, com a velocidade do relâmpago, a todas as partes do horizonte; e, no entanto, não se exauriam, seguindo-se milhares rapidamente no rastro de milhares, como se tivessem sido criadas para a ocasião.”[7.] “Não era possível contemplar um quadro mais fiel de uma figueira lançando seus figos quando açoitada por um vento forte.”[8.]

No *Journal of Commerce*, de Nova York, de 14 de Novembro de 1833, apareceu um longo artigo relacionado com o fenômeno: “Nenhum filósofo ou sábio mencionou ou registrou, suponho, um acontecimento semelhante ao de ontem de manhã. Um profeta o predisse exatamente há mil e oitocentos anos, se não nos furtarmos ao incômodo de compreender o chuveiro de estrelas como a queda das mesmas [...] no único sentido em que é possível ser isso literalmente verdade.” [150]

Assim se mostrou o último dos sinais de Sua vinda, relativamente aos quais Jesus declarou a Seus discípulos: “Assim também vós, quando virdes todas estas coisas, sabei que está próximo, às portas”. Mateus 24:33. Muitos que testemunharam a queda das estrelas, consideraram-na um arauto do juízo vindouro.

Em 1840 outro notável cumprimento de profecia despertou interesse geral. Dois anos antes, Josias Litch publicou uma exposição de Apocalipse 9, predizendo a queda do Império Otomano, “no ano de 1840, no mês de Agosto”. Somente uns poucos dias antes de seu cumprimento ele escreveu: “Ele terminará no dia 11 de Agosto de 1840, quando se pode esperar que seja abatido o poderio otomano em Constantinopla.”[9.]

Predição cumprida — No exato tempo especificado, a Turquia aceitou a proteção das potências aliadas da Europa e assim se pôs sob a direção de nações cristãs. O acontecimento cumpriu exatamente a predição. Multidões se convenceram da exatidão dos princípios

de interpretação profética adotados por Miller e seus associados. Homens de saber e posição se uniram a Miller na pregação e na publicação de seus pontos de vista. De 1840 a 1844 a obra estendeu-se rapidamente.

Guilherme Miller possuía grandes dotes intelectuais, e a estes acrescentava a sabedoria do Céu, pondo-se em ligação com a Fonte da sabedoria. Inspirava respeito e estima onde quer que a integridade de caráter e a excelência moral fossem apreciadas. Com humildade cristã, era atento e afável para com todos, pronto a ouvir as opiniões de outrem e pesar seus argumentos. Aferia todas as teorias pela Palavra de Deus, e seu raciocínio são e conhecimento das Escrituras o habilitavam a refutar o erro.

Todavia, como ocorrera com os primeiros reformadores, as verdades que apresentava não eram recebidas favoravelmente pelos ensinadores populares da religião. Não podendo manter sua posição em acordo com as Escrituras, recorriam às doutrinas de homens, às tradições dos Pais da Igreja. A Palavra de Deus, porém, era o único testemunho aceito pelos pregadores da verdade do advento. Ridículo e escárnio eram empregados pelos oponentes na difamação daqueles que contemplavam com regozijo a volta de Seu Senhor, esforçando-se por viver vida santa e exortar outros ao preparo para o Seu aparecimento. Procurava-se dar a impressão de que fosse pecado estudar as profecias que se referem à vinda de Cristo e ao fim do mundo. Assim, o ministério popular minava a fé na Palavra de Deus. Seu ensino tornava os homens incrédulos, e muitos tomaram a liberdade de andar conforme seus próprios desejos ímpios. Então os autores desse mal o atribuíram todo aos adventistas.

Se bem que Miller conseguisse ter casas repletas de ouvintes inteligentes e atentos, seu nome era raras vezes mencionado pela imprensa religiosa, exceto para fins de acusação e ridículo. Os ímpios, apoiados pelos ensinadores religiosos, recorriam a gracejos [151] infamantes e blasfêmias contra Miller e seu trabalho. O homem de cabelos grisalhos, que deixara o lar confortável para viajar às próprias custas a fim de levar ao mundo a solene advertência do juízo próximo, era denunciado como um fanático.

Interesse e descrença — O interesse continuou a aumentar. De dezenas e centenas de congregações, passaram estas a milhares. Depois de algum tempo, porém, se manifestou o espírito de oposição

a esses conversos, e as igrejas começaram a tomar medidas disciplinares contra os que haviam abraçado as opiniões de Miller. Este ato provocou uma resposta de sua pena: “Se estamos errados, peço que mostrem em que consiste nosso erro. Mostrem, pela Palavra de Deus, que estamos enganados. Temos sido bastante ridicularizados; isso nunca nos poderá convencer de que estamos em erro; a Palavra de Deus, unicamente, pode mudar nossas opiniões. Chegamos às nossas conclusões depois de refletir maduramente e muito orar, e ao vermos sua evidência nas Escrituras.”[10.]

Quando a iniqüidade dos antediluvianos levou Deus a trazer o dilúvio sobre a Terra, primeiramente Ele lhes anunciou Seu propósito. Durante cento e vinte anos soou o aviso para que se arrependessem. Mas eles não creram. Zombavam do mensageiro de Deus. Se a mensagem de Noé era verdadeira, por que todo o mundo não o viu e creu? A palavra de um homem contra a sabedoria de milhares! Não queriam dar crédito ao aviso, nem buscar refúgio na arca.

Escarnecedores apontavam à sucessão invariável de estações, ao céu azul que nunca havia derramado chuva. Desdenhosamente declaravam ser o pregador da justiça um tremendo fanático. Foram em frente, mais decididos em seus maus caminhos do que nunca antes. Ao tempo designado, porém, os juízos do Senhor caíram sobre os que haviam rejeitado Sua misericórdia.

Cépticos e descrentes — Cristo declarou que assim como as pessoas dos dias de Noé “não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem”. Mateus 24:39. Quando o professo povo de Deus estiver se unindo ao mundo, quando o luxo do mundo se tornar o luxo da igreja, quando todos olharem ao futuro esperando muitos anos de prosperidade temporal — então, subitamente, tal como nos céus fulgura o relâmpago, virá o fim de suas esperanças ilusórias. Assim como Deus enviou Seu servo para advertir o mundo do dilúvio vindouro, enviou também mensageiros escolhidos para tornar conhecida a proximidade do juízo final. E assim como os contemporâneos de Noé se riam com escárnio das predições do pregador da justiça, assim, nos dias de Miller, muitos dentre o professo povo de Deus zombavam das palavras de advertência. [152]

Não poderá haver prova mais concludente de que as igrejas se afastaram de Deus, do que a irritação e hostilidade despertadas por esta mensagem enviada pelo Céu.

Os que aceitaram a doutrina do advento compreenderam que era tempo de assumir uma atitude decisiva. "As coisas da eternidade assumiam para eles uma realidade. O Céu se aproximava, e sentiam-se culpados perante Deus."[11.] Os cristãos se compenetraram de que o tempo era breve, de que o que tinham a fazer por seus semelhantes deveria ser feito rapidamente. A eternidade parecia abrir-se diante deles. O Espírito de Deus outorgou poder a seus apelos em favor do preparo para o dia de Deus. O testemunho silencioso de sua vida diária era constante reprovação aos membros das igrejas, seguidores de formalidades e destituídos de consagração. Estes não desejavam ser perturbados em sua procura de prazeres, seu desejo de ganho e ambição de honras mundanas. Daí a oposição contra a fé do advento.

Os oponentes se esforçavam por desestimular a investigação através do ensino de que as profecias estavam seladas. Assim, os protestantes seguiram as pegadas de Roma. As igrejas protestantes alegavam que uma parte importante da Palavra, sobretudo aquela que apresenta verdades aplicáveis ao nosso tempo, não podia ser compreendida. Ministros declaravam que Daniel e Apocalipse eram mistérios incompreensíveis.

Cristo, porém, chamou a atenção dos discípulos para as palavras do profeta Daniel: "Quem lê, entenda". Mateus 24:15. E o Apocalipse deve ser entendido. "Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu, para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer. [...] Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo". Apocalipse 1:1-3.

"Bem-aventurado, aquele que lê" — há os que não querem ler; "e aqueles que ouvem" — há aqueles que se recusam a ouvir qualquer coisa relativa às profecias; "e guardam as coisas nela escritas" — muitos se recusam a atender às advertências e instruções do Apocalipse; nenhum desses pode pretender a bênção prometida. Como se atrevem os homens a ensinar que o Apocalipse se acha além da compreensão humana? Ele é um mistério revelado, um livro aberto. O Apocalipse encaminha a mente às profecias de Daniel. Ambos

apresentam importantíssimas instruções concernentes aos eventos do final da história deste mundo.

O apóstolo João viu os perigos, conflitos e libertação final do povo de Deus. Ele registra as mensagens finais que devem amadurecer a seara da Terra, sejam os molhos para o celeiro celeste, ou os feixes para os fogos da destruição, a fim de que os que se volvessem do erro para a verdade pudessem ser instruídos em relação aos perigos e conflitos que estariam diante deles. [153]

Por que, pois, tanta ignorância com respeito a uma parte importante das Sagradas Escrituras? É o resultado de um esforço estudado do príncipe das trevas para esconder aos homens o que revela os seus enganos. Por esta razão, Cristo, o Revelador, prevendo a luta que seria desferida contra o Apocalipse, pronunciou uma bênção sobre todos os que lessem, ouvissem e observassem a profecia. [154]

---

[1] S. Bliss, *Memories of William Miller*, p. 65-67.

[2] Ibid., p. 74, 75.

[3] Ibid.

[4] Ibid., p. 76, 77, 81.

[5] Ezequiel 33:8, 9; Bliss, p. 92.

[6] R. M. Devens, *American Progress* ou *The Great Events of the Greatest Century,* cap. 28, parágrafos 1 a 5.

[7] F. Reed, *Christian Advocate and Journal,* 13 de Dezembro de 1833.

[8] "The Old Countryman", Portland (Maine) *Evening Advertiser,* 26 de Novembro de 1833.

[9] Josias Litch, The Signs of the Times, 1 de Agosto de 1840.

[10] Bliss, p. 250, 252.

[11] Ibid., p. 146.

Capítulo 19 — Luz para os nossos dias

A obra de Deus apresenta, de tempos em tempos, surpreendente semelhança em todas as grandes reformas ou movimentos religiosos. Os princípios do relacionamento de Deus com os homens são sempre os mesmos. Os movimentos importantes do presente têm seu paralelo nos do passado, e a experiência da igreja nos séculos antigos encerra lições para o nosso próprio tempo.

Deus, pelo Seu Espírito Santo, dirige especialmente Seus servos na Terra, na promoção da obra de salvação. Os homens são instrumentos nas mãos de Deus. A cada um é concedida uma porção de luz, suficiente para o habilitar a efetuar a obra que Deus lhe deu a fazer. Nenhum homem, porém, já chegou a compreender completamente o propósito divino na obra para o seu próprio tempo. Os homens não compreendem em sua plenitude a mensagem que proclamam em Seu nome. Mesmo os profetas não compreendiam por completo a significação das revelações a eles confiadas. O sentido deveria ser desvendado de século em século.

Diz Pedro: "Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando atentamente *qual a ocasião* ou *quais as circunstâncias* oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam. A eles foi revelado que, não para *si mesmos*, mas para *vós outros*, ministravam as coisas que agora vos foram anunciadas". 1 Pedro 1:10-12. Que lição para o povo de Deus na era cristã! Aqueles santos homens de Deus "indagaram e inquiriram, investigando atentamente" com respeito às revelações que lhes foram dadas em benefício de gerações ainda não nascidas. Que exprobração àquela indiferença mundana, que se contenta em declarar que as profecias não podem ser compreendidas!

Com freqüência, a mente dos próprios servos de Deus se acha tão cegada pelas tradições e falsos ensinos, que pode apenas apreender

parcialmente as grandes coisas que Ele revelou em Sua Palavra. Os discípulos de Cristo, mesmo quando o Salvador estava com eles, retinham o conceito popular acerca do Messias como príncipe terreno, que exaltaria Israel ao trono do domínio universal. Não compreendiam o sentido de Suas palavras predizendo Seus sofrimentos e morte. [155]

"O tempo está cumprido" — Cristo os enviou com a mensagem: "O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho". Marcos 1:15. Aquela mensagem baseava-se na profecia de Daniel 9. As "sessenta e nove semanas" deveriam estender-se até "o Ungido, o Príncipe", e os discípulos aguardavam o estabelecimento do reino do Messias em Jerusalém, a fim de governar sobre toda a Terra.

Pregaram a mensagem que Cristo lhes confiou, ainda que eles próprios compreendessem mal a sua significação. Ao passo que seu anúncio se baseava em Daniel 9:25, não viam no versículo seguinte que o Messias deveria ser tirado. Seus corações haviam se fixado na glória de um império terrestre; isto lhes cegou a compreensão. No próprio tempo em que esperavam ver o Senhor ascender ao trono de Davi, viram-nO ser preso, açoitado, escarnecido, condenado e pregado na cruz. Que desespero e angústia oprimiam o coração dos discípulos!

Cristo veio no exato tempo predito. As Escrituras haviam se cumprido em todos os detalhes. A Palavra e o Espírito de Deus atestavam da missão divina do Filho. E, não obstante, a mente dos discípulos estava envolta em dúvidas. Se Jesus havia sido o verdadeiro Messias, teriam eles sido assim imersos em pesar e desapontamento? Essa era a pergunta que lhes torturava a mente durante as desesperadoras horas daquele sábado, entre Sua morte e Sua ressurreição.

Contudo, eles não foram esquecidos. "Se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz. [...] Ele me tirará para a luz e eu verei a Sua justiça." " Aos justos nasce luz nas trevas." "Tornarei as trevas em luz perante eles, e os caminhos escabrosos, planos. Estas coisas lhes farei, e jamais os desampararei". Miquéias 7:8, 9; Salmos 112:4; Isaías 42:16.

O que os discípulos haviam anunciado era correto. "O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo." Ao expirar o "tempo" — as sessenta e nove semanas de Daniel 9, que deveriam estender-se

até ao "Ungido" — Cristo recebeu a unção do Espírito depois de ser batizado por João. O "reino de Deus" não era, conforme imaginavam, um domínio terrestre. Tampouco era ele o reino futuro e imortal, no qual "todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão". Daniel 7:27.

A expressão "reino de Deus" designa tanto o reino da graça quanto o da glória. O apóstolo diz: "Acheguemo-nos, portanto, confiadamente junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça". Hebreus 4:16. A existência de um trono implica a de um reino. Cristo usa a expressão "o reino dos Céus" para designar a obra da graça no coração dos homens. Este reino ainda está no futuro. Não será estabelecido antes do segundo advento de Cristo.

Quando o Salvador rendeu Sua vida e exclamou: "Está consumado", foi ratificada a promessa de salvação feita ao pecaminoso par no Éden. O reino da graça, que antes existira pela promessa de [156] Deus, foi então estabelecido.

Assim a morte de Cristo — o acontecimento que os discípulos encaravam como a destruição final de suas esperanças — foi o que as confirmou para sempre. Embora tenha lhes acarretado cruel desapontamento, foi a prova de que sua crença era correta. O evento que os enchera de desespero, abriu a porta da esperança a todos os fiéis de Deus, de todos os tempos.

Misturado com o ouro puro do amor dos discípulos por Jesus, encontrava-se a liga vil das ambições egoístas. Sua visão estava cheia com o trono, a coroa e a glória. O orgulho do coração e a sede de glória mundana fizeram com que não percebessem as palavras do Salvador que mostravam a verdadeira natureza de Seu reino, e apontavam para a Sua morte. Destes erros resultou a prova que foi permitida a fim de corrigi-los. A eles foi confiada a obra de anunciar o evangelho glorioso do Senhor ressurreto. A fim de prepará-los para essa obra, foi permitida a experiência que lhes pareceu tão amarga.

Depois de Sua ressurreição Jesus apareceu aos discípulos no caminho de Emaús e "expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras". Era Seu propósito firmar a fé dos discípulos sobre a "palavra profética" (Lucas 24:27; 2 Pedro 1:19), não meramente por Seu testemunho pessoal, como também pelas profecias do Antigo Testamento. E, como o primeiro passo ao comunicar esse conhecimento, Jesus encaminhou-os a "Moisés e a todos os profetas" das Escrituras do Antigo Testamento.

Do desespero à plena certeza — Em sentido mais completo do que nunca antes, os discípulos haviam "achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas". A incerteza, o desespero, deram lugar à segurança perfeita, à esclarecida fé. Tinham passado pela mais severa prova possível e visto como a Palavra de Deus se cumpriu triunfantemente. Dali em diante, o que poderia intimidar-lhes a fé? Na mais aguda tristeza tinham "firme consolação", e uma esperança que era "como âncora da alma, segura e firme". Hebreus 6:18, 19.

Diz o Senhor: "O Meu povo jamais será envergonhado." "Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã". Joel 2:26; Salmos 30:5. No dia da ressurreição os discípulos encontraram o Salvador, e ardia-lhes o coração ao ouvirem Suas palavras. Antes da ascensão Jesus lhes ordenou: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura." Acrescentou: "Eis que estou convosco todos os dias". Marcos 16:15; Mateus 28:20. No dia de Pentecostes desceu o Consolador prometido, e o coração dos crentes estremeceu com a presença sensível do Senhor que tinha ascendido ao Céu.

A mensagem dos discípulos comparada à mensagem de 1844 — A experiência dos discípulos quando do primeiro advento de Cristo teve seu paralelo na experiência dos que proclamaram Seu segundo advento. Assim como os discípulos pregaram: "O tempo [157] está cumprido e o reino de Deus está próximo", assim Miller e seus colaboradores proclamaram que o último período profético da Bíblia estava a ponto de terminar, que o juízo estava às portas, e que deveria ser inaugurado o reino eterno. A pregação dos discípulos com relação ao tempo baseava-se nas setenta semanas de Daniel 9. A mensagem apresentada por Miller e seus companheiros anunciava o término dos 2.300 dias de Daniel 8:14, dos quais as setenta semanas constituíam parte. A pregação em ambos os casos baseava-se no cumprimento de uma porção diversa do mesmo grande período profético.

Do mesmo modo como os primeiros discípulos, Guilherme Miller e seus associados não compreenderam plenamente o significado da mensagem que apresentavam. Erros há muito implantados na igreja impediam-nos de chegar à interpretação correta de um ponto importante da profecia. Portanto, se bem que proclamassem a mensa-

gem que Deus lhes confiara, em virtude de uma errônea compreensão do sentido, sofreram desapontamento.

Miller adotou a opinião geralmente mantida de que a Terra é o "santuário", crendo que a purificação deste representava a purificação da Terra pelo fogo quando da vinda do Senhor. Por conseguinte, concluiu que o termo dos 2.300 dias revelava o tempo do segundo advento.

A purificação do santuário era o último serviço realizado pelo sumo sacerdote no conjunto anual de cerimônias ministradas. Era a obra encerradora da expiação — uma remoção ou afastamento do pecado de Israel. Prefigurava a obra final no ministério de nosso Sumo Sacerdote no Céu, pela remoção ou supressão dos pecados de Seu povo, que se acham registrados nos registros celestiais. Este trabalho envolve investigação, uma obra de julgamento, e precede imediatamente a vinda de Cristo nas nuvens do Céu, pois, quando Ele vier, todos os casos terão sido decididos. Diz Jesus: "Comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras". Apocalipse 22:12. Esta é a obra de julgamento anunciada pela mensagem do primeiro anjo em Apocalipse 14:7: "Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo."

Os que proclamaram essa advertência deram a mensagem correta no tempo adequado. Assim como os discípulos se equivocaram em relação ao reino que deveria ser estabelecido no final das "setenta semanas", assim os adventistas se enganaram quanto ao evento que deveria ocorrer no término dos "2.300 dias". Em ambos os casos os erros populares cegaram a mente à verdade. Ambas as classes cumpriram a vontade de Deus, apresentando a mensagem que Ele desejava fosse dada, e ambas, pela compreensão errônea da respectiva mensagem, sofreram desapontamento.

Não obstante, Deus cumpriu Seu misericordioso propósito, permitindo que a advertência do juízo fosse feita exatamente como o foi. A mensagem era destinada à prova e purificação da igreja. [158] Estavam suas afeições postas neste mundo, ou em Cristo e no Céu? Estavam os crentes dispostos a renunciar às ambições mundanas e acolher com alegria o advento do Senhor?

O desapontamento também poria à prova o coração dos que haviam professado receber a advertência. Abandonariam eles temerariamente sua experiência, renunciando à confiança na Palavra de

Deus quando chamados a suportar o escárnio e opróbrio do mundo e a prova da demora e do desapontamento? Uma vez que não compreenderam imediatamente o trato de Deus, rejeitariam essas pessoas as verdades sustentadas pelo mais claro testemunho da Palavra divina?

Essa prova revelaria o perigo de aceitar as interpretações de homens em vez de fazer com que a Bíblia seja seu próprio intérprete. Os filhos da fé seriam levados a um estudo mais acurado da Palavra, a examinar mais cuidadosamente o fundamento de sua fé, e a rejeitar tudo aquilo que, embora amplamente aceito pelo cristianismo, não estivesse fundamentado nas Escrituras.

Aquilo que na hora da provação parecia obscuro, mais tarde se faria claro. Apesar da provação resultante de seus erros, eles aprenderiam por uma bendita experiência que o Senhor é "misericórdia e verdade para os que guardam a Sua aliança e os Seus testemunhos". Salmos 25:10. [159]

Capítulo 20 — Um grande movimento mundial

Um grande despertamento religioso é predito na mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14. É visto um anjo "voando pelo meio do Céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o Céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas". Apocalipse 14:6, 7.

Um anjo representa o caráter exaltado da obra a ser realizada pela mensagem, e o poder e glória que a deveriam acompanhar. O vôo do anjo "pelo meio do Céu", com "grande voz", e sua proclamação "a cada nação, e tribo, e língua e povo" evidenciam a rapidez e extensão mundial do movimento. Quanto ao tempo em que isto deveria ocorrer, vê-se que a mensagem anuncia a abertura do juízo.

Essa mensagem é uma parte do evangelho que só poderia ser pregada nos últimos dias, pois somente então seria verdade que a hora do juízo havia chegado. A parte da profecia de Daniel que se relaciona com os últimos dias, o profeta teve a ordem de fechar e selar "até ao tempo do fim". Daniel 12:4. Não poderia, antes que alcançássemos o tempo do juízo, ser proclamada uma mensagem relativa ao mesmo juízo e baseada no cumprimento daquelas profecias.

O apóstolo Paulo advertiu a igreja a não esperar a vinda de Cristo em seu tempo. Não poderíamos esperar pelo advento de nosso Senhor senão depois da grande apostasia e do longo período de domínio do "homem do pecado". 2 Tessalonicenses 2:3. O "homem do pecado" — também identificado como "mistério da iniqüidade", "filho da perdição" e "o iníquo", — representa o papado, que deveria manter sua supremacia durante 1.260 anos. Esse período terminou em 1798. É depois dessa data que a mensagem da segunda vinda de Cristo deve ser proclamada.

Semelhante mensagem jamais foi apresentada nos séculos passados. Paulo, como vimos, não a pregou; indicou a vinda do Senhor para um futuro então muito distante. Os reformadores não a procla-

maram. Martinho Lutero admitiu o julgamento para mais ou menos trezentos anos no futuro, a partir de seus dias. Mas desde 1798 o livro de Daniel foi aberto, e muitos têm proclamado a mensagem solene do juízo próximo. [160]

Simultaneamente em diferentes países — Assim como ocorreu com a grande Reforma do século dezesseis, o Movimento Adventista apareceu simultaneamente em vários países. Homens de fé foram levados ao estudo das profecias e viram provas convincentes de que o fim estava próximo. Grupos isolados de crentes, guiados unicamente pelo estudo das Escrituras, creram na proximidade do advento do Salvador.

Três anos depois de Miller chegar à sua explicação das profecias, o Dr. José Wolff, "o missionário a todo o mundo", começou a pregar a próxima vinda de Cristo. Nascido na Alemanha, de filiação hebréia, foi convencido da verdade da religião cristã quando ainda muito jovem. Fora ávido ouvinte das conversas do pai, em casa, ao se congregarem diariamente os judeus devotos para recordar as esperanças de seu povo, a glória do Messias vindouro e a restauração de Israel. Um dia, ouvindo a menção a Jesus de Nazaré, o garoto perguntou quem era Ele. "Um judeu do maior talento", foi a resposta; "mas como pretendesse ser o Messias, o tribunal judaico O condenou à morte."

"Por que, então" — volveu o que havia feito a pergunta, "Jerusalém se acha destruída e nós nos encontramos em cativeiro?"

"Ai de nós!" respondeu o pai, "porque os judeus assassinaram os profetas." Logo se insinuou na criança o pensamento: "Talvez fosse também Jesus um profeta, e os judeus O mataram sendo Ele inocente." Embora lhe fosse proibido entrar em qualquer igreja cristã, muitas vezes o menino se demorava do lado de fora escutando a pregação. Tendo apenas sete anos de idade, estava ele a jactar-se, diante de um vizinho cristão, do triunfo futuro de Israel pelo advento do Messias. O idoso homem disse amavelmente: "Querido garoto, vou lhe dizer quem foi o verdadeiro Messias: foi Jesus de Nazaré, [...] a quem os seus antepassados crucificaram. [...] Vá para casa e leia o capítulo cinqüenta e três de Isaías, e se convencerá de que Jesus Cristo é o Filho de Deus."[1.]

Foi para casa e leu a passagem. Quão perfeitamente ela se havia cumprido em Jesus de Nazaré! Seriam verdadeiras as palavras do

cristão? O rapaz pediu ao pai uma explicação da profecia, mas enfrentou um silêncio tão rigoroso que nunca mais ousou referir-se ao assunto.

Quando contava apenas onze anos de idade, saiu para o mundo a fim de obter educação, escolher sua religião e ofício. Sozinho e sem vintém, teve de arranjar-se por si mesmo. Estudou diligentemente, mantendo-se através do ensino do hebraico. Foi levado a aceitar a fé romana e prosseguiu seus estudos no Colégio da Propaganda, em Roma. Ali atacou abertamente os abusos da igreja e insistiu na necessidade de reforma. Depois de certo tempo, foi removido. Tornou-se evidente que nunca poderia ser levado a submeter-se ao cativeiro do romanismo. Declararam-no incorrigível e deixaram-no em liberdade para ir aonde desejasse. Encaminhou-se então à Inglaterra e uniu-se à Igreja Anglicana. Depois de dois anos de [161] estudo, entregou-se, em 1821, à sua missão.

Wolff percebeu que as profecias apresentavam o segundo advento de Cristo com poder e glória. Ao passo que procurava conduzir seu povo a Jesus de Nazaré como o Prometido, e indicar-lhes a Sua primeira vinda como sacrifício pelos pecados dos homens, ensinava-lhes também a Sua segunda vinda.

Wolff cria na proximidade da vinda do Senhor. Sua interpretação dos períodos proféticos colocava o grande acontecimento em bem poucos anos de diferença do tempo indicado por Miller. "Porventura nosso Senhor[...] não nos deu sinais dos tempos, a fim de que possamos ao menos saber a aproximação de Sua vinda, assim como alguém sabe da proximidade do verão pelo brotar das folhas da figueira? [...] Pelos sinais dos tempos [...] será conhecido o suficiente para nos induzir ao preparo para a Sua vinda, tal como Noé preparou a arca."[2.]

Contrariando a interpretação popular — Em relação ao sistema popular de interpretar as Escrituras, escreveu Wolff: "A maior parte da igreja cristã tem se separado do claro sentido das Escrituras [...] e suposto que quando lêem judeus, devem entender gentios; e quando lêem Jerusalém, devem compreender igreja; e se se fala de Terra, isto significa Céu; e pela vinda do Senhor, devem compreender o progresso das sociedades missionárias; e subir ao monte da casa do Senhor significa imponente reunião religiosa dos metodistas."[3.]

De 1821 a 1845, Wolff viajou pelo Egito, Etiópia, Palestina, Síria, Pérsia, Bucara, Índia e Estados Unidos.

Poder no Livro — O Dr. Wolff viajou pelos países mais bárbaros, sem qualquer proteção, suportando agruras e cercado de inumeráveis perigos. Sofreu fome, foi vendido como escravo, três vezes foi condenado à morte, foi assediado por ladrões, e algumas vezes quase pereceu de sede. Uma ocasião foi despojado de tudo que possuía e deixado a viajar centenas de quilômetros a pé, através de montanhas, com o rosto açoitado pela neve e os pés enregelados ao contato com o chão congelado.

Quando advertido pelo fato de ir desarmado entre tribos selvagens e hostis, declarou estar "provido de armas — oração, zelo para com Cristo e confiança em Seu auxílio". "Também estou provido do amor de Deus e do meu próximo em meu coração, e com a Bíblia em minhas mãos." "Sentia que o meu poder estava no Livro, e que sua força me sustentaria."[4.]

Assim perseverou até que a mensagem foi levada a uma grande parte do globo habitável. Entre judeus, turcos, persas, hindus e muitas outras nacionalidades e povos, distribuiu a Palavra de Deus em várias línguas, e em toda parte anunciou a aproximação do Messias.

Em Bucara encontrou a doutrina da próxima vinda do Senhor, professada por um povo isolado. Os árabes do Iêmen, diz ele, "acham-se de posse de um livro chamado 'Seera', que dá informação sobre a segunda vinda de Cristo e Seu reino em glória; e esperam que ocorram grandes acontecimentos no ano de 1840". "Encontrei filhos de Israel, da tribo de Dã, [...] que esperam, com os filhos de Recabe, a breve vinda do Messias nas nuvens do Céu."[5.] [162]

Semelhante crença foi encontrada por outro missionário na Tartária. Um sacerdote tártaro perguntou quando Cristo viria pela segunda vez. Ao responder o missionário que nada sabia a respeito, o sacerdote pareceu ficar grandemente surpreso com tal ignorância por parte de quem ensinava a Bíblia, e declarou sua própria crença, baseada na profecia, de que Cristo viria aproximadamente em 1844.

A mensagem do advento na Inglaterra — Já em 1826 a mensagem do advento começou a ser pregada na Inglaterra. O tempo exato do advento não era geralmente ensinado, mas proclamava-se vastamente a verdade da próxima vinda de Cristo em poder e glória. Declara um escritor inglês que mais ou menos setecentos

ministros da Igreja Anglicana estavam empenhados na pregação do “evangelho do reino”.

A mensagem que indicava 1844 como o tempo da vinda do Senhor foi também apresentada na Grã-Bretanha. Publicações adventistas dos Estados Unidos eram amplamente disseminadas lá. Em 1842, Robert Winter, um inglês que aceitou na América a fé do advento, retornou a seu país natal a fim de anunciar a vinda do Senhor. Muitos se uniram a ele nesse trabalho, em várias partes da Inglaterra.

Na América do Sul, Lacunza, jesuíta espanhol, recebeu a verdade da imediata volta de Cristo. Desejando escapar da censura de Roma, publicou sua versão sob o pseudônimo de “Rabi Ben-Ezra”, representando-se a si próprio como um judeu converso. Por volta de 1825 seu livro foi traduzido para o inglês. Serviu para aprofundar o interesse já despertado na Inglaterra.

A revelação se desdobra a Bengel — Na Alemanha, a doutrina foi ensinada por Bengel, ministro luterano e erudito bíblico. Enquanto preparava um sermão sobre Apocalipse 21, a luz da segunda vinda de Cristo raiou na mente de Bengel. As profecias do Apocalipse se desvendaram à sua compreensão. Vencido pela intuição da importância estupenda e da glória das cenas apresentadas pelo profeta, foi obrigado a desviar-se por algum tempo da contemplação do assunto. No púlpito este lhe foi apresentado novamente em toda a sua clareza. Desde aquele tempo dedicou-se ao estudo das profecias e em breve chegou à crença de que a vinda de Cristo estava próxima. A data que fixou como o tempo do segundo advento diferia, em muito poucos anos, da que Miller admitiu mais tarde.

Os escritos de Bengel se espalharam em seu próprio Estado de Würtemberg e em outras partes da Alemanha. A mensagem do [163] advento foi ouvida na Alemanha ao mesmo tempo em que despertava atenção em outras terras.

Em Genebra, Gaussen pregou a mensagem do segundo advento. Ao entrar para o ministério, inclinava-se ao cepticismo. Na juventude sentira interesse pelas profecias. Depois de ler a *História Antiga* de Rollin, sua atenção foi despertada para o segundo capítulo de Daniel. Surpreendeu-se com a exatidão com que as profecias haviam sido cumpridas. Ali estava um testemunho em favor da inspiração das

Escrituras. Não podia satisfazer-se com os ensinos do racionalismo e, ao estudar a Bíblia, foi levado a uma fé positiva.

Chegou à conclusão de que a vinda do Senhor estava às portas. Impressionado com a importância dessa verdade, desejou levá-la à presença do povo. Mas a crença popular de que as profecias de Daniel não podiam ser compreendidas representava sério obstáculo. Finalmente tomou a decisão — tal como Farel o fizera antes dele ao evangelizar Genebra — de começar com as crianças, através das quais esperava conseguir o interesse dos pais. Disse ele: "Arranjo um auditório de crianças; se o grupo aumenta e os ouvintes escutam com interesse e agrado, compreendem e explicam o assunto, estou certo de que terei logo uma segunda reunião, e os adultos, por sua vez, hão de ver também que vale a pena sentar-se e estudar. Feito isto, a causa está ganha."[6.]

Ao ele falar às crianças, pessoas mais idosas vieram também para ouvir. As galerias de sua igreja ficavam repletas de ouvintes, entre os quais havia homens de posição e saber, bem como desconhecidos e estrangeiros que visitavam Genebra. Assim a mensagem foi levada a outras partes.

Animado, Gaussen publicou suas lições sob a esperança de promover o estudo dos livros proféticos. Mais tarde se tornou professor numa escola de teologia, ao passo que nos domingos continuava seu trabalho como catequista, falando às crianças e instruindo-as nas Escrituras. Da cátedra de professor, através da imprensa, e como instrutor de crianças, continuou durante muitos anos a atuar como instrumento para chamar a atenção de muitos ao estudo das profecias que indicavam a proximidade da vinda do Senhor.

Crianças-pregadoras na Escandinávia — Na Escandinávia, também, a mensagem do advento foi proclamada. Muitos despertaram para confessar e abandonar seus pecados, buscando perdão em Cristo. O clero da igreja oficial, contudo, opôs-se ao movimento, e alguns que pregavam a mensagem foram lançados na prisão.

Em muitos lugares, onde os pregadores da próxima vinda do Senhor foram silenciados, Deus dignou-Se em enviar a mensagem através de crianças pequenas. Como fossem menores, o Estado não podia restringi-las, de modo que lhes foi permitido falar sem ser molestadas. [164]

O povo reunia-se nas modestas cabanas dos trabalhadores para ouvir a advertência. Algumas das crianças não tinham mais que seis ou oito anos de idade; e, ao mesmo tempo que sua vida testificava que amavam o Salvador, manifestavam, normalmente, apenas a habilidade e inteligência que geralmente se vêem nas crianças daquela idade. Quando se encontravam em pé diante do povo, contudo, eram movidas por uma influência acima dos seus dotes naturais. O tom e as maneiras mudavam, e com poder solene faziam a advertência do juízo: "Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo."

O povo ouvia com tremor. O Espírito de Deus falava-lhes ao coração. Muitos eram levados a investigar as Escrituras, os intemperantes e imorais se corrigiam e fazia-se uma obra tão marcante, que mesmo os ministros da igreja oficial eram obrigados a reconhecer que a mão de Deus estava no movimento.

Era vontade de Deus que as novas da vinda do Salvador fossem dadas nos países escandinavos, e Ele pôs o Seu Espírito sobre as crianças para que a obra pudesse cumprir-se. Quando Jesus Se aproximava de Jerusalém, as pessoas, intimidadas pelos sacerdotes e príncipes, cessaram com a alegre proclamação ao entrarem pelas portas de Jerusalém. Mas as crianças, nos pátios do templo, entoavam logo o estribilho, clamando: "Hosana ao Filho de Davi!" Mateus 21:8-16. Assim como Deus agiu por meio das crianças no tempo do primeiro advento de Cristo, também o fez ao dar a mensagem de Seu segundo advento.

Difunde-se a mensagem — A América tornou-se o centro do grande movimento do advento. Os escritos de Miller e seus companheiros foram levados a países distantes, onde quer que missionários houvessem penetrado. Por toda parte se propagou a mensagem do evangelho eterno: "Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo."

As profecias que pareciam indicar a vinda de Cristo na primavera de 1844 exerceram profunda impressão na mente do povo. Muitos estavam convictos de que os argumentos dos períodos proféticos eram corretos, e, sacrificando o orgulho de suas opiniões, receberam alegremente a verdade. Alguns ministros renunciaram a seus salários e igrejas, unindo-se na proclamação da vinda de Jesus. Comparativamente, poucos ministros, entretanto, aceitaram

essa mensagem; assim foi ela em grande medida outorgada a homens humildes. Lavradores deixavam o campo; mecânicos, suas ferramentas; comerciantes, as suas mercadorias; profissionais, as suas ocupações. Voluntariamente suportaram as fadigas, privações e sofrimento, a fim de poderem chamar os homens ao arrependimento, para a salvação. A verdade do advento foi aceita por milhares. [165]

As Escrituras simples produzem convicção — Tais como João Batista, os pregadores punham o machado à raiz da árvore, e insistiam com todos a que produzissem "frutos dignos de arrependimento". Em marcante contraste com as afirmações de paz e segurança que se ouviam dos púlpitos populares, o testemunho simples das Escrituras comunicava uma convicção a que poucos eram capazes de resistir inteiramente. Muitos buscavam ao Senhor com arrependimento. As afeições que durante tanto tempo se haviam apegado às coisas terrestres agora se fixavam no Céu. Com o coração abrandado e subjugado, uniam-se para fazer soar o clamor: "Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo."

Pecadores, chorando, perguntavam: "Que devo fazer para me salvar?" Aqueles que haviam sido desonestos ansiavam por fazer restituição. Todos os que encontravam paz em Cristo anelavam por ver outros participarem dessa bênção. O coração dos pais se convertia aos filhos, e o dos filhos, aos pais. Malaquias 4:5, 6. Barreiras de orgulho e reserva foram varridas. Fizeram-se confissões sinceras. Por toda parte havia pessoas pleiteando com Deus. Muitos passavam em oração noites inteiras a fim de obter a certeza de que seus pecados estavam perdoados, ou pela conversão dos parentes ou vizinhos.

Todas as classes — ricos e pobres, grandes e humildes — achavam-se ansiosas por ouvir a doutrina do segundo advento. O Espírito de Deus dava poder a Sua verdade. A presença de santos anjos era sentida nessas assembléias, e muitos eram diariamente acrescentados aos crentes. Vastas multidões escutavam em silêncio as solenes palavras. Céu e Terra pareciam aproximar-se um do outro. Os homens procuravam seus lares com louvores nos lábios, ressoando o som festivo no ar silencioso da noite. Qualquer pessoa que tenha assistido àquelas reuniões jamais poderá esquecer-se dessas cenas do mais profundo interesse.

Oposição à mensagem — A proclamação de um tempo definido para a vinda de Cristo despertou grande oposição de muitos, dentre

todas as classes, desde o ministro no púlpito, até ao mais ousado pecador. Muitos declaravam que não se opunham à doutrina do segundo advento; contestavam unicamente a fixação de um tempo definido. Mas os olhos de Deus, que tudo vêem, liam-lhes o coração. Não desejavam ouvir acerca da vinda de Cristo para julgar o mundo com justiça. Suas obras não resistiriam à inspeção do Deus que sonda os corações, e receavam encontrar-se com o Senhor. Tais como os judeus nos dias de Cristo, não estavam preparados para recebê-Lo. Não somente se recusavam a ouvir os claros argumentos da Bíblia, como ainda procuravam ridicularizar os que aguardavam o Senhor. Satanás lançava afronta ao rosto de Cristo, de que Seu povo professo sentia tão pouco amor por Ele, que não desejava o Seu aparecimento. [166]

"Daquele dia e hora ninguém sabe", era o argumento mais freqüentemente apresentado pelos que rejeitavam a fé do advento. A passagem é: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão somente o Pai". Mateus 24:36. Uma explicação clara dessa passagem era apresentada pelos que aguardavam o Senhor, e o emprego errôneo que seus oponentes faziam dela foi claramente demonstrado.

Uma declaração do Salvador não deve destruir outra. Embora ninguém saiba o dia ou a hora de Sua vinda, requer-se que saibamos de sua proximidade. Recusar ou negligenciar o conhecimento da proximidade de Sua vinda será tão fatal para nós quanto o foi nos dias de Noé não saber quando viria o dilúvio. Diz Cristo: "Se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti". Apocalipse 3:3.

Paulo fala daqueles que atendem à advertência do Salvador: "Vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse dia como ladrão vos apanhe de surpresa; porquanto vós todos sois filhos da luz, e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas". 1 Tessalonicenses 5:4, 5.

Aqueles, porém, que desejavam uma desculpa para rejeitar a verdade, fechavam os ouvidos a essa explicação, e as palavras — "Daquele dia e hora ninguém sabe" — prosseguiam ecoando por parte dos escarnecedores e mesmo pelos professos ministros de Cristo. Ao começarem as pessoas a inquirir quanto ao meio de

salvação, ensinadores religiosos se interpuseram entre estes e a verdade, interpretando falsamente a Palavra de Deus.

Os mais devotos nas igrejas eram geralmente os primeiros a receber a mensagem. Onde quer que o povo não fosse controlado pelos clérigos, onde quer que pesquisassem a Palavra de Deus por si mesmos, a doutrina do advento precisava apenas ser comparada com as Escrituras para que fosse estabelecida a sua autoridade divina.

Muitos eram transviados por maridos, esposas, pais ou filhos, sendo levados a crer que era pecado até mesmo escutar as "heresias" ensinadas pelos adventistas. Os anjos receberam ordens de velar fielmente por aquelas pessoas, pois outra luz, procedente do trono de Deus, deveria ainda resplandecer sobre elas.

Os que haviam recebido a mensagem aguardavam a vinda do Salvador. O tempo em que esperavam encontrar-se com Ele estava às portas. Com calma e solenidade viam aproximar-se a hora. Pessoa alguma que tenha experimentado essa confiante esperança poderá esquecer-se daquelas horas de expectativa. Algumas semanas antes do tempo, as ocupações seculares foram em sua maior parte postas de lado. Crentes sinceros examinavam cuidadosamente o coração, como se dentro de poucas horas devessem fechar os olhos às cenas terrestres. Não houve a confecção de "vestes para a ascensão", porém todos sentiam necessidade de evidências internas, no sentido de que estavam preparados para encontrar-se com o Salvador. Suas vestes brancas representavam a pureza de vida — o caráter purificado pelo [167] sangue expiatório de Cristo. Quisera Deus que houvesse ainda entre seu professo Seu povo o mesmo espírito de exame do coração, a mesma fé ardorosa!

Deus teve a intenção de provar Seu povo. Sua mão ocultou um erro no cômputo dos períodos proféticos. O tempo da expectação [ou seja, de que Cristo apareceria na primavera de 1844] passou, e Cristo não apareceu. Os que haviam esperado o Salvador vivenciaram amargo desapontamento. Todavia, Deus estava provando o coração dos que professavam estar à espera de Seu aparecimento. Muitos haviam agido motivados pelo medo. Estas pessoas declararam que jamais haviam crido que Cristo viria. Dentre estes acharam-se os primeiros a ridicularizar a tristeza dos verdadeiros crentes.

Mas Jesus e toda a hoste celestial olhavam com amor e simpatia para os fiéis, embora decepcionados. Se pudessem descerrar o

véu que separava o mundo visível do invisível, teriam visto anjos aproximando-se daquelas pessoas perseverantes, escudando-as dos dardos de Satanás. [168]

1. *Travels and Adventures of the Rev. Joseph Wolff*, v. 1, p. 6, 7.

2. Joseph Wolff, *Researches and Missionary Labors*, p. 404, 405.

3. *Journal of the Rev. Joseph Wolff*, p. 96.

4. W. H. D. Adams, *In Perils Oft*, p. 192, 201.

5. *Journal of the Rev. Joseph Wolff*, p. 377, 389.

6. L. Gaussen, *Daniel the Prophet*, v. 2, prefácio.

Capítulo 21 — Ceifando o furacão

Guilherme Miller e seus companheiros haviam procurado despertar os que professavam a religião para a verdadeira esperança da igreja e para sua necessidade de uma experiência cristã mais profunda. Trabalharam, também, para despertar os não-conversos à necessidade de arrependimento e conversão. "Não faziam tentativas para converter os homens a uma seita. Trabalharam entre todos os grupos e seitas." Disse Miller: "Pensei beneficiar a todos. Supondo que todos os cristãos se regozijassem com a perspectiva da vinda de Cristo, e que os que não viam as coisas como eu as via, não haveriam, por isso, de menosprezar os crentes nesta doutrina, não pensei em qualquer necessidade de reuniões separadas. [...] A grande maioria dos que se converteram pelos meus trabalhos, uniram-se às várias igrejas existentes."[1.]

Contudo, decidindo-se os líderes religiosos contra a doutrina do advento, negaram a seus membros o privilégio de assistir a pregações a respeito do segundo advento ou mesmo de falar sobre esta esperança em suas igrejas. Os crentes amavam suas igrejas. Como, porém, vissem negado seu direito de investigar as profecias, compreenderam que a lealdade para com o Senhor os impedia de submeter-se. Por isso se sentiram justificados em desligar-se dessas congregações. No verão de 1844, cerca de cinqüenta mil se retiraram das igrejas.

Na maioria das igrejas, durante anos se havia observado uma gradual, porém crescente conformidade com as práticas do mundo, e um declínio correspondente na vida espiritual. Naquele ano, contudo, evidenciou-se uma decadência notável em quase todas as igrejas do país. O fato foi largamente comentado, tanto pela imprensa quanto do púlpito.

O Sr. Barnes, autor de um comentário e pastor de uma das maiores igrejas de Filadélfia, "declarou que [...] agora não há despertamentos nem conversões, tampouco se evidencia crescimento em graça por parte dos que professam a religião, e ninguém chegava

a seu gabinete de estudo a fim de falar a respeito da salvação. [...] Aumentou o espírito de mundanismo. Isso ocorre com todas as denominações."[2.]

No mês de Fevereiro do mesmo ano, o Prof. Finney, do Oberlin College, disse: "De modo geral, as igrejas protestantes de nosso país são, como tais, ou apáticas ou hostis a quase todas as reformas morais da época. [...] A apatia espiritual invade quase tudo, e é [169] terrivelmente profunda; assim testifica a imprensa religiosa de todo o país. [...] Quase que de modo geral, os membros das igrejas estão se tornando seguidores da moda; dão as mãos aos descrentes nas reuniões de prazer, nas danças, nas festas, etc. [...] As igrejas em geral estão se degenerando lamentavelmente. Elas têm se afastado muito do Senhor, que Se retirou delas."

Os homens rejeitam a luz — As trevas espirituais não resultam da retirada arbitrária da graça divina por parte de Deus, mas sim da rejeição da luz por parte dos homens. O povo judeu, pelo apego ao mundo e esquecimento de Deus, ficou em ignorância quanto ao primeiro advento do Messias. Em sua descrença, rejeitou o Redentor. Deus não privou a nação judaica das bênçãos da salvação. Aqueles que rejeitaram a verdade, fizeram "da escuridade luz, e da luz escuridade". Isaías 5:20.

Depois de terem rejeitado o evangelho, os judeus prosseguiram mantendo seus antigos ritos, embora admitissem que a presença de Deus não mais era manifesta entre eles. A profecia de Daniel apontava de modo inconfundível para o tempo da vinda do Messias e predizia diretamente a Sua morte. Assim, eles desaconselhavam seu estudo, e finalmente os rabis pronunciaram uma maldição sobre todos os que tentassem a contagem do tempo. Em sua cegueira e impenitência, o povo de Israel tem permanecido durante os séculos, indiferente ao misericordioso oferecimento de salvação, como solene e terrível advertência do perigo de rejeitar a luz do Céu.

Aquele que abafa as convicções do dever pelo fato de este se achar em conflito com as tendências pessoais perderá finalmente a capacidade de discernir a verdade do erro. A pessoa se separa de Deus. Onde a verdade divina for desdenhada, a igreja será deixada em trevas, a fé e o amor esfriarão, e surgirá a dissensão. Os membros da igreja centralizam seus interesses nos empreendimentos mundanos, e os pecadores se tornam endurecidos em sua impenitência.

A mensagem do primeiro anjo — A mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14 estava destinada a separar o professo povo de Deus das influências corruptoras. Nesta mensagem, Deus enviou à igreja uma advertência que, se houvesse sido aceita, teria corrigido os males que a estavam separando dEle. Se os homens tivessem recebido a mensagem, humilhando o coração e se preparando para estarem em pé diante de Sua presença, o Espírito de Deus teria Se manifestado. A igreja teria recebido outra vez a unidade, fé e amor dos dias apostólicos, em que "era um o coração e a alma", e quando o Senhor, "acrescentava-lhes [...] dia a dia, os que iam sendo salvos". Atos dos Apóstolos 4:32; 2:47.

Se o povo de Deus tivesse recebido a luz de Sua Palavra, teria alcançado a unidade descrita pelo apóstolo, "a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Diz ele: "Há um só corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança de vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo". Efésios 4:3-5. [170]

Os que aceitaram a mensagem do advento vieram de diferentes denominações, de modo que as barreiras denominacionais foram lançadas por terra. Credos conflitantes eram reduzidos a átomos. Falsos pontos de vista quanto ao segundo advento foram corrigidos. Repararam-se as injustiças, corações uniram-se em doce comunhão. O amor reinou supremo. Essa doutrina teria feito o mesmo por todos, se todos a houvessem recebido.

Os ministros, que como atalaias deveriam ter sido os primeiros a discernir os sinais da vinda de Jesus, falharam em aprender a verdade pelos profetas ou pelos sinais dos tempos. O amor a Deus e a fé em Sua Palavra haviam enfraquecido, e a doutrina do advento despertou tão-somente a sua descrença. Como na antigüidade, o testemunho da Palavra de Deus era enfrentado com a pergunta: "Porventura creu nEle alguém dentre as autoridades, ou algum dos fariseus?" João 7:48. Muitos desestimulavam o estudo das profecias, ensinando que os livros proféticos estavam selados, e não deveriam ser compreendidos. Multidões, confiando nos pastores, recusaram-se a ouvir; outros, embora convictos da verdade, não ousavam confessá-la "para não serem expulsos da sinagoga". João 9:22. A mensagem que Deus enviara para provar a igreja, revelou quão grande era o número dos que haviam posto a afeição neste mundo, ao invés de em Cristo.

A rejeição da mensagem do primeiro anjo foi a causa da terrível condição de mundanismo, apostasia e morte espiritual que prevalecia nas igrejas em 1844.

A mensagem do segundo anjo — Em Apocalipse 14 o primeiro anjo é seguido do segundo, que proclama: "Caiu, caiu a grande Babilônia, que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição". Apocalipse 14:8. O termo "Babilônia" deriva de "Babel", e significa confusão. É empregado nas Escrituras para designar as várias formas de religião falsa ou apóstata. Em Apocalipse 17, Babilônia é representada por uma mulher — figura utilizada na Bíblia como símbolo da igreja: uma mulher virtuosa é símbolo da igreja pura, ao passo que uma mulher depravada representa a igreja apóstata.

Nas Escrituras, o relacionamento entre Cristo e Sua igreja é representado pela união matrimonial. O Senhor declara: "Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça." "Porque Eu sou vosso esposo." "Visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo". Oséias 2:19; Jeremias 3:14; 2 Coríntios 11:2.

Adultério espiritual — A infidelidade da igreja para com Cristo, permitindo que o amor às coisas mundanas ocupe a mente, [171] é comparada com a violação do voto conjugal. O pecado de Israel, afastando-se do Senhor, é apresentado sob esta figura. "Como a mulher se aparta perfidamente do seu marido, assim com perfídia te houveste comigo, ó casa de Israel, diz o Senhor." "Foste como a mulher adúltera que, em lugar de seu marido, recebe a estranhos". Jeremias 3:20; Ezequiel 16:32.

Diz o apóstolo Tiago: "Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus". Tiago 4:4.

A mulher (Babilônia) "achava-se [...] vestida de púrpura e escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição. Na sua fronte achava-se escrito um nome: Mistério, Babilônia, a Grande, a mãe das meretrizes." Diz o profeta: "Vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus." Babilônia "é a grande cidade que domina sobre os reis da Terra". Apocalipse 17:4-6, 18.

O poder que por tantos séculos manteve despótico domínio sobre os monarcas da cristandade é Roma. A cor púrpura e escarlata, o ouro, as pérolas e pedras preciosas retratam a magnificência ostentada pela altiva Sé de Roma. Nenhum outro poder poderia com tanta propriedade ser descrito como "embriagado do sangue dos santos", quanto a igreja que tem perseguido tão cruelmente os seguidores de Cristo.

Babilônia é também acusada de relação ilícita com "os reis da Terra". Pelo afastamento do Senhor e aliança com os pagãos, a igreja judaica se tornou prostituta; e Roma, procurando o apoio dos poderes do mundo, recebe condenação idêntica.

Babilônia é a "mãe das meretrizes". Suas filhas devem ser simbolizadas por igrejas que se apegam a suas doutrinas e tradições, seguindo seu exemplo em sacrificar a verdade de modo a formar aliança com o mundo. A mensagem que anuncia a queda de Babilônia deve ser aplicada aos grupos religiosos que uma vez foram puros e se tornaram corruptos. Uma vez que esta mensagem se segue à advertência do juízo, deve ser proclamada nos últimos dias. Não pode referir-se, portanto, apenas à Igreja Romana, uma vez que esta tem estado em condição decaída há muitos séculos.

Adicionalmente, o povo de Deus é chamado a sair de Babilônia. Segundo esse texto, muitos dentre o povo de Deus devem ainda encontrar-se em Babilônia. E em que corporações religiosas se encontrará hoje a maior parte dos seguidores de Cristo? Nas várias igrejas que professam a fé protestante. Ao tempo em que surgiram, estas assumiram uma nobre posição em favor da verdade, e a bênção de Deus as acompanhou. Caíram, porém, pelo mesmo desejo que foi a ruína de Israel — imitação das práticas dos ímpios e a busca de sua amizade. [172]

União com o mundo — Muitas das igrejas protestantes estão seguindo o exemplo de Roma na aliança com "os reis da Terra" — igrejas do Estado, por seu relacionamento com os governos seculares; e as outras denominações, ao buscarem o favor do mundo. O termo "Babilônia" — confusão — pode ser aplicado a essas corporações que professam ter suas doutrinas derivando da Bíblia, mas estão divididas em quase inúmeras seitas, com credos contraditórios.

Uma obra católico-romana argumenta que "se a Igreja de Roma foi culpada de idolatria, com relação aos santos, sua filha, a Igreja

Anglicana, tem a mesma culpa, pois tem dez igrejas dedicadas a Maria para uma dedicada a Cristo”.[3.]

O Dr. Hopkins declara: “Não há motivo para se considerar o espírito e prática anticristãos como sendo restritos ao que hoje se chama a Igreja de Roma. Nas igrejas protestantes se encontra muito do anticristo, e estão longe de se acharem completamente reformadas das [...] corrupções e impiedades.”[4.]

Com respeito à separação da Igreja Presbiteriana da de Roma, o Dr. Guthrie escreve: “Há trezentos anos, nossa igreja, com uma Bíblia aberta em seu estandarte, e ostentando esta divisa — ‘Examinai as Escrituras’ — saiu das portas de Roma.” Faz logo a significativa pergunta: “Saíram de Babilônia limpos?”[5.]

Primeiros afastamentos do evangelho — Como, a princípio, a igreja se afastou da simplicidade do evangelho? Conformando-se com as práticas do paganismo, a fim de facilitar a aceitação do cristianismo por parte dos pagãos. “Pelo fim do segundo século, a maioria das igrejas tomou nova forma. [...] Ao baixarem os velhos discípulos ao túmulo, seus filhos, juntamente com os novos conversos, [...] puseram-se à frente da causa e lhe deram novo molde.” “Uma inundação pagã, invadindo a igreja, trouxe consigo seus costumes, práticas e ídolos.”[6.] A religião cristã assegurou-se o favor e apoio dos governantes seculares. Foi nominalmente aceita por multidões. Muitos, porém, “na realidade permaneceram pagãos e, especialmente em segredo, adoravam os ídolos”.[7.]

Não se tem repetido o mesmo caso em quase todas as igrejas que se intitulam protestantes? Com o desaparecimento dos fundadores, dos que possuíam o verdadeiro espírito de reforma, seus descendentes “dão novo molde à causa”. Recusando-se cegamente a aceitar qualquer verdade além da que lhes foi dada conhecer, os filhos dos reformadores se afastam do exemplo paterno de abnegação e renúncia do mundo.

Ai! até que ponto as igrejas populares têm-se afastado dos padrões bíblicos! Disse João Wesley, falando de dinheiro: “Não dissipeis parte alguma de tão precioso talento [...] com vestuário supérfluo ou dispendioso, ou com adornos desnecessários. Não gasteis parte dele em ornar extravagantemente vossas casas; em mobília [173] desnecessária ou dispendiosa; em pinturas, quadros ou douraduras custosas. [...] Tanto quanto vos vistais ‘de púrpura e de linho fi-

níssimo', e vivais 'todos os dias regalada e esplendidamente', não há dúvida de que muitos aplaudirão vossos gostos elegantes, vossa generosidade e hospitalidade. [...] Estai antes contentes, porém, com a honra que vem de Deus."[8.]

Governantes, políticos, advogados, médicos e negociantes aderem à igreja como meio de promover seus interesses mundanos. As corporações religiosas, robustecidas com a influência e riqueza dos mundanos batizados, mais se empenham em obter popularidade. Pomposas e extravagantes igrejas são construídas. Elevado salário é pago ao talentoso ministro para que entretenha o povo. Seus sermões devem ser suaves e agradáveis aos ouvidos. Desta forma os pecados modernos ficam escondidos sob o véu da piedade.

Um escritor fala, no *Independent* de Nova York, da situação do metodismo atual: "A linha de separação entre os religiosos e irreligiosos se desvanece numa espécie de penumbra, e homens zelosos de ambos os lados estão labutando para suprimir toda diferença entre seu modo de agir e seus prazeres."

Nessa maré de busca de prazeres, a abnegação e sacrifício por amor de Cristo acham-se quase inteiramente esquecidos. "Se fundos são necessários agora, [...] ninguém deve ser convidado a contribuir. Oh, não! fazei uma quermesse, representações, espetáculos, jantares à antiga, ou alguma coisa para se comer — algo que divirta o povo."

Robert Atkins pinta um quadro do declínio espiritual na Inglaterra: "Apostasia, apostasia, apostasia, é o que está gravado na frente de cada igreja; e se elas o soubessem e sentissem, poderia haver esperança; mas, ai! elas exclamam: 'Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta.'"[9.]

O grande pecado imputado a Babilônia é que "a todas as nações deu a beber do vinho da fúria da sua prostituição". Essa taça representa as falsas doutrinas que ela aceitou como resultado da sua amizade com o mundo. Por sua vez a igreja exerce uma influência corruptora sobre o mundo, ensinando doutrinas que se opõem às mais claras instruções da Bíblia.

Se o mundo não estivesse intoxicado com o vinho de Babilônia, multidões seriam convencidas e convertidas pelas verdades claras da Palavra de Deus. Mas a fé religiosa parece tão confusa e discordante, que as pessoas não sabem no que crer como sendo a verdade. O pecado da impenitência do mundo jaz à porta da igreja.

A mensagem do segundo anjo não alcançou completo cumprimento em 1844. As igrejas experimentaram então uma queda moral, em conseqüência de recusarem a luz da mensagem do advento; mas essa queda não foi completa. Prosseguindo em rejeitar as verdades especiais para esse tempo, elas têm caído mais e mais. Contudo, não se pode dizer ainda que "caiu Babilônia [...] que a todas as [174] nações deu a beber do vinho da fúria da sua prostituição". As igrejas protestantes estão incluídas na solene denúncia do segundo anjo. Mas a obra da apostasia ainda não atingiu o clímax.

Antes da vinda do Senhor, Satanás operará "com todo poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo engano de injustiça"; e os que "não acolheram o amor da verdade para serem salvos" serão deixados à mercê da "operação do erro, para darem crédito à mentira". 2 Tessalonicenses 2:9-11. A queda de Babilônia se completará quando a união da igreja com o mundo tiver se consumado em toda a cristandade. A mudança é gradual, e o cumprimento perfeito de Apocalipse 14:8 ainda está no futuro.

Apesar das trevas espirituais nas igrejas que constituem Babilônia, a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo encontra-se ainda em sua comunhão. Muitos jamais viram as verdades especiais para o tempo presente. Muitos anelam por mais clara luz. Procuram em vão a imagem de Cristo nas igrejas a que estão ligados.

Apocalipse 18 indica o tempo em que o povo de Deus ainda presente em Babilônia será chamado a separar-se de sua comunhão. Esta mensagem, a última que será enviada ao mundo, cumprirá a sua obra. A luz da verdade brilhará então sobre todos aqueles cujo coração estiver aberto para recebê-la, e todos os filhos do Senhor que permanecem em Babilônia atenderão ao chamado: "Sai dela, [175] povo Meu". Apocalipse 18:4.

---

1. Bliss, p. 328.

2. *Congregational Journal*, 23 de Maio de 1844.

3. Richard Challoner, *The Catholic Christian Instructed*, Prefácio, p. 21, 22.

4. Samuel Hopkins, "A Treatise on the Millennium", *Works*, v. 2, p. 328.

5. Thomas Guthrie, *The Gospel in Ezekiel*, p. 237.

6. Robert Robinson, *Ecclesiastical Researches* (ed. de 1792), cap. 6, parágrafo 17, p. 51.

7. Gavazzi, *Lectures* (ed. de 1854), p. 278.

8. Wesley, *Works*, Sermão 50, "The Use of Money".

[9.] *Second Advent Library*, tratado n 39.

Capítulo 22 — Profecias cumpridas

Quando passou o tempo em que se esperou pela primeira vez a vinda do Senhor — a primavera de 1844 — os que haviam aguardado o Seu aparecimento acharam-se em perplexidade e dúvida. Muitos continuaram a investigar as Escrituras, examinando de novo as provas de sua fé. As profecias, claras e conclusivas, indicavam a vinda de Cristo como estando próxima. A bênção do Senhor na conversão e reavivamento entre os cristãos testemunhara que a mensagem era do Céu. Entrelaçada com as profecias bíblicas, que haviam considerado como tendo aplicação ao tempo do segundo advento, havia instrução animando-os a esperar pacientemente na fé segundo a qual o que então era obscuro ao seu entendimento, se tornaria claro no devido tempo. Entre essas profecias estava a de Habacuque 2:1-4. Ninguém, contudo, percebeu que a aparente demora — um tempo de tardança — é apresentado na mesma profecia. Após o desapontamento, o texto parecia muito significativo: "A visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não falhará; se tardar, espera-O, porque certamente virá, e não tardará. [...] O justo viverá pela sua fé."

A profecia de Ezequiel representava também um conforto para os crentes. "Assim diz o Senhor Deus [...]: Os dias estão próximos e o cumprimento de toda profecia. [...] Porque Eu, o Senhor, falarei, e a palavra que Eu falar se cumprirá, e não será retardada." "A palavra que falei se cumprirá". Ezequiel 12:23-25, 28.

Os que esperavam se regozijaram. Aquele que conhece o fim desde o princípio lhes dera esperança. Não fossem essas porções das Escrituras, sua fé teria fracassado.

A parábola das dez virgens de Mateus 25 também ilustra a experiência do povo do advento. Aqui se faz referência à igreja que vive nos últimos dias. Sua experiência é ilustrada pelos incidentes de um casamento oriental.

"Então o reino dos Céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco

dentre elas eram néscias, e cinco prudentes. As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono, e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! saí ao seu encontro". Mateus 25:1-6. [176]

A vinda de Cristo, conforme anunciada pela mensagem do primeiro anjo, era entendida como representada pela vinda do esposo. A reforma espiritual que se generalizou sob a proclamação de Sua segunda vinda correspondeu à saída das virgens. Nessa parábola, todas haviam tomado suas lâmpadas, a Bíblia, e saíram "a encontrar-se com o noivo". Mas, enquanto as néscias "não levaram azeite consigo", "as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas". A última classe tinha estudado as Escrituras a fim de aprender a verdade e possuía uma experiência pessoal, uma fé em Deus que não poderia ser derrotada pelo desapontamento e demora. Outros haviam sido movidos pelo impulso, sendo seus temores provocados pela mensagem. Haviam dependido da fé dos irmãos, satisfeitos com a luz vacilante das boas emoções, sem uma compreensão perfeita da verdade ou uma obra genuína da graça no coração. Estes haviam "saído" para encontrar o Senhor sob a perspectiva de recompensa imediata, mas não se achavam preparados para a demora e desapontamento. Sua fé fracassou.

"Tardando o noivo, foram todas tomadas de sono, e adormeceram." Pela tardança do noivo é representada a passagem do tempo, o desapontamento, a aparente demora. Aqueles cuja fé se baseava no conhecimento pessoal da Bíblia, tinham sob os pés uma rocha que as ondas do desapontamento não poderiam destruir. "Foram todas tomadas de sono, e adormeceram", uma classe no abandono de sua fé, a outra aguardando pacientemente até que luz mais clara fosse proporcionada. Os que eram superficiais não poderiam por mais tempo apoiar-se na fé dos irmãos. Cada qual tinha de, por si mesmo, ficar em pé ou cair.

Aparece o fanatismo — Por esse tempo começou a aparecer o fanatismo. Alguns manifestaram zelo fanático. Suas idéias extremadas não encontraram simpatia da grande corporação dos adventistas; serviram, no entanto, para acarretar o opróbrio à causa da verdade.

Satanás estava perdendo seus súditos e, no intuito de acarretar a ignomínia à causa de Deus, procurou enganar alguns que haviam professado a fé, levando-os a extremos. Seus agentes estavam a postos para apanhar todo erro, todo ato indecoroso, e apresentá-lo exageradamente ao povo, a fim de tornar odiosos os adventistas. Quanto maior fosse o número dos que professassem a fé no advento, ao mesmo tempo que seu poder lhes controlasse o coração, tanto maior a vantagem que obteria.

Satanás é o "acusador dos irmãos". Apocalipse 12:10. Seu espírito inspira os homens a espreitar os erros e defeitos do povo do Senhor, conservando-os sob observação, enquanto deixa ignoradas as suas boas obras.

Nenhuma reforma, em toda a história da igreja, foi levada avante sem encontrar sérios obstáculos. Onde quer que o apóstolo Paulo fundasse uma igreja, alguns que professavam receber a fé introduziam heresias. Lutero também sofreu grande angústia causada por [177] pessoas fanáticas que pretendiam ter recebido comunicações diretamente de Deus, e que posicionavam suas idéias acima das Escrituras. Muitos eram seduzidos pelas pretensões dos novos ensinadores e uniam-se aos agentes de Satanás na obra de derrubar o que Deus levara Lutero a edificar. Os irmãos Wesley enfrentaram os ardis de Satanás, que consistiam em arrastar pessoas desequilibradas e profanas a excessos de fanatismo.

Guilherme Miller não alimentava simpatias para com o fanatismo. "O diabo", disse ele, "tem presentemente grande poder sobre a mente de alguns." "Tenho muitas vezes obtido mais provas de uma piedade interior por meio de um olhar iluminado, um rosto umedecido, uma fala embargada, do que de todo o ruído da cristandade."[1.]

Na Reforma os seus inimigos atribuíam todos os males do fanatismo contra os mesmos que estavam a trabalhar com todo afã a fim de combatê-lo. Idêntico procedimento foi adotado pelos oponentes do movimento adventista. Não contentes em exagerar os erros dos extremistas, faziam circular boatos desfavoráveis que não tinham os mais leves traços de verdade. Sua paz se perturbava pela proclamação de que Cristo estava às portas. Temiam que fosse verdade, embora esperassem que não fosse. Este era o segredo da luta que moviam contra os adventistas.

O anúncio da mensagem do primeiro anjo tendia diretamente a reprimir o fanatismo. Os que participavam desses solenes movimentos estavam em harmonia; seu coração se enchia com o amor de uns para com os outros e para com Jesus, a quem esperavam ver brevemente. Uma só fé, uma só esperança demonstravam-se um escudo contra os assaltos de Satanás.

Correção do equívoco — "Tardando o noivo, foram todas tomadas de sono, e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! saí ao seu encontro." No verão de 1844 a mensagem foi proclamada nas próprias palavras empregadas pelas Escrituras.

O que conduziu a este movimento foi a descoberta de que o decreto de Artaxerxes para a restauração de Jerusalém, que determinava o ponto de partida para os 2.300 dias, entrou em vigor no outono de 457 a.C., e não no começo do ano, conforme se crera antes. Contando o tempo a partir do outono de 457, os 2.300 anos terminariam no outono de 1844. Os tipos do Antigo Testamento apontavam também para o outono como o tempo em que deveria ocorrer a "purificação do santuário".

A morte do cordeiro pascal era sombra da morte de Cristo, e este símbolo se cumprira, não somente quanto ao acontecimento, mas também quanto ao tempo. No dia catorze do primeiro mês judaico, no mesmo dia e mês em que, durante séculos o cordeiro pascal havia sido morto, Cristo instituiu a solenidade que deveria comemorar Sua própria morte como o "Cordeiro de Deus". Naquela mesma noite Ele foi apanhado a fim de ser crucificado e morto. [178]

De igual maneira, os tipos que se referem ao segundo advento devem cumprir-se ao tempo designado pelo serviço simbólico. A purificação do santuário, ou Dia da Expiação, ocorria no décimo dia do sétimo mês judaico, quando o sumo sacerdote, havendo efetuado expiação por todo o Israel — e assim removido seus pecados do santuário — saía e abençoava o povo. Desse modo, cria-se que Cristo apareceria para purificar a Terra pela destruição de pecado e pecadores, e glorificar com a imortalidade o Seu povo expectante. O décimo dia do sétimo mês, o grande Dia da Expiação, tempo da purificação do santuário, que em 1844 caía no dia 22 de Outubro, foi considerado como o tempo da vinda do Senhor. Os 2.300 dias terminariam no outono, e a conclusão parecia irresistível.

“O clamor da meia-noite” — Os argumentos produziram forte convicção, e o “clamor da meia-noite” foi proclamado por milhares de crentes. Semelhante à vaga da maré, o movimento alastrou-se de cidade em cidade, de vila em vila. O fanatismo desapareceu como a geada matutina diante do Sol a erguer-se. A obra assemelhava-se aos períodos de retorno ao Senhor que, entre o antigo Israel, se seguiam a mensagens de advertência por parte de Seus servos. Houve pouca alegria arrebatadora, porém mais profundo exame de coração, confissão de pecados e abandono do mundo. Houve irrestrita consagração a Deus.

De todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos apóstolos, nenhum foi mais livre de imperfeições humanas e dos enganos de Satanás do que o do outono de 1844.

Ao chamado: “Eis o noivo!”, os expectantes “se levantaram [...] e prepararam suas lâmpadas”; estudaram a Palavra de Deus com interesse mais profundo do que nunca. Não foram os mais talentosos, e sim os mais humildes e devotos, que se contaram entre os primeiros a obedecer ao chamado. Lavradores deixaram as colheitas no campo e mecânicos depuseram as ferramentas, saindo para dar a advertência. De modo geral as igrejas fecharam as portas a esta mensagem, e numeroso grupo dos que a receberam cortou sua ligação com elas. Os incrédulos que se congregaram nas reuniões adventistas sentiram o poder convincente que acompanhava a mensagem: “Eis o noivo!” A fé atraía resposta à oração. Como aguaceiros sobre a terra sedenta, o espírito de graça descia sobre os pesquisadores sinceros. Os que esperavam em breve estar face a face com seu Redentor sentiam solene alegria. O Espírito Santo sensibilizava os corações.

Os que receberam a mensagem chegaram ao tempo em que esperavam encontrar-se com o Senhor. Oravam muito uns com os outros. Reuniam-se muitas vezes em lugares isolados a fim de ter comunhão com Deus, e vozes de intercessão ascendiam aos Céus [179] a partir de campos e bosques. A certeza da aprovação do Salvador, para eles, era mais necessária do que o alimento cotidiano, e se alguma nuvem escurecia seu espírito, não descansavam enquanto não fosse dissipada pela graça perdoadora.

Novamente o desapontamento — Contudo, uma vez mais passou o tempo de expectação e o Salvador não apareceu. Agora experimentavam o mesmo sentimento de Maria quando, indo ao túmulo

do Salvador e encontrando-o vazio, exclamou em prantos: “Levaram o meu Senhor, e não sei onde O puseram”. João 20:13.

O receio de que a mensagem pudesse ser verdadeira serviu de restrição ao mundo incrédulo. Mas, como não se vissem sinais da ira de Deus, recuperaram-se de seus temores e retomaram a difamação e o ridículo. Numerosa classe que havia professado crer, agora renunciou à fé. Os escarnecedores ganharam para suas fileiras os fracos e covardes, e todos estes se uniram para declarar que o mundo permaneceria o mesmo por milhares de anos.

Os crentes fervorosos e sinceros haviam abandonado tudo por Cristo e, conforme acreditavam, tinham dado a última advertência ao mundo. Com intenso desejo haviam orado: “Vem, Senhor Jesus.” Agora, reassumir o fardo dos cuidados e perplexidades da vida e suportar as zombarias de um mundo escarnecedor, representava uma prova terrível.

Quando Jesus cavalgou triunfantemente para Jerusalém, Seus seguidores acreditavam estar Ele prestes a ascender ao trono de Davi e libertar Israel dos opressores. Cheios de esperança, muitos estendiam suas vestes como um tapete no caminho de Cristo, ou, à Sua passagem, cobriam o solo com viçosos ramos de palmeira. Os discípulos estavam cumprindo o propósito de Deus, não obstante aguardava-os amargo desapontamento. Apenas decorridos alguns dias, tiveram de testemunhar a morte agonizante do Salvador, e conduzi-Lo à tumba. Suas esperanças morreram com Jesus. Antes de o Salvador triunfar sobre a sepultura, eles não puderam perceber que tudo havia sido predito pela profecia.

Mensagens apresentadas no tempo correto — De igual maneira, Miller e seus colaboradores cumpriram a profecia e proclamaram a mensagem que a Inspiração predisse que deveria ser apresentada ao mundo. Não o teriam feito, contudo, se tivessem compreendido completamente as profecias que indicavam seu desapontamento e outra mensagem a ser pregada a todas as nações antes que o Senhor viesse. As mensagens do primeiro e do segundo anjos foram dadas no tempo devido e cumpriram a obra a que foram designadas por Deus.

O mundo ficou na expectativa de que, se o tempo passasse e Cristo não aparecesse, todo o sistema adventista desapareceria. Mas, embora muitos deixassem a fé, alguns permaneceram firmes. Os

[180] frutos do movimento adventista — o espírito de exame do coração, a renúncia ao mundo e a reforma de vida — testificavam que ele procedia de Deus. Não ousavam negar que o Espírito Santo acompanhara a pregação do segundo advento. Não conseguiam perceber qualquer erro nos períodos proféticos. Seus oponentes não haviam conseguido subverter-lhes o sistema de interpretação profética. Não poderiam consentir em renunciar às posições alcançadas por intermédio de ardoroso e devoto estudo das Escrituras, feito por mentes iluminadas pelo Espírito de Deus e corações ardentes de Seu vivo poder, posições que haviam permanecido firmes diante do saber e da eloqüência.

Os adventistas acreditavam que Deus os levara a dar a advertência do juízo. Diziam eles: "O aviso provou o coração de todos os que o ouviram, despertando interesse pelo aparecimento do Senhor [...] de modo que todos os que examinassem o próprio coração soubessem de que lado teriam sido encontrados se o Senhor tivesse vindo — se teriam exclamado: 'Eis que Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará', ou se teriam pedido às rochas e montanhas que caíssem sobre eles e os escondessem da face dAquele que estava assentado sobre o trono!"[2.]

O sentimento daqueles que ainda criam que Deus os havia guiado é expresso pelas palavras de Guilherme Miller: "Minha esperança na vinda de Cristo é tão firme como sempre. Fiz apenas aquilo que, depois de anos de solene consideração, compreendi ser meu dever fazer." "Muitos milhares, segundo a aparência humana, foram levados a estudar as Escrituras pela pregação da profecia do tempo; e por esse meio, mediante a fé e aspersão do sangue de Cristo, foram reconciliados com Deus."[3.]

Crença mantida — O Espírito de Deus ainda permaneceu com aqueles que não negaram temerariamente a luz que haviam recebido, nem acusaram o movimento adventista. "Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque ainda dentro de pouco tempo Aquele que vem virá, e não tardará; todavia, o Meu justo viverá pela fé e, se retroceder, nele não se compraz a Minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma". Hebreus 10:35-39.

Essa admoestação é dirigida à igreja nos últimos dias. Subentende-se claramente que haveria uma aparente tardança. O povo, a que a passagem aqui se refere, havia feito a vontade de Deus, seguindo a orientação de Seu Espírito e de Sua Palavra; não podiam, contudo, entender Seu propósito na experiência passada. Eram tentados a duvidar de que Deus efetivamente os estivesse conduzindo. A esse tempo eram aplicáveis as palavras: "O Meu justo viverá pela fé." Abatidos por verem frustradas as esperanças, unicamente pela fé [181] em Deus e em Sua Palavra poderiam permanecer em pé. Renunciar então à fé e negar o poder do Espírito Santo, que tinha acompanhado a mensagem, seria recuar para a perdição. A única maneira segura de proceder era acariciar a luz já recebida de Deus, prosseguir no exame das Escrituras e aguardar paciente e vigilantemente, pelo recebimento de luz adicional. [182]

[1] Bliss, p. 236, 237.

[2] *The Advent Herald and Signs of the Times Reporter*, v. 8, n 14 (13/11/1844).

[3] Bliss, p. 256, 255, 277, 280, 281.

Capítulo 23 — Esclarecido o mistério do santuário

A passagem que, mais que todas as outras, havia sido tanto a base como a coluna central da fé do advento, foi: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. Daniel 8:14. Estas palavras haviam sido familiares a todos os crentes na proximidade da vinda do Senhor. Ele, porém, não apareceu. Os crentes sabiam que a Palavra de Deus não pode falhar; deveria haver engano na interpretação da profecia, mas [...] onde?

Deus tinha conduzido Seu povo no grande movimento adventista. Não permitiria que ele finalizasse em trevas e desapontamento, difamado como falso e fanático. Embora muitos abandonassem a contagem anterior dos períodos proféticos, negando a exatidão do movimento nela baseada, outros não estavam dispostos a renunciar a pontos de fé e experiência que eram apoiados pelas Escrituras e pelo Espírito de Deus. Era seu dever reter firmemente as verdades já adquiridas. Com fervorosa oração, estudaram as Escrituras para descobrir onde haviam errado. Como não conseguissem ver engano algum no cômputo dos períodos proféticos, examinaram mais atentamente o assunto do santuário.

Aprenderam que não há nas Escrituras uma prova que apóie a idéia popular de que a Terra é o santuário; acharam, porém, uma completa explicação do assunto do santuário, quanto à sua natureza, localização e serviços.

“Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado, e o seu santuário terrestre. Com efeito, foi preparado o tabernáculo, cuja parte anterior, onde estavam o candeeiro, e a mesa, e a exposição dos pães, se chama o Santo Lugar; por trás do segundo véu se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos, ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso, e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão que floresceu, e as tábuas da aliança; e sobre ela os querubins de glória que, com a sua sombra, cobriam o propiciatório”. Hebreus 9:1-5.

O “santuário” era o tabernáculo construído por Moisés, por ordem de Deus, como a morada terrestre do Altíssimo. “E Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles”. Êxodo 25:8. Foi esta a ordem dirigida a Moisés. O tabernáculo era uma estrutura de grande magnificência. Além do pátio exterior, o tabernáculo propriamente dito consistia de dois compartimentos, chamados o lugar santo e o lugar santíssimo, separados por uma bela cortina, ou véu. Um véu idêntico fechava a entrada ao primeiro compartimento. [183]

Lugares santo e santíssimo — No lugar santo estava o castiçal, do lado do sul, com sete lâmpadas a iluminar o santuário, tanto de dia quanto à noite; ao lado norte encontrava-se a mesa com os pães da proposição. Diante do véu, separando o lugar santo do lugar santíssimo, encontrava-se o altar do incenso, de ouro, do qual a fragrante nuvem, com as orações de Israel, ascendia diariamente à presença de Deus.

No lugar santíssimo achava-se a arca, uma caixa recoberta de ouro, e depositária dos Dez Mandamentos. Acima da arca estava o propiciatório, encimado por dois querubins de ouro maciço. Nesse compartimento a presença divina se manifestava na nuvem de glória entre os querubins.

Depois do estabelecimento dos hebreus em Canaã, o tabernáculo foi substituído pelo templo de Salomão, o qual, embora fosse uma estrutura permanente e de maior escala, observava as mesmas proporções e continha mobiliário semelhante. Sob essa forma o santuário existiu — exceto enquanto esteve em ruínas no tempo de Daniel — até sua destruição pelos romanos em 70 d.C. Este é o único santuário sobre a Terra, acerca do qual a Bíblia provê informações — o santuário do primeiro concerto. Mas o novo concerto não tem santuário?

Volvendo novamente ao livro de Hebreus, os pesquisadores da verdade descobriram que um segundo santuário — o do novo concerto — estava subentendido nas palavras já citadas: “Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado, e o seu santuário terrestre.” Voltando ao princípio do capítulo anterior, eles leram: “Ora, o essencial das coisas que temos dito, é que possuímos tal sumo sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem”. Hebreus 8:1, 2.

Aqui se revela o santuário do novo concerto. O santuário do primeiro concerto foi construído por Moisés; este último foi fundado pelo Senhor. Naquele santuário os sacerdotes terrestres efetuavam o seu culto; neste, Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, ministra à destra de Deus. Um santuário estava na Terra, o outro no Céu.

O tabernáculo construído por Moisés foi feito segundo um modelo. O Senhor ordenou: "Segundo a tudo o que Eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis." "Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte." O primeiro tabernáculo era figura "das coisas que se acham nos Céus" e "uma parábola para a época presente". Os sacerdotes oficiavam "em figura e sombra das coisas celestes." "Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus". Êxodo 25:9, 40; Hebreus 9:23, 9; 8:5; 9:24.

[184]

O santuário do Céu é o grande original, de que o santuário construído por Moisés foi uma cópia. O esplendor do tabernáculo terrestre refletia as glórias do templo celestial em que Cristo ministra por nós perante o trono de Deus. Importantes verdades concernentes ao santuário celestial e à redenção do homem eram ensinadas pelo santuário terrestre e seus serviços.

Os dois compartimentos — Os lugares santos do santuário celeste são representados pelos dois compartimentos do santuário terrestre. Ao apóstolo João foi concedida uma visão do templo de Deus, no Céu. Contemplou ali "sete tochas de fogo" que "diante do trono ardem". Viu também um anjo que "ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono". Apocalipse 4:5; 8:3. Aqui o profeta contempla o primeiro compartimento do santuário celestial; por isso ele viu as "sete tochas de fogo" e o "altar de ouro" representados pelo castiçal de ouro e o altar de incenso do santuário terrestre.

Uma vez mais "abriu-se [...] o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da aliança no Seu santuário", e esta era representada pelo receptáculo construído por Moisés para guardar a lei de Deus. Apocalipse 11:19.

Assim, os que estavam estudando o assunto encontraram provas da existência de um santuário no Céu. João dá testemunho de que o viu no Céu.

No templo celestial, no lugar santíssimo, encontra-se a lei de Deus. A arca que encerra a lei está coberta pelo propiciatório, diante do qual Cristo, pelo Seu sangue, pleiteia em prol do pecador. Assim se representa a união da justiça com a misericórdia no plano da redenção, uma união que enche de admiração todo o Céu. Este é o mistério da misericórdia ao qual os anjos desejam atentar — que Deus pode ser justo ao mesmo tempo que justifica o pecador arrependido; que Cristo pode erguer inumeráveis multidões da ruína e vesti-las com as vestes imaculadas de Sua própria justiça.

A obra de Cristo como intercessor do homem acha-se apresentada em Zacarias: "Ele mesmo edificará o templo do Senhor, e será revestido de glória; assentar-Se-á no Seu [do Pai] trono e dominará, e será sacerdote no Seu trono e reinará perfeita união entre ambos os ofícios". Zacarias 6:13.

"Ele mesmo edificará o templo do Senhor." Pelo Seu sacrifício e mediação, Cristo é o fundamento e o edificador da igreja de Deus, "a pedra angular, no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor". Efésios 2:20, 21. "Será revestido de glória." O cântico dos resgatados será: "Àquele que nos ama, e pelo Seu sangue nos libertou dos nossos pecados, [...] a Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém". Apocalipse 1:5, 6. [185]

"Assentar-Se-á no Seu trono e dominará, e será sacerdote no Seu trono." O reino da glória ainda não foi inaugurado. Só depois que Ele terminar Sua obra como mediador, Deus Lhe dará um reino "que não terá fim". Lucas 1:33. Como sacerdote, Cristo está agora assentado com o Pai no Seu trono. No trono é Ele quem "tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si"; que "foi [...] tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado", para que "naquilo que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado", possa ser "poderoso para socorrer os que são tentados". Isaías 53:4; Hebreus 4:15; 2:18. As mãos feridas, o lado traspassado, os pés cravejados, pleiteiam pelo homem decaído, cuja redenção foi comprada com tão infinito preço.

"E reinará perfeita união entre ambos os ofícios." O amor do Pai é a fonte de salvação para a raça perdida. Disse Jesus aos discípulos:

"Porque o próprio Pai vos ama." "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo." "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito". João 16:27; 2 Coríntios 5:19; João 3:16.

Resolvido o mistério do santuário — O "verdadeiro tabernáculo" no Céu é o santuário do novo concerto. Com a morte de Cristo, terminou o serviço típico. Uma vez que a profecia de Daniel 8:14 se cumpre na presente dispensação, o santuário ao qual ela se refere deve ser o santuário do novo concerto. Desta forma, a profecia "até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado" aponta ao santuário celestial.

Mas [...] o que é a purificação do santuário? Poderá haver no Céu alguma coisa a ser purificada? No capítulo 9 de Hebreus acha-se claramente ensinada a purificação tanto do santuário terrestre quanto do celestial: "Quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem com tais sacrifícios [o sangue de animais] mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios a eles superiores" (Hebreus 9:22, 23); ou seja, com o próprio sangue precioso de Cristo.

A purificação do santuário — A purificação no serviço real deve ser realizada pelo sangue de Cristo. "Sem derramamento de sangue não há remissão." Remissão, ou o ato de lançar fora o pecado, é a obra a ser efetuada.

Mas, como poderia existir pecado em relação com o santuário celestial? Isto pode ser compreendido por uma referência ao culto simbólico, pois os sacerdotes terrestres serviam de "figura e sombra das coisas celestes". Hebreus 8:5.

O serviço no santuário terrestre dividia-se em duas partes: Os sacerdotes ministravam diariamente no lugar santo, ao passo que uma vez ao ano o sumo sacerdote efetuava uma obra especial de [186] expiação no lugar santíssimo, para a purificação do santuário. Dia após dia o pecador arrependido levava sua oferta e, colocando a mão sobre a cabeça da vítima, confessava seus pecados, transferindo-os simbolicamente de si próprio para o sacrifício inocente. O animal era então morto. "Porque a vida da carne está no sangue". Levítico 17:11. A lei de Deus, transgredida, requeria a vida do transgressor. O sangue, representando a vida do pecador cuja culpa a vítima assumira, era levado pelo sacerdote ao lugar santo e aspergido diante do

véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgredira. Por essa cerimônia, o pecado era figuradamente transferido para o santuário. Em alguns casos o sangue não era levado para o lugar santo, mas a carne deveria então ser comida pelo sacerdote. Ambas as cerimônias simbolizavam a transferência do pecado do penitente para o santuário.

Esta era a obra que se prolongava por todo o ano. Os pecados de Israel eram assim transferidos ao santuário, e uma obra especial necessitava ser efetuada para a sua remoção.

O grande dia da expiação — Uma vez ao ano, no grande Dia da Expiação, o sacerdote entrava no lugar santíssimo para a purificação do santuário. Dois bodes eram trazidos e sobre eles se lançavam sortes, "uma para o Senhor, e a outra para o bode emissário". Levítico 16:8. O bode do Senhor era morto como oferta pelo pecado do povo, e o sacerdote devia trazer o sangue do mesmo para dentro do véu e aspergi-lo diante do propiciatório e também diante do altar de incenso, diante do véu.

"Arão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniqüidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem à disposição para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniqüidades deles para terra solitária". Levítico 16:21, 22. O bode emissário não mais vinha ao acampamento de Israel.

A cerimônia tinha por fim impressionar os israelitas com a santidade de Deus e o Seu horror ao pecado. Exigia-se que, enquanto se efetuava a obra de expiação, cada pessoa se afligisse. Todas as ocupações deviam ser postas de lado, e a congregação de Israel devia passar o dia em oração, jejum e exame do coração.

Um substituto era aceito em lugar do pecador, mas o pecado não se cancelava pelo sangue da vítima; era transferido para o santuário. Pelo oferecimento de sangue, o pecador reconhecia a autoridade da lei, confessava sua transgressão e expressava sua fé num Redentor vindouro; entretanto, não ficava ainda inteiramente liberado da condenação da lei. No Dia da Expiação o sumo sacerdote, havendo apresentado uma oferta pela congregação, adentrava ao lugar santíssimo. Espargia o sangue dessa oferta sobre o propiciatório, [187] diretamente sobre a lei, a fim de satisfazer aos seus reclamos. Então,

na qualidade de mediador, tomava sobre si mesmo os pecados e os retirava do santuário. Colocando as mãos sobre a cabeça do bode emissário, figuradamente transferia todos os pecados ao bode. Este era então o portador de tais pecados, os quais eram considerados como para sempre separados do povo.

Realidade celestial — O que se fazia tipicamente no ministério do santuário terrestre é efetuado em realidade no santuário celestial. Depois de Sua ascensão, começou nosso Salvador o Seu trabalho como nosso Sumo Sacerdote: "Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus". Hebreus 9:24.

O ministério do sacerdote no primeiro compartimento, "para dentro do véu" que separava o lugar santo do pátio externo, representa a obra à qual Cristo Se dedicou ao ascender ao Céu. O sacerdote, na ministração diária, apresentava diante de Deus o sangue da oferta pelo pecado, assim como o incenso que subia com as orações de Israel. Assim, Cristo pleiteava, com o Seu sangue, perante o Pai, em favor dos pecadores, apresentando também, com a fragrância de Sua própria justiça, as orações dos crentes arrependidos. Esta era a obra ministerial no primeiro compartimento do santuário celeste.

Para ali a fé dos discípulos acompanhou a Cristo quando Ele ascendeu. Ali centralizou-se a esperança deles, "a qual temos por âncora da alma, segura e firme, e que penetra além do véu, aonde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-Se tornado sumo sacerdote para sempre". "Pelo Seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção". Hebreus 6:19, 20; 9:12.

Durante dezoito séculos esse ministério prosseguiu no primeiro compartimento do santuário. O sangue de Cristo assegurou perdão e aceitação diante do Pai, em favor dos crentes arrependidos, embora seus pecados ainda permanecessem nos livros de registro. Como no serviço típico havia uma expiação ao fim do ano, assim — antes que se complete a obra de Cristo em favor dos homens — há também uma expiação para tirar o pecado do santuário. Este serviço começou quando terminaram os 2.300 dias. Naquela ocasião nosso Sumo Sacerdote entrou no lugar santíssimo para purificar o santuário.

Obra de julgamento — No novo concerto os pecados dos penitentes são, pela fé, colocados sobre Cristo e transferidos, de fato, para

o santuário celeste. E assim como a purificação típica do santuário terrestre se efetuava mediante a remoção dos pecados pelos quais ele se poluíra, igualmente a purificação real do santuário celeste deve efetuar-se pela remoção, ou apagamento, dos pecados que ali estão [188] registrados. Antes, porém, que isto se possa realizar, deve haver um exame dos livros de registro a fim de se determinar quem, através do arrependimento e fé em Cristo, tem direito aos benefícios de Sua expiação. A purificação do santuário envolve, portanto, uma obra de investigação — um julgamento — antes da vinda de Cristo, pois quando Ele vier, Sua recompensa estará com Ele para dar a cada um segundo as suas obras. Apocalipse 22:12.

Desse modo, os que seguiram a luz da palavra profética perceberam que, em vez de vir à Terra ao terminarem em 1844 os 2.300 dias proféticos, Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celestial, a fim de levar a cabo a obra final de expiação, preparatória à Sua vinda.

Quando Cristo, pelo mérito de Seu próprio sangue, remover do santuário celestial os pecados de Seu povo, ao encerrar-se o Seu ministério, colocará os mesmos sobre Satanás, que, na execução do juízo, deverá suportar a pena final. O bode emissário era enviado para uma terra não habitada, não devendo nunca mais retornar à congregação de Israel. Assim será Satanás para sempre banido da presença de Deus e de Seu povo, e eliminado da existência na destruição final do pecado e dos pecadores. [189]

Capítulo 24 — O que Cristo está realizando agora?

O assunto do santuário foi a chave que desvendou o mistério do desapontamento. Revelou um conjunto completo de verdades, vinculadas entre si e harmoniosas, mostrando que a mão de Deus dirigiu o grande movimento adventista. Aqueles que haviam aguardado em fé o segundo advento esperavam que Ele aparecesse em glória; sendo desapontadas as suas esperanças, perderam de vista a Jesus. Então, no lugar santíssimo, contemplaram novamente seu Sumo Sacerdote, prestes a aparecer como rei e libertador. A luz proveniente do santuário iluminou o passado, o presente e o futuro. Embora tenham falhado em compreender a mensagem comunicada por eles mesmos, não obstante, ela era correta.

O engano não ocorreu na contagem dos períodos proféticos, e sim no evento a ocorrer no final dos 2.300 dias. Ainda assim, cumpriu-se tudo que estava predito pela profecia.

Cristo compareceu, não à Terra, mas ao lugar santíssimo do templo celestial. "Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do Céu um como o Filho do homem, e dirigiu-Se" — não à Terra, mas — "ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até Ele". Daniel 7:13.

Essa vinda foi também antecipada por Malaquias: "Eis que envio o Meu mensageiro que preparará o caminho diante de Mim; de repente virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da aliança a quem vós desejais; eis que Ele vem, diz o Senhor dos exércitos". Malaquias 3:1. A vinda do Senhor ao Seu templo seria "de repente", inesperada, em relação a Seu povo. Não O buscaram ali.

O povo ainda não estava preparado para encontrar-Se com o Senhor. Havia ainda uma obra de preparo a ser cumprida por eles. Ao seguirem, pela fé, ao Sumo Sacerdote em Seu ministério ali, novos deveres seriam revelados. Outra mensagem deveria ser dada à igreja.

Quem poderá subsistir? — Diz o profeta: "Quem poderá suportar o dia da Sua vinda? E quem poderá subsistir quando Ele aparecer? [...] Assentar-Se-á como derretedor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata; eles trarão ao Senhor justas ofertas". Malaquias 3:2, 3. Os que estiverem vivendo na Terra quando a intercessão de Cristo cessar, deverão, [190] sem mediador, estar em pé na presença de Deus. Suas vestes devem estar imaculadas, seu caráter purificado do pecado pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e seu próprio diligente esforço, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo investigativo prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de afastamento do pecado entre o povo de Deus na Terra. Esta obra é apresentada na mensagem do capítulo 14 de Apocalipse. Quando ela tiver sido realizada, os seguidores de Cristo estarão prontos para o Seu aparecimento. Então a igreja que nosso Senhor deve receber para Si, à Sua vinda, será a "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante". Efésios 5:27.

"Eis o Noivo!" — A vinda de Cristo como Sumo Sacerdote ao lugar santíssimo para a purificação do santuário (Daniel 8:14), a vinda do Filho do homem ao Ancião de dias (Daniel 7:13) e a vinda do Senhor ao Seu templo (Malaquias 3:11) são o mesmo evento. Este é também representado pela vinda do noivo para o casamento, na parábola das dez virgens, em Mateus 25.

Nessa parábola, em chegando o noivo, "as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas". A vinda do noivo ocorre antes das bodas. O casamento representa a recepção do reino por parte de Cristo. A Santa Cidade, a Nova Jerusalém, que é a capital e representa o reino, é chamada "a noiva, a esposa do Cordeiro". Disse o anjo ao apóstolo João: "Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro." "E me transportou em espírito", diz o profeta, "e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do Céu, da parte de Deus". Apocalipse 21:9, 10.

A noiva representa a Santa Cidade, e as virgens que saem ao encontro do noivo são um símbolo da igreja. No Apocalipse é dito que o povo de Deus são os convidados à ceia das bodas. Se eles são os convidados, não podem ser a noiva. Cristo receberá do Ancião de dias, no Céu, "domínio, e glória, e o reino", a Nova Jerusalém,

a capital de Seu reino, "ataviada como noiva adornada para o seu esposo". Tendo recebido o reino, Ele virá como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para a redenção de Seu povo, o qual deverá participar da ceia das bodas do Cordeiro. Daniel 7:14; Apocalipse 21:2.

Esperando pelo Senhor — A proclamação "Eis o noivo!" levou milhares a esperar o imediato advento do Senhor. No tempo indicado o Noivo veio, não para a Terra, mas ao Ancião de dias, no Céu, às bodas, à recepção de Seu reino. "As que estavam apercebidas entraram com Ele para as bodas." Elas não deveriam estar presentes em pessoa, pois estavam na Terra. Os seguidores de Cristo devem esperar "pelo seu Senhor, ao voltar Ele das festas de casamento". Lucas 12:36. Devem, contudo, compreender o Seu trabalho e segui-Lo pela fé. É neste sentido que se diz irem eles às bodas. [191]

Na parábola, as que tinham óleo em suas lâmpadas, foram as que entraram para as bodas. Aqueles que na amarga noite de provação aguardaram pacientemente, examinando a Bíblia à busca de maior luz — esses viram a verdade relativa ao santuário celestial e a mudança no ministério do Salvador. Pela fé O acompanharam em Sua obra naquele santuário. Todos os que aceitam as mesmas verdades, seguindo a Cristo pela fé enquanto Ele efetua Sua última obra de mediação, também participam das bodas.

Obra final no santuário — Na parábola de Mateus 22, o julgamento ocorre antes das bodas. Previamente às bodas vem o rei para ver se todos os convidados têm trajes nupciais, as vestes imaculadas do caráter lavadas e embranquecidas no sangue do Cordeiro. Apocalipse 7:14. Todos os que, sendo examinados são vistos como tendo os trajes nupciais, são aceitos por Deus e considerados dignos de participar de Seu reino e de assentar-se em Seu trono. Esta obra de exame do caráter é o juízo investigativo, a obra final do santuário do Céu.

Quando tiverem sido examinados e decididos os casos dos que em todos os séculos professaram ser seguidores de Cristo, encerrar-se-á o tempo de graça, fechando-se a porta da misericórdia. Assim, esta breve sentença — "as que estavam apercebidas entraram com Ele para as bodas; e fechou-se a porta" — nos conduz ao tempo em que se completará a grande obra para a salvação do homem.

No santuário terrestre, quando o sumo sacerdote, no dia da expiação, entrava no lugar santíssimo, cessava o ministério no primeiro

compartimento. Assim, quando Cristo entrou no lugar santíssimo a fim de efetuar a obra final de expiação, terminou Seu ministério no primeiro compartimento. Iniciou ali a do segundo compartimento. Cristo apenas completara uma parte de Sua obra como nosso intercessor, iniciando logo outra. Ele ainda pleiteia com Seu sangue perante o Pai, em favor dos pecadores.

Embora fosse verdade ter-se fechado a porta de esperança e misericórdia pela qual os homens encontraram acesso a Deus, durante mil e oitocentos anos outra porta foi aberta. Oferecia-se o perdão dos pecados mediante a intercessão de Cristo no lugar santíssimo. Havia ainda uma "porta aberta" no santuário celestial, onde Cristo estava ministrando pelo pecador.

Via-se agora a aplicação das palavras de Cristo no Apocalipse, dirigidas à igreja deste mesmo tempo: "Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, Aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá. [...] Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar". Apocalipse 3:7, 8.

Os que pela fé seguem a Jesus na grande obra da expiação recebem os benefícios de Sua mediação, ao passo que os que rejeitam a luz não são beneficiados. Os judeus que se recusaram a crer em Cristo como o Salvador não poderiam receber o perdão por meio dEle. Quando Jesus, depois da ascensão, entrou no santuário celestial [192] a fim de derramar sobre os discípulos as bênçãos de Sua mediação, os judeus foram deixados em completas trevas, continuando com os sacrifícios e ofertas inúteis. A porta pela qual anteriormente os homens encontravam acesso a Deus, não mais se achava aberta. Os judeus haviam se recusado a buscá-Lo pelo único meio pelo qual poderia então ser encontrado — pelo ministério celestial.

Os judeus incrédulos ilustram a condição dos indiferentes e incrédulos entre os professos cristãos, que ignoram voluntariamente a obra de nosso Sumo Sacerdote. No cerimonial típico, quando o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, exigia-se de todos os israelitas que se reunissem em redor do santuário e se humilhassem diante de Deus, de modo a poderem receber o perdão dos pecados e não serem "eliminados" da congregação. Quanto mais importante é que neste dia antitípico da expiação compreendamos a obra de

nosso Sumo Sacerdote, e saibamos quais os deveres que de nós se requerem!

No tempo de Noé, uma mensagem do Céu foi endereçada ao mundo, e a salvação do povo dependia da maneira como a recebessem. Gênesis 6:6-9; Hebreus 11:7. No tempo de Sodoma, todos — com exceção de Ló, a esposa e duas filhas — foram consumidos pelo fogo enviado do Céu. Gênesis 19. Assim foi nos dias de Cristo. O Filho de Deus declarou aos incrédulos judeus: "Eis que vossa casa vos ficará deserta". Mateus 23:38. Olhando aos últimos dias, o mesmo Poder Infinito declara, concernente a todos os que "não acolheram o amor da verdade para serem salvos": "É por este motivo [...] que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira". 2 Tessalonicenses 2:10, 11. Sendo rejeitados os ensinos da Palavra de Deus, Ele retira o Seu Espírito e os deixa entregues aos enganos que amam. Cristo, porém, ainda intercede em favor do homem, e luz será concedida aos que a buscam.

O transcurso do tempo em 1844 foi seguido de um período de grande prova para os que ainda mantinham a fé do advento. Seu único alívio era a luz que lhes dirigia a mente ao santuário celestial. Enquanto vigiavam e oravam, viram que seu grande Sumo Sacerdote começara a desempenhar outra parte do ministério. Seguindo-O pela fé, foram levados a ver também a obra final da igreja. Obtiveram mais clara compreensão das mensagens do primeiro e segundo anjos, e ficaram habilitados a receber e dar ao mundo a solene advertência do terceiro anjo de Apocalipse 14.

[193]

Capítulo 25 — A imutável lei de Deus

Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da aliança no Seu santuário". Apocalipse 11:19. A arca do concerto de Deus está no santo dos santos, o segundo compartimento do santuário. No ministério do tabernáculo terrestre, que servia como "figura e sombra das coisas celestes", esse compartimento se abria somente no grande Dia da Expiação, para a purificação do santuário. Portanto, o anúncio de que o templo de Deus se abrira no Céu, e de que fora vista a arca do Seu concerto, indica a abertura do lugar santíssimo do santuário celestial em 1844, quando Cristo entrou ali para efetuar a obra finalizadora da expiação. Os que pela fé seguiram seu Sumo Sacerdote, ao iniciar Ele o ministério no lugar santíssimo, contemplaram a arca do Seu concerto. Como tinham estudado o assunto do santuário, chegaram a compreender a mudança operada no ministério do Salvador, e viram que Ele agora oficiava diante da arca de Deus.

A arca do tabernáculo terrestre continha as duas tábuas de pedra, sobre as quais se achavam inscritos os preceitos da lei de Deus. Quando se abriu no Céu o templo de Deus, foi vista a arca do Seu testemunho. Dentro do santo dos santos, no Céu, acha-se guardada sagradamente a lei divina — a lei que foi pronunciada por Deus e escrita com Seu dedo sobre tábuas de pedra.

Os que chegaram à compreensão desse ponto importante viram, como nunca antes, a força das palavras do Salvador: "Até que o Céu e a Terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei". Mateus 5:18. A lei de Deus, sendo a revelação de Sua vontade, um transcrito de Seu caráter, deve permanecer para sempre.

No próprio centro do Decálogo acha-se o mandamento do sábado. O Espírito de Deus impressionou o coração dos que estudavam a Sua Palavra, que haviam transgredido ignorantemente esse preceito, deixando de tomar em consideração o dia de repouso do Criador. Começaram a examinar as razões para a observância do primeiro dia da semana. Não puderam achar evidências de que o

sábado tivesse sido abolido, ou modificado. Tinham procurado sinceramente conhecer e praticar a vontade de Deus; agora manifestaram lealdade para com Deus, santificando Seu sábado.

Muitos foram os esforços para subverter a fé dos crentes adventistas. Ninguém poderia deixar de ver que a aceitação da verdade [194] concernente ao santuário celestial envolvia o reconhecimento dos requisitos da lei de Deus e do sábado do quarto mandamento. Aí estava o segredo da decidida oposição à exposição harmoniosa das Escrituras que revelam o ministério de Cristo no santuário celestial. Os homens procuravam fechar a porta que Deus abriu, e abrir a porta que Ele fechou. Cristo, porém abriu a porta do ministério no lugar santíssimo. O quarto mandamento estava incluído na lei que ali se acha encerrada.

Os que aceitaram a luz relativa à mediação de Cristo e à lei de Deus constataram que estas verdades eram as mesmas de Apocalipse 14, uma tríplice mensagem de advertência que visa preparar os habitantes da Terra para a segunda vinda do Senhor. O anúncio — "Vinda é a hora do Seu juízo" — anuncia uma verdade que deve ser proclamada até que cesse a intercessão do Salvador e Ele retorne a fim de levar para Si mesmo o Seu povo. O julgamento que iniciou em 1844 deve prosseguir até que sejam decididos todos os casos, tanto dos vivos quanto dos mortos; disso se conclui que ela se estenderá até ao final do tempo de graça.

A fim de que os homens possam preparar-se para estar em pé no juízo, a mensagem ordena-lhes que temam a Deus e Lhe dêem glória e adorem "Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas". O resultado da aceitação destas mensagens é apresentado: "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus". Apocalipse 14:7, 12.

A fim de preparar-se para o juízo, os homens devem observar a lei de Deus, que será a norma de caráter no juízo. Paulo declara: "Todos os que com a lei pecaram, mediante a lei serão julgados [...] no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens." "Os que praticam a lei hão de ser justificados." A fé é essencial para que se possa observar a lei de Deus, pois "sem fé é impossível agradar a Deus". "Tudo que não provém de fé é pecado". Romanos 2:12-16; Hebreus 11:6; Romanos 14:23.

Os homens são chamados pelo primeiro anjo a "temer a Deus e dar-Lhe glória", e a adorá-Lo como Criador dos céus e da Terra. Para que possam fazer isso, devem obedecer à Sua lei. Sem obediência, nenhum culto pode ser agradável a Deus. "Porque este é o amor de Deus, que guardemos os Seus mandamentos". 1 João 5:3; Provérbios 28:9.

Chamado à adoração do Criador — O dever de adorar a Deus se baseia no fato de que Ele é o Criador. "Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou". Salmos 95:6; Salmos 96:5; 100:3; Isaías 40:25, 26; 45:18.

Em Apocalipse 14 os homens são chamados a adorar o Criador e a guardar os mandamentos. Um desses mandamentos aponta a Deus como o Criador: "O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus [...] porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou [195] o dia de sábado, e o santificou". Êxodo 20:10, 11. O sábado, diz o Senhor, é um "sinal [...] para que saibais que Eu sou o Senhor vosso Deus". Ezequiel 20:20. Se o sábado tivesse sido universalmente guardado, o homem teria sido dirigido ao Criador como objeto de adoração. Jamais teria existido idólatra, ateu ou incrédulo. A guarda do sábado é sinal de lealdade para com Aquele que "fez os céus, a Terra, o mar e tudo o que neles há". A mensagem que ordena aos homens adorar a Deus e guardar Seus mandamentos apelará especialmente a que observemos o quarto mandamento.

Em contraste com os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus, o terceiro anjo indica outra classe: "Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe a sua marca na fronte, ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus". Apocalipse 14:9, 10. O que é representado pela besta, pela imagem e pelo sinal?

A identidade do dragão — A cadeia de profecias na qual se encontram esses símbolos, começa no capítulo 12 de Apocalipse. O dragão que procurou destruir a Cristo, quando de Seu nascimento, é declarado ser Satanás (Apocalipse 12:9); ele induziu Herodes a procurar matar o Salvador. Mas o agente de Satanás, quando ele fez guerra contra Cristo e Seu povo, durante os primeiros séculos, foi o Império Romano, no qual o paganismo prevalecia como forma de

religião. O dragão é, portanto, num sentido secundário, um símbolo de Roma pagã.

Em Apocalipse 13 aparece outra besta, "semelhante a leopardo", à qual o dragão deu "o seu poder, o seu trono e grande autoridade". Este símbolo, como a maioria dos protestantes têm crido, representa o papado, que se sucedeu no poder e trono e autoridade uma vez mantidos pelo Império Romano. A respeito da besta semelhante a leopardo é declarado: "Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias [...] e abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para Lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no Céu. Foi-lhe dado também que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação". Apocalipse 13:2, 5-7. Esta profecia, que é quase idêntica à descrição da ponta pequena de Daniel 7, refere-se inquestionavelmente ao papado.

"Foi-lhe dada autoridade para agir quarenta e dois meses" — os três anos e meio, ou 1.260 dias de Daniel 7 — durante os quais o poder papal deveria oprimir o povo de Deus. Esse período, conforme declarado em capítulos anteriores, começou com a supremacia papal em 538, e terminou em 1798. Nesta oportunidade o poder papal receberia a "chaga mortal", e cumpriu-se a predição: "Se alguém leva para cativeiro, para cativeiro vai." [196]

O surgimento de um novo poder — Neste ponto aparece em cena um novo símbolo: "Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão". Apocalipse 13:11. Esta nação é diferente das que são apresentadas pelos símbolos precedentes. Os grandes reinos que têm governado o mundo foram apresentados ao profeta Daniel como feras rapinantes, que surgiam quando "os quatro ventos do céu agitavam o Mar Grande". Daniel 7:2.

Mas a besta de cornos semelhantes aos do cordeiro foi vista a "subir da terra". Em vez de subverter outras potências para estabelecer-se, a nação representada deveria surgir em território previamente desocupado, crescendo pacificamente. Deve ser procurada no Continente Ocidental.

Qual a nação do Novo Mundo que se achava em 1798 ascendendo ao poder, apresentando indícios de força e grandeza, e atraindo a atenção do mundo? Uma nação, uma só, preenche esta profecia

— os Estados Unidos da América. Quase que as próprias palavras do escritor sagrado têm sido empregadas inconscientemente pelos historiadores, ao descreverem o crescimento dessa nação. Um grande escritor fala do "mistério de sua procedência do nada", e diz: "Parecendo uma semente silenciosa, desenvolvemo-nos em império."[1.] Um jornal europeu falou, em 1850, dos Estados Unidos como "emergindo" e "no silêncio da terra aumentando diariamente seu poder e orgulho".[2.]

"Possuía dois chifres, parecendo cordeiro." Os cornos semelhantes aos do cordeiro indicam juventude, inocência e brandura. Entre os exilados cristãos que primeiro fugiram para a América, escapando da opressão real e da intolerância dos sacerdotes, havia muitos que se decidiram a estabelecer as liberdades civil e religiosa. A Declaração da Independência estabeleceu a verdade de que "todos os homens são criados iguais" e dotados do direito "à vida, liberdade e procura da felicidade". A Constituição garante ao povo o direito de governar-se a si próprio, estipulando que os representantes eleitos pelo voto do povo estipulem e administrem as leis. Foi também assegurada a liberdade de fé religiosa. Republicanismo e protestantismo tornaram-se os princípios fundamentais da nação, o segredo de seu poder e prosperidade. Milhões têm aportado às suas praias, e os Estados Unidos alcançaram lugar entre as mais poderosas nações da Terra.

Marcante contradição — Mas a besta de cornos semelhantes aos de cordeiro "falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença. Faz com que a Terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada [...] dizendo aos que habitam sobre a Terra, que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu". Apocalipse 13:11-14.

Os cornos semelhantes aos de cordeiro e a voz de dragão indicam uma contradição. A predição de falar "como dragão" e exercer "toda a autoridade da primeira besta" prenuncia um espírito de intolerância [197] e perseguição manifestados pelo dragão e pela besta semelhante a leopardo. E a declaração de que a besta de dois chifres faz com que "a Terra e os seus habitantes adorem a primeira besta" indica que a autoridade dessa nação deverá ser exercida no sentido de impor homenagem ao papado.

Semelhante atitude seria contrária ao espírito de suas instituições livres; às solenes afirmações da Declaração de Independência, e à Constituição. Esta estipula que "o Congresso não fará lei quanto a oficializar alguma religião, ou proibir o seu livre exercício", e que "nenhuma prova de natureza religiosa será jamais exigida como requisito para qualquer cargo de confiança pública nos Estados Unidos". Flagrante violação dessas garantias está sendo representada no símbolo. A besta de chifres semelhantes ao de cordeiro — professando-se pura, suave e inofensiva — fala como dragão.

"Dizendo aos que habitam sobre a Terra que façam uma imagem à besta." Aqui se representa uma forma de governo na qual o poder legislativo emana do povo, uma das provas mais convincentes de que os Estados Unidos são a nação sob referência.

Mas o que é a "imagem da besta"? Como será ela formada?

Quando a igreja primitiva se corrompeu, procurou o apoio do poder secular. O resultado: o poder papal, uma igreja que controlava o Estado, especialmente para a punição da "heresia". Para que os Estados Unidos formem uma "imagem da besta", o poder religioso deve controlar a tal ponto o governo civil, que o Estado seja também empregado pela igreja, na realização dos fins que essa tem em vista.

As igrejas protestantes que seguiram os passos de Roma têm manifestado desejo semelhante de restringir a liberdade de consciência. Um exemplo disso pode ser visto na prolongada perseguição aos dissidentes da igreja Anglicana. Durante os séculos dezesseis e dezessete, ministros não-conformistas e o povo foram submetidos a multa, prisão, tortura e martírio.

A apostasia levou a igreja primitiva a procurar o auxílio do governo civil, e isto preparou o caminho para o papado — a besta. Disse Paulo que viria "a apostasia", havendo de revelar-se "o homem da iniqüidade". 2 Tessalonicenses 2:3.

Declara a Bíblia: "Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder". 2 Timóteo 3:1-5. "O Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por

obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios”. 1 Timóteo 4:1. [198]

Todos os que “não acolheram o amor da verdade para serem salvos” aceitarão “todo engano de injustiça [...] para darem crédito à mentira”. 2 Tessalonicenses 2:10, 11. Quando for atingido tal estado, ver-se-ão os mesmos resultados que nos primeiros séculos.

A vasta diversidade de crenças nas igrejas protestantes é por muitos considerada como prova decisiva de que jamais se poderá impor alguma uniformidade obrigatória. Há anos, porém, vem-se manifestando nas igrejas protestantes um crescente sentimento em favor da união. Para assegurar tal união, deve-se evitar toda discussão de assuntos em que não estejam todos de acordo. No esforço de garantir completa uniformidade, haverá apenas um passo para que se recorra à força.

Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, unindo-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado a que imponha seus decretos e apóie suas instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a aplicação de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável.

A besta e sua imagem — A besta de dois chifres “a todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita, ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta, ou o número do seu nome”. Apocalipse 13:16, 17. O terceiro anjo adverte: “Se alguém adora a besta, e a sua imagem, e recebe a sua marca na fronte, ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus.”

“A besta”, cuja adoração é imposta, é a primeira, semelhante a leopardo, do capítulo 13 do Apocalipse — o papado. A “imagem da besta” representa a forma de protestantismo apóstata que se desenvolverá quando as igrejas protestantes buscarem o auxílio do Estado para a imposição de seus dogmas. Resta ainda definir o “sinal da besta”.

Os que guardam os mandamentos de Deus são colocados em contraste com os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal. A guarda da lei de Deus, por um lado, e sua violação, por outro, deverão assinalar a distinção entre os adoradores de Deus e os da besta.

A característica especial da besta e de sua imagem é a violação dos mandamentos de Deus. Diz Daniel a respeito do chifre pequeno, o papado: "cuidará em mudar os tempos e a lei". Daniel 7:25. Paulo intitulou o mesmo poder de "o homem da iniqüidade" (2 Tessalonicenses 2:3), que deveria exaltar-se acima de Deus. Unicamente mudando a lei de Deus o papado poderia erguer-se acima de Deus. Quem quer que conscientemente guarde a lei assim modificada estará prestando suprema honra às leis papais, num sinal de obediência ao papa em lugar de Deus.

O papado tentou mudar a lei de Deus. O quarto mandamento foi modificado de molde a autorizar a observância do primeiro dia [199] da semana, em lugar do sétimo, como sábado. É apresentada uma mudança intencional, deliberada: "cuidará em mudar os tempos e a lei." A mudança no quarto mandamento cumpre com exatidão a profecia. Aqui o poder papal se coloca abertamente acima de Deus.

Os adoradores de Deus se distinguirão de modo especial pelo respeito ao quarto mandamento, o sinal de Seu poder criador. Os adoradores da besta se distinguirão em seus esforços para derribar o memorial do Criador e exaltar a instituição de Roma. Foi para impor a observância do domingo como o "dia do Senhor" que o papado começou a ostentar pretensões arrogantes. A Bíblia, porém, aponta ao sétimo dia como o dia do Senhor. Disse Cristo: "O Filho do homem é senhor também do sábado". Marcos 2:28; Isaías 58:13; Mateus 5:17-19. A alegação tantas vezes feita, de que Cristo mudou o sábado, é refutada por Suas próprias palavras.

Completo silêncio no Novo Testamento — Os protestantes reconhecem "o completo silêncio do Novo Testamento no que respeita a um mandamento explícito para o domingo ou a regras definidas para a sua observância".[3.]

"Até ao tempo da morte de Cristo nenhuma mudança havia sido feita no dia"; e, "pelo que se depreende do relato sagrado, eles [os apóstolos] não deram [...] nenhum mandamento explícito ordenando o abandono de repouso no sétimo dia, e sua observância no primeiro dia da semana."[4.]

Os católicos romanos reconhecem que a mudança do sábado foi feita pela sua igreja, e declaram que os protestantes, ao observarem o domingo, estão reconhecendo seu poder. Faz-se esta declaração: "Enquanto vigorou a antiga lei, o sábado era o dia santificado; mas a

igreja, instruída por Jesus Cristo e dirigida pelo Espírito de Deus, substituiu o sábado pelo domingo; assim santificamos agora o primeiro dia, e não o sétimo. Domingo quer dizer, e agora é, o dia do Senhor."[5.]

Como sinal da autoridade da igreja, os romanistas citam "o próprio ato da mudança do sábado para o domingo, que os protestantes admitem; [...] porque, guardando o domingo, reconhecem o poder da igreja para ordenar dias santos e impor sua observância sob pena de incorrer em pecado".[6.]

Que é, pois, a mudança do sábado, senão o sinal da autoridade da igreja de Roma — "a marca da besta"?

A Igreja Romana não renunciou a suas pretensões à supremacia. Quando o mundo e as igrejas protestantes aceitam um sábado criado por Roma, ao mesmo tempo que rejeitam o sábado bíblico, acatam virtualmente as suas suposições. Ao assim fazerem, ignoram o princípio que as separa de Roma — que "a Bíblia, e a Bíblia somente, é a religião dos protestantes". À medida que ganha terreno o movimento em favor da guarda obrigatória do domingo, por fim todo o mundo protestante será reunido sob a bandeira de Roma.

Os romanistas declaram que "a observância do domingo pelos protestantes é uma homenagem que prestam, a contragosto, à autoridade da Igreja [Católica]".[7.] A imposição da guarda do domingo [200] por parte do poder secular formará uma imagem à besta; daí a obrigatoriedade da guarda do domingo nos Estados Unidos equivaler a impor a adoração da besta e de sua imagem.

Os cristãos das gerações posteriores observaram o domingo supondo que estavam guardando o sábado bíblico, e ainda hoje existem genuínos cristãos em todas as igrejas que sinceramente crêem ser o domingo o dia de repouso divinamente indicado. Deus aceita sua sinceridade e integridade. Mas quando a observância do domingo for imposta por lei e o mundo for iluminado relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, então quem transgredir o mandamento de Deus, a fim de obedecer aos preceitos de Roma, estará honrando mais ao papado que a Deus. Estará prestando homenagem a Roma. Estará adorando a besta e à sua imagem. Os homens aceitarão, pois, o sinal de fidelidade para com Roma — "a marca da besta". Somente depois que essa situação estiver plenamente exposta ao povo, e este for levado a optar entre os mandamentos de Deus e os dos homens,

é que aqueles que prosseguirem em transgressão receberão “a marca da besta”.

A advertência do terceiro anjo — A mais terrível ameaça que já foi dirigida aos mortais acha-se contida na mensagem do terceiro anjo. Os homens não devem ser deixados em trevas quanto a este importante assunto; a advertência deve ser dada ao mundo antes da visitação dos juízos de Deus, a fim de que todos tenham a oportunidade de escapar. O primeiro anjo faz seu anúncio “a toda a nação, e tribo, e língua, e povo”. A advertência do terceiro anjo não deve ter menor amplitude. É proclamada com grande voz e demandará a atenção do mundo.

Todos estarão divididos em duas grandes classes — os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, e os que adoram a besta e sua imagem, e recebem a sua marca. A Igreja e o Estado se unirão para obrigar “todos” a receberem a “marca da besta”, mas ainda assim o povo de Deus não a receberá. O profeta contempla este povo como “vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé no mar de vidro, tendo harpas de Deus. E entoavam o cântico de Moisés [...] e o cântico do Cordeiro”. [201] Apocalipse 15:2.

---

1. G. A. Townsend, *The New World Compared With the Old*, p. 462.
2. *Dublin Nation*.
3. George Elliott, *The Abiding Sabbath*, p. 184.
4. A. E. Waffle, *The Lord’s Day*, p. 186-188.
5. *Catholic Catechism of Christian Religion*.
6. Henry Tuberville, *An Abridgement of the Christian Doctrine,* p. 58.
7. Mgr. Segur, *Plain Talk About the Protestantism of Today,* p. 213.

Capítulo 26 — Campeões da verdade

A obra de reforma do sábado a realizar-se nos últimos dias acha-se predita em Isaías: "Assim diz o Senhor: Mantende o juízo, e fazei justiça, porque a Minha salvação está prestes a vir, e a Minha justiça prestes a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nisto se firma: que se guarda de profanar o sábado, e guarda a sua mão de cometer algum mal. [...] Aos estrangeiros que se chegam ao Senhor, para O servirem, e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos Seus, sim, todos os que guardam o sábado, não o profanando, e abraçam a Minha aliança, também os levarei ao Meu santo monte, e os alegrarei na Minha casa de oração". Isaías 56:1, 2, 6, 7.

Estas palavras se aplicam à era cristã, como se vê pelo contexto. V. 8. Aqui está prefigurado o ajuntamento dos gentios pelo evangelho, quando Seus servos pregarem a todas as nações a mensagem das alegres novas.

O Senhor ordena: "Resguarda o testemunho, sela a lei no coração dos Meus discípulos". Isaías 8:16. O selo da lei de Deus se encontra no quarto mandamento. Unicamente este, entre todos os dez, apresenta tanto o nome quanto o título do Legislador. Quando o sábado foi mudado pelo poder papal, o selo foi tirado da lei. Os discípulos de Jesus são chamados a restabelecê-lo, exaltando o sábado como o memorial do Criador e sinal de Sua autoridade.

É dada a ordem: "Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a tua voz como a trombeta, e anuncia a Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados." Aqueles que o Senhor designa como "Meu povo" devem ser reprovados por sua transgressão — e esta é uma classe que imagina estar fazendo corretamente o serviço de Deus. Mas a repreensão solene dAquele que perscruta os corações, prova que eles se acham a calcar a pés os preceitos divinos. Isaías 58:1, 2.

O profeta aponta assim à ordenança que tem estado esquecida: "Levantarás os fundamentos de muitas gerações, e serás chamado

reparador de brechas, e restaurador de veredas para que o país se torne habitável. Se desviares o teu pé do sábado, e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia, mas se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então te deleitarás no Senhor". [202] Isaías 58:12-14.

A "brecha" foi feita na lei de Deus quando o sábado foi modificado pelo poder romano. Chegou, porém, o tempo para que a brecha seja reparada.

O sábado foi guardado por Adão em sua inocência no Éden; por Adão, depois de caído mas arrependido, quando expulso de sua morada. Foi guardado por todos os patriarcas, desde Abel até Noé, até Abraão e Jacó. Quando o Senhor libertou Israel, proclamou Sua lei à multidão.

Preservado o santo sábado — Desde aquele dia até ao presente, o sábado tem sido guardado. Embora o "homem da iniqüidade" tenha sido bem-sucedido em pisar o santo dia de Deus, em lugares ocultos, escondidas, pessoas piedosas lhe dispensaram honra.

Essas verdades, que se relacionam com o "evangelho eterno", distinguirão a igreja de Cristo ao tempo de Seu aparecimento. "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus". Apocalipse 14:12.

Os que receberam a luz concernente ao santuário e à lei de Deus, encheram-se de alegria ao verem a harmonia da verdade. Desejaram que a luz fosse comunicada a todos os cristãos. Mas as verdades que se achavam em discordância com o mundo não foram bem recebidas por muitos que pretendiam ser seguidores de Cristo.

Quando as exigências do sábado foram apresentadas, muitos disseram: "Sempre guardamos o domingo, nossos pais o observaram, e muitos homens bons morreram felizes enquanto o guardavam. A guarda de um novo sábado nos poria em desacordo com o mundo. Que pode um pequeno grupo, guardando o sétimo dia, esperar fazer contra todo o mundo que guarda o domingo?" Foi com argumentos semelhantes que os judeus justificaram sua rejeição a Cristo. Foi assim, nos tempos de Lutero, quando os romanistas raciocinavam que os cristãos verdadeiros tinham morrido na fé católica; portanto, essa

religião era suficiente. Tal raciocínio se demonstraria uma barreira contra todo o progresso na fé.

Muitos insistiam que a guarda do domingo tinha sido um costume amplamente difundido da igreja, e isso durante séculos. Contra este argumento se mostrou que o sábado e sua observância eram ainda mais antigos, na verdade tão velhos quanto o próprio mundo — e estabelecidos pelo Ancião de dias.

Na ausência do testemunho bíblico, muitos insistiam: "Por que não compreendem os nossos grandes homens esta questão do sábado? Poucos crêem como vocês. Não pode ser que vocês estejam certos, e que todos os homens de saber estejam em erro."

Para refutar esses argumentos bastava citar as Escrituras e o trato do Senhor com Seu povo através dos séculos. A razão pela qual Ele não escolhe mais vezes homens de saber e de posição para dirigir os movimentos de Reforma, é que estes confiam em seus credos e sistemas teológicos, não sentindo que necessitam ser ensinados por Deus. Homens que têm pouca instrução formal são por vezes chamados para anunciar a verdade, não porque sejam [203] iletrados, mas porque não são demasiado auto-suficientes para ser por Deus ensinados. Sua humildade e obediência os torna grandes.

A história do antigo Israel é um exemplo frisante da passada experiência dos adventistas. Deus guiou Seu povo no movimento adventista, assim como guiou os filhos de Israel ao saírem do Egito. Se todos os que trabalharam unidos na obra de 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo, proclamando-a no poder do Espírito Santo, há anos o mundo teria sido advertido e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo.

Não era a vontade de Deus — Não era da vontade de Deus que os filhos de Israel vagueassem durante quarenta anos no deserto: Ele desejava levá-los diretamente a Canaã e ali estabelecê-los como um povo santo e feliz. Mas eles "não puderam entrar por causa da incredulidade". Hebreus 3:19. Semelhantemente, não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse tão demorada, e que Seu povo permanecesse tantos anos neste mundo de pecado e tristeza. A incredulidade separou-os de Deus. Usando de misericórdia com o mundo, Jesus retarda a Sua vinda, de modo que pecadores possam ouvir a advertência e encontrar nEle refúgio antes que a ira de Deus seja derramada.

Hoje, como nos séculos anteriores, a apresentação da verdade suscita oposição. Muitos, com malícia, atacam o caráter e intuitos dos que permanecem em defesa da verdade impopular. Elias foi acusado de ser o perturbador de Israel, Jeremias um traidor, Paulo um profanador do templo. Desde aquele tempo até hoje, os que desejam ser leais à verdade têm sido denunciados como insubordinados, hereges ou facciosos.

Aqueles exemplos de santidade e inabalável integridade, infundem coragem nos que hoje são chamados a estar em pé como testemunhas de Deus. Ao servo de Deus, no presente, é dirigida esta ordem: "Ergue a tua voz como a trombeta, e anuncia ao Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados." "A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da Minha boca, e lhe darás aviso da Minha parte". Isaías 58:1; Ezequiel 33:7.

O grande obstáculo para a aceitação da verdade é o fato de que isto implica incômodo e vitupério. Este é o único argumento contra a verdade que os seus defensores nunca puderam rebater. Mas os genuínos seguidores de Cristo não esperam que a verdade se torne popular. Aceitam a cruz, tendo em mente o que afirma Paulo: "A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação." Lembram-se também de alguém da antigüidade, que teve "o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão". 2 Coríntios 4:17; Hebreus 11:26.

Devemos escolher o direito porque é direito, e deixar com Deus as conseqüências. O mundo deve as grandes reformas a homens de princípios, fé e ousadia. Por tais homens tem de ser levada avante a [204] obra de reforma para este tempo.

Capítulo 27 — Como alcançar a paz de espírito?

Onde quer que a Palavra de Deus tenha sido fielmente pregada, seguiram-se resultados que atestaram de sua origem divina. Pecadores tiveram a consciência despertada. Coração e mente eram possuídos de profunda convicção. Tinham uma intuição da justiça de Deus, e exclamavam: "Quem me livrará do corpo desta morte?" Romanos 7:24. Ao revelar-se a cruz, viram que nada, exceto os méritos de Cristo, seria suficiente para a expiação de suas transgressões. Pelo sangue de Jesus tiveram "a remissão dos pecados passados". Romanos 3:25.

Essas pessoas creram e foram batizadas, e se levantaram para andar em novidade de vida, pela fé no Filho de Deus seguir Seus passos, refletir Seu caráter, e purificar-se a si mesmos como Ele é puro. As coisas que antes odiavam agora amavam; e as que antes amavam, passaram a odiar. Os orgulhosos se tornaram mansos, os vaidosos e arrogantes se fizeram sérios e acessíveis. Os ébrios se tornaram sóbrios, os devassos, puros. Os cristãos procuravam não "o adorno [...] exterior, no frisado dos cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário [...] porém o homem interior do coração, unido ao incorruptível de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus". 1 Pedro 3:3, 4.

Os despertamentos se caracterizaram por solenes apelos ao pecador. Os frutos eram vistos nas pessoas que não recuavam da renúncia, mas que se regozijavam de que fossem consideradas dignas de sofrer por amor a Cristo. Notava-se uma transformação naqueles que haviam professado o nome de Jesus. Foram estes os efeitos que, em anos passados, se seguiram às ocasiões de avivamento religioso.

Muitos dos despertamentos dos tempos modernos têm, no entanto, apresentado notável contraste. É verdade que muitos professam conversão, e há grande afluência às igrejas. Não obstante, os resultados não são de molde a autorizar a crença de que houve aumento correspondente da verdadeira vida espiritual. A luz que brilha por algum tempo logo fenece.

Avivamentos populares muitas vezes excitam as emoções, satisfazendo o amor àquilo que é novo e surpreendente. Conversos ganhos desta maneira sentem pouco desejo de ouvir as verdades bíblicas. A menos que o serviço religioso assuma algo de caráter sensacional, não lhes oferece atração. [205]

Para toda pessoa verdadeiramente convertida, a relação com Deus e com as coisas eternas será o grande objetivo da vida. Onde, nas igrejas populares de hoje, existe o espírito de consagração a Deus? Os conversos não renunciam ao orgulho e amor do mundo. Não estão mais dispostos a negar-se, tomar a cruz e seguir o manso e humilde Jesus, do que antes da conversão. O poder da piedade quase desapareceu de muitas das igrejas.

Apesar do generalizado declínio da fé, há verdadeiros seguidores de Cristo nessas igrejas. Antes de os juízos de Deus caírem finalmente sobre a Terra, haverá, entre o povo de Deus, tal reavivamento da primitiva piedade como não foi testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito de Deus será derramado. Muitos se separarão das igrejas em que o amor deste mundo suplantou o amor a Deus e a Sua Palavra. Muitos pastores e pessoas do povo aceitarão alegremente as grandes verdades que preparam um povo para a segunda vinda do Senhor.

O inimigo deseja comprometer esta obra, e antes que chegue o tempo para tal movimento, esforçar-se-á por introduzir uma contrafação. Nas igrejas que puder colocar sob seu poder, fará parecer que a bênção especial foi derramada. Multidões exultarão: "Deus está operando maravilhosamente", quando na verdade a obra é de outro espírito. Sob o disfarce religioso, Satanás procurará estender sua influência sobre o mundo cristão. Há um excitamento emotivo, mistura do verdadeiro com o falso, muito apropriado para transviar.

À luz da Palavra de Deus, contudo, não é difícil determinar a natureza desses movimentos. Onde quer que as pessoas negligenciem o testemunho da Bíblia, desviando-se das verdades claras que servem para provar a cada um, e que requerem a renúncia de si mesmo e a do mundo, podemos estar certos de que ali não é outorgada a bênção de Deus. Segundo a regra — "pelos seus frutos os conhecereis" (Mateus 7:16) — é evidente que esses movimentos não são obra do Espírito de Deus.

As verdades da Palavra de Deus são um escudo contra os enganos de Satanás. A negligência destas verdades abriu a porta aos males que agora se generalizam no mundo. Tem-se perdido de vista, em grande medida, a importância da lei de Deus. Uma concepção errônea da lei divina tem ocasionado erros quanto à conversão e santificação, rebaixando a norma da piedade. Aqui deve ser encontrado o segredo da falta do Espírito de Deus nos reavivamentos de nosso tempo.

A lei da liberdade — Muitos ensinadores religiosos afirmam que Cristo, por Sua morte, aboliu a lei. Alguns há que a representam com um jugo penoso, e em contraste com a "servidão" da lei apresentam a "liberdade" a ser desfrutada sob o evangelho.

Não foi, porém, assim que profetas e apóstolos consideraram a santa lei de Deus. Disse Davi: "Andarei com largueza, pois me empenho pelos Teus preceitos". Salmos 119:45. O apóstolo Tiago [206] refere-se ao Decálogo como a "lei da liberdade". Tiago 1:25. O apóstolo João pronuncia uma bênção sobre todos os que "guardam os Seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas". Apocalipse 22:14.

Se tivesse sido possível mudar a lei ou pô-la de parte, Cristo não precisaria ter morrido para salvar o homem da pena do pecado. O Filho de Deus veio para "engrandecer a lei, e torná-la gloriosa". Isaías 42:21. Disse Ele: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. [...] Até que o Céu e a Terra passem, nem um i ou til jamais passará da lei." Concernente a Si próprio, declara Ele: "Agrada-Me fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; dentro em Meu coração está a Tua lei". Mateus 5:17, 18; Salmos 40:8.

A lei de Deus é imutável, sendo uma revelação de Seu caráter. Deus é amor, e Sua lei também o é. "O cumprimento da lei é o amor." Diz o salmista: "A Tua lei é a própria verdade"; "todos os Teus mandamentos são justiça." Paulo declara: "A lei é santa, e o mandamento, santo e justo e bom". Romanos 13:10; Salmos 119:142, 172; Romanos 7:12. Semelhante lei deve ser tão duradoura como o seu Autor.

É obra da conversão e santificação reconciliar os homens com Deus, pondo-os em harmonia com os princípios de sua lei. No princípio, o homem estava em perfeita harmonia com a lei de Deus.

O pecado, porém, alienou-o do Criador. O coração estava em guerra com os princípios da lei de Deus. “O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar”. Romanos 8:7. Mas “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito” para que o homem pudesse ser reconciliado com Deus, restaurado à harmonia com o seu Autor. Esta mudança é o novo nascimento, sem o qual a pessoa “não pode ver o reino de Deus”. João 3:16, 3.

Convicção do pecado — O primeiro passo na reconciliação com Deus, é a convicção de pecado. “Pecado é a transgressão da lei.” “Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado”. 1 João 3:4; Romanos 3:20. A fim de ver sua culpa, o pecador deve examinar seu próprio caráter à vista do espelho de Deus, o qual mostra a perfeição de um viver justo e habilita-o a discernir seus defeitos.

A lei revela ao homem os seus pecados, mas não provê remédio. Ela declara que a morte é o quinhão do transgressor. Unicamente o evangelho de Cristo o pode livrar da condenação ou contaminação do pecado. Ele deve exercer o arrependimento em relação a Deus, cuja lei transgrediu, e fé em Cristo, seu sacrifício expiatório. Assim ele obtém “remissão dos pecados passados” (Romanos 3:25) e se torna filho de Deus.

Estaria a pessoa agora em liberdade para transgredir a lei de Deus? Diz Paulo: “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira [207] nenhuma, antes confirmamos a lei.” “Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” João declara: “Este é o amor de Deus, que guardemos os Seus mandamentos; ora, os Seus mandamentos não são pesados.” No novo nascimento o coração é posto em harmonia com Deus, em acordo com a Sua lei. Quando esta transformação se efetua no pecador, ele passa da morte para a vida, da transgressão e rebelião para a obediência e lealdade. Terminou a velha vida; começou uma vida nova, de reconciliação, fé e amor. Então a “justiça da lei” será cumprida “em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. A linguagem da pessoa será: “Quanto amo a Tua lei! É a minha meditação todo o dia”. Romanos 3:31; 6:2; 1 João 5:3; Romanos 8:4; Salmos 119:97.

Sem a lei, os homens não possuem verdadeira convicção do pecado e não sentem necessidade de arrependimento. Não se compenetram da necessidade do sangue expiatório de Cristo. A esperança

da salvação é aceita sem uma mudança radical do coração ou reforma da vida. São assim abundantes as conversões superficiais, e multidões se unem às igrejas que nunca se uniram a Cristo.

Que é santificação? — Teorias errôneas sobre a santificação também procedem da negligência ou rejeição da lei divina. Estas teorias, falsas na doutrina e perigosas nos resultados práticos, estão, de modo geral, sendo bem recebidas.

Paulo declara: "Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação." A Bíblia ensina claramente o que é santificação, e como deve ser alcançada. O Salvador orou em favor dos discípulos: "Santifica-os na verdade; a Tua Palavra é a verdade." E Paulo ensina que os crentes devem ser santificados "pelo Espírito Santo". 1 Tessalonicenses 4:3; João 17:17; Romanos 15:16.

Qual é a obra do Espírito Santo? Jesus disse aos discípulos: "Quando vier [...] o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade". João 16:13. Acrescenta o salmista: "Tua lei é a verdade." Desde que a lei de Deus é santa, justa e boa, o caráter formado pela obediência à lei deve ser santo. Cristo é o exemplo perfeito de um tal caráter. Diz Ele: "Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai." "Eu faço sempre o que Lhe agrada". João 15:10; 8:29. Os seguidores de Cristo devem tornar-se semelhantes a Ele — pela graça de Deus devem formar caráter em harmonia com os princípios de Sua santa lei. Isto é santificação bíblica.

Somente pela fé — Esta obra pode ser efetuada unicamente pela fé em Cristo, pelo poder do Espírito de Deus habitando em nós. O cristão sentirá as insinuações do pecado, mas sustentará luta constante contra ele. Aqui é que o auxílio de Cristo é necessário. A fraqueza humana se une à força divina, e a fé exclama: "Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo". 1 Coríntios 15:57. [208]

A obra de santificação é progressiva. Quando, na conversão, o pecador encontra paz com Deus, está apenas iniciando a vida cristã. Deve agora deixar-se "levar para o que é perfeito", crescendo até "à medida da estatura da plenitude de Cristo". "Prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus". Hebreus 6:1; Efésios 4:13; Filipenses 3:14.

Os que experimentam a santificação bíblica manifestarão humildade. Vêem a sua própria indignidade em contraste com a perfeição

do Ser infinito. O profeta Daniel foi exemplo de genuína santificação. Ao invés de pretender ser puro e santo, este honrado profeta identificou-se com os israelitas que verdadeiramente eram pecadores, enquanto pleiteava perante Deus em prol de seu povo. Daniel 10:11; 9:15, 18, 20; 10:8, 11.

Não pode haver exaltação própria, jactanciosa pretensão à libertação do pecado, por parte dos que andam à sombra da cruz do Calvário. Eles sentem que foi seu pecado o causador da agonia que quebrantou o coração do Filho de Deus, e este pensamento os levará à humilhação própria. Os que vivem mais perto de Jesus, discernem mais claramente a fragilidade e pecaminosidade do ser humano, e sua única esperança está nos méritos de um Salvador crucificado e ressurreto.

A santificação que ora adquire importância no mundo religioso traz consigo o espírito de exaltação própria e o desrespeito à lei de Deus, os quais a identificam como estranha à Bíblia. Seus defensores ensinam que a santificação é obra instantânea, pela qual, através da "fé somente", alcançam perfeita santidade. "Crede tão-somente", dizem eles, "e a bênção será vossa." Pressupõe-se que não seja necessário qualquer outro esforço por parte do que a recebe. Ao mesmo tempo negam a autoridade da lei de Deus, insistindo que estão livres da obrigação de guardar os mandamentos. Mas [...] porventura é possível aos homens ser santos sem estar em harmonia com os princípios que expressam a natureza e vontade de Deus?

O testemunho da Palavra de Deus é contra essa doutrina insidiosa da fé sem as obras. Não é fé pretender o favor do Céu sem cumprir as condições necessárias para que a graça seja concedida. Isto é presunção. Tiago 2:14-24.

Ninguém se engane com a crença de que pode se tornar santo enquanto transgride voluntariamente um dos mandamentos de Deus. Cometer pecado conhecido faz silenciar a voz do Espírito e separa a pessoa de Deus. Embora João trate tão amplamente do amor, não hesita, todavia, em revelar o verdadeiro caráter dessa classe que pretende ser santificada ao mesmo tempo em que vive transgredindo a lei de Deus. "Aquele que diz: 'Eu O conheço', e não guarda os Seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Aquele, entretanto, que guarda a Sua palavra, nele verdadeiramente tem sido aperfeiçoado o amor de Deus". 1 João 2:4, 5. Esta é a pedra de toque

de toda profissão de fé do homem. Se os homens amesquinham e consideram levianamente os preceitos de Deus, se eles violam um destes preceitos e assim ensinam aos outros (Mateus 5:18, 19), podemos saber que suas pretensões são destituídas de fundamento. [209]

A alegação de alguém, de estar sem pecado, é em si mesma uma evidência de que tal pessoa está longe da santidade. Ela não tem verdadeira concepção da infinita pureza e santidade de Deus, nem da malignidade e horror do pecado. Quanto maior a distância entre a pessoa e Cristo, tanto mais justa parecerá ela a seus próprios olhos.

Santificação bíblica — A santificação compreende o ser inteiro — espírito, alma e corpo. 1 Tessalonicenses 5:23. Os cristãos são solicitados a apresentar seu corpo em "sacrifício vivo, santo e agradável a Deus". Romanos 12:1. Toda prática que enfraqueça a força física ou mental, inabilita o homem para o serviço de seu Criador. Os que amam a Deus de todo o coração, estarão constantemente procurando pôr toda faculdade do ser em harmonia com as leis que os tornarão aptos a fazer a Sua vontade. Não aviltarão nem mancharão, pela condescendência com o apetite ou paixões, a oferta que apresentam a seu Pai celestial.

Toda condescendência pecaminosa tende a embotar as faculdades e a destruir o poder de percepção mental e espiritual; a Palavra ou o Espírito de Deus apenas poderão impressionar debilmente o coração. "Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus". 2 Coríntios 7:1.

Quantos professos cristãos se acham a aviltar a varonilidade à semelhança de Deus pela glutonaria, pelo beber vinho, pelos prazeres proibidos! E a igreja muitas vezes incentiva o mal, a fim de encher o seu tesouro, que o amor a Cristo é demasiado fraco para suprir. Se Jesus entrasse nas igrejas de hoje e visse as festas ali levadas a efeito em nome da religião, não expulsaria Ele a esses profanadores, assim como baniu do templo os cambistas?

"Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo". 1 Coríntios 6:19, 20. Aquele cujo corpo é o templo do Espírito Santo não se escravizará por hábito

pernicioso. Suas faculdades pertencem a Cristo. Sua propriedade é do Senhor. Como poderia desperdiçar o capital que lhe é confiado?

Cristãos professos despendem anualmente somas consideráveis com condescendências perniciosas. Deus é roubado nos dízimos e ofertas, enquanto consomem no altar das destruidoras concupiscências mais do que dão para socorrer os pobres ou para o sustento do evangelho. Se todos os que professam seguir a Cristo fossem verdadeiramente santificados, seus meios, em vez de serem gastos com desnecessárias e nocivas condescendência, reverteriam para o tesouro do Senhor. Os cristãos dariam um exemplo de temperança e sacrifício. Seriam então a luz do mundo. [210]

"A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1 João 2:16) controlam as massas. Os seguidores de Cristo, porém, possuem uma vocação mais elevada. "Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras." Aos que satisfazem estas condições, a promessa de Deus é: "Eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso". 2 Coríntios 6:17, 18.

Cada passo de fé e obediência leva a pessoa à relação mais íntima com a Luz do Mundo. Os brilhantes raios do Sol da Justiça resplandecem sobre os servos de Deus, e estes devem refletir Seus raios. As estrelas nos falam de uma grande luz no céu, com cuja glória refulgem; assim os cristãos devem tornar manifesto que há no trono do Universo um Deus, cujo caráter é digno de louvor e imitação. A santidade de Seu caráter manifestar-se-á em Suas testemunhas.

Mediante os méritos de Cristo temos acesso ao trono do Poder infinito. "Aquele que não poupou a Seu próprio Filho, antes por todos nós O entregou, porventura não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas?" Diz Jesus: "Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedirem?" "Se Me pedirdes alguma coisa em Meu nome, Eu o farei." "Pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa". Romanos 8:32; Lucas 11:13; João 14:14; 16:24.

É privilégio de cada um viver de tal maneira que Deus o aprove e abençoe. Não é da vontade de nosso Pai celestial que estejamos sob condenação e trevas. O andar cabisbaixo e com o coração cheio de

preocupações não constitui prova de verdadeira humildade. Podemos ir a Jesus e ser purificados, permanecendo diante da lei sem opróbrio e remorsos.

Por meio de Jesus os decaídos filhos de Adão se tornam “filhos de Deus”. Ele “não Se envergonha de Lhes chamar irmãos”. A vida cristã deve ser de fé, vitória e alegria em Deus. “A alegria do Senhor é a vossa força.” “Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”. Hebreus 2:11; Neemias 8:10; 1 Tessalonicenses 5:16-18.

São estes os frutos da conversão e santificação bíblica; e é porque os grandes princípios da justiça apresentados na lei de Deus são considerados com tanta indiferença, que esses frutos são tão raramente testemunhados. É por isso que tão pouco se manifesta dessa profunda e estável obra do Espírito, a qual assinalava os avivamentos do passado.

Somos transformados pela contemplação. Negligenciando os preceitos sagrados, nos quais Deus revelou aos homens a perfeição e santidade de Seu caráter, e atraindo a mente do povo aos ensinos e teorias humanos, o que poderá haver de estranho no declínio da piedade na igreja? Somente à medida que se restabelecer a lei de Deus à sua posição correta, poderá haver avivamento da primitiva fé e piedade entre o Seu professo povo. [211]

Capítulo 28 — Enfrentando o registro de nossa vida

Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de dias Se assentou; Sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o Seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dEle; milhares de milhares O serviam, e miríades de miríades estavam diante dEle; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros". Daniel 7:9, 10.

Assim foi apresentado à visão de Daniel o grande dia em que a vida dos homens passaria em revista perante o Juiz de toda a Terra. O Ancião de dias é Deus, o Pai. Ele, a fonte de todo ser, a origem de toda lei, deve presidir o julgamento. E santos anjos, como ministros e testemunhas, são os assistentes.

"E eis que vinha com as nuvens do Céu um como o Filho do homem, e dirigiu-Se ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até Ele. Foi-Lhe dado domínio e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas O servissem; o Seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o Seu reino jamais será destruído". Daniel 7:13, 14.

A vinda de Cristo aqui descrita não é a Sua segunda vinda à Terra. Ele vem ao Ancião de dias no Céu, para receber o reino que Lhe será dado no final de Sua obra de mediador. É esta vinda, e não o Seu segundo advento à Terra, que deveria ocorrer ao final dos 2.300 dias em 1844. Nosso grande Sumo Sacerdote entra no lugar santíssimo a fim de envolver-Se em Sua última ministração em favor do homem.

No cerimonial típico, somente aqueles cujos pecados haviam sido transferidos ao santuário é que tinham parte no Dia da Expiação. Assim, no grande dia da expiação final e do juízo de investigação, os únicos casos a serem considerados são os do povo professo de Deus. O julgamento dos ímpios constitui obra distinta e separada, e ocorre em ocasião posterior. "Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada". 1 Pedro 4:17.

Os livros de registro no Céu devem determinar a decisão do juízo. O livro da vida contém os nomes de todos os que já entraram para o serviço de Deus. Jesus ordenou aos discípulos: "Alegrai-vos [...] porque os vossos nomes estão arrolados nos Céus." Paulo fala de seus cooperadores, "cujos nomes estão no livro da vida". Daniel declara que o povo de Deus será livrado, "todo aquele cujo nome for achado inscrito no livro da vida". E João diz que apenas entrarão na cidade de Deus aqueles cujos nomes estão "inscritos no livro da vida do Cordeiro". Lucas 10:20; Filipenses 4:3; Daniel 12:1; Apocalipse 21:27. [212]

No "livro das memórias" estão registradas as boas ações dos "que temem ao Senhor, e para os que se lembram do Seu nome". Toda tentação resistida, todo mal vencido, toda palavra de compaixão que se proferir, todo ato de sacrifício, todo sofrimento suportado por amor de Cristo, encontra-se registrado. "Contaste os meus passos quando sofri perseguições; recolheste as minhas lágrimas no Teu odre: não estão elas inscritas no Teu livro?" Malaquias 3:16; Salmos 56:8.

Motivos secretos — Há também um relatório dos pecados dos homens. "Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más." "Toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia de juízo. Porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado." Os motivos secretos aparecem no registro, porque Deus "trará à plena luz as coisas ocultas das trevas [...] e também manifestará os desígnios dos corações". Eclesiastes 12:14; Mateus 12:36, 37; 1 Coríntios 4:5. Ao lado de cada nome nos livros do Céu, estão escritos toda má palavra, todo ato egoísta, todo dever não cumprido, todo pecado secreto. Advertências enviadas pelo Céu ou reprovações negligenciadas, momentos desperdiçados, a influência exercida para o bem ou para o mal, juntamente com seus resultados de vasto alcance, tudo é historiado pelo anjo relator.

A norma de julgamento — A lei de Deus é a norma pela qual se efetua o julgamento. "Teme a Deus, e guarda os Seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras." "Falai de tal maneira, e de tal maneira procedei, como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade". Eclesiastes 12:13, 14; Tiago 2:12.

Os que forem “havidos por dignos” terão parte na ressurreição dos justos. Disse Jesus: “Os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos, [...] são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.” “Os que tiverem feito o bem” sairão “para a ressurreição da vida”. Lucas 20:35, 36; João 5:29. Os justos mortos não ressuscitarão senão depois do juízo, no qual são havidos por dignos da “ressurreição da vida.” Conseqüentemente, não estarão presentes em pessoa no tribunal em que seus registros são examinados e decidido seu caso.

Jesus aparecerá como seu Advogado, a fim de pleitear em favor deles perante Deus. “Se [...] alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.” “Porque Cristo não entrou em santuário [213] feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus.” “Por isso também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”. 1 João 2:1; Hebreus 9:24; 7:25.

Ao abrirem-se os livros de registro no juízo, é passada em revista perante Deus a vida de todos os que creram em Jesus. Começando pelos que primeiro viveram na Terra, nosso Advogado apresenta os casos de cada geração sucessiva. Cada nome é mencionado, cada caso investigado. Nomes são aceitos, nomes são rejeitados. Quando alguém tiver pecados que permaneçam nos livros de registro, para os quais não houve arrependimento nem perdão, seu nome será omitido do livro da vida. O Senhor declarou a Moisés: “Riscarei do Meu livro todo aquele que pecar contra Mim”. Êxodo 32:33.

Todos os que tiverem se arrependido verdadeiramente do pecado e que pela fé tenham reclamado o sangue de Cristo, tiveram o perdão aposto a seu nome nos livros do Céu. Tornando-se eles participantes da justiça de Cristo e verificando-se estar o seu caráter em harmonia com a lei de Deus, seus pecados são riscados e eles próprios havidos por dignos da vida eterna. O Senhor declara: “Eu, Eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados não Me lembro.” “O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e [...] confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos.” “Todo aquele que Me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de Meu Pai que está nos Céus; mas aquele que Me negar diante dos homens, também eu o negarei

diante de Meu Pai que está nos Céus”. Isaías 43:25; Apocalipse 3:5; Mateus 10:32, 33.

O Intercessor divino apresenta a petição para que todos os que venceram pela fé em Seu sangue sejam restabelecidos a seu lar edênico, e coroados com ele como co-herdeiros do “primeiro domínio”. Miquéias 4:8. Cristo pede agora que o plano divino na criação do homem seja levado a efeito como se o homem nunca houvesse caído. Pede, para Seu povo, não somente perdão e justificação, mas participação em Sua glória e assento sobre o Seu trono.

Enquanto Jesus faz a defesa dos súditos de Sua graça, Satanás os acusa perante Deus. Aponta para o relatório de suas vidas, para os defeitos de caráter e dessemelhança com Cristo, para todos os pecados que ele próprio os tentou a cometer. Por causa disso os reclama como súditos seus.

Jesus não lhes justifica os pecados, mas apresenta o seu arrependimento e fé. Reclamando o perdão para eles, ergue as mãos feridas perante o Pai, dizendo: “Gravei-os na palma de Minhas mãos. ‘Sacrifícios agradáveis a Deus são o coração quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus’”. Salmos 51:17. [214]

O Senhor repreende a Satanás — Ao acusador de Seu povo Ele declara: “O Senhor te repreende, ó Satanás, sim, o Senhor que escolheu Jerusalém te repreende; não é este um tição tirado do fogo?” Zacarias 3:2. Cristo vestirá Seus fiéis com Sua própria justiça, para que os possa apresentar a Seu Pai como “igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante”. Efésios 5:27.

Assim se realizará o cumprimento total da promessa do novo concerto: “Perdoarei as suas iniqüidades, e dos seus pecados jamais Me lembrarei.” “Naqueles dias, e naquele tempo, diz o Senhor, buscar-se-á a iniqüidade de Israel, e já não haverá; os pecados de Judá, mas não se acharão.” “Será que os restantes de Sião e os que ficarem em Jerusalém serão chamados santos; todos os que estão inscritos em Jerusalém para a vida”. Jeremias 31:34; 50:34; Isaías 4:3.

O apagamento dos pecados — A obra do juízo investigativo e extinção dos pecados deve efetuar-se antes do segundo advento do Senhor. No culto típico, o sumo sacerdote saía e abençoava a congregação. Assim Cristo, no final de Sua obra mediatória, aparecerá “sem pecado, aos que O aguardam para a salvação”. Hebreus 9:28.

O sacerdote, ao remover do santuário os pecados, confessava-os sobre a cabeça do bode emissário. Cristo colocará todos esses pecados sobre Satanás, o instigador do pecado. O bode emissário era enviado "à terra solitária". Levítico 16:22. Satanás, levando a culpa de todos os pecados que levou o povo de Deus a cometer, estará durante mil anos circunscrito à terra desolada, e por fim sofrerá a pena no fogo que haverá de destruir a todos os maus. Assim o plano da redenção atingirá seu cumprimento na erradicação final do pecado.

No tempo indicado — No tempo indicado — o encerramento dos 2.300 dias em 1844 — começou a obra de investigação e apagamento dos pecados. Pecados de que não houve arrependimento e que não foram abandonados, não serão apagados dos livros de registro. Anjos de Deus testemunharam cada pecado e o registraram. O pecado pode ser escondido, negado, encoberto ao pai, mãe, esposa, filhos e companheiros; jaz, porém, descoberto diante dos Céus. Deus não Se deixa enganar pelas aparências. Não comete erros. Os homens podem ser enganados pelos que são de coração corrupto, mas Deus lê a vida íntima.

Quão solene é este pensamento! Nem o mais poderoso conquistador terrestre é capaz de trazer de volta o registro de um único dia. Nossos atos, nossas palavras, mesmo os nossos motivos secretos, embora esquecidos por nós, darão o seu testemunho para justificar ou condenar.

No juízo será examinado o uso feito de cada talento. Como usamos nosso tempo, nossa pena, nossa voz, nosso dinheiro, nossa [215] influência? O que fizemos por Cristo, na pessoa dos pobres, dos aflitos, dos órfãos, das viúvas? Que fizemos com a luz e verdade que nos foram concedidas? Unicamente o amor que se revela por obras é considerado genuíno. É somente o amor que, à vista do Céu, torna de valor qualquer ato.

Revela-se o egoísmo oculto — O oculto egoísmo humano permanece revelado nos livros do Céu. Quantas vezes foram cedidos a Satanás o tempo, o pensamento e a força que pertenciam a Cristo! Seguidores professos de Cristo estão absortos na aquisição de posses mundanas ou do gozo de prazeres terrenos. Dinheiro, tempo e força são sacrificados na ostentação e condescendência próprias; poucos

são os momentos dedicados à prece, à pesquisa das Escrituras, à confissão de pecados.

Satanás concebe inumeráveis planos para nos ocupar a mente. O arquienganador odeia as grandes verdades que apresentam um sacrifício expiatório e um todo-poderoso Mediador. Sabe que para ele tudo depende de desviar a mente de Jesus.

Os que desejam participar dos benefícios da mediação do Salvador não devem permitir que coisa alguma interfira com seu dever de aperfeiçoar a santidade no temor de Deus. As preciosas horas, em vez de serem entregues ao prazer, à ostentação ou ambição de ganho, devem ser dedicadas ao estudo da Palavra da Verdade. O santuário e o juízo investigativo devem ser claramente entendidos. Todos necessitam do conhecimento sobre a posição e obra de seu grande Sumo Sacerdote. De outra forma será impossível exercer a fé que é essencial para esse tempo.

O santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. Diz respeito a toda pessoa que vive sobre a Terra. Patenteia-nos o plano da redenção, transportando-nos mesmo até ao final da controvérsia entre a justiça e o pecado.

A intercessão de Cristo — A intercessão de Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção quanto o foi Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou a obra para cuja terminação ascendeu ao Céu. Pela fé devemos penetrar até o interior do véu, "aonde Jesus, como precursor, entrou por nós". Hebreus 6:20. Ali se reflete a luz da cruz. Ali podemos obter intuição mais clara dos mistérios da redenção.

"O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia". Provérbios 28:13. Se os que escondem as suas faltas pudessem ver como Satanás escarnece de Cristo pelo procedimento deles, apressar-se-iam a confessar seus pecados e a deixá-los. Satanás trabalha para obter o domínio da mente toda, e sabe que, se os defeitos forem acariciados, será bem-sucedido. Portanto, está a todo momento procurando enganar os seguidores de Cristo com seu fatal sofisma de que lhes é impossível vencer. Mas Jesus declarou a todos que O seguem: "A Minha graça te basta." "O Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve". 2 Coríntios 12:9; Mateus 11:30. Ninguém, pois, considere incuráveis os seus defeitos. Deus dará fé e graça para vencê-los. [216]

Vivemos hoje no grande dia da expiação. Enquanto o sumo sacerdote fazia expiação por Israel, exigia-se de todos que se afligissem em arrependimento do pecado. De igual modo, todos quantos desejam que seu nome seja conservado no livro da vida, devem agora afligir-se diante de Deus, em genuíno arrependimento. Deve haver um exame de coração, profundo e sincero. O espírito frívolo, alimentado por tantos, deve ser abandonado. Há uma luta intensa diante de todos os que desejam subjugar as más tendências que lutam pelo predomínio. Cada um deve ser encontrado "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante". Efésios 5:27.

Hoje, mais que em qualquer outro tempo, importa que todos atendam à admoestação do Salvador: "Estai de sobreaviso, vigiai; porque não sabeis quando será o tempo". Marcos 13:33.

Decidido o destino de todos — O tempo da graça finaliza pouco antes do aparecimento do Senhor nas nuvens do Céu. Cristo, prevendo esse tempo, declara: "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se. E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras". Apocalipse 22:11, 12.

Os homens estarão plantando, construindo, comendo e bebendo, todos inconscientes de que a decisão final foi pronunciada no santuário celestial. Antes do dilúvio, após a entrada de Noé na arca, Deus o encerrou e excluiu os ímpios; mas, durante sete dias, o povo continuou em sua vida de amor aos prazeres, zombando das advertências quanto ao juízo iminente. "Assim", diz o Salvador, "será também na vinda do Filho do homem." Silenciosamente, despercebida como o ladrão à meia-noite, virá a hora decisiva que determina o destino de cada homem. "Vigiai, pois, [...] para que, vindo Ele inesperadamente, não vos ache dormindo". Mateus 24:39; Marcos 13:35, 36.

Perigosa é a condição dos que, cansando-se de vigiar, volvem às atrações do mundo. Enquanto o homem de negócios está absorto em busca de lucros, enquanto o amante de prazeres procura satisfazer os mesmos, enquanto a escrava da moda está a arranjar os seus adornos — pode ser que naquela hora o Juiz de toda a Terra pronuncie a sentença: "Pesado foste na balança, e achado em falta". Daniel 5:27. [217]

Capítulo 29 — Por que existe o sofrimento?

Muitos vêem a obra do mal, com suas misérias e desolação, e põem em dúvida como isto pode existir sob o reinado de um Ser que é infinito em sabedoria, poder e amor. Os que se dispõem a duvidar, aproveitam-se disso como desculpa para rejeitar as palavras dos Sagrados Escritos. A tradição e a interpretação errônea têm obscurecido o ensino da Bíblia relativo ao caráter de Deus, à natureza de Seu governo e aos princípios que regem Seu trato com o pecado.

É impossível explicar a origem do pecado de maneira a dar a razão de sua existência. Todavia, pode-se compreender o bastante em relação à origem e disposição final do pecado, para que se faça amplamente manifesta a justiça e benevolência de Deus. Ele não foi, de algum modo, responsável pela manifestação do pecado; não houve qualquer retirada arbitrária de Sua graça, nenhuma deficiência em Seu governo, para dar motivo ao irrompimento da rebelião. O pecado é um intruso, para cuja presença nenhuma razão pode ser oferecida. Desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se fosse possível encontrar uma desculpa para ele, deixaria de ser pecado. O pecado é a operação de um princípio em conflito com a lei do amor, que é o fundamento do governo divino.

Antes da manifestação do mal, havia paz e alegria por todo o Universo. O amor a Deus era supremo; imparcial o amor de uns para com os outros. Cristo, o Unigênito de Deus, era um com o eterno Pai em natureza, caráter e propósito — o único Ser que poderia entrar nos conselhos e propósitos de Deus. “Pois nEle foram criadas todas as coisas, nos Céus e sobre a Terra, [...] sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades”. Colossences 1:16.

Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres criados dependia de sua perfeita harmonia com seus princípios de justiça. Deus não tem prazer na submissão forçada, e a todos confere vontade livre, para que possam prestar-Lhe serviço voluntário.

Houve, porém, um ser que preferiu perverter essa liberdade. O pecado originou-se com aquele que, abaixo de Cristo, fora o mais honrado por Deus. Antes da queda, Lúcifer era o primeiro dos querubins cobridores, santo e incontaminado. "Assim diz o Senhor [218] Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias. [...] Tu eras querubim da guarda, ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti. [...] Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor." "Estimas o teu coração como se fora o próprio coração de Deus." "Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao Céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei. [...] Subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo". Ezequiel 28:12-17; 28:6; Isaías 14:13, 14.

Cobiçando a honra que o infinito Pai conferira a Seu Filho, esse príncipe dos anjos aspirou ao poder que era a prerrogativa de Cristo, unicamente, fazer uso. Uma nota dissonante deslustrava agora as harmonias celestiais. A exaltação do eu despertava prenúncios de males nas mentes para as quais a glória de Deus era suprema. Os concílios celestiais instavam com Lúcifer. O Filho de Deus lhe apresentava a bondade e justiça do Criador e a natureza sagrada de Sua lei. Afastando-se dela, Lúcifer desonraria a seu Criador e traria ruína sobre si mesmo. Mas a advertência tão-somente suscitou o espírito de resistência. Lúcifer permitiu que prevalecesse a inveja para com Cristo.

O orgulho alimentou o desejo de supremacia. As honras conferidas a Lúcifer não despertavam gratidão para com o Criador. Ele aspirava ser igual a Deus. Todavia, o Filho de Deus era o reconhecido Soberano do Céu, igual ao Pai em autoridade e poder. Em todos os concílios de Deus, Cristo tomava parte, mas a Lúcifer não era permitido entrar no conhecimento dos propósitos divinos. "Por quê", perguntava o poderoso anjo, "deveria Cristo ter a supremacia? Por que é Ele assim honrado acima de Lúcifer?"

Descontentamento entre os anjos — Deixando seu lugar na presença de Deus, Lúcifer saiu difundindo o descontentamento entre

os anjos. Operando em misterioso segredo, e escondendo seu real propósito sob a aparência de reverência para com Deus, esforçou-se por suscitar a insatisfação diante das leis que governavam os seres celestes, insinuando que elas impunham uma restrição desnecessária. Visto serem de natureza santa, insistia em que os anjos obedecessem aos ditames de sua própria consciência. Deus o tratara injustamente ao conferir honra suprema a Cristo. Alegava não estar pretendendo a exaltação própria, antes procurava conseguir liberdade para todos os habitantes do Céu, a fim de por este meio poderem alcançar condição mais elevada de existência.

Deus suportou longamente a Lúcifer. Não foi degradado de sua posição elevada, nem mesmo quando começou a apresentar suas falsas pretensões diante dos anjos. Reiteradas vezes lhe foi oferecido o perdão, sob a condição de que se arrependesse e se [219] submetesse. Esforços, que apenas o amor e a sabedoria infinitos poderiam conceber, foram feitos a fim de convencê-lo de seu erro. O descontentamento nunca antes fora conhecido no Céu. O próprio Lúcifer não compreendeu, a princípio, a verdadeira natureza de seus sentimentos. Sendo-lhe demonstrado que sua insatisfação era sem causa, convenceu-se de que as reivindicações divinas eram justas, e de que as deveria reconhecer como tais perante o Céu. Se ele tivesse feito isso, poderia ter salvo a si mesmo e a muitos anjos. Caso houvesse desejado voltar a Deus, satisfeito por preencher o lugar a ele designado, teria sido reintegrado em seu cargo. Mas o orgulho o impediu de submeter-se. Prosseguiu sustentando que não necessitava de arrependimento, e entregou-se por completo ao grande conflito contra seu Criador.

Todas as faculdades de sua mente superior foram então aplicadas à obra de engano, a fim de conseguir a simpatia dos anjos. Satanás simulou haver sido mal julgado, e que se queria cercear a sua liberdade. Da falsa interpretação das palavras de Cristo, passou à falsidade direta, acusando o Filho de Deus de intentar humilhá-lo perante os habitantes do Céu.

A todos quantos não pôde subverter e levar para o seu lado, acusou de indiferença aos interesses dos seres celestiais. Recorreu à falsa representação do Criador. Era sua tática tornar perplexos os anjos pelos capciosos argumentos relativos aos propósitos divinos. Tudo que era simples ele envolvia em mistério, e mediante artificiosa

perversão lançava dúvida às mais compreensíveis declarações de Deus. Seu elevado cargo emprestava maior força às suas alegações. Muitos foram induzidos a unir-se a ele na rebelião.

A desafeição converte-se em revolta ativa — Deus, em Sua sabedoria, permitiu que Satanás levasse avante sua obra, até que o espírito de dissabor amadurecesse em ativa revolta. Era necessário que seus planos se desenvolvessem completamente, para que sua verdadeira natureza pudesse ser vista por todos. Lúcifer era grandemente amado pelos seres celestiais, e sua influência sobre eles era forte. O governo de Deus incluía não somente os habitantes do Céu, mas de todos os mundos que Ele criara; e Satanás pensou que se fosse possível levar consigo à rebelião os anjos do Céu, poderia também levar outros mundos. Empregando sofismas e fraude, seu poder para enganar era grande. Mesmo os anjos fiéis não podiam discernir perfeitamente seu caráter, ou ver para onde levava a sua obra.

Satanás fora tão altamente honrado, e todos os seus atos estavam de tal maneira revestidos de mistério, que era difícil desvendar aos anjos a verdadeira natureza de sua obra. Antes que se desenvolvesse completamente, o pecado não pareceria o mal que em realidade era. Seres santos não eram capazes de discernir as conseqüências de se pôr de parte a lei divina. Satanás a princípio alegara estar procurando promover a honra de Deus e o bem de todos os habitantes do Céu. [220]

Em Seu trato com o pecado, Deus somente poderia empregar a justiça e a verdade. Satanás podia fazer uso daquilo que Deus não usaria: lisonja e engano. O verdadeiro caráter do usurpador deveria ser compreendido por todos. Seria necessário tempo para que ele se manifestasse através de suas obras más.

Satanás atribuiu a Deus a discórdia que o seu próprio procedimento determinara no Céu. Ele declarou que todo mal resultava da administração divina. Conseqüentemente, era necessário que demonstrasse a natureza de suas pretensões, provando o efeito de suas propostas mudanças na lei divina. Sua própria obra deveria condená-lo. Todo o Universo deveria ver o enganador desmascarado.

Mesmo quando foi decidido que ele não poderia mais permanecer no Céu, a Sabedoria Infinita não destruiu a Satanás. A submissão das criaturas de Deus deve repousar sobre a convicção de Sua justiça. Os habitantes do Céu e de outros mundos, estando despreparados

para compreender as conseqüências do pecado, não veriam a justiça e a misericórdia de Deus na destruição de Satanás. Se ele tivesse sido destruído imediatamente, os outros teriam servido a Deus por temor em lugar do amor. A influência do enganador não teria sido completamente extinta, tampouco desarraigado o espírito de rebelião. Para o bem do Universo através de infindáveis eras, Satanás devia desenvolver mais plenamente seus princípios, para que suas acusações contra o governo divino pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz por todos os seres criados.

A rebelião de Satanás deveria constituir para o Universo um testemunho dos terríveis resultados do pecado. Seu governo mostraria quais os frutos de rejeitar a autoridade divina. A história dessa terrível experiência de rebelião deveria constituir perpétua salvaguarda a todos os seres santos e inteligentes, livrando-os de cometer pecado e sofrer o seu castigo.

Quando foi anunciado que, juntamente com todos os que com ele simpatizavam, deveria ser expulso das bem-aventuradas habitações, o chefe rebelde confessou ousadamente seu desdém pela lei do Criador. Denunciou os estatutos divinos como restrição à sua liberdade, declarando ser de seu intento conseguir a abolição da lei. Livres dessa restrição, as hostes angélicas poderiam entrar em condições de existência mais elevada.

Banidos do Céu — Satanás e sua hoste lançaram a culpa de sua rebelião sobre Cristo; se eles não houvessem sido reprovados, não teriam se rebelado. Obstinados e arrogantes, ao mesmo tempo que, blasfemando, pretendiam ser vítimas inocentes do poder opressivo, o arqui-rebelde e seus sequazes foram banidos do Céu. Apocalipse 12:7-9.

O espírito de Satanás ainda inspira a rebelião sobre a Terra, nos filhos da desobediência. Semelhantes a ele, prometem liberdade aos homens com base na transgressão da lei de Deus. A reprovação do pecado ainda suscita espírito de ódio. Satanás leva os homens a justificar-se e a procurar a simpatia de outros em seu pecado. Em vez de corrigirem seus erros, indignam-se contra aquele que reprova, como se fosse ele a causa da dificuldade. [221]

Pela mesma representação falsa do caráter divino por ele dada no Céu, fazendo com que Deus fosse considerado severo e tirano, Satanás induziu o homem a pecar. Declarou que as injustas restri-

ções de Deus haviam motivado a queda do homem, assim como determinaram a sua própria rebelião.

Banindo Satanás do Céu, Deus declarou Sua justiça e honra. Contudo, quando o homem pecou, Deus ofereceu uma prova de Seu amor, entregando Seu Filho para morrer pela raça caída. Na expiação revela-se o caráter de Deus. O poderoso argumento da cruz demonstrou que o pecado de maneira alguma era atribuível ao governo de Deus. Durante o ministério terrestre do Salvador, o grande enganador foi desmascarado. A ousada blasfêmia de sua pretensão, de que Cristo lhe rendesse homenagem, a malignidade vigilante que O assaltava de um lugar a outro, inspirando o coração de sacerdotes e povo a rejeitar Seu amor, e o brado: "Crucifica-O! Crucifica-O!" — tudo isto despertou o assombro e indignação do Universo. O príncipe do mal exerceu todo o seu poder e engano a fim de destruir Jesus. Satanás empregou homens como seus agentes, a fim de encher de sofrimento e tristeza a vida do Salvador. Os fogos da inveja e maldade, ódio e vingança, irromperam no Calvário contra o Filho de Deus.

Agora a culpa de Satanás se apresentava sem desculpa. Ele revelou seu verdadeiro caráter. Suas mentirosas acusações contra o divino caráter apareceram sob sua verdadeira luz. Acusara a Deus de procurar a exaltação de Si mesmo ao requerer obediência de suas criaturas, e declarara que, ao passo que o Criador reclamava abnegação de todos os outros, Ele próprio não a praticava e não fazia sacrifício algum. Viu-se agora que o Governador do Universo fizera o máximo sacrifício que o amor poderia efetuar, pois "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo". 2 Coríntios 5:19. Cristo, a fim de destruir o pecado, humilhou-Se a Si próprio e Se fez obediente até a morte.

Argumento em favor do homem — Todo o Céu viu a justiça de Deus revelada. Lúcifer declarara que a raça pecadora se colocara para além da redenção. Mas a penalidade da lei recaiu sobre Aquele que era igual a Deus, ficando o homem livre para aceitar a justiça de Cristo e, através de arrependimento e humilhação, triunfar sobre o poder de Satanás.

Mas não foi meramente para redimir o homem que Cristo veio à Terra e aqui morreu. Veio para demonstrar a todos os mundos que a lei de Deus é imutável. A morte de Cristo prova que ela não

pode ser modificada e demonstra que a justiça e a misericórdia são o fundamento do governo de Deus. Na execução final do juízo será visto que não existe causa para o pecado. Quando o Juiz de toda a Terra perguntar a Satanás: “Por que te rebelaste contra Mim?”, o originador do mal não poderá apresentar resposta alguma. [222]

No brado agonizante do Salvador — “Está consumado!” — soou a sentença de morte de Satanás. A grande controvérsia foi então resolvida, a erradicação final do mal se tornou certa. “Pois eis que vem o dia, e arde como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem perversidade, serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo”. Malaquias 4:1.

Jamais o mal se manifestará outra vez. A lei de Deus será honrada como a lei da liberdade. Uma criação experimentada e provada nunca mais se desviará da fidelidade para com Aquele cujo caráter foi manifesto como expressão de amor infindável e infinita sabedoria. [223]

Capítulo 30 — Guerra entre Satanás e o homem

Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu Descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Gênesis 3:15. Esta inimizade não é natural. Quando o homem transgrediu a lei divina, sua natureza se tornou má, em harmonia com Satanás. Anjos decaídos e homens ímpios se unem em desesperado companheirismo. Se Deus não tivesse Se interposto, Satanás e o homem teriam entrado em aliança contra o Céu, e toda a família humana teria se unido em oposição a Deus.

Quando Satanás ouviu que existiria inimizade entre ele próprio e a mulher, e entre a sua semente e a semente dela, tomou conhecimento de que, de alguma forma, o homem seria habilitado a resistir ao seu poder.

Cristo implanta no homem a inimizade contra Satanás. Sem esta graça que converte e este poder renovador, o homem continuaria como servo sempre pronto a executar as ordens de Satanás. Mas o novo princípio que opera na pessoa gera conflito: o poder que Cristo outorga habilita o homem a resistir ao tirano. Aborrecer o pecado, em vez de amá-lo, evidencia a operação de um princípio inteiramente do alto.

O antagonismo que existe entre Cristo e Satanás revelou-se de maneira flagrante na recepção que Jesus teve. A pureza e santidade de Cristo suscitaram o ódio dos ímpios contra Ele. Sua vida de renúncia era uma perpétua reprovação a um povo orgulhoso e sensual. Satanás e os anjos caídos uniram-se aos homens maus contra o Campeão da verdade. A mesma inimizade é manifesta em relação aos seguidores de Cristo. Quem quer que resista à tentação, suscitará a ira de Satanás. Cristo e Satanás não podem harmonizar-se. “Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus, serão perseguidos”. 2 Timóteo 3:12.

Os agentes satânicos procuram enganar os seguidores de Cristo e desviá-los de sua fidelidade. Pervertem as Escrituras a fim de alcançar seu objetivo. O espírito que levou Cristo à morte incita

os maus a destruírem Seus seguidores. Tudo isso é prefigurado na primeira profecia: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente."

Por que Satanás não encontra maior resistência? Porque os soldados de Cristo têm tão pouca comunhão genuína com Ele. Para eles o pecado não é repulsivo como era para o Mestre. Não o enfrentam [224] com resistência decidida. Estão cegos quanto ao caráter do príncipe das trevas. Multidões não sabem que seu inimigo é um poderoso general, que guerreia contra Cristo. Mesmo entre os ministros do evangelho existe ignorância quanto à sua atividade. Parecem ignorar sua própria existência.

Vigilante adversário — Esse vigilante adversário se intromete em cada compartimento do lar, em toda rua, nas igrejas, nos conselhos nacionais, nas cortes de justiça, confundindo, enganando, seduzindo, arruinando por toda parte a mente e o corpo de homens, mulheres e crianças. Desfaz famílias, semeando ódios, rivalidade, contenda, sedição e assassínio. E o mundo parece olhar essas coisas como se Deus as tivesse designado, e elas devessem existir. Todos os que não são decididos seguidores de Cristo são servos de Satanás. Quando os cristãos escolhem a sociedade dos ímpios, expõem-se à tentação. Satanás esconde-se das vistas e estende sobre os olhos deles o seu véu enganador.

A conformidade aos costumes mundanos converte a igreja ao mundo, jamais converte o mundo a Cristo. A familiaridade com o pecado o fará parecer menos repulsivo. Quando, no caminho do dever, somos levados à prova, podemos estar certos de que Deus nos protegerá; mas se nos colocamos sob tentação, mais cedo ou mais tarde cairemos.

O tentador atua freqüentemente com muito êxito por meio daqueles de quem menos se suspeita estarem sob seu controle. Talento e cultura são dons de Deus; mas quando estes afastam a pessoa de Deus, tornam-se um laço. Muito homem de intelecto culto e maneiras agradáveis não passa de um instrumento polido nas mãos de Satanás.

Jamais nos esqueçamos da inspirada advertência que soa através dos séculos, chegando ao nosso tempo: "Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar." "Revesti-vos de toda a armadura

de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo". 1 Pedro 5:8; Efésios 6:11. Nosso grande inimigo está preparando hoje a sua última campanha. Todos os que seguem a Jesus estarão em conflito com este adversário. Quanto mais aproximadamente o cristão imitar o Modelo divino, tanto mais certo fará de si um alvo para os ataques de Satanás.

Satanás assaltou a Cristo com as suas mais cruéis e sutis tentações; porém, foi repelido em todos os conflitos. Aquelas vitórias nos tornam possível vencer. Cristo dará forças a todos os que a busquem. Sem o consentimento próprio, ninguém poderá ser vencido por Satanás. O tentador não tem poder para governar a vontade ou forçar a pessoa a pecar. Pode causar angústia, mas não contaminação. O fato de Cristo ter vencido deve incutir em Seus seguidores a coragem para combater na peleja contra o pecado e Satanás. [225]

Capítulo 31 — Maus espíritos

Anjos de Deus e maus espíritos acham-se claramente revelados nas Escrituras, e inseparavelmente entrelaçados com a história humana. Os santos anjos que ministram “para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação” (Hebreus 1:14), são por muitos considerados como espíritos dos mortos. Mas as Escrituras apresentam prova de que estes não são os espíritos desencarnados dos mortos.

Antes da criação do homem, existiam anjos, pois quando os fundamentos da Terra foram lançados, “as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus”. Jó 38:7. Após a queda do homem, anjos foram enviados para guardar a árvore da vida, antes que algum ser humano tivesse morrido.

Diz o profeta: “Ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono.” Eles aguardam na presença do Rei dos reis — “valorosos em poder, que [executam] as Suas ordens, e Lhe [obedecem] à palavra”, “incontáveis hostes”. Apocalipse 5:11; Salmos 103:20, 21; Hebreus 12:22. Como mensageiros de Deus, eles saem “à semelhança de relâmpagos”, tão veloz é o seu vôo. O anjo que apareceu no túmulo do Salvador, tendo o rosto “como relâmpago”, fez com que os guardas tremessem e ficassem “como mortos”. Quando Senaqueribe blasfemou de Deus e ameaçou a Israel, “o anjo do Senhor [...] feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil”. Ezequiel 1:14; Mateus 28:3, 4; 2 Reis 19:35.

Anjos são enviados em missões de misericórdia aos filhos de Deus. A Abraão, com promessas de bênçãos; a Sodoma, para resgatar a Ló da condenação; a Elias, quase a perecer no deserto; a Eliseu, com carros e cavalos de fogo, quando ele estava cercado por seus adversários; a Daniel, quando abandonado na cova dos leões; a Pedro, condenado à morte no calabouço de Herodes; aos prisioneiros em Filipos; a Paulo, na noite tempestuosa, no mar; a abrir a mente de Cornélio para a recepção do evangelho; a enviar Pedro com a mensagem da salvação ao desconhecido gentio — assim é que os santos anjos têm ministrado ao povo de Deus.

Anjos guardiães — Um anjo da guarda é designado a todo seguidor de Cristo. “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem, e os livra.” Disse o Salvador, referindo-Se aos que nEle crêem: “Os seus anjos nos Céus vêem incessantemente a face de Meu Pai celeste”. Salmos 34:7; Mateus 18:10. O povo de Deus, [226] exposto à vigilante malignidade do príncipe das trevas, recebe a certeza da incessante guarda dos anjos. Tal segurança é concedida porque há poderosas instrumentalidades do mal a serem enfrentadas — agentes numerosos, determinados e incansáveis.

Maus espíritos, criados a princípio sem pecado, eram iguais, em natureza, poder e glória, aos anjos santos que ora são os mensageiros de Deus. Mas, caídos pelo pecado, acham-se coligados para a desonra de Deus e a destruição dos homens. Unidos a Satanás na rebelião, cooperam com ele na luta contra a autoridade divina.

A história do Antigo Testamento menciona a sua existência, mas durante o tempo de Cristo os espíritos maus manifestaram seu poder de modo mais marcante. Cristo veio para a redenção do homem, e Satanás estava determinado a comandar o mundo. Havia sido bem-sucedido em estabelecer a idolatria em todas as partes da Terra, exceto na Palestina. À única terra que não havia cedido completamente ao domínio do tentador, Cristo veio, estendendo os braços de amor, convidando todos a que buscassem perdão e paz nEle. As hostes das trevas compreendiam que, se a missão de Cristo obtivesse êxito, o domínio que exerciam chegaria logo ao fim.

Que os homens tenham sido possuídos por demônios, é claramente afirmado no Novo Testamento. As pessoas afligidas dessa maneira não sofriam meramente de moléstias provenientes de causas naturais; Cristo reconheceu a presença direta e a operação dos maus espíritos. Os endemoninhados de Gadara, infelizes lunáticos, agitando-se, espumando, enfurecendo-se, faziam violência a si próprios e ameaçavam a todos os que deles se aproximassem. O corpo desfigurado e sangrante, tanto quanto a mente transtornada, apresentavam um espetáculo que agradava muito ao príncipe das trevas. Um dos demônios que controlavam os sofredores declarou: “Legião é o meu nome, porque somos muitos”. Marcos 5:9. No exército romano, a legião compunha-se de três a cinco mil homens. Ao mando de Jesus os anjos maus afastaram-se de suas vítimas, deixando-as submissas, inteligentes e dóceis. Mas os demônios varreram para o

mar uma manada de porcos, e para os habitantes de Gadara a perda resultante sobrepujou a bênção conferida por Cristo; pediram ao Médico divino que Se retirasse. Mateus 8:23-34. Lançando sobre Jesus a culpa de seu prejuízo, Satanás suscitou os temores egoístas do povo e impediu-os de escutar as Suas palavras.

Cristo permitiu que os maus espíritos destruíssem os suínos como reprovação àqueles judeus que, por amor ao ganho, estavam criando animais imundos. Se Cristo não tivesse restringido os demônios, estes teriam arrastado para o mar não somente os porcos, mas também seus donos.

Além disso, esse evento foi permitido a fim de que os discípulos pudessem testemunhar o poder cruel de Satanás, tanto sobre homens como sobre animais, e assim não fossem enganados por seus artifícios. Era também Seu desejo que o povo contemplasse Seu poder em quebrar o cativeiro de Satanás e em libertar seus cativos. Embora Jesus Se retirasse, os homens tão maravilhosamente libertos ficaram [227] para declarar a misericórdia de seu Benfeitor.

Outros exemplos acham-se registrados: a filha da mulher sirofenícia era atrozmente atormentada por um demônio, que Jesus expulsou por Sua palavra (Marcos 7:26-30); um moço que tinha um espírito que muitas vezes o lançava “no fogo e na água, para o matar” (Marcos 9:17-27); o lunático que, atormentado pelo “espírito de um demônio imundo” (Lucas 4:33-36), perturbava a calma do sábado na sinagoga de Cafarnaum — todos estes foram curados pelo Salvador. Em quase todos os casos Cristo Se dirigiu ao demônio como uma entidade inteligente, ordenando-lhe não mais atormentar sua vítima. Os adoradores de Cafarnaum ficaram todos “grandemente admirados e comentavam entre si, dizendo: ‘Que palavra é esta, pois com autoridade e poder ordena aos espíritos imundos, e eles saem?’” Lucas 4:36.

Para o fim de obter poder sobrenatural, alguns recebiam alegremente a influência satânica. Estes, é claro, não tinham conflito algum com os demônios. Desta classe eram os que possuíam o espírito de adivinhação — Simão o Mago, o feiticeiro Elimas, a jovem que seguia Paulo e Silas em Filipos. Atos dos Apóstolos 8:9, 18; 13:8; 16:16-18.

Ninguém se acha em maior perigo do que aqueles que negam a existência do diabo e seus anjos. Muitos dão atenção às suas

sugestões, supondo, entretanto, estar seguindo os ditames de sua própria sabedoria. Aproximando-nos do final do tempo, quando Satanás deverá operar com o máximo poder para enganar, ele espalha por toda parte a crença de que não existe. É sua política ocultar-se a si mesmo e agir às escondidas.

O grande enganador receia que nos familiarizemos com seus ardis. Para melhor encobrir seu caráter, faz-se representar de tal maneira a não provocar mais que ridículo e desdém. Ele se compraz muito em ser representado como um objeto burlesco, repugnante, meio animal e meio homem. Agrada-se de ouvir seu nome empregado na brincadeira e na zombaria. Por ter se mascarado com consumada habilidade é que tão amplamente se faz a pergunta: "Existe realmente tal ser?" É porque Satanás pode muito facilmente controlar a mente daqueles que estão inconscientes de sua presença, que a Palavra de Deus descobre ante nossos olhos as suas forças secretas, pondo-nos desta maneira de sobreaviso contra seus assaltos.

Poderemos encontrar refúgio e livramento no poder superior de nosso Redentor. Pomos cuidadosamente em segurança nossas casas por meio de ferrolhos e fechaduras, a fim de proteger contra homens maus nossa propriedade e vida, mas raras vezes pensamos nos anjos maus, contra os quais não temos, em nossa própria força, método algum de defesa. Se lhes permitirmos, podem distrair nossa mente, atormentar-nos o corpo, destruir nossas propriedades e vida. Mas os que seguem a Cristo estão sempre seguros sob Sua proteção. Anjos magníficos em poder são enviados para protegê-los. O maligno não pode romper a guarda que Deus pôs em redor de Seu povo. [228]

Capítulo 32 — Como derrotar a Satanás

O grande conflito entre Cristo e Satanás logo deve terminar, e o maligno redobra seus esforços para frustrar a obra de Cristo em prol do homem. Reter o povo em trevas e impenitência, até que termine a mediação do Salvador, é o objetivo que ele procura realizar. Quando a indiferença prevalece na igreja, Satanás não se preocupa. Mas quando as pessoas indagam: "Que é necessário que eu faça para me salvar?" ele procura opor seu poder ao de Cristo e neutralizar a influência do Espírito Santo.

Em certa ocasião, quando os anjos de Deus foram apresentar-se perante o Senhor, Satanás foi também entre eles, não para curvar-se perante o Rei eterno, mas para apresentar seus maldosos intentos contra os justos. Jó 1:6. Ele está presente quando os homens se congregam para o culto a Deus, trabalhando com diligência a fim de controlar a mente dos adoradores. Quando vê o mensageiro de Deus examinando as Escrituras, toma nota do assunto a ser apresentado ao povo. Então emprega seu engano e astúcia para que a mensagem não atinja aqueles que ele está enganando nesse exato ponto. Aquele que mais necessita da advertência estará empenhado em alguma transação comercial, ou será de algum outro modo impedido de ouvir a palavra.

Satanás vê os servos do Senhor opressos por causa das trevas que envolvem o povo. Ouve suas orações rogando graça e poder divinos para quebrar a fascinação da indiferença e indolência. Então, com redobrado zelo, tenta os homens à satisfação do apetite ou alguma outra forma de condescendência própria, embotando assim a sua sensibilidade, de maneira que deixem de ouvir precisamente as coisas que mais necessitam aprender.

Satanás bem sabe que todos quantos negligenciam a oração e o exame das Escrituras serão vencidos por seus ataques. Portanto, inventa todo artifício possível para ocupar a mente. Seus ajudadores da "mão direita" estão sempre em atividade quando Deus opera. Eles representarão os mais ardorosos e abnegados servos de Cristo como

estando enganados ou sendo enganadores. É sua obra representar falsamente os intuitos de toda ação nobre, fazer circular insinuações e despertar suspeitas na mente dos inexperientes. Entretanto, pode-se ver facilmente de quem são filhos, o exemplo de quem seguem, e a obra de quem fazem. "Pelos seus frutos os conhecereis". Mateus [229] 7:16; Apocalipse 12:10.

A verdade santifica — O grande enganador tem muitas heresias preparadas para se adaptarem aos gostos daqueles que ele deseja arruinar. É seu plano levar para a igreja elementos insinceros, não regenerados, os quais estimularão a dúvida e a incredulidade. Muitos que não têm verdadeira fé em Deus concordam com alguns princípios da verdade e passam por cristãos, e assim estão aptos para introduzir seus erros como doutrinas das Escrituras. Satanás sabe que a verdade, recebida por amor, santifica a vida. Portanto, procura substituí-la por falsas teorias e fábulas, ou por outro evangelho. Desde o princípio os servos de Deus têm lutado com falsos ensinadores, não meramente como homens corruptos, mas como inculcadores de falsidades fatais. Elias, Jeremias, Paulo, se opuseram firmemente aos que desviavam os homens da Palavra de Deus. A liberalidade que considera como sendo sem importância uma fé religiosa correta, não encontrava apoio algum por parte daqueles santos defensores da verdade.

As interpretações vagas e imaginosas das Escrituras e as teorias conflitantes do mundo cristão são a obra de nosso grande adversário para confundir as mentes. A discórdia e divisão entre as igrejas são em grande parte devidas ao costume de torcer as Escrituras a fim de apoiar uma teoria favorita.

Com o intuito de sustentar doutrinas errôneas, alguns apanham passagens das Escrituras separadas do contexto, citando talvez a metade de um versículo como prova de seu ponto de vista, quando a parte restante mostraria ser exatamente contrário o sentido. Com a astúcia da serpente, entrincheiram-se por trás de declarações desconexas, construídas para satisfazer seus desejos carnais. Outros lançam mão de figuras e símbolos, interpretam-nos a seu bel-prazer, tendo em pouca conta o testemunho das Escrituras como seu próprio intérprete, e então apresentam suas fantasias como ensinos da Bíblia.

A Bíblia inteira é um guia — Sempre que o estudo das Escrituras se iniciar sem espírito de oração e docilidade, as passagens mais

claras serão torcidas em seu verdadeiro sentido. A Bíblia inteira deve ser dada ao povo tal qual é.

Deus deu aos homens a segura palavra da profecia; os anjos e mesmo Cristo vieram para tornar conhecidas a Daniel e a João as coisas "que em breve devem acontecer". Apocalipse 1:1. Os importantes assuntos que dizem respeito à nossa salvação não foram revelados de tal maneira a tornar perplexo e a transviar o honesto pesquisador da verdade. A Palavra de Deus é clara a todos os que a estudam com coração devoto.

Ao brado de liberalidade os homens se tornam cegos aos ardis do adversário. É bem-sucedido em suplantar a Bíblia por meio de especulações humanas; a lei de Deus é posta de lado; e as igrejas acham-se sob a escravidão do pecado ao mesmo tempo em que declaram estar livres. [230]

Deus permitiu que inundação de luz fosse derramada sobre o mundo através de descobertas científicas. Contudo, mesmo as maiores mentes, se não forem guiadas pela Palavra de Deus, se desencaminharão em suas tentativas de investigar as relações entre a Ciência e a Revelação.

O conhecimento humano é parcial e imperfeito; portanto, muitos são incapazes de harmonizar seus pontos de vista científicos com as Escrituras. Muitos aceitam meras teorias como fatos científicos, imaginando que a Palavra de Deus deva ser provada pela "falsamente chamada ciência". 1 Timóteo 6:20. Por não poderem explicar o Criador e Suas obras através das leis naturais, a história bíblica é considerada indigna de confiança. Os que duvidam da integridade do Antigo e do Novo Testamentos, muito amiúde vão um passo além, pondo em dúvida a existência de Deus. Tendo perdido sua âncora, são deixados a chocar-se contra as rochas da incredulidade.

É obra-prima dos enganos de Satanás conservar os homens em conjecturas acerca daquilo que Deus não tornou conhecido. Lúcifer sentiu-se insatisfeito porque nem todos os segredos dos propósitos de Deus lhe foram confiados, e desatendeu completamente àquilo que fora revelado. Agora procura imbuir a mente dos homens do mesmo espírito, levando-os também a desatender aos diretos preceitos de Deus.

A verdade é rejeitada porque envolve sacrifício — Quanto menos espirituais e altruístas forem as doutrinas apresentadas, maior

é o favor como são recebidas. Satanás está pronto a suprir o desejo do coração, e apresenta suas burlas em lugar da verdade. Foi assim que o papado alcançou seu poderio sobre o entendimento dos homens. E, pela rejeição da verdade, pois que ela implica uma cruz, os protestantes estão seguindo o mesmo caminho. Todos os que estudam conveniências e expedientes para não se acharem em desacordo com o mundo, serão deixados a colher "heresias destruidoras". 2 Pedro 2:1. Quem olha com horror para um engano, receberá facilmente outro. "É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade, antes, pelo contrário, se deleitaram com a injustiça". 2 Tessalonicenses 2:11, 12.

Erros perigosos — Entre as operações de maior êxito do grande enganador, encontram-se os ensinos ilusórios e mentirosos do espiritismo. Rejeitando a verdade os homens caem presas do engano.

Outro erro é a doutrina que nega a divindade de Cristo, alegando que Ele não teve existência antes de Seu advento ao mundo. Essa teoria contradiz as declarações de nosso Salvador concernentes a Seu relacionamento com o Pai e à Sua preexistência. Corrói a fé na Bíblia como revelação de Deus. Se os homens rejeitam o testemunho [231] das Escrituras concernente à divindade de Cristo, é vão argumentar com eles; pois nenhum argumento, ainda que conclusivo, poderia convencê-los. Pessoa alguma que alimente este erro pode ter exato conceito do caráter ou missão de Cristo, nem do plano de Deus para a redenção do homem.

Ainda outro erro é a crença de que Satanás não existe como ser pessoal, de que este nome é empregado nas Escrituras meramente para representar os maus pensamentos e desejos do homem.

O ensino de que o segundo advento de Cristo é a Sua vinda a cada indivíduo por ocasião da morte é um ardil para desviar a mente dos homens de Sua vinda pessoal nas nuvens do Céu. Satanás tem estado assim a dizer: "Eis que Ele está no interior da casa" (Mateus 24:23-26), e muitos se têm perdido pela aceitação deste engano.

Homens de ciência ensinam que a oração não pode, na verdade, ser atendida; isto seria a violação da lei — um milagre, e milagres não existem. O Universo, dizem eles, é governado por leis fixas, e o próprio Deus nada faz que contrarie estas leis. Assim representam

a Deus como sendo governado por Suas próprias leis — como se a operação das leis divinas pudesse excluir a liberdade divina.

Porventura não foram operados milagres por Cristo e os apóstolos? O mesmo compassivo Salvador está hoje tão disposto a escutar a oração da fé, como quando andava visivelmente entre os homens. O natural coopera com o sobrenatural. Faz parte do plano de Deus conceder-nos, em resposta à oração da fé, aquilo que Ele não outorgaria se o não pedíssemos assim.

Os marcos do mundo — Doutrinas errôneas entre as igrejas removem os marcos fixados pela Palavra de Deus. Poucos são os que param com a rejeição de uma única verdade. A maioria continua a pôr de lado, um após outro, os princípios da verdade, até que se tornam incrédulos.

Os erros da teologia popular têm arrastado ao ceticismo muitas pessoas. Para eles é impossível aceitar doutrinas que ofendem seu senso de justiça, misericórdia e benevolência. Desde que esses erros são apresentados como ensinos bíblicos, recusam-se a recebê-la como a Palavra de Deus.

A Palavra de Deus é olhada com desconfiança pelo fato de reprovar e condenar o pecado. Os que estão indispostos a obedecer-lhe, esforçam-se por subverter a sua autoridade. Não poucos se tornam incrédulos a fim de justificar a negligência do dever. Outros, demasiado amantes da comodidade para realizarem qualquer coisa que exija esforço ou abnegação, visam conquistar fama de sabedoria superior mediante a crítica à Bíblia.

Muitos pensam ser virtude achar-se do lado da descrença, do ceticismo e da incredulidade. Mas, sob a aparência de sinceridade, encontrar-se-ão confiança própria e orgulho. Muitos se deleitam em encontrar nas Escrituras alguma coisa que confunda a mente de outros. Alguns a princípio criticam e sofismam, por simples amor [232] à controvérsia. Tendo, porém, expresso abertamente a descrença, unem-se aos ímpios.

Evidência suficiente — Deus deu em Sua Palavra evidência suficiente do divino caráter da mesma. Contudo, a mente finita não está adaptada a compreender completamente os propósitos do Ser Infinito. "Quão insondáveis são os Seus juízos e quão inescrutáveis os Seus caminhos!" Romanos 11:33. Podemos discernir amor e misericórdia ilimitados em união com o poder infinito. Nosso Pai

celestial nos revelará tanto quanto é para o nosso bem saber; além disso, devemos confiar na Mão que é onipotente, no Coração que está repleto de amor.

Deus jamais removerá toda desculpa para a descrença. Todos os que buscam ganchos em que pendurar suas dúvidas, encontrá-los-ão. E os que se recusam a obedecer até que toda objeção tenha sido removida, jamais virão à luz. O coração não renovado encontra-se em inimizade com Deus. Mas a fé é inspirada pelo Espírito Santo e florescerá à medida que for acalentada. Ninguém poderá se tornar forte na fé sem esforço decidido. Se os homens se permitirem contestar, verão que suas dúvidas se tornam constantemente mais acentuadas.

Mas os que duvidam e não confiam na certeza de Sua graça, desonram a Cristo. São árvores infrutíferas que excluem a luz do Sol de outras plantas, fazendo-as atrofiar-se e morrer na fria sombra. O trabalho de tais pessoas aparecerá como uma constante testemunha contra si mesmas.

Há apenas um caminho a seguir, para quantos desejem sinceramente livrar-se das dúvidas. Em vez de questionar aquilo que não compreendem, atendam à luz que já resplandece sobre eles, e receberão maior luz.

Satanás pode apresentar uma contrafação tão parecida com a verdade, que seja capaz de enganar aos que estão dispostos a ser enganados, que desejam excluir o sacrifício requerido pela verdade. Impossível lhe é, porém, reter sob seu poder uma só pessoa que sinceramente deseje conhecer a verdade, custe o que custar. Cristo é a verdade, a “luz que [...] ilumina a todo homem”. “Se alguém quiser fazer a vontade dEle, conhecerá a respeito da doutrina”. João 1:9; 7:17.

O Senhor permite que Seu povo seja submetido à atroz prova da tentação, não porque Ele tenha prazer em sua angústia, mas porque tal operação é indispensável à sua vitória final. Ele não poderia, de maneira coerente com Sua própria glória, escudá-los da tentação, pois o objetivo da prova é prepará-los para resistirem às seduções do mal. Nem homens ímpios nem demônios podem excluir a presença de Deus de Seu povo se este confessar e abandonar seus pecados e reclamar Suas promessas. Toda tentação, quer manifesta, quer

secreta, pode ser vencida com êxito, “não por força, nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos”. Zacarias 4:6. [233]

“Quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom?” 1 Pedro 3:13. Satanás está bem ciente de que a pessoa mais frágil que permanece em Cristo é mais que suficiente para competir com as hostes das trevas. Portanto, procura retirar de suas potentes fortificações os soldados da cruz, enquanto jaz de emboscada, pronto para destruir todos os que se arriscam a penetrar em seu terreno. Unicamente na confiança em Deus e na obediência a todos os Seus mandamentos, poderemos achar-nos em segurança.

Ninguém se encontra livre de perigo por um dia ou uma hora, sem oração. Devemos rogar ao Senhor por sabedoria para compreender Sua Palavra. Satanás é hábil em citar as Escrituras, dando sua própria interpretação às passagens pelas quais espera fazer-nos tropeçar. Devemos estudar com humildade de coração. Ao mesmo tempo em que nos devemos guardar constantemente contra os ardis de Satanás, cumpre-nos orar continuamente: “Não nos deixes cair em tentação”. Mateus 6:13. [234]

Capítulo 33 — O que existe além do túmulo?

Aquele que incitou a rebelião no Céu, desejava levar os habitantes da Terra a se unirem a ele na guerra contra Deus. Adão e Eva haviam sido perfeitamente felizes na obediência à lei divina — constante testemunho contra a alegação em que Satanás insistiu no Céu, de que a lei de Deus era opressiva. Satanás decidiu-se a causar a queda de nossos primeiros pais, de modo a obter posse da Terra e aqui estabelecer o seu reino em oposição ao Altíssimo.

Adão e Eva tinham sido advertidos contra este perigoso adversário, mas ele operou nas trevas, ocultando seu propósito. Empregando como seu intermediário a serpente, então uma criatura de fascinante aspecto, dirigiu-se a Eva: "É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?" Eva arriscou-se a argumentar com ele, e caiu vítima de seus engodos: "Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal". Gênesis 3:1-5.

Eva cedeu e, através de sua influência, Adão foi levado a pecar. Aceitaram as palavras da serpente; desconfiaram de seu Criador, e imaginaram que Ele estava restringindo sua liberdade.

Mas como Adão compreendeu o sentido das palavras: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás"? Deveria ele ser promovido a uma condição mais elevada de existência? Adão não achou ser este o sentido da sentença divina. Deus declarou que, como penalidade de seu pecado, o homem voltaria à terra de onde fora tirado: "Porque tu és pó, e ao pó tornarás". Gênesis 3:19. As palavras de Satanás: "Se vos abrirão os olhos", mostraram-se verdadeiras apenas neste sentido: seus olhos se abriram para discernirem a sua loucura. Conheceram de fato o mal e provaram o amargo fruto da transgressão.

A árvore da vida possuía o poder de perpetuar a vida. Adão poderia ter continuado a gozar de livre acesso àquela árvore, e assim teria vivido para sempre; quando pecou, entretanto, foi despojado da árvore da vida e tornou-se sujeito à morte. A imortalidade fora [235] perdida pela transgressão. Não teria havido esperança para a raça decaída se, pelo sacrifício de Seu Filho Deus não tivesse, trazido novamente a imortalidade ao alcance. Ao passo que "a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram", Cristo "trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho". A imortalidade só pode ser obtida através de Cristo. "Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho, não verá a vida". Romanos 5:12; 2 Timóteo 1:10; João 3:36.

A grande mentira — O único que prometeu vida na desobediência foi o grande enganador. E a declaração da serpente no Éden — "é certo que não morrereis" — foi o primeiro sermão pregado sobre a imortalidade da alma. Todavia, essa afirmação, repousando apenas sobre a autoridade de Satanás, ecoa dos púlpitos e é recebida pela maior parte da humanidade tão facilmente como o foi pelos nossos primeiros pais. À sentença divina: "A alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel 18:20), é dada a significação: A alma que pecar, essa não morrerá, antes viverá eternamente. Se o livre acesso à árvore da vida tivesse sido permitido ao homem após a queda, o pecado teria sido imortalizado. Mas a nenhum membro da família de Adão foi permitido participar do fruto doador de vida. Não há, portanto, pecador algum imortal.

Depois da queda, Satanás ordenou a seus anjos que inculcassem a crença na imortalidade natural do homem. Tendo induzido o povo a receber esse erro, deveriam levá-lo a concluir que o pecador viveria em eterna miséria. Agora o príncipe das trevas representa a Deus como um tirano vingativo, declarando que ele mergulha num inferno a todos os que não Lhe agradam e que, enquanto se contorcem em eternas chamas, seu Criador olha para eles com satisfação. Assim o príncipe dos demônios reveste com seus próprios atributos o Benfeitor da humanidade. A crueldade é satânica. Deus é amor, Satanás é o inimigo que tenta o homem a pecar, e então o destrói, se o pode fazer. Quão repugnante ao amor, misericórdia e justiça é a doutrina de que os ímpios mortos são atormentados num inferno eternamente

a arder, e que pelos pecados de uma breve vida terrestre sofrerão tortura enquanto Deus existir!

Onde, na Palavra de Deus, se encontra tal ensino? Deverão os sentimentos comuns da humanidade ser trocados pela crueldade do selvagem? Não, este não é o ensino da Palavra de Deus. “Tão certo como Eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho, e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que haveis de morrer?” Ezequiel 33:11.

Porventura Deus Se deleita em testemunhar incessantes torturas? Alegra-se Ele com os gemidos e imprecações de sofredoras criaturas, por Ele retidas nas chamas? Poderão esses terríveis sons ser música [236] aos ouvidos do amor Infinito? Oh, terrível blasfêmia! A glória de Deus não é encarecida ao se perpetuar o pecado ao longo de eras intérminas.

A heresia do tormento eterno — O mal tem sido promovido pela heresia do tormento eterno. A religião da Bíblia, repleta de amor e bondade, é obscurecida pela superstição e revestida de terror. Satanás tem esboçado o caráter de Deus em cores falsas. Nosso misericordioso Criador é receado, temido e até mesmo odiado. As opiniões aterrorizadoras acerca de Deus, que são espalhadas ao mundo pelos ensinos do púlpito têm feito milhões de céticos e descrentes.

O tormento eterno é uma das falsas doutrinas, o vinho das abominações (Apocalipse 14:8; 17:2), que Babilônia faz todas as nações beberem. Ministros de Cristo aceitaram essa heresia de Roma, da mesma forma como receberam o falso sábado. Se nos desviamos do testemunho da Palavra de Deus, aceitando falsas doutrinas porque nossos pais as ensinaram, caímos sob a condenação pronunciada sobre Babilônia; estamos bebendo do vinho de suas abominações.

Numerosa classe é levada ao erro oposto. Vêem que as Escrituras representam a Deus como um Ser de amor e compaixão, e não conseguem crer que Ele destine Suas criaturas aos fogos de um inferno a arder eternamente. Crendo que a alma é de natureza imortal, concluem que toda a humanidade deverá salvar-se. Assim o pecador pode viver em prazeres egoístas, desatendendo aos preceitos de Deus, e ainda assim receber o favor divino. Tal doutrina, admitindo

a misericórdia de Deus, mas ignorando a Sua justiça, agrada ao coração carnal.

A salvação universal não é ensino das Escrituras — Os crentes na salvação universal torcem as Escrituras. O professo ministro de Cristo reitera a falsidade apresentada pela serpente no Éden: "É certo que não morrereis." "No dia em que dele comerdes, se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal." Declara ele que o mais vil dos pecadores — o assassino, o ladrão, o adúltero — depois da morte estarão preparados para entrar na bem-aventurança eterna. Fábula aprazível, por certo, muito apropriada para satisfazer o coração carnal!

Se fosse verdade que a alma passa diretamente para o Céu na hora do falecimento, bem poderíamos anelar mais a morte que a vida. Por essa crença, muitos têm sido levados a pôr termo à existência. Dominados por dificuldades e desapontamentos, parece coisa fácil romper o fio da vida e voar para as bênçãos do mundo eterno.

Deus deu em Sua Palavra prova decisiva de que punirá os transgressores de Sua lei. Será Ele demasiado misericordioso para exercer justiça sobre o pecador? Basta contemplar a cruz do Calvário. A morte do filho de Deus testifica que "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23), de que toda violação da lei de Deus deve receber [237] retribuição. Cristo, que não tinha pecado, tornou-Se pecado pelo homem. Suportou a culpa da transgressão e o ocultamento da face do Pai, até que Seu coração se quebrantasse e Sua vida se desfizesse. Todo esse sacrifício foi feito para que os pecadores pudessem ser remidos. E todos que se recusam a participar da expiação provida a tal custo devem levar em si próprios a culpa e o castigo da transgressão.

As condições são apresentadas — "Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida." Esta promessa é apenas para os que têm sede. "O vencedor herdará todas estas coisas, e Eu lhe serei Deus, e ele Me será filho". Apocalipse 21:6, 7. As condições são especificadas. Para herdarmos todas as coisas, teremos de triunfar sobre o pecado.

"Mas o perverso não irá bem". Eclesiastes 8:13. O pecador está entesourando para si mesmo "ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento. [...] Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal". Romanos 2:5, 6, 9.

"Nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus." "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas. Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras, e todo aquele que ama e pratica mentira". Efésios 5:5; Apocalipse 22:14, 15.

Deus deu aos homens uma declaração de Seu método de tratar com o pecado. "Os ímpios serão exterminados." "Quanto aos transgressores, serão à uma destruídos". Salmos 145:20; 37:38. A autoridade do governo divino será empregada para abater a rebelião, contudo as manifestações da justiça retribuidora serão consistentes com o caráter de Deus como um Ser misericordioso e bondoso.

Deus não força a vontade. Não tem prazer na obediência servil. Deseja que as criaturas de Suas mãos O amem porque Ele é digno de amor. Quer que Lhe obedeçam porque reconhecem inteligentemente sua sabedoria, justiça e benevolência.

Os princípios do governo divino estão em harmonia com o preceito do Salvador: "Amai vossos inimigos". Mateus 5:44. Deus executa justiça sobre os ímpios para o bem do Universo, e até mesmo para o bem daqueles sobre quem Seus juízos são executados. Ele os faria felizes, caso fosse possível. Cerca-os de manifestações de Seu amor e os faz acompanhar de ofertas de Sua misericórdia; eles, porém, desprezam Seu amor, anulam a lei e rejeitam a misericórdia. Constantemente recebem Seus dons, e ainda assim desonram o Doador. O Senhor suporta longamente a sua perversidade; contudo, acorrentará estes rebeldes a Seu lado, forçando-os a executarem a Sua vontade? [238]

Despreparados para entrar no Céu — Os que escolheram a Satanás como chefe não estão preparados para comparecer à presença de Deus. Orgulho, engano, licenciosidade e crueldade fixaram-se em seu caráter. Podem eles entrar no Céu, para morar para sempre com aqueles a quem odiaram na Terra? A verdade nunca será agradável ao mentiroso; a humildade não satisfará o que se tem em alta conta; a pureza não é aceitável ao corrupto; o amor abnegado não parece atrativo ao egoísta. Que fonte de gozo poderia o Céu oferecer para os que se acham absorvidos em interesses egoístas?

Poderiam aqueles cujo coração está cheio de ódio a Deus, à verdade e santidade, unir-se à multidão celestial e unir-se aos seus cânticos de louvor? Anos de graça lhes foram concedidos, porém nunca exercitaram a mente no amor à pureza. Jamais aprenderam a linguagem do Céu. Agora é demasiado tarde.

Uma vida de rebeldia contra Deus os incapacitou para o Céu. A pureza e santidade dali seriam uma tortura para eles; a glória de Deus um fogo consumidor. Almejariam fugir daquele santo lugar e saudariam a destruição, para que pudessem esconder-se da face dAquele que morreu para os remir. O destino dos ímpios se fixa por sua própria escolha. Sua exclusão do Céu é espontânea, de sua parte, e justa e misericordiosa da parte de Deus. Semelhantes às águas do dilúvio, os fogos do grande dia declaram o veredicto divino, de que os ímpios são incorrigíveis. Sua vontade foi exercitada na revolta. Ao terminar a vida, é demasiado tarde para volverem seus pensamentos da transgressão à obediência, do ódio ao amor.

O salário do pecado — "O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor." Ao passo que a vida é a herança dos justos, a morte é a porção dos ímpios. A "segunda morte" é posta em contraste com a vida eterna. Romanos 6:23; Apocalipse 20:14.

Em conseqüência do pecado de Adão, a morte passou a toda a raça humana. Todos igualmente descem ao sepulcro. E através do plano da salvação, todos devem ressurgir da sepultura. "Haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos." "Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo." Uma distinção, contudo, se faz entre as duas classes que ressuscitam: "Vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a Sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo". Atos dos Apóstolos 24:15; 1 Coríntios 15:22; João 5:28, 29.

A primeira ressurreição — Os que foram "tidos por dignos" da ressurreição da vida, são "bem-aventurados e santos". "Sobre esses a segunda morte não tem autoridade". Lucas 20:35; Apocalipse 20:6. Mas os que não asseguraram o perdão, através do arrependimento e a fé, devem receber o "salário do pecado", ou a punição "segundo [239] as suas obras", que finaliza com a "segunda morte".

Visto ser impossível para Deus salvar o pecador em seus pecados, Ele o despoja da existência, que perdeu por suas transgressões, e da qual se mostrou indigno. "Mais um pouco de tempo e já não existirá o ímpio; procurarás o seu lugar, e não o acharás". Salmos 37:10; Obadias 16. Mergulham, sem esperança, no esquecimento eterno.

Assim será o fim do pecado. "Destróis o ímpio, e para todo o sempre lhe apagas o nome. Quanto aos inimigos, estão consumados". Salmos 9:5, 6. João, no Apocalipse, ouve uma antífona universal de louvor, imperturbada por qualquer nota de discórdia. Não haverá almas perdidas para blasfemarem de Deus, contorcendo-se em tormento interminável. Não existirão seres desditosos no inferno, unindo seus gritos aos cânticos dos salvos.

Sobre o erro da imortalidade inerente, repousa a doutrina da consciência na morte. Semelhantemente ao tormento eterno, opõe-se aos ensinos das Escrituras, à razão, e aos sentimentos de humanidade.

Segundo a crença popular, os remidos no Céu estão a par de tudo que ocorre na Terra. Mas como poderiam os mortos ser felizes sabendo das dificuldades dos vivos, vendo-os suportar todas as tristezas, desapontamentos e angústias da vida? Quão revoltante é a crença de que, logo que o fôlego deixa o corpo, a alma do impenitente é entregue às chamas!

Que dizem as Escrituras? O homem não se acha consciente na morte. "Sai-lhes o espírito e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios." "Os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma. [...] Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol." "A sepultura não Te pode louvar, nem a morte glorificar-Te; não esperam em Tua fidelidade os que descem à cova. Os vivos, somente os vivos, esses Te louvam, como hoje eu o faço." "Pois na morte não há recordação de Ti; no sepulcro, quem Te dará louvor?" Salmos 146:4; Eclesiastes 9:5, 6; Isaías 38:18, 19; Salmos 6:5.

Pedro, no dia de Pentecoste, declarou que Davi "morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje". "Porque Davi não subiu aos Céus". Atos dos Apóstolos 2:29, 34. O fato de Davi permanecer na sepultura até a ressurreição prova que os justos não ascendem ao Céu por ocasião da morte.

Disse Paulo: “Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo, pereceram”. 1 Coríntios 15:16-18. Se durante quatro mil anos os justos, ao morrer, tivessem ido diretamente para o Céu, como poderia Paulo haver dito que, se não há ressurreição, “os que dormiram em Cristo pereceram”?

Quando estava para deixar Seus discípulos, Jesus lhes disse que logo iriam ter com Ele: “Vou preparar-vos lugar. E quando Eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para [240] que onde Eu estou estejais vós também”. João 14:2, 3. Diz-nos ainda Paulo que “o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”. Ele acrescenta: “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras”. 1 Tessalonicenses 4:16-18. Na vinda do Senhor, os grilhões do túmulo serão quebrados e os “mortos em Cristo” ressuscitarão para a vida eterna.

Todos serão julgados de acordo com as coisas escritas nos livros e recompensados segundo suas obras. Este juízo não ocorre por ocasião da morte. “Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça.” “Eis que veio o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos”. Atos dos Apóstolos 17:31; Judas 15.

Se, porém, os mortos já estão gozando a bem-aventurança celestial ou contorcendo-se nas chamas do inferno, que necessidade há de um juízo futuro? A Palavra de Deus pode ser entendida pela mente comum. Qual o espírito imparcial, contudo, que é capaz de ver sabedoria ou justiça na teoria corrente? Receberão os justos o elogio: “Muito bem, servo bom e fiel [...] entra no gozo do teu Senhor” se estiveram morando em Sua presença durante longos séculos? Serão os ímpios convocados do lugar do tormento eterno a fim de receber a sentença do Juiz: “Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno”? Mateus 25:21, 41.

A teoria da imortalidade da alma foi uma das falsidades que Roma tomou emprestadas do paganismo. Lutero classificou-a entre

as “monstruosas fábulas que fazem parte do monturo romano das decretais”.[1] A Bíblia ensina que os mortos dormem até a ressurreição.

Bendito descanso para o justo cansado! Seja longo ou breve o tempo, não é para eles senão um momento. “A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. [...] Quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória”. 1 Coríntios 15:52-54.

Ao serem eles chamados de seu profundo sono, começam a pensar exatamente onde haviam parado. A última sensação foi a agonia da morte; o último pensamento, o de que estavam a cair sob o poder da sepultura. Ao se levantarem da tumba, seu primeiro alegre pensamento se expressará na triunfante aclamação: “Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?” 1 Coríntios 15:55. [241]

[1] E. Petavel , *The Problem of Immortality*, p. 255.

Capítulo 34 — Oferece o espiritismo alguma esperança?

A doutrina da imortalidade natural, a princípio tomada de empréstimo à filosofia pagã, e incorporada à fé cristã durante as trevas da grande apostasia, suplantou a verdade de que "os mortos não sabem coisa nenhuma". Eclesiastes 9:5. Multidões crêem que os espíritos dos mortos são os "espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação". Hebreus 1:14.

A doutrina de que os espíritos dos mortos retornam a fim de ministrar aos vivos abriu caminho para o moderno espiritismo. Se os mortos são favorecidos com conhecimento que supera em muito o que possuíam antes, por que não voltariam à Terra para instruir os vivos? Se os espíritos dos mortos estão a pairar sobre seus amigos na Terra, por que não haveriam de comunicar-se com estes? Como poderiam os que crêem no estado consciente dos mortos rejeitar o que lhes vem como "luz divina" transmitida por espíritos glorificados? Eis aí um meio de comunicação considerado como sagrado, através do qual Satanás opera. Anjos decaídos aparecem como mensageiros do mundo dos espíritos.

O príncipe do mal tem o poder de trazer à presença dos homens a aparência de seus amigos falecidos. A contrafação é perfeita, e é reproduzida com maravilhosa exatidão. Muitos são consolados com a afirmação de que seus queridos estão desfrutando do Céu. Sem suspeitar do perigo, dão ouvidos a "espíritos enganadores e a doutrinas de demônios". 1 Timóteo 4:1.

Os que baixaram ao túmulo sem estar preparados, pretendem estar felizes no Céu, e mesmo ocupar ali elevadas posições. Pretensos visitantes do mundo dos espíritos por vezes proferem avisos e advertências que se demonstram corretos. Então, estando ganha a confiança, apresentam doutrinas que solapam as Escrituras. O fato de declararem algumas verdades, e poderem por vezes predizer acontecimentos futuros, dão às suas declarações uma aparência de crédito, de modo que seus falsos ensinos são aceitos. A lei de Deus é

posta de lado, o Espírito da graça é desprezado. Os espíritos negam a divindade de Cristo e colocam o Criador no mesmo nível em que eles próprios estão.

Embora seja verdade que os resultados da trapaça tenham muitas vezes sido apresentados como manifestações genuínas, tem havido [242] também grandes exibições de poder sobrenatural, obra direta dos anjos maus. Muitos crêem que o espiritismo é meramente uma impostura humana. Quando postos face a face diante de manifestações que não podem deixar de considerar sobrenaturais, serão enganados e levados a aceitá-las como o grande poder de Deus.

Através do auxílio satânico os magos de Faraó puderam imitar a obra de Deus. Êxodo 7:10-12. Paulo testifica de que a vinda do Senhor seria precedida pela "eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça". 2 Tessalonicenses 2:9, 10. E João declara: "Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do Céu faz descer à Terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a Terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar". Apocalipse 13:13, 14. Não se acham aqui preditas meras imposturas. Os homens são enganados por sinais que os agentes de Satanás efetuam, e não por aquilo que eles fingem realizar.

Satanás apela aos intelectos — A pessoas de cultura e educação o príncipe das trevas apresenta o espiritismo em seus aspectos mais refinados e intelectuais. Deleita a imaginação com cenas arrebatadoras e quadros eloqüentes de amor e caridade. Conduz os homens a terem tão grande orgulho de sua própria sabedoria, a ponto de em seu coração desdenharem o Eterno.

Satanás seduz hoje os homens assim como seduziu Eva no Éden, tornando-os ambiciosos de exaltação própria. "Como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal". Gênesis 3:15. O espiritismo ensina que "o homem é criatura suscetível de progresso [...] em direção à Divindade". E ainda: "O juízo será correto, porque é o juízo de si mesmo. [...] O tribunal está dentro de vós." Outro declara: "Todo ser justo e perfeito é Cristo."

Assim, Satanás substituiu a natureza pecaminosa do homem como única regra para o juízo. Isto é progresso, não para cima, mas para baixo. O homem jamais se levantará acima de sua norma de pureza ou bondade. Se o eu é o seu mais elevado ideal, nunca atingirá

qualquer coisa mais elevada. Unicamente a graça de Deus tem poder para elevar o homem. Abandonado a si mesmo, seu caminho será em direção descendente.

Apelo ao amante de prazeres — Ao que condescende consigo mesmo, ao amante de prazeres, ao sensual, o espiritismo se apresenta sob disfarce menos sutil. Em suas formas mais grosseiras, encontra o que está em harmonia com suas inclinações. Satanás observa os pecados que cada indivíduo é inclinado a cometer, e então cuida que não faltem oportunidades para satisfazer a tendência para o mal. Tenta os homens através da intemperança, a fim de enfraquecê-los física, mental e moralmente. Destrói milhares por meio da satisfação das paixões, embrutecendo assim toda a natureza. Para completar sua obra, os espíritos declaram que "o verdadeiro conhecimento [243] coloca o homem acima de toda lei"; que "tudo está certo"; que "Deus não condena"; e que "todos os pecados [...] são inocentes". Sendo o povo levado a crer que o desejo é a mais elevada lei, que liberdade é libertinagem, e que o homem é apenas responsável a si mesmo, quem poderá maravilhar-se de que a corrupção campeie por toda parte? Multidões aceitam avidamente os ensinos que induzem à concupiscência. Satanás apanha em sua rede milhares que professam ser seguidores de Cristo.

Mas Deus concedeu luz suficiente para que se descubra a cilada. O próprio fundamento do espiritualismo encontra-se em guerra com as Escrituras. A Bíblia declara que os mortos nada sabem, que todos os seus pensamentos pereceram; já não possuem parte nas alegrias ou tristezas dos que estão na Terra.

Além disso, Deus proibiu toda pretensa comunicação com os espíritos dos mortos. Os "espíritos familiares", conforme são chamados os visitantes de outros mundos, são identificados pela Bíblia como "espíritos de demônios". Números 25:1-3; Salmos 106:28; 1 Coríntios 10:20; Apocalipse 16:14. O costume de tratar com eles foi proibido sob pena de morte. Levítico 19:31; 20:27. O espiritismo, porém, abriu seu caminho nos meios científicos, invadiu as igrejas e encontrou acolhida nas corporações legislativas, e mesmo nas cortes dos reis. Esse grande engano é o reaparecimento, sob novo disfarce, da feitiçaria, condenada, da antigüidade.

Representando os mais vis dos homens como se estivessem no Céu, Satanás diz ao mundo: "Não importa que creiais ou não em

Deus e na Bíblia. Vivei como vos agradar; o Céu será o vosso destino.” Diz a Palavra de Deus: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal; que fazem da escuridão luz, e da luz escuridade”. Isaías 5:20.

A Bíblia apresentada como ficção — Os apóstolos, personificados por esses espíritos de mentira, são apresentados contradizendo o que escreveram quando na Terra. Satanás está fazendo o mundo crer que a Bíblia é mera ficção, um livro adequado às eras primitivas, devendo hoje ser considerado como obsoleto. Lança à obscuridade o Livro que deve julgar a ele e seus seguidores; representa o Salvador do mundo como nada mais que um homem comum. E os que crêem nas manifestações espíritas procuram fazer parecer que nada há de miraculoso nas circunstâncias da vida de nosso Salvador. Os milagres que eles próprios exercem, segundo declaram, excedem em muito as obras de Cristo.

O espiritismo está assumindo hoje uma aparência cristã. Seus ensinos, porém, não podem ser negados ou encobertos. Em sua forma atual, constituem um engano mais perigoso, mais sutil, mais enganoso. Agora professa aceitar a Cristo e a Bíblia. Mas esta é interpretada de modo a agradar o coração não regenerado. O amor [244] é apresentado como o principal atributo de Deus, sendo entretanto degradado a um sentimentalismo enfermiço. A reprovação divina ao pecado, os requisitos de Sua santa lei, tudo é conservado fora de vista. Fábulas levam os homens a rejeitar a Bíblia como fundamento de sua fé. Cristo é tão verdadeiramente negado como antes, mas o engano não é discernido.

Poucos há que tenham uma justa concepção do poder enganador do espiritismo. Muitos se intrometem com ele simplesmente para satisfazer a curiosidade. Ficariam horrorizados ao pensamento de se entregar ao domínio dos espíritos. Aventuram-se, porém, a entrar em terreno proibido, e o destruidor exerce todo seu poder sobre eles, contra a sua vontade. Uma vez induzidos a submeter sua mente à direção dele, serão mantidos em cativeiro. Nada, a não ser o poder de Deus, concedido em resposta à fervorosa oração, poderá livrar essas pessoas.

Todos os que acariciam um pecado conhecido estão atraindo as tentações de Satanás. Separam-se de Deus e do vigilante cuidado de Seus anjos, tornando-se indefesos.

“Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva”. Isaías 8:19, 20.

Se os homens estivessem dispostos a receber a verdade concernente à natureza do homem e ao estado na morte, veriam no espiritismo o poder e os prodígios de mentira de Satanás. Entretanto, multidões fecham os olhos à luz, e Satanás tece as suas armadilhas em volta deles. “Porque não acolheram o amor da verdade, para serem salvos, [...] Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira”. 2 Tessalonicenses 2:10, 11.

Os que se opõem ao espiritismo enfrentam a Satanás e a seus anjos. Satanás não cederá uma polegada de terreno sequer, a menos que seja rechaçado pelo poder dos mensageiros celestes. Ele é capaz de citar as Escrituras, pervertendo seus ensinos. Os que quiserem estar em pé neste tempo de perigo devem compreender por si mesmos o testemunho das Escrituras.

Espíritos de demônios personificando parentes ou amigos, apelarão a nossos mais ternos sentimentos e operarão milagres. Devemos resistir-lhes com a verdade bíblica de que os mortos nada sabem, e de que os que aparecem desta maneira são espíritos de demônios.

Todos aqueles cuja fé não estiver estabelecida na Palavra de Deus serão enganados e vencidos. Satanás opera com “todo o engano da injustiça”, e seus enganos aumentarão. Mas aqueles que almejam o conhecimento da verdade e se esforçam em confirmar a salvação pela obediência, encontrarão refúgio no seguro Deus da verdade. O Salvador estaria mais pronto a enviar todos os anjos do Céu para a proteção de Seu povo, do que deixar a pessoa que nEle confia ser vencida por Satanás. Os que se consolam com a segurança de que [245] não haverá castigo para o pecador, que renunciam às verdades que o Céu proveu como defesa no tempo de angústia, aceitarão as mentiras de Satanás, as sedutoras pretensões do espiritismo.

Escarnecedores ridicularizam as declarações das Escrituras concernentes ao plano da salvação e à retribuição que aguarda os que rejeitam a verdade. Aparentam grande piedade por espíritos tão acanhados, fracos e supersticiosos que reconheçam as reivindicações da lei de Deus. Têm se entregado completamente ao tentador, acham-se

tão intimamente unidos com ele e tão imbuídos de seu espírito, que não têm inclinação para desembaraçar-se de suas ciladas.

O fundamento da obra de Satanás foi posto na declaração feita a Eva no Éden: "É certo que não morrereis." "No dia em que dele comerdes, se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal". Gênesis 3:4, 5. Sua obra-mestra de engano será alcançada no fim dos últimos tempos. Diz o profeta: "Vi [...] três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus todo-poderoso". Apocalipse 16:13, 14.

Com exceção dos que são guardados pelo poder de Deus, pela fé em Sua Palavra, o mundo todo será envolvido por esse engano. O povo está sendo rapidamente acalentado por uma segurança fatal, [246] para unicamente despertar com o derramamento da ira de Deus.

Capítulo 35 — Ameaçada a liberdade de consciência

O romanismo é hoje olhado pelos protestantes com muito maior favor do que anos atrás. Nos países em que o catolicismo adota uma política conciliatória a fim de ganhar influência, prevalece a opinião de que não diferimos tão grandemente em pontos vitais como se supunha, e que pequenas concessões de nossa parte nos levarão a melhor entendimento com Roma. Houve tempo em que os protestantes ensinavam que procurar a harmonia com Roma seria deslealdade para com Deus. Mas quão diferentes são os sentimentos expressos hoje!

Os defensores do papado asseveram que a igreja foi caluniada, que é injusto julgar a igreja de hoje com base no domínio que ela exerceu durante os séculos de ignorância e trevas. Desculpam sua horrível crueldade como sendo resultado da barbárie dos tempos.

Essas pessoas esqueceram a pretensão de infalibilidade sustentada por esse poder? Roma assevera que "a igreja nunca errou; nem, segundo as Escrituras, jamais errará".[1.]

A igreja papal jamais abandonará sua pretensão à infalibilidade. Removam-se as restrições ora impostas pelos governos seculares, reintegrando-se Roma ao poderio anterior, e de pronto ressurgirá a tirania e perseguição.

É certo que há verdadeiros cristãos na comunidade católico-romana. Milhares nessa igreja estão servindo a Deus segundo a melhor luz que possuem. Deus olha para essas pessoas com compadecida ternura, educadas como são em uma fé que é ilusória e não satisfaz. Fará com que raios de luz penetrem as densas trevas que as cercam, e muitos ainda se unirão ao Seu povo.

Mas o romanismo, como sistema, não se acha hoje em harmonia maior com o evangelho de Cristo, do que em qualquer época passada de sua história. A Igreja de Roma está empregando todo expediente para readquirir o domínio do mundo e para restabelecer a perseguição, desfazendo tudo que o protestantismo fez. O catolicismo está ganhando terreno em todos os lados. Vejam o número crescente de

suas igrejas. Notem a popularidade de seus colégios e seminários, tão extensamente patrocinados pelos protestantes. Pensem no crescimento do ritualismo na Inglaterra, e nas freqüentes deserções para as fileiras dos católicos.

[247]

Compromissos e concessões — Os protestantes têm patrocinado o papado; têm usado de transigência e concessões que os próprios romanistas se surpreendem de ver. Os homens cerram os olhos ao verdadeiro caráter do romanismo. O povo necessita resistir aos avanços desse perigoso inimigo da liberdade civil e religiosa.

Embora o romanismo se baseie no engano, não é grosseiro e desprovido de arte. Os serviços religiosos da Igreja Romana são um cerimonial impressionante. O brilho de sua ostentação e a solenidade dos ritos fascinam o sentido do povo, fazendo silenciar a voz da razão e da consciência. Os olhos ficam encantados. Igrejas magnificentes, imponentes procissões, altares de ouro, relicários com pedras preciosas, quadros finos e artísticas esculturas apelam para o amor ao belo. A música é inexcedível. As belas e graves notas do órgão, misturando-se à melodia de muitas vozes a ressoarem pelas elevadas abóbadas e naves ornamentadas de colunas, das grandiosas catedrais, impressionam a mente com profundo respeito e reverência.

Esse esplendor e cerimônia exteriores zombam dos anelos da pessoa ferida pelo pecado. A religião de Cristo não necessita de semelhantes atrativos. A luz que provém da cruz aparece tão pura e santa que nenhuma decoração externa poderá encarecer-lhe o verdadeiro valor.

Altas concepções de arte, delicado apuro do gosto, são geralmente empregados por Satanás a fim de levar as pessoas a esquecerem-se das necessidades espirituais e a viver unicamente para este mundo.

A pompa e o cerimonial do culto católico têm um poder sedutor e fascinante, pelo qual muitos são enganados. Tais pessoas chegam a considerar a Igreja Romana como a porta do Céu. Ninguém, a não ser os que têm os pés firmados nos fundamentos da verdade, e cujo coração é renovado pelo Espírito de Deus, se acham ao abrigo de sua influência. As formas de piedade, sem a sua eficácia, são precisamente o que as multidões desejam.

A pretensão da igreja ao direito de perdoar leva o romanista a sentir-se na liberdade de pecar, e a ordenança da confissão tende

igualmente a dar livre curso ao mal. O que se ajoelha diante de um mortal e revela em confissão os pensamentos e imaginações secretos do coração está aviltando sua vida. Desvendando os pecados de sua vida a um sacerdote — um mortal falível — sua norma de caráter é rebaixada, ficando contaminado, como conseqüência. Seu conceito acerca de Deus é degradado à semelhança da humanidade decaída, pois o padre se coloca como representante de Deus. Essa degradante confissão de homem para homem é a fonte secreta de onde têm fluído muitos dos males que aviltam o mundo. Entretanto, para o que ama [248] a satisfação própria, é mais agradável confessar a um semelhante mortal do que abrir o coração a Deus. Corresponde mais ao gosto da natureza humana fazer penitência do que renunciar ao pecado; é mais fácil mortificar a carne do que crucificar os desejos carnais.

Surpreendente semelhança — Ao passo que os judeus secretamente calcavam a pés a lei de Deus, quando do primeiro advento de Cristo, exteriormente eram rigorosos na observância de seus preceitos, sobrecarregando-os com exorbitâncias que tornavam penosa a obediência. Assim como os judeus professavam reverenciar a lei, os romanistas pretendem reverenciar a cruz.

Colocam cruzes em suas igrejas, altares e vestimentas. Por toda parte a insígnia da cruz é exteriormente honrada e exaltada. Mas os ensinos de Cristo estão sepultados sob um montão de tradições destituídas de sentido e de rigorosas exigências. Pessoas conscienciosas são conservadas em constante terror, temendo a ira de um Deus que foi ofendido, ao passo que muitos dignitários da igreja estão vivendo no luxo e em prazeres sensuais.

É o constante esforço de Satanás representar falsamente o caráter de Deus, a natureza do pecado, e a verdadeira questão em jogo no grande conflito. Seus sofismas dão ao homem licença para pecar. Ao mesmo tempo Satanás faz com que o homem acaricie falsas concepções acerca de Deus, de maneira que O considera com temor e ódio, em vez de amor. Por meio de concepções pervertidas acerca dos atributos divinos, nações pagãs foram levadas a crer que os sacrifícios humanos eram necessários para alcançar o favor da Divindade. Horríveis crueldades têm sido cometidas sob as várias formas de idolatria.

União do paganismo e do cristianismo — A Igreja Católica Romana, unindo as formas do paganismo com as do cristianismo,

e, à semelhança do primeiro, representando falsamente o caráter de Deus, tem recorrido a práticas não menos cruéis. Instrumentos de tortura forçaram a concordância com suas doutrinas. Dignitários da igreja dedicavam-se a inventar meios para causar a maior tortura possível antes de pôr fim à vida daqueles que não cediam a suas exigências. Em muitos casos o sofredor saudava a morte como um doce alívio.

Para seus adeptos, Roma tinha a disciplina do açoite, da fome, das austeridades corporais. A fim de assegurar o favor dos Céus, os penitentes eram ensinados a romper os laços que Deus estabeleceu para abençoar e alegrar a permanência do homem na Terra. Os cemitérios das igrejas contêm milhares de vítimas que passaram a vida em vãos esforços para reprimir, como se fosse ofensivo a Deus, [249] todo pensamento e sentimento de simpatia para com o semelhante.

Deus não impõe aos homens qualquer um desses pesados fardos. Cristo não oferece nenhum exemplo para que homens e mulheres se encerrem em mosteiros, de modo a se tornarem aptos para o Céu. Jamais ensinou que o amor deva ser reprimido.

O papa pretende ser o vigário de Cristo. Contudo, viu-se alguma vez Cristo condenar homens à prisão porque não Lhe renderam homenagem como Rei do Céu? Acaso foi Sua voz ouvida, condenando à morte aqueles que O não aceitaram?

A Igreja de Roma apresenta hoje ao mundo uma fronte serena, cobrindo de justificações o registro de suas horríveis torturas. Vestiu-se com roupagens de aspecto cristão, mas não mudou. Todos os princípios formulados pelo papado em épocas passadas existem ainda hoje. As doutrinas inventadas nas eras mais escuras ainda são mantidas. O papado que os protestantes hoje honram é o mesmo que governou nos dias da Reforma, quando homens de Deus se levantavam, com perigo de vida, a fim de denunciar sua iniqüidade.

O papado é exatamente o que a profecia declarou que havia de ser, a apostasia dos últimos tempos. 2 Tessalonicenses 2:3, 4. Sob a aparência variável do camaleão, oculta o invariável veneno da serpente. Deveria essa potência, cujo registro milenar se acha escrito com o sangue dos santos, ser hoje reconhecida como parte da igreja de Cristo?

Mudança no protestantismo — Nos países protestantes tem sido apresentada a alegação de que o catolicismo difere hoje me-

nos do protestantismo do que nos tempos passados. Houve uma mudança; mas esta não se verificou no papado. O catolicismo na verdade se assemelha em muito ao protestantismo que hoje existe, pois o protestantismo moderno se distancia muito daquele dos dias da Reforma.

As igrejas protestantes, estando à procura do favor do mundo, pensam bem de todo mal, e como resultado finalmente pensarão mal de todo bem. Estão, por assim dizer, justificando Roma, por motivo de sua opinião inclemente para com ela, e rogando perdão por seu "fanatismo". Muitos insistem que as trevas intelectuais e morais que prevaleceram na Idade Média favoreceram a propagação das superstições e opressões de Roma; e que a inteligência maior dos tempos modernos e a crescente liberalidade em questões religiosas vedam o reavivamento da intolerância. O pensamento de que tal estado de coisas venha a existir nesta era esclarecida é ridicularizado. Mas cumpre lembrar que quanto maior a luz concedida, maiores as trevas dos que a pervertem ou rejeitam.

Uma época de grandes trevas intelectuais demonstrou-se favorável ao êxito do papado. Um tempo de grande luz intelectual será igualmente favorável. Nos séculos antigos, quando os homens estavam sem o conhecimento da verdade, milhares foram enredados, [250] não vendo a cilada que era armada para seus pés. Nesta geração há muitos que não percebem a rede e nela caem tão facilmente como se estivessem de olhos vendados. Quando os homens exaltam suas próprias teorias acima da Palavra de Deus, a inteligência pode causar maior dano do que a ignorância. Assim a falsa ciência dos dias atuais se provará bem-sucedida na preparação de um caminho para a aceitação do papado, como o fez a retenção do saber na Idade Média.

Observância do domingo — A observância do domingo é um costume que se originou com Roma, o que ela alega como sinal de sua autoridade. O espírito do papado — de conformidade com os costumes do mundo, da veneração das tradições humanas acima dos mandamentos de Deus — permeia as igrejas protestantes e as conduz à mesma obra de exaltação do domingo que o papado empreendeu antes delas.

Editos reais, concílios gerais e ordenanças eclesiásticas, apoiados pelo poder secular, foram os passos pelos quais a festividade pagã

alcançou posição de honra no mundo cristão. A primeira ordem pública impondo a observância do domingo foi a lei promulgada por Constantino. Embora fosse virtualmente um estatuto pagão, foi imposto pelo imperador depois que ele aceitou nominalmente o cristianismo.

Eusébio, bispo que procurava o favor dos príncipes e era amigo íntimo de Constantino, propôs a alegação de que Cristo transferiu o sábado para o domingo. Nenhum testemunho das Escrituras foi apresentado como prova. O próprio Eusébio reconhece inadvertidamente sua falsidade. "Todas as coisas", diz ele, "que se deveriam fazer no sábado, nós as transferimos para o dia do Senhor."[2.]

Com o estabelecimento do papado prosseguiu a exaltação do domingo. Durante algum tempo o sétimo dia continuou a ser considerado como dia de repouso, mas seguramente se foi efetuando a mudança. Mais tarde o papa deu instruções para que o padre da paróquia admoestasse os violadores do domingo, para não trazerem alguma grande calamidade sobre si mesmos e os vizinhos.

Mostrando-se insuficientes os decretos dos concílios, recorreu-se às autoridades seculares para que promulgassem um edito que inspirasse terror ao povo, e o obrigasse a abster-se do trabalho no domingo. Num sínodo realizado em Roma, todas as decisões anteriores foram reafirmadas e foram incorporadas às leis eclesiásticas, e impostas pelas autoridades civis.[3.] A ausência de autoridade escriturística para a guarda do domingo ainda ocasionava embaraço. O povo punha em dúvida o direito de seus instrutores deixarem de lado a declaração: "O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus", para honrar o dia do Sol. Para suprir a ausência de testemunho bíblico, foram necessários outros expedientes. [251]

Um zeloso defensor do domingo, que pelos fins do século XII visitou as igrejas da Inglaterra, encontrou resistência por parte de fiéis testemunhas da verdade; e tão infrutíferos foram os seus esforços, que se retirou do país por algum tempo. Ao retornar, trouxe consigo um rolo que dizia provir do próprio Deus, o qual continha a necessária ordem para a observância do domingo, com terríveis ameaças para amedrontar o desobediente. Esse precioso documento, dizia-se, caíra do Céu, havendo sido achado em Jerusalém, sobre o altar de S. Simeão, no Gólgota. Na verdade, a fonte do documento era o palácio

pontifício em Roma. Em todas as épocas, fraudes e falsificações têm sido consideradas como lícitas pela hierarquia papal.

Mas, apesar de todos os esforços para estabelecer a santidade do domingo, os próprios romanistas confessavam publicamente a autoridade divina do sábado. No século dezesseis, um concílio papal declarou: "Lembrem-se todos os cristãos de que o sétimo dia foi consagrado por Deus, recebido e observado, não somente pelos judeus, mas por todos os outros que pretendiam adorar a Deus, embora nós, os cristãos, tenhamos mudado o Seu sábado para o dia do Senhor."[4.] Os que estavam tripudiando sobre a lei divina não ignoravam o caráter de sua obra.

Severas penalidades — Exemplo notável da política de Roma foi dado na longa e sangrenta perseguição aos valdenses, alguns dos quais eram observadores do sábado. A história das igrejas da Etiópia [antiga Abissínia] é especialmente significativa. Em meio às trevas da Idade Média, os cristãos da África Central foram perdidos de vista e esquecidos pelo mundo, e durante muitos séculos gozaram de liberdade de fé. Por fim Roma soube de sua existência, e o imperador da Etiópia foi logo induzido a reconhecer o papa como vigário de Cristo. Foi promulgado um edito proibindo a observância do sábado, sob as mais severas penas.[5.] Mas a tirania papal se tornou logo um jugo tão amargo que os abissínios [ou etíopes] resolveram sacudi-lo de sobre si. Os romanistas foram banidos de seus domínios, restabelecendo-se a antiga fé.

Ao passo que as igrejas da África observavam o sétimo dia em obediência ao mandamento de Deus, abstinham-se de trabalhar no domingo, em conformidade com o costume da igreja. Roma pisou sobre o sábado do Senhor para exaltar o seu próprio; mas as igrejas da África, ocultas durante quase mil anos, não participaram dessa apostasia. Quando postas sob o domínio de Roma, foram obrigadas a deixar de lado o verdadeiro sábado e a exaltar o falso. Entretanto, tão logo readquiriram a independência, voltaram a obedecer ao quarto mandamento.

Esses relatos revelam claramente a inimizade de Roma para com o sábado legítimo e seus defensores. A Palavra de Deus ensina que essas cenas deverão se repetir quando católicos e protestantes se unirem para a exaltação do domingo. [252]

A besta semelhante a cordeiro — A profecia de Apocalipse 13 declara que a besta semelhante a cordeiro fará com que "a Terra e os que nela habitam" adorem o papado — simbolizado pela besta "semelhante a leopardo". A besta de dois chifres também dirá a todos "que habitam sobre a Terra, que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida de espada, sobreviveu". Além disso, ordenará a todos, "os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos", que recebam a marca da besta. Apocalipse 13:11-16. Os Estados Unidos são o poder representado pela besta com chifres semelhantes aos de cordeiro. Esta profecia se cumprirá quando os Estados Unidos impuserem a observância do domingo, que Roma alega ser um reconhecimento de sua supremacia.

"Então vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a Terra se maravilhou, seguindo a besta". Apocalipse 13:3. A ferida mortal indica a queda do papado em 1798. Depois disso, diz o profeta, "essa ferida mortal foi curada; e toda a Terra se maravilhou, seguindo a besta". Paulo declara que o "homem da iniqüidade" prosseguirá com sua obra de engano até mesmo ao final do tempo. 2 Tessalonicenses 2:3-8. E "adorá-la-ão todos os que habitam sobre a Terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro". Apocalipse 13:8. Tanto no Velho quanto no Novo Mundo o papado receberá homenagem pela honra prestada ao domingo.

Desde meados do século dezenove, estudiosos das profecias têm apresentado seu testemunho ao mundo. Percebe-se agora rápido progresso no tocante ao cumprimento das profecias. Com os ensinadores protestantes há a mesma pretensão de autoridade divina para a guarda do domingo, e a mesma falta de provas bíblicas que há com os chefes papais. A asserção de que os juízos divinos caem sobre os homens por motivo de violarem o repouso dominical, será repetida; já se ouvem vozes neste sentido.

A astúcia da Igreja de Roma é extraordinária. Ela sabe ler o futuro — que as igrejas protestantes estão lhe prestando homenagem ao aceitarem o falso sábado, e se preparam para impô-lo pelos mesmos meios que ela própria empregou no passado. Não é difícil imaginar quão prontamente esse poder virá em auxílio dos protestantes nesta obra.

A Igreja Católica Romana forma uma vasta organização, dirigida da sé papal; seus milhões de adeptos, em todos os países, mantêm-se sob a obrigação de obedecer ao papa, qualquer que seja a sua nacionalidade ou governo. Ainda que façam juramento prometendo lealdade ao Estado, por trás disso jaz o voto de obediência a Roma.

A História testifica de seus esforços, astutos e persistentes, no sentido de insinuar-se nos negócios das nações e, havendo conseguido pé firme, favorece seus próprios interesses, mesmo com a ruína de príncipes e povo.[6] [253]

Roma jacta-se de que nunca muda. Pouco sabem os protestantes do que estão fazendo quando se propõem a aceitar o auxílio de Roma na obra de exaltação do domingo. Enquanto se aplicam à realização de seu propósito, Roma está visando restabelecer seu próprio poder, para recuperar a supremacia perdida. Estabeleça-se o princípio de que a igreja possa empregar ou controlar o poder do Estado; de que as observâncias religiosas possam ser impostas por leis seculares; em resumo, que a autoridade da igreja e do Estado deve dominar a consciência — e estará assegurado o triunfo de Roma.

O mundo protestante saberá quais são realmente os propósitos de Roma apenas quando for demasiado tarde para escapar da cilada. Ela está silenciosamente crescendo em poder. Suas doutrinas estão exercendo influência nas assembléias legislativas, nas igrejas, e nos corações dos homens. Está aumentando suas forças para realizar seus objetivos ao chegar o tempo de dar o golpe. Tudo o que deseja é algum ponto de vantagem. Quem quer que creia na Palavra de Deus e a ela obedeça, incorrerá por este motivo em censura e perseguição. [254]

---

[1] John L. von Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, livro 3, séc. 11, parte 2, cap. 2, seção 9, nota 17.

[2] Robert Cox, *Sabbath Laws and Sabbath Duties*, p. 538.

[3] Heylyn, *History of the Sabbath*, parte 2, cap. 5, seção 7.

[4] Thomas Morer, *Discourse in Six Dialogues on the Name, Notion, and Observation of the Lord's Day*, p. 281, 282.

[5] Michael Geddes, *Church History of Ethiopia*, p. 311, 312.

[6] John Dowling, *The History of Romanism*, livro 5, cap. 6, seção 55; e Mosheim, livro 3, séc. 11, parte 2, cap. 2, seção 9, nota 17.

Capítulo 36 — O conflito iminente

Desde o início do grande conflito no Céu, o propósito de Satanás tem sido subverter a lei de Deus. Quer seja pondo de parte toda a lei, quer seja rejeitando um de seus preceitos, o resultado será o mesmo. Aquele que guarda toda a lei, mas "tropeça num só ponto", manifesta desprezo por toda a lei, pois por sua influência e exemplo estará do lado da transgressão e se torna "culpado de todos". Tiago 2:10.

Satanás perverteu as doutrinas da Bíblia, e assim se incorporaram erros na fé alimentada por milhares. O último grande conflito entre a verdade e o erro relaciona-se com a lei de Deus, e ocorre entre a Bíblia e a religião das fábulas e tradições. A Bíblia está ao alcance de todos, mas poucos há que a aceitem como guia da vida. Muitos, na igreja, negam os pilares da fé cristã. A criação, a queda do homem, a expiação e a lei de Deus são rejeitadas, quer no todo, quer em parte. Milhares consideram como prova de fraqueza depositar implícita confiança na Bíblia.

É tão fácil fazer um ídolo de falsas teorias quanto talhá-lo em madeira ou pedra. Representando falsamente a Deus, Satanás leva os homens a olhá-Lo sob falso prisma. Um ídolo filosófico é entronizado em lugar do Deus vivo, conforme é revelado em Sua Palavra e nas obras da criação. O deus de muitos filósofos, poetas, políticos e jornalistas — de muitas universidades, e até mesmo de algumas instituições teológicas — é pouco melhor do que Baal, o deus-Sol da Fenícia nos dias de Elias.

Nenhum erro fere mais audaciosamente a autoridade do Céu, nenhum é mais pernicioso em seus resultados, do que a doutrina de que a lei de Deus não mais vigora. Suponha que clérigos preeminentes estivessem ensinando publicamente que os estatutos que governam seu país não são obrigatórios, que eles restringem as liberdades do povo e, portanto, não devem ser obedecidos; quanto tempo esses homens seriam tolerados no púlpito?

Seria mais razoável que as nações abolissem seus estatutos, do que o Governador do Universo anular Sua lei. A experiência de abolir a lei de Deus já foi praticada na França, quando o ateísmo se tornou o poder dirigente. Foi demonstrado que sacudir as restrições que Deus impôs é o mesmo que aceitar o governo do príncipe do mal.

Pondo de parte a lei de Deus — Os que ensinam o povo a considerar com leviandade os mandamentos de Deus semeiam desobediência para colherem desobediência. Rejeite-se completamente [255] a restrição imposta pela lei de Deus, e as leis humanas logo serão desatendidas. Os resultados de se banir os preceitos de Deus seriam de uma ordem não prevista por essas pessoas. A propriedade não mais estaria segura. Os homens obteriam pela violência as posses de seus semelhantes, e o mais forte se tornaria o mais rico. A própria vida não seria respeitada. O voto matrimonial não mais permaneceria como o baluarte da proteção da família. O que tivesse força tomaria, pela violência, a esposa de seu vizinho. O quinto mandamento seria posto de parte, junto com o quarto. Filhos não recuariam de tirar a vida a seus pais, se em assim procedendo pudessem satisfazer ao desejo do coração corrompido. O mundo civilizado se tornaria uma horda de salteadores e assassinos, e a paz e a felicidade desapareceriam da Terra.

Essa doutrina já está abrindo sobre o mundo as comportas da iniqüidade. Ilegalidade e corrupção nos assoberbam qual maré esmagadora. Mesmo nos lares professamente cristãos existe hipocrisia, contenda, traição de santos legados, condescendência para com as paixões. Os princípios religiosos, fundamento da vida social, assemelham-se a uma massa vacilante, prestes a ruir. Os mais vis criminosos tornam-se muitas vezes recebedores de atenções, como se houvessem alcançado invejável distinção. Dá-se grande publicidade a seus crimes. A imprensa publica as minúcias revoltantes do vício, iniciando desta maneira outros na prática da fraude, roubo e assassínio. O enfatuamento do vício, a terrível intemperança e a iniqüidade de todos os graus, deveriam despertar a todos. O que pode ser feito para sustar a maré do mal?

A intemperança obscurece a muitos — Os tribunais de justiça estão corrompidos; governantes são movidos pelo desejo de ganho e amor aos prazeres sensuais. A intemperança obscureceu a muitos,

de modo que Satanás exerce sobre eles quase completo domínio. Os juristas se acham pervertidos, subordinados, seduzidos. Embriaguez e orgia, desonestidade de toda sorte, estão representadas entre os que administram as leis. Agora que Satanás não pode mais conservar o mundo sob seu domínio, privando-o das Escrituras, recorre a outros meios para realizar o mesmo objetivo. Destruir a fé na Bíblia funciona tão bem quanto destruir a própria Bíblia.

Tal como em épocas passadas, ele está operando através da igreja a fim de favorecer seus desígnios. Combatendo verdades impopulares apresentadas na Bíblia, adotam interpretações que têm espalhado largamente as sementes do ceticismo. Apegando-se ao erro papal da imortalidade natural e consciência do homem na morte, rejeitam a única defesa contra os enganos do espiritismo. A doutrina do tormento eterno tem levado muitos a descrer da Bíblia. Ao insistir-se com o povo acerca das reivindicações do quarto mandamento, [256] verifica-se que a observância do sábado do quarto mandamento é ordenada; e como único meio de livrar-se de um dever que não estão dispostos a cumprir, os ensinadores populares repelem a lei e o sábado, juntamente. À medida que se estende a obra de reforma do sábado, essa rejeição do quarto mandamento se tornará quase universal. Líderes religiosos abrem as portas à incredulidade, espiritismo e desprezo à santa lei de Deus — uma terrível responsabilidade pela iniqüidade que existe no mundo cristão.

Todavia, essa mesma classe apresenta a alegação de que a imposição da observância do domingo melhoraria a moral da sociedade. É um dos ardis de Satanás combinar com a falsidade precisamente uma porção suficiente de verdade para que aquela tenha um caráter plausível. Os dirigentes do movimento em favor do domingo podem advogar reformas de que o povo necessita, princípios em harmonia com a Bíblia; contudo, enquanto houver com eles uma exigência contrária à lei de Deus, Seus servos não poderão se unir a eles. Coisa alguma pode justificar que se ponha de parte os mandamentos de Deus, substituindo-os pelos preceitos dos homens.

Mediante os dois grandes erros — a imortalidade da alma e a santidade do domingo — Satanás há de enredar o povo em suas malhas. Enquanto o primeiro lança as bases do espiritismo, o último cria um laço de simpatia com Roma. Os protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender as mãos através da voragem para

apanhar a mão do espiritismo; estender-se-ão por sobre o abismo para dar mãos ao poder romano; e, sob a influência dessa tríplice união, esse país seguirá as pegadas de Roma, esmagando os direitos da consciência.

Imitando o cristianismo nominal da época, o espiritismo tem maior poder para enganar. O próprio Satanás está "convertido". Aparecerá como anjo de luz. Através do espiritismo, milagres serão operados, doentes serão curados, e se efetuarão muitas e inegáveis maravilhas.

Os romanistas, que se gloriam dos milagres como sinal certo da verdadeira igreja, serão facilmente enganados por esse poder; e os protestantes, havendo rejeitado o escudo da verdade, serão também iludidos. Romanistas, protestantes e mundanos juntamente verão nesta aliança um grandioso movimento para a conversão do mundo.

Por meio de espiritismo, Satanás aparece como o benfeitor da humanidade, curando enfermidades e apresentando um novo sistema de fé religiosa, mas ao mesmo tempo conduzindo multidões à ruína. A intemperança destrona a razão; condescendência sensual, contenda e matança vêm a seguir. A guerra excita as piores paixões e arrasta para a eternidade as suas vítimas engolfadas de sangue. É seu objetivo incitar as nações à guerra, pois assim pode desviar o espírito do povo da obra de preparo para estar em pé no dia de Deus.

Satanás estudou os segredos da Natureza e utiliza seu poder para dirigir os elementos, tanto quanto Deus o permite. É Deus quem protege Suas criaturas do destruidor. Mas o mundo cristão tem [257] demonstrado desprezo à Sua lei, e o Senhor fará aquilo que declarou que faria — removerá Seu cuidado protetor daqueles que se rebelam contra a Sua lei e ainda forçam outros a assim proceder. Satanás exerce domínio sobre todos os que Deus não guarda especialmente. Ajudará e fará prosperar alguns, a fim de favorecer os seus próprios intuitos; trará calamidade sobre outros, e levará os homens a crer que é Deus quem os aflige.

Ao mesmo tempo que aparece aos olhos dos homens como o grande médico que pode curar as suas enfermidades, Satanás trará moléstias e desastres até que cidades populosas se reduzam a ruínas. Nos acidentes por mar e terra, nos grandes incêndios, nos violentos furacões e saraivadas, em tempestades, inundações, ciclones, ressacas e terremotos, e sob milhares de formas, Satanás está exercendo

o seu poder. Destrói a seara que está a amadurar, e seguem-se fome e angústia. Comunica ao ar infecção mortal, e milhares perecem.

E então o grande enganador persuadirá os homens a lançarem todas as suas tribulações à conta daqueles cuja obediência aos mandamentos de Deus é uma perpétua reprovação aos transgressores. Declarar-se-á que os homens estão ofendendo a Deus pela violação do domingo, que este pecado acarretou calamidades que não cessarão antes que a observância do domingo seja estritamente imposta. "Os que destroem a reverência ao domingo estão impedindo a restauração do divino favor e da prosperidade." Assim a acusação dirigida na antiguidade contra o servo de Deus, será repetida: "Foi Acabe ter com Elias. Vendo-o, disse-lhe: És tu o perturbador de Israel?" 1 Reis 18:16, 17.

O poder operador de milagres exercerá sua influência contra os que obedecem a Deus em vez dos homens. Os "espíritos" declararão que Deus os enviou para convencer de seu erro os que rejeitam o domingo. Lamentarão a grande impiedade no mundo e apoiarão o testemunho dos ensinadores religiosos, de que o estado de degradação moral está sendo causado pela profanação do domingo.

Sob o governo de Roma, os que sofreram em favor do evangelho foram denunciados como malfeitores, coligados a Satanás. Assim será agora. Satanás fará com que sejam acusados como violadores da lei aqueles que a observam, identificando-os como homens que estão acarretando juízos sobre o mundo. Por meio do medo, procura reger a consciência, levando as autoridades religiosas e seculares a impor leis humanas em desafio à lei de Deus.

Os que honram o sábado bíblico serão denunciados como inimigos da lei e da ordem, como que a derribar as restrições morais da sociedade, causando anarquia e corrupção, e atraindo os juízos de Deus sobre a Terra. Serão acusados de deslealdade para com o governo. Pastores que negam a obrigação da lei divina apresentarão [258] do púlpito o dever de prestar obediência às autoridades civis. Nas assembléias legislativas e nos tribunais de justiça, os observadores dos mandamentos serão condenados. Dar-se-á um falso colorido às suas palavras; a pior interpretação será dada aos seus intuitos.

Dignitários da Igreja e do Estado se unirão para persuadir ou compelir todas as classes a honrar o domingo. Mesmo na livre América do Norte governantes e legisladores cederão ao pedido

popular de uma lei que imponha a observância do domingo. A liberdade de consciência, obtida a tão elevado preço de sacrifício, não mais será respeitada. No conflito prestes a desencadear-se, veremos exemplificadas as palavras do profeta: “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”. Apocalipse 12:17. [259]

Capítulo 37 — Nossa única salvaguarda

O povo de Deus é encaminhado às Escrituras como a salvaguarda contra o poder ilusório dos espíritos das trevas. Satanás emprega todo artifício possível a fim de impedir os homens de obter conhecimento da Bíblia. A cada reavivamento da obra de Deus, ele se ergue para atividade mais intensa. A batalha final contra Cristo e Seus seguidores logo se desdobrará diante de nós. A contrafação se parecerá tão meticulosamente com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos sem o auxílio das Escrituras.

Os que se esforçam por obedecer a todos os mandamentos de Deus defrontarão oposição e escárnio. A fim de suportar a prova, devem compreender a vontade de Deus, conforme revelada em Sua Palavra. Só poderão honrá-Lo se possuírem correta concepção de Seu caráter, governo e propósitos, e se agirem de acordo com estes. Pessoa alguma, a não ser os que fortaleceram o espírito com as verdades da Bíblia, poderão resistir no último grande conflito.

Antes de Sua crucifixão o Salvador expôs aos discípulos que Ele seria submetido à morte e depois ressuscitaria. Anjos estavam presentes para gravar-lhes Suas palavras na mente e coração. Mas as palavras fugiram do espírito dos discípulos. Ao chegar a prova, a morte de Jesus destruiu tão completamente suas esperanças, como se Ele não os houvesse advertido previamente. Assim, nas profecias, o futuro se patenteia diante de nós tão claramente como foi revelado aos discípulos, por Cristo.

Quando envia advertências, Deus requer que toda pessoa dotada de raciocínio atenda à mensagem. Os terríveis juízos contra a adoração da besta e de sua imagem (Apocalipse 14:9-11) deveriam levar todos a aprender o que é a marca da besta e como podem evitar recebê-la. As massas populares, porém, não querem as verdades bíblicas, uma vez que estas interferem com os desejos do coração pecaminoso. Satanás supre os enganos que eles amam.

Mas Deus terá um povo que mantém a Bíblia, e a Bíblia somente, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas. As

opiniões de homens ilustrados, as deduções da ciência, as decisões de concílios eclesiásticos, a voz da maioria — nenhuma destas coisas, nem todas em conjunto, deveriam considerar-se como prova [260] a favor ou contra qualquer doutrina. Devemos exigir um "assim diz o Senhor". Satanás leva o povo a olhar para os pastores e professores de teologia como seus guias, em vez de examinarem as Escrituras por si mesmos. Dominando esses líderes, ele pode influenciar as multidões.

Quando Cristo veio, o povo comum ouviu-O com prazer. Mas os chefes dos sacerdotes e os homens de posição se fecharam no preconceito; rejeitaram as evidências de Seu caráter messiânico. "Como pode ser", perguntava o povo, "que nossos príncipes e doutos escribas não crêem em Jesus?" Tais ensinadores levaram a nação judaica à rejeição do Redentor.

Exaltação da autoridade humana — Cristo possuía uma visão profética da obra de exaltação da autoridade humana, com o fim de reger a consciência, a qual tem sido uma terrível maldição em todas as épocas. Suas advertências quanto a não seguir líderes cegos foram registradas como uma admoestação para as gerações futuras.

A Igreja Romana reserva ao clero o direito de interpretar as Escrituras. Embora a Reforma tenha dado a todos o acesso às Escrituras, o mesmo princípio mantido por Roma tem impedido multidões, nas igrejas protestantes, de pesquisarem a Bíblia por si próprias. São instruídas a aceitar seus ensinos conforme a interpretação da igreja. Milhares não ousam receber qualquer coisa, ainda que claramente de acordo com as Escrituras, se contrariar o seu credo.

Muitos há que estão prontos a confiar ao clero a guarda de sua salvação. Passam pelos ensinos do Salvador quase sem os notar. São, porém, infalíveis os ministros? Como poderemos confiar em sua orientação, a menos que saibamos, pela Palavra de Deus, que são portadores de luz? A falta de coragem moral leva muitos a seguirem as pegadas de homens ilustrados, e estão se tornando desesperadamente presos nas cadeias do erro. Vêem as verdades para esse tempo na Bíblia e sentem o poder do Espírito Santo acompanhando sua proclamação, mas ainda assim permitem que o clero os desvie da luz.

Satanás atrai multidões ao ligá-las com os sedosos laços da afeição aos que são inimigos da cruz de Cristo. Esta ligação pode

ser paternal, filial, conjugal ou social. As pessoas postas sob seu domínio não têm coragem de obedecer às suas próprias convicções do dever.

Muitos alegam que não importa o que alguém creia, se tão-somente sua vida for correta. Mas a vida é moldada pela fé. Se a verdade estiver ao alcance e nós a negligenciarmos, virtualmente a estaremos rejeitando, e assim escolhendo antes as trevas que a luz.

A ignorância não é desculpa para o erro ou pecado, quando há toda oportunidade de conhecer a vontade de Deus. Um homem em viagem chega a um lugar em que há várias estradas, e uma tabuleta [261] indica aonde cada uma delas leva. Se a pessoa desatende à indicação e toma qualquer caminho que lhe pareça direito, poderá ser muito sincera, mas se encontrará com toda a probabilidade no caminho errado.

O primeiro e mais elevado dever — Não basta termos boas intenções, fazermos o que nos parece direito ou aquilo que o ministro diz ser correto. Devemos examinar as Escrituras por nós mesmos. Temos um mapa dando todas as indicações na jornada rumo ao Céu, e não devemos ficar conjecturando a respeito de coisa alguma.

O primeiro e mais elevado dever de todo ser racional é aprender nas Escrituras o que é a verdade, e então andar na luz e estimular outros a imitarem o seu exemplo. Devemos formar opiniões por nós mesmos, visto que teremos de responder por nós mesmos perante Deus.

Homens doutos, com pretensão de grande sabedoria, ensinam que as Escrituras possuem um significado secreto e espiritual, não transparente na linguagem empregada. Estes homens são ensinadores falsos. A linguagem da Bíblia deve ser explicada de acordo com o seu sentido óbvio, a menos que um símbolo ou figura seja empregado. Se os homens tão-somente tomassem a Bíblia como é, realizar-se-ia uma obra que traria para o redil de Cristo milhares que ora se acham vagueando em erro.

Muitas porções das Escrituras, que homens doutos declaram não ser importantes, estão cheias de conforto para aquele que tem sido ensinado na escola de Cristo. A compreensão das verdades bíblicas não depende tanto do poder do intelecto aplicado à pesquisa, como da singeleza de propósito, do fervoroso anelo pela justiça.

Resultados da negligência da oração e estudo da Bíblia — Nunca se deve estudar a Bíblia sem oração. Somente o Espírito Santo pode nos fazer sentir a importância das coisas fáceis de se perceberem, ou impedir-nos de torcer verdades difíceis de serem compreendidas. Anjos celestiais preparam o coração para a compreensão da Palavra de Deus. Podemos ficar encantados com sua beleza, fortalecidos por suas promessas. As tentações muitas vezes parecem irresistíveis porque o que é tentado não consegue recordar facilmente as promessas de Deus e enfrentar Satanás com as armas das Escrituras. Anjos, porém, acham-se em redor dos que estão desejosos de receber instrução, e lhes trarão à lembrança as verdades de que necessitam.

"Esse [o Consolador] vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito". João 14:26. Mas os ensinos de Cristo devem ter sido previamente armazenados na mente a fim de que o Espírito de Deus os traga à lembrança no tempo de perigo.

O destino de imensas multidões da Terra está prestes a decidir-se. Todo seguidor de Cristo deve fervorosamente indagar: "Senhor, que queres que eu faça?" Atos dos Apóstolos 9:6. Cumpre-nos buscar [262] agora uma experiência profunda e viva nas coisas de Deus. Não temos sequer um momento a perder. Estamos no terreno encantado de Satanás. Não durmais, sentinelas de Deus!

Muitos se congratulam pelos maus atos que não praticam. Não basta, contudo, que sejam árvores no jardim de Deus. Devem produzir frutos. Eles se acham registrados nos livros do Céu como estando a ocupar em vão o solo. Contudo, mesmo no caso daqueles que têm tomado em pouca consideração a misericórdia de Deus, desprezando a Sua graça, o coração do longânimo amor ainda pleiteia.

No verão, nenhuma diferença se percebe entre os ciprestes e outras árvores; mas, ao soprarem as rajadas hibernais, aqueles permanecem inalteráveis, ao passo que estas perdem a folhagem. Levante-se a oposição, de novo se exerça a intolerância, acenda-se a perseguição, e os insinceros e hipócritas vacilarão, renunciando a fé; mas o verdadeiro crente permanecerá firme, forte a sua fé, mais viva a sua esperança, do que nos dias da prosperidade.

"Bendito o homem que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor,

mas a sua folha fica verde; e no ano de sequidão não se perturba nem deixa de dar fruto”. Jeremias 17:7, 8. [263]

Capítulo 38 — A última mensagem de Deus

Vi descer do Céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a Terra se iluminou com a sua glória. Então exclamou com potente voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável. [...] Ouvi outra voz do Céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos". Apocalipse 18:1, 2, 4.

O anúncio feito pelo segundo anjo de Apocalipse 14 (verso 8) deve ser repetido, com a menção adicional das corrupções que têm entrado em Babilônia desde que a mensagem foi apresentada pela primeira vez. É descrita aqui uma condição terrível. A cada rejeição da verdade a mente do povo se tornará mais entenebrecida, seu coração mais endurecido. Continuarão a calcar a pés um dos preceitos do Decálogo, até que sejam levados a perseguir os que o têm como sagrado. Cristo é desprezado com o desdém que se lança à Sua Palavra e a Seu povo.

A profissão da religião se tornará um manto para ocultar a mais vil iniqüidade. A crença nas manifestações espíritas abre a porta aos espíritos enganadores e suas doutrinas, e assim a influência dos anjos maus será sentida nas igrejas. Babilônia encheu a medida de sua culpa, e a destruição está a ponto de cair sobre ela.

Mas Deus ainda tem um povo em Babilônia, e estes fiéis devem ser chamados a sair a fim de não participarem dos pecados dela e não sofrerem "dos seus flagelos". O anjo desce do Céu, iluminando a Terra com a sua glória e anunciando os pecados de Babilônia. Ouve-se o chamado: "Retirai-vos dela, povo Meu." Estes anúncios constituem a advertência final a ser dada aos habitantes da Terra.

Os poderes da Terra, unindo-se para combater os mandamentos de Deus, decretarão que "todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos" (Apocalipse 13:16), se conformem aos costumes da igreja, através da observância do falso sábado.

Todos os que a isto se recusarem, serão finalmente declarados como dignos de morte. Por outro lado, a lei de Deus que ordena o dia de descanso do Criador, ameaça com a ira divina todos os que [264] transgridem os seus preceitos.

Esclarecida nesses termos a questão, quem quer que pise a lei de Deus para obedecer a uma ordenança humana recebe o sinal da besta, o sinal de submissão ao poder a que prefere obedecer em vez de Deus. "Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe a sua marca na fronte, ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da Sua ira". Apocalipse 14:9, 10.

Ninguém deverá sofrer a ira de Deus antes que a verdade lhe tenha sido apresentada à mente e consciência, e haja sido rejeitada. Há muitos que nunca tiveram oportunidade de ouvir as verdades especiais para este tempo. Aquele que lê os corações não deixará que pessoa alguma que deseje o conhecimento da verdade seja enganada quanto ao desfecho da controvérsia. Cada uma receberá esclarecimento bastante para tomar, inteligentemente, a sua decisão.

A grande prova de lealdade — O sábado, a grande prova de lealdade, é o ponto da verdade especialmente controvertido. Ao passo que a observância do falso sábado será uma declaração de fidelidade ao poder que se opõe a Deus, a guarda do verdadeiro sábado será uma prova de lealdade ao Criador. Ao passo que uma classe recebe a marca da besta, a outra recebe o selo de Deus.

As predições de que a intolerância religiosa alcançaria predomínio, de que a Igreja e o Estado se uniriam para perseguir os que guardam os mandamentos de Deus, têm sido consideradas como sem fundamento e absurdas. Mas ao ser amplamente discutida a questão da observância do domingo, vê-se a aproximação do evento há tempo duvidado, e a mensagem produzirá um efeito que antes não teria sido possível.

Em todas as gerações Deus tem enviado Seus servos para repreender o pecado, tanto no mundo quanto na igreja. Muitos reformadores, ao iniciarem seu trabalho, decidiram-se a exercer grande prudência ao atacar os pecados da igreja e da nação. Esperavam, pelo exemplo de uma vida cristã pura, conduzir o povo de volta à Bíblia. Mas o Espírito de Deus veio sobre eles; sem temer as conseqüências, eram incapazes de evitar a pregação das claras doutrinas da Bíblia.

Assim será proclamada a mensagem. O Senhor operará por meio de humildes instrumentos que se consagrarem a si mesmos a Seu serviço. Os obreiros serão mais qualificados pela unção do Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino. Homens serão constrangidos a sair com zelo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá. Os pecados de Babilônia serão expostos. O povo será comovido. Milhares jamais tinham ouvido palavras como essas. Babilônia é a igreja, decaída em virtude de seus pecados, em vista de sua rejeição da verdade. Quando o povo vai a seus ensinadores com a pergunta: Estas coisas são assim?", os ministros apresentam fábulas para silenciar-lhes a consciência. Uma vez, porém, que muitos [265] demandarão um "Assim diz o Senhor", o ministério popular agitará as multidões amantes do pecado para ultrajar e perseguir os que a proclamam.

O clero empregará esforços quase sobre-humanos para excluir a luz, para suprimir o debate destas questões vitais. A igreja apelará ao braço forte do poder civil e, nesta obra, unir-se-ão romanistas e protestantes. Ao tornar-se mais audaz o movimento em prol da imposição do domingo, os observadores dos mandamentos serão ameaçados com multas e prisão. A alguns se oferecerão posições de influência e outras recompensas, desde que renunciem à fé. Sua resposta, porém, será: "Mostrai-nos pela Palavra de Deus o nosso erro." Os que forem citados perante os tribunais defenderão poderosamente a verdade, e alguns que os ouvirem serão levados a decidir-se pela guarda de todos os mandamentos de Deus. De outra forma, milhares nada saberiam, dessas verdades.

A obediência a Deus será considerada rebeldia. Pais exercerão a severidade contra os filhos; estes serão deserdados e expulsos do lar. "Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos". 2 Timóteo 3:12. Como os defensores da verdade se recusarão a honrar o domingo, alguns deles serão lançados à prisão, exilados, e outros tratados como escravos. Ao ser retirado dos homens o Espírito de Deus, coisas estranhas hão de acontecer. Quando o temor e o amor de Deus são removidos, o coração pode tornar-se muito cruel.

Aproxima-se a tempestade — Ao aproximar-se a tempestade, uma classe numerosa, que tem professado fé na mensagem do terceiro anjo, mas não tem sido santificada pela obediência à verdade,

abandona sua posição e une-se à oposição. Unindo-se ao mundo, chegam a ver as coisas quase sob a mesma luz, e assim escolhem o lado popular. Homens que se haviam regozijado na verdade, empregam seu talento e apresentação agradável para enganar as pessoas. Tornam-se os piores inimigos de seus antigos irmãos. Esses apóstatas serão eficientes agentes de Satanás para representar falsamente e acusar os observadores do sábado, incitando os governantes contra eles.

Os servos de Deus terão apresentado a advertência. O Espírito divino os constrangeu a falar. Não consultaram seus interesses temporais, nem procuraram preservar sua reputação ou vida. A obra parece muito além de sua habilidade para realizá-la. Contudo, não podem retroceder. Sentindo seu completo desamparo, refugiam-se nAquele que é poderoso, à busca de forças.

Diferentes períodos da História têm sido marcados pelo desenvolvimento de alguma verdade especial, adaptada às necessidades do povo de Deus naquele tempo. Toda nova verdade teve de enfrentar oposição. Os embaixadores de Cristo devem cumprir seu dever e deixar os resultados com Deus. [266]

A oposição torna-se mais intensa — Assumindo a oposição caráter mais violento, os servos de Deus de novo ficam perplexos, pois lhes parece que eles motivaram a crise. Mas a consciência e a Palavra de Deus lhes asseguram que sua conduta é correta. Sua fé e coragem aumentam com a emergência. Seu testemunho é: "Cristo venceu os poderes da Terra; temeremos um mundo já vencido?"

Ninguém poderá servir a Deus sem atrair contra si a oposição das hostes das trevas. Anjos maus o assaltarão, alarmados de que sua influência lhes esteja arrebatando a presa. Homens maus procurarão separar de Deus tal pessoa, por meio de sedutoras tentações. Quando estas não surtirem efeito, recorrerão à força para subjugar a consciência.

Mas, enquanto Jesus permanecer como intercessor do homem no santuário celestial, a influência retentora do Espírito Santo é sentida pelos governantes e pelo povo. Embora muitos de nossos legisladores sejam ativos agentes de Satanás, Deus também tem Seus agentes entre os principais homens da nação. Alguns homens sustarão poderosa corrente de males. A oposição dos inimigos da verdade será restringida a fim de que a mensagem do terceiro anjo

possa efetuar a sua obra. A advertência final prenderá a atenção dessas pessoas influentes, e alguns a aceitarão e se manterão com o povo de Deus durante o tempo de angústia.

A chuva serôdia e o alto clamor — O anjo que se une na proclamação da mensagem do terceiro anjo deve iluminar a Terra toda com a sua glória. A mensagem do primeiro anjo foi levada a todos os postos missionários do mundo, e em alguns países houve o maior interesse religioso que se tem testemunhado desde a Reforma. Mas isso deve ser superado pela última advertência do terceiro anjo.

Essa obra será semelhante à do dia de Pentecostes. A "chuva temporã" foi dada no início da pregação do evangelho para efetuar a germinação da preciosa semente; assim a "chuva serôdia" será dada em seu final para o amadurecimento da colheita. Oséias 6:3; Joel 2:23. A grande obra do evangelho não deverá encerrar-se com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início. As profecias que se cumpriram no derramamento da chuva temporã no início do evangelho, deverão cumprir-se novamente na chuva serôdia, no final do mesmo. Eis aí os "tempos do refrigério" contemplados pelo apóstolo Pedro, em antecipação. Atos dos Apóstolos 3:19, 20.

Servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, apressar-se-ão de um lugar para outro para proclamar a mensagem do Céu. Operar-se-ão prodígios, os doentes serão curados, e sinais e maravilhas seguirão os crentes. Satanás também opera com prodígios de mentira, até mesmo fazendo descer fogo do Céu. Apocalipse 13:13. Assim os habitantes da Terra serão levados a decidir-se. [267]

A mensagem há de ser levada não tanto por argumentos como pela convicção profunda do Espírito de Deus. Os argumentos foram apresentados, as publicações exerceram sua influência, mas ainda assim muitos foram impedidos de compreender completamente a verdade. Agora esta é vista em toda a sua clareza. Laços de família, relações com a igreja são impotentes para deter os sinceros filhos de Deus. Apesar das forças arregimentadas contra a verdade, grande número se coloca ao lado do Senhor. [268]

Capítulo 39 — O tempo de angústia

Nesse tempo Se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro". Daniel 12:1.

Quando se encerrar a mensagem do terceiro anjo, o povo de Deus terá cumprido a sua obra. Terão recebido a "chuva serôdia" e estarão preparados para a hora de provação que diante deles está. O mundo terá enfrentado sua prova final, e todos os que se mostraram leais aos divinos preceitos terão recebido o "selo do Deus vivo". Então Jesus cessa Sua intercessão no santuário celestial e com grande voz anuncia: "Está feito." "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se". Apocalipse 22:11. Cristo fez expiação por Seu povo e apagou os seus pecados. "O reino e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o Céu" (Daniel 7:27) estão prestes a ser entregues ao herdeiros da salvação, e Jesus deve reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Deixando Ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra. Os justos devem viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Removeu-se a restrição que estivera sobre os ímpios, e Satanás assume completo domínio sobre o impenitente. O Espírito de Deus foi por fim retirado. Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. Os anjos de Deus deixam de conter os ventos impetuosos da paixão humana. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na antigüidade. Há agora forças preparadas, e que aguardam apenas o consentimento divino para espalharem a desolação por toda parte.

Os que honram a lei de Deus serão considerados como a causa da terrível contenda e carnificina que enchem a Terra de pavor. O poder que acompanha a última advertência enraivece os ímpios, e Satanás excitará o espírito de ódio e perseguição contra todos os que receberam a mensagem.

Quando a presença de Deus se retirou da nação judaica, sacerdotes e povo consideravam-se ainda os escolhidos de Deus. Continuou o ministério no templo; diariamente a bênção divina era invocada sobre um povo culpado do sangue do Filho de Deus. Assim, quando a decisão irrevogável for pronunciada e o destino do mundo estiver estabelecido para sempre, os habitantes da Terra não o saberão. As [269] formas de religião continuarão a ser mantidas por um povo de quem o Espírito de Deus terá Se retirado; o príncipe do mal os inspirará para o cumprimento de seus maldosos desígnios.

Como o sábado se tornou o ponto especial de controvérsia por toda a cristandade, insistir-se-á em que os poucos que se acham em oposição à Igreja e ao Estado não devam ser tolerados, de que é melhor que eles sofram do que toda a nação ser lançada em confusão e ilegalidade. O mesmo argumento foi apresentado contra Cristo. Disse Caifás: "Convém que morra um só homem pelo povo, e que não venha a perecer toda a nação". João 11:50. Este argumento parecerá convincente; finalmente, será expedido um decreto contra todos os que santificam o quarto mandamento, denunciando-os e concedendo ao povo liberdade para, depois de certo tempo, matá-los. O romanismo no Velho Mundo e o protestantismo apóstata do Novo adotarão uma conduta idêntica. O povo de Deus será então imerso naquelas cenas de aflição descritas como o "tempo de angústia de Jacó". Jeremias 30:5-7; Gênesis 32:24-30.

O tempo de angústia de Jacó — Por causa do engano praticado a fim de assegurar a bênção de seu pai, destinada a Esaú, Jacó havia fugido, alarmado pelas ameaças de morte feitas por seu irmão. Depois de permanecer durante muitos anos no exílio, pôs-se a caminho de seu país natal. Chegando às fronteiras da terra, encheu-se de terror com as notícias da aproximação de Esaú, certamente decidido a vingar-se. A única esperança de Jacó se achava na misericórdia de Deus; sua única defesa deveria ser a oração.

Sozinho com Deus, confessou seu pecado com a mais profunda humilhação. Chegara o momento crítico em sua vida. Nas trevas, prosseguiu orando. Repentinamente percebe uma mão sobre o ombro. Imaginou ser um inimigo querendo roubar-lhe a vida. Com toda a energia do desespero, luta com o assaltante. Quando começou a raiar o dia, o estranho empregou sua força sobrenatural. Jacó sentiu-se como que paralisado e caiu, desamparado, choroso e suplicante,

sobre o pescoço de seu misterioso antagonista. Soube então que estivera lutando com o Anjo do concerto. Durante muito tempo suportara o remorso de seu pecado; agora teve a certeza de haver sido perdoado. O Anjo insistiu: “Deixa-Me ir, pois já rompeu o dia.” A isto Jacó responde: “Não Te deixarei ir, se não me abençoares”. Gênesis 32:26. Jacó confessou sua fraqueza e indignidade, mas confiou na misericórdia de um Deus que guarda o concerto. Através de arrependimento e submissão, este pecador mortal prevaleceu sobre a Majestade do Céu.

Satanás tinha acusado Jacó perante Deus em virtude de seu pecado; havia incitado Esaú para marchar contra ele. Durante a noite de luta do patriarca, Satanás esforçou-se por incutir nele o desânimo e a romper sua ligação com Deus. Quase foi arrastado ao desespero; [270] mas havia se arrependido sinceramente de seu pecado e segurou firme o Anjo, insistindo em seu pedido com ardentes brados, até prevalecer.

Assim como Satanás acusou a Jacó, acusará o povo de Deus, mas o grupo que guarda os mandamentos de Deus resiste à sua supremacia. Vê que santos anjos os estão guardando, e deduz que seus pecados foram perdoados. Ele tem um conhecimento preciso dos pecados que os tentou a cometer, e declara que o Senhor não pode, com justiça, perdoar os pecados deles e ao mesmo tempo destruir a ele e seus anjos. Reclama que sejam entregues em suas mãos para os destruir.

O Senhor lhe permite que os prove até o último ponto. Sua confiança em Deus e sua fé serão severamente provadas. Satanás esforça-se por aterrorizá-los. Espera destruir sua fé, de tal maneira que cedam às suas tentações, desviando-se de sua fidelidade para com Deus.

Angústia por temer opróbrio ao nome de Deus — Todavia, a angústia que o povo de Deus sofre não é o medo da perseguição. Receiam que, em virtude de alguma falta em si mesmos, não se cumpra a promessa do Salvador: “Eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro”. Apocalipse 3:10. Se se mostrassem indignos por causa de seus defeitos de caráter, o nome de Deus seria difamado.

Indicam o arrependimento de seus muitos pecados passados e reclamam a promessa do Salvador: “Que os homens se apoderem

da Minha força, e façam paz comigo; sim, que façam paz comigo”. Isaías 27:5. Embora sofrendo ansiedade e angústia, não cessam as suas intercessões. Apoderam-se de Deus como Jacó se apoderara do Anjo; e sua linguagem é: “Não Te deixarei ir, se não me abençoares.”

Pecados apagados — No tempo de angústia, se o povo de Deus tivesse pecados não confessados que surgissem diante deles enquanto torturados pelo temor e angústia, seriam vencidos. O desespero suprimiria sua fé, e não poderiam suplicar de Deus o livramento. Mas não possuem falta oculta para revelar. Seus pecados foram examinados e extintos no juízo; não os podem trazer à lembrança.

O Senhor mostra, em Seu trato com Jacó, que de maneira alguma tolerará o mal. Todos os que escondem ou desculpam seus pecados e permitem que estes permaneçam nos livros do Céu, sem ser confessados e perdoados, serão vencidos por Satanás. Quanto mais exaltada for a sua posição, mais certa é a vitória de seu grande adversário. Os que retardam seu preparo não poderão obtê-lo no tempo de angústia, ou em qualquer ocasião posterior. O caso de todos estes é sem esperança.

A história de Jacó é também uma segurança de que Deus não lançará fora aqueles que, arrastados ao pecado, se voltam a Ele com verdadeiro arrependimento. Deus enviará Seus anjos para confortá- [271] los no tempo de perigo. Os olhos do Senhor estão sobre Seu povo. As chamas da fornalha parecem prestes a consumi-los, mas o Refinador os apresentará como ouro provado no fogo.

Fé que suporta — O tempo de agonia e angústia que está diante de nós exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — uma fé que não desfaleça ainda que severamente provada. A vitória de Jacó é uma evidência do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, serão bem-sucedidos como ele o foi. Lutar com Deus — quão poucos sabem o que isto significa! Quando ondas de desespero assoberbam o suplicante, quão poucos se apegam com fé às promessas de Deus!

Os que agora exercem pouca fé, correm maior perigo de cair sob o poder dos enganos de Satanás. E mesmo resistindo à prova, serão imersos numa aflição mais profunda, porque nunca adquiriram o hábito de confiar em Deus. Devemos provar agora as Suas promessas.

Muitas vezes se supõe que a angústia é maior do que a realidade; porém, não é o caso com relação à crise diante de nós. A mais vívida descrição não pode atingir a grandeza daquela prova. Naquele tempo de provação, toda pessoa terá de estar em pé, por si mesma, diante de Deus.

Agora, enquanto nosso grande Sumo Sacerdote está fazendo expiação por nós, devemos procurar nos tornar perfeitos em Cristo. Nosso Salvador não poderia ser levado a ceder ao poder da tentação nem mesmo por um pensamento. Satanás encontra nos corações humanos algum ponto em que pode obter apoio; algum desejo pecaminoso é acariciado, por meio do qual suas tentações asseguram a sua força. Mas Cristo declarou de Si próprio: "Aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em Mim". João 14:30. Satanás nada pôde achar no Filho de Deus que o habilitasse a alcançar a vitória. Não havia nEle pecado que Satanás pudesse usar para a sua vantagem. Esta é a condição em que devem encontrar-se os que subsistirão no tempo de angústia.

É nesta vida que devemos afastar de nós o pecado, pela fé no sangue expiatório de Cristo. Nosso precioso Salvador nos convida a unir-nos a Ele, a ligar nossa fraqueza à Sua força, nossa indignidade aos Seus méritos. Cabe a nós cooperar com o Céu na obra de ajustar nosso caráter ao modelo divino.

Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demônios. Espíritos diabólicos sairão aos "reis da Terra" e a todo o mundo, insistindo em que todos se unam a Satanás em sua última batalha contra o governo do Céu. Levantar-se-ão pessoas pretendendo ser o próprio Cristo. Efetuarão milagres de cura, afirmando haver recebido do Céu revelações que contradizem o testemunho das Escrituras. [272]

O ato culminante — Como ato culminante do grande drama do engano, o próprio Satanás personificará a Cristo. A igreja tem esperado há muito tempo o advento do Salvador como a realização de suas esperanças. Agora o grande enganador fará parecer que Cristo veio. Satanás se manifestará como um ser majestoso, de brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus em Apocalipse. Apocalipse 1:13-15.

A glória que o cerca não é superada por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa a exclamação de

triunfo: "Cristo veio!" O povo se prostra em adoração diante dele. Ele ergue as mãos e os abençoa. Sua voz é meiga e branda, cheia de melodia. Em tom compassivo, apresenta algumas das mesmas verdades celestiais que o Salvador proferiu. Cura as moléstias do povo e então, em seu pretenso caráter de Cristo, alega ter mudado o sábado para o domingo. Declara que os que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de seu nome. Este é o poderoso engano, quase invencível. Multidões dão crédito a esses fenômenos, dizendo: "Este [...] é o poder de Deus, chamado o Grande Poder". Atos dos Apóstolos 8:10.

O povo de Deus não será enganado — Mas o povo de Deus não será desencaminhado. Os ensinos desse falso cristo não se acham em harmonia com as Escrituras. Sua bênção é pronunciada sobre os adoradores da besta e de sua imagem, a mesma classe sobre a qual a Bíblia declara que a ira de Deus, sem mistura, será derramada.

Além disso, não será permitido a Satanás imitar a maneira do advento de Cristo. O Salvador advertiu Seu povo contra o engano neste aspecto: "Surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. [...] Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem". Mateus 24:24-27; Mateus 25:31; Apocalipse 1:7; 1 Tessalonicenses 4:16, 17. Não há possibilidade de se imitar esta vinda. Ela será testemunhada pelo mundo inteiro.

Apenas os que forem diligentes estudiosos das Escrituras e receberam o amor da verdade estarão protegidos dos poderosos enganos que tornam cativo o mundo. Pelo testemunho da Bíblia, surpreenderão o enganador em seu disfarce. Acha-se hoje o povo de Deus tão firmemente estabelecido em Sua Palavra que não venha a ceder à evidência de seus sentidos? Apegar-se-á nessa crise à Bíblia, e à Bíblia somente?

Quando o decreto promulgado pelos vários governantes da cristandade contra os observadores dos mandamentos lhes retirar a proteção do governo, abandonando-os aos que desejam sua destruição, o povo de Deus fugirá das cidades e vilas e se reunirá em grupos, habitando nos lugares mais desertos e solitários. Muitos encontrarão

refúgio nas fortalezas das montanhas, tais como os cristãos nos vales [273] do Piemonte (ver o quarto capítulo). Muitos, porém, de todas as nações e de todas as classes — elevados e humildes, ricos e pobres, negros e brancos — serão arrojados na escravidão mais injusta e cruel. Os amados de Deus passarão dias penosos em prisões, sentenciados à morte, aparentemente deixados a morrer nos escuros e fétidos calabouços.

O Senhor Se esquecerá de Seu povo nessa hora de provação? Ele Se esqueceu do fiel Noé, de Ló, de José, de Elias, Jeremias ou Daniel? Ainda que os inimigos os lancem nas prisões, as paredes do calabouço não podem interceptar sua comunicação com Cristo. Anjos virão a eles nas celas solitárias. A prisão será como um palácio, e as sombrias paredes serão iluminadas como quando Paulo e Silas, à meia-noite, cantaram na masmorra de Filipos.

Os juízos de Deus cairão sobre os que procuram destruir Seu povo. Para Deus, a punição é um "estranho ato". Isaías 28:21; Ezequiel 33:11. O Senhor é "compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade, [...] que perdoa a iniqüidade, a transgressão e o pecado". Contudo, ao culpado "não tem por inocente". Êxodo 34:6, 7; Naum 1:3. A nação que suportou por tanto tempo e que encheu a medida de sua iniqüidade, beberá, por fim, a taça da ira sem mistura de misericórdia.

Quando Cristo cessar Sua intercessão no santuário, será derramada a ira sem mistura reservada aos que adoram a besta. As pragas do Egito eram similares aos mais extensos juízos que devem cair sobre o mundo justamente antes do livramento final do povo de Deus. Diz o autor do Apocalipse: "Aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem sobrevieram úlceras malignas e perniciosas." O mar "se tornou em sangue como de morto". Os rios e as fontes de águas "se tornaram em sangue". O anjo declara: "Tu és justo [...] pois julgaste estas coisas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disto". Apocalipse 16:2-6, 8, 9. Condenando o povo de Deus à morte, são tão culpados do derramamento de sangue como se este tivesse sido derramado por suas próprias mãos. Cristo declarou que os judeus de Seu tempo eram culpados do sangue de homens santos desde os dias de Abel (Mateus 23:34-36), pois eles possuíam o mesmo espírito daqueles assassinos dos profetas.

Na praga que se segue, é dado poder ao sol para "queimar os homens com fogo". Os profetas descrevem esse tempo terrível: "Pereceu a messe do campo [...]. Todas as árvores do campo se secaram, e já não há alegria entre os filhos dos homens." "Como geme o gado! as manadas de bois estão sobremodo inquietas, porque não têm pasto. [...] Os rios se secaram, e o fogo devorou os pastos do deserto". Joel 1:11, 12, 18-20.

Essas pragas não são universais, embora sejam os mais terríveis flagelos que já foram conhecidos dos mortais. Todos os juízos anteriores haviam sido misturados com misericórdia. O sangue de Cristo tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas no juízo final a ira é derramada sem mistura de misericórdia. Multidões desejarão o abrigo de misericórdia que durante tanto tempo desprezaram. [274]

O povo de Deus, embora perseguido e angustiado, embora sofra pela falta de alimento, não será abandonado a perecer. Anjos suprirão suas necessidades. "O seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas." "Eu, o Deus de Israel, não os desampararei". Isaías 33:16; 41:17.

Todavia, aos olhos humanos, parecerá que o povo de Deus logo deverá selar seu testemunho com o próprio sangue, conforme o fizeram os mártires antes deles. É um tempo de terrível agonia. Os ímpios exultam: "Onde está agora a sua fé? Por que Deus não os livra de nossas mãos, se de fato são o Seu povo?" Mas os que esperam lembram-se de Jesus morrendo sobre a cruz. À semelhança de Jacó, estão lutando com Deus.

Grupos de anjos vigiam — Anjos estão posicionados ao redor daqueles que guardaram a palavra da paciência de Cristo. Eles testemunharam sua angústia e ouviram suas orações. Esperam a palavra de ordem de seu Comandante para os arrancar do perigo. Mas eles devem ainda aguardar um pouco. O povo de Deus deve beber o cálice e ser batizado com o batismo. Mateus 20:20-23. Contudo, por amor aos escolhidos, o tempo de angústia será abreviado. O fim virá mais rapidamente do que os homens esperam.

Embora um decreto geral tenha fixado um tempo em que os observadores dos mandamentos poderão ser mortos, em alguns casos seus inimigos se antecipam ao decreto e se esforçam para tirar-lhes a vida. Mas ninguém pode passar através dos poderosos guardas

estacionados em redor de toda pessoa fiel. Alguns são assaltados ao fugirem das cidades, mas as espadas levantadas contra eles se quebram como a palha. Outros são defendidos por anjos sob a forma de guerreiros.

Em todos os tempos os seres celestiais têm tomado parte ativa nos negócios humanos. Têm aceitado a hospitalidade dos lares humanos, agido como guias aos viajantes surpreendidos pela noite, aberto as portas das prisões e libertado os servos do Senhor. Vieram para remover a pedra do túmulo do Salvador.

Anjos visitam as assembléias dos ímpios, para determinar se estes ultrapassaram os limites da longanimidade de Deus, tal como o fizeram em Sodoma. Por amor dos poucos que realmente O servem, o Senhor restringe as calamidades e prolonga a tranqüilidade das multidões. Mal compreendem os pecadores que devem sua própria vida aos poucos fiéis a quem se deleitam em oprimir.

Muitas vezes, nos concílios deste mundo, anjos têm sido os oradores. Ouvidos humanos escutaram seus apelos, lábios humanos ridicularizaram seus conselhos. Esses mensageiros celestiais [275] demonstraram-se mais capazes para defender a causa dos oprimidos do que os advogados mais eloqüentes. Frustraram e impediram males que teriam ocasionado grande sofrimento ao povo de Deus.

Com ardente anseio, o povo de Deus aguarda os sinais de seu Rei vindouro. À medida que o povo militante insiste com suas petições perante Deus, os céus brilham com o raiar do dia eterno. Qual melodia dos cânticos angelicais, soam a seus ouvidos as palavras: “O auxílio vem.” A voz de Cristo vem das portas entreabertas: “Eis que Eu estou com vocês. Não temam. Pelejei o combate em seu favor, e em Meu nome vocês são mais do que vencedores.”

O precioso Salvador enviará auxílio exatamente quando necessitarmos dele. O tempo de angústia é uma prova terrível para o povo de Deus, mas todo verdadeiro crente poderá ver o arco da promessa circundando-o. “Assim voltarão os resgatados do Senhor, e virão a Sião com júbilo, e perpétua alegria lhes coroará as cabeças; o regozijo e a alegria os alcançarão, e deles fugirão a dor e o gemido”. Isaías 51:11.

Se o sangue das fiéis testemunhas de Cristo fosse derramado nessa ocasião, sua fidelidade não seria testemunho para convencer outros da verdade, pois que o coração endurecido rebateu as ondas

de misericórdia até não mais voltarem. Se os justos fossem agora abandonados para caírem como presa de seus inimigos, seria um triunfo para o príncipe das trevas. Cristo falou: “Vai, pois, povo Meu, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira. Pois eis que o Senhor sai de Seu lugar, para castigar a iniqüidade dos moradores da Terra”. Isaías 26:20, 21.

Glorioso será o livramento dos que esperarem pacientemente pela sua vinda, e cujos nomes estão inscritos no livro da vida. [276]

Capítulo 40 — O livramento do povo de Deus

Quando a proteção das leis humanas for retirada dos que honram a lei de Deus, haverá, nos diferentes países, um movimento simultâneo com o fim de destruí-los. Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para desfechar numa só noite um golpe decisivo, que faça silenciar a voz de discordância e reprovação.

O povo de Deus — alguns nas celas das prisões, outros escondidos nas florestas e montanhas — suplica a proteção divina. Homens armados, instigados pelas hostes de anjos maus, estão se preparando para a obra de morte. É então, na hora de maior aperto, que Deus intervirá: "Um cântico haverá entre vós, como na noite em que se celebra festa santa; e alegria de coração, como a daquele que sai [...] para ir ao monte do Senhor, à Rocha de Israel. O Senhor fará ouvir a Sua voz majestosa, e fará ver o golpe do Seu braço, que desce com indignação de ira, no meio de chamas devoradoras, chuvas torrenciais, tempestades e pedras de saraiva". Isaías 30:29, 30.

Multidões de homens maus estão prestes a cair sobre a presa, quando um denso negror, mais intenso do que as trevas da noite, cai sobre a Terra. Então o arco-íris atravessa os céus, e parece cercar cada um dos grupos em oração. As multidões iradas se detêm. É esquecido o objeto de sua ira sanguinária. Contemplam o símbolo da aliança de Deus, anelando pôr-se ao amparo de seu fulgor.

É ouvida pelo povo de Deus uma voz, dizendo: "Olhai para cima." Como Estêvão, erguem os olhos e vêem o Filho do homem em Seu trono. Atos dos Apóstolos 7:55, 56. Divisam os sinais de Sua humilhação, e ouvem o pedido: "A Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste". João 17:24. Ouve-se uma voz, dizendo: "Eles vêm! eles vêm! santos, inocentes e incontaminados. Guardaram a palavra da Minha paciência."

É à meia-noite que Deus manifesta o Seu poder para o livramento de Seu povo. O Sol aparece resplandecendo em sua força. Sinais e maravilhas se seguem. Os ímpios contemplam a cena com terror, ao passo que os justos vêem os sinais de seu livramento. Em meio aos

céus agitados, acha-se um espaço claro, de glória indescritível, de onde provém a voz de Deus como o som de muitas águas, dizendo: “Está feito”. Apocalipse 16:17. [277]

Essa voz abala os céus e a Terra. Há um grande terremoto, “como nunca houve igual desde que há gente sobre a Terra, tal foi o terremoto, forte e grande”. Apocalipse 16:18. Impetuosas rochas são espalhadas por toda parte. O mar é açoitado com fúria. Ouve-se o sibilar do furacão, semelhante à voz dos demônios. A superfície da Terra está se quebrando. Seus próprios fundamentos parecem ceder. Os portos marítimos que, pela sua iniqüidade, se tornaram como Sodoma e Gomorra, são tragados pelas águas enfurecidas. “Babilônia, a grande”, veio em lembrança diante de Deus, “para lhe dar o cálice do vinho do furor da Sua ira”. Apocalipse 16:19. Grandes pedras de saraiva operam sua obra destruidora. Orgulhosas cidades são derribadas. Suntuosos palácios, nos quais os homens dissiparam suas riquezas com a glorificação própria, desmoronam-se diante de seus olhos. As paredes das prisões se fendem, e o povo de Deus é libertado.

Abrem-se as sepulturas e “muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, outros para vergonha e horror eterno”. “Até quantos O traspassaram”, os que zombaram e escarneceram da agonia de Cristo, e os mais severos inimigos da verdade, ressuscitam para contemplá-Lo em Sua glória, e ver a honra conferida aos fiéis e obedientes. Daniel 12:2; Apocalipse 1:7.

Relâmpagos terríveis envolvem a Terra num lençol de chamas. Sobre o estrondo do trovão, vozes misteriosas e terríveis declaram a sorte dos ímpios. Os que haviam sido desafiadores e jactanciosos, cruéis para com o povo de Deus, os observadores dos mandamentos, agora estremecem de medo. Demônios tremem enquanto homens suplicam por misericórdia.

O dia do Senhor — Disse o profeta Isaías: “Naquele dia os homens lançarão às toupeiras e aos morcegos os seus ídolos de prata, e os seus ídolos de ouro, que fizeram para ante eles se prostrarem, e meter-se-ão pelas fendas das rochas, e pelas cavernas das penhas, ante o terror do Senhor, e a glória da Sua majestade, quando Ele Se levantar para espantar a Terra”. Isaías 2:20, 21.

Os que tudo sacrificaram por Cristo agora estão em segurança. Perante o mundo e em face da morte, demonstraram sua fidelidade

Àquele que morreu por eles. Seu rosto, pouco antes tão pálido e descomposto, resplandece agora com admiração. Suas vozes se erguem em triunfante cântico: "Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Portanto não temeremos, ainda que a Terra se transtorne, e os montes se abalem no seio dos mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem, e na sua fúria os montes se estremeçam". Salmos 46:1-3.

Enquanto essas palavras de santa confiança se elevam a Deus, a glória da cidade celestial emana de suas portas entreabertas. Aparece então de encontro ao céu uma mão segurando duas tábuas de pedra. Aquela santa lei, proclamada no Sinai, é agora apresentada como a [278] norma do juízo. As palavras são tão claras que todos podem lê-las. Desperta-se a memória. Varrem-se de todas as mentes as trevas da superstição e da heresia.

É impossível descrever o horror e desespero dos que pisaram a lei de Deus. A fim de conseguir o favor do mundo, puseram de parte seus preceitos e ensinaram outros a transgredir. Agora são condenados por aquela lei que desprezaram. Vêem que se acham sem desculpas. Os inimigos da lei de Deus têm agora nova concepção da verdade e do dever. Tarde demais, vêem que o sábado do quarto mandamento é o selo do Deus vivo. Demasiado tarde, vêem o fundamento arenoso sobre o qual estiveram a construir. Vêem que tinham estado a combater contra Deus. Ensinadores religiosos conduziram pessoas à perdição ao mesmo tempo que professavam guiá-las às portas do paraíso. Quão grande é a responsabilidade dos homens no ofício sagrado, quão terríveis os resultados de sua infidelidade!

Aparece o Rei dos reis — A voz de Deus é ouvida nos Céus, declarando o dia e a hora da vinda de Jesus. O Israel de Deus fica a ouvir, tendo o semblante iluminado com a Sua glória. Surge logo no Oriente uma pequena nuvem negra. É a nuvem que rodeia o Salvador. Em solene silêncio o povo de Deus fita-a enquanto se aproxima, até ela se tornar uma grande nuvem branca, mostrando na base uma glória semelhante ao fogo consumidor, encimada pelo arco-íris do concerto. Agora não mais como "Homem de dores", Jesus aparece como poderoso vencedor. Santos anjos, em vasta e inumerável multidão, acompanham-nO, "dez milhares vezes dez milhares, e milhões de milhões". Todos os olhos contemplam o Príncipe da vida. Um diadema de glória repousa sobre a santa fronte.

O semblante divino irradia o fulgor deslumbrante ao Sol do meio-dia. “Tem no Seu manto, e na Sua coxa, um nome inscrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores”. Apocalipse 19:16.

O Rei dos reis desce sobre a nuvem, envolto em fogo chamejante. A Terra treme diante dEle: “Vem o nosso Deus, e não guarda silêncio; perante Ele arde um fogo devorador, ao Seu redor esbraveja grande tormenta. Intima os céus lá em cima, e a Terra para julgar o Seu povo”. Salmos 50:3, 4.

“Os reis da Terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos, e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos da face dAquele que Se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira dEles; e quem é que pode suster-se?” Apocalipse 6:15-17.

Cessaram os gracejos escarnecedores, cerraram-se os lábios mentirosos. Nada se ouve senão a voz de orações e o som de choro. Os ímpios suplicam para que sejam sepultados sob as rochas das montanhas, em vez de ver o rosto dAquele que desprezaram. Eles conhecem aquela voz que penetra no ouvido dos mortos. Quantas vezes seus ternos acentos os chamaram ao arrependimento! Quantas vezes foi ouvida nos rogos tocantes de um amigo, um irmão, um Redentor! Aquela voz desperta memórias de advertências desprezadas, de convites recusados. [279]

Ali estão os que zombaram de Cristo em Sua humilhação. Ele declarou: “Vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do Céu”. Mateus 26:64. Agora O contemplam em Sua glória, e ainda devem vê-Lo assentado à direita do poder. Ali está o altivo Herodes, que zombou de Seu título real. Ali estão os homens que com mãos ímpias Lhe colocaram sobre a fronte a coroa de espinhos e na mão um simulacro de cetro — aqueles que se prostraram diante dEle em zombaria blasfema, que cuspiram no Príncipe da vida. Procuram fugir de Sua presença. Aqueles que introduziram os cravos em Suas mãos e pés, contemplam esses sinais com terror e remorso.

Com terrível precisão, sacerdotes e príncipes recordam-se dos acontecimentos do Calvário, quando, meneando a cabeça em satânica alegria, exclamaram: “Salvou os outros, a Si mesmo não pode salvar-se”. Mateus 27:42. Mais alto que o grito — “Crucifica-O! crucifica-O!” — que ecoou por Jerusalém, eleva-se o pranto deses-

perado: “Ele é o Filho de Deus!” Procuram fugir da presença do Rei dos reis.

Na vida de todos quanto rejeitam a verdade, há momentos em que a consciência desperta, em que a mente é oprimida por vãos pesares. Mas o que é isto ao ser comparado com o remorso daquele dia! No meio de seu terror, ouvem as vozes dos santos, exclamando: “Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará”. Isaías 25:9.

A voz do Filho de Deus chama os santos que dormem. Por toda a Terra os mortos ouvirão aquela voz, e os que a ouvirem viverão — um grande exército de toda nação, tribo, língua e povo. Do cárcere da morte eles vêm, vestidos de glória imortal, clamando: “Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?” 1 Coríntios 15:55.

Todos saem do túmulo com a mesma estatura que tinham quando ali entraram. Todos, porém, surgem com a saúde e vigor da eterna juventude. Cristo veio para restaurar aquilo que se havia perdido. Ele mudará nosso corpo vil e o modelará conforme Seu corpo glorioso. A forma mortal e corruptível, uma vez poluída pelo pecado, torna-se perfeita, bela e imortal. Defeitos e deformidades são deixados no túmulo. Os redimidos “sairão e saltarão” (Malaquias 4:2), crescendo até a estatura completa da raça em sua glória primitiva, sendo removidos os últimos traços da maldição do pecado. Os fiéis de Cristo refletirão no espírito, alma e corpo a imagem perfeita de seu Senhor.

Os justos vivos são transformados “num momento, num abrir e fechar de olhos”. À voz de Deus tornam-se imortais, e com os santos ressurretos são arrebatados para encontrar seu Senhor nos ares. Os anjos “reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos Céus”. Mateus 24:31. Criancinhas são levadas aos braços de suas mães. Amigos há muito separados pela morte reúnem-se, para nunca mais se separarem, e com cânticos de alegria ascendem juntos para a cidade de Deus. [280]

Na santa cidade — Por toda a hoste inumerável dos resgatados, todos os olhares fixam-se em Jesus. Todos os olhos contemplam a glória dAquele cujo “aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua aparência do que a dos outros filhos dos homens”. Isaías 52:14. Sobre a cabeça dos vencedores Jesus coloca a coroa de glória. Para cada um há uma coroa que traz o seu

próprio “novo nome” (Apocalipse 2:17) e a inscrição: “Santidade ao Senhor.” Em cada mão são colocadas a palma do vencedor e a harpa resplandecente. Então, quando os anjos dirigentes começam a tocar, todas as mãos deslizam com maestria sobre as cordas, produzindo suave música em ricos e melodiosos tons. Todas as vozes se erguem em grato louvor: “Àquele que nos ama, e pelo Seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o Seu Deus e Pai, a Ele a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”. Apocalipse 1:5, 6.

Diante da multidão de resgatados está a santa cidade. Jesus abre as portas, e as nações que observaram a verdade entram por ela. Ouve-se então a Sua voz: “Vinde, benditos de Meu Pai! possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”. Mateus 25:34. Cristo apresenta ao Pai a aquisição de Seu sangue, declarando: “Eis aqui estou Eu, e os filhos que Deus Me deu.” “Guardava-os no Teu nome que Me deste, e os protegi”. Hebreus 2:13; João 17:12. Oh, quão extasiante será aquela hora em que o infinito Pai, olhando para os resgatados, contemplará Sua imagem, banida a discórdia do pecado, removida a sua maldição, e o humano novamente em harmonia com o divino!

O gozo do Salvador consiste em ver, no reino da glória, as pessoas que foram salvas por Sua agonia e humilhação. Os remidos serão participantes de Sua alegria; contemplam os que foram ganhos por intermédio de suas orações, labores e amorável sacrifício. Júbilo lhes encherá o coração ao verem que um ganhou a outros, e estes ainda outros.

O encontro dos dois Adões — Quando os resgatados são recebidos na cidade de Deus, um exultante clamor ecoa nos ares. Os dois Adões estão prestes a encontrar-se. O Filho de Deus recebe o pai de nossa raça — o ser que Ele criou, que pecou, e por cujos pecados os sinais da crucifixão aparecem no corpo do Salvador. Quando Adão percebe os sinais dos cravos, lança-se em humilhação a Seus pés, o Salvador o levanta, convidando-o a contemplar de novo o lar edênico do qual fora exilado havia tanto.

A vida de Adão fora cheia de tristeza. Cada folha a murchar, cada vítima do sacrifício, cada mácula na pureza do homem era uma lembrança de seu pecado. Foi terrível a agonia do remorso ao deparar com a vergonha que ele trouxe a si mesmo por causa do

[281] pecado. Arrependeu-se sinceramente de seu pecado, e morreu na esperança da ressurreição. Agora, pela obra da expiação, Adão é reintegrado.

Arrebatado pela alegria, contempla as árvores que já foram o seu deleite — cujos frutos ele próprio colhera nos dias de sua inocência. Vê as videiras que sua própria mão tratou, as flores de que cuidou com tanto prazer. Isso é, efetivamente, o Éden restaurado!

O Salvador leva-o à árvore da vida e manda-o comer. Ele contempla uma multidão de sua família resgatada. Lança então sua coroa aos pés de Jesus e abraça o Redentor. Dedilha a harpa, e pelas abóbadas do céu ecoa o cântico triunfante: “Digno é o Cordeiro, que foi morto”. Apocalipse 5:12. A família de Adão lança suas coroas aos pés do Salvador, inclinando-se perante Ele em adoração. Anjos choraram quando da queda de Adão e rejubilaram ao Jesus abrir a sepultura de todos os que creram em Seu nome. Contemplam agora a obra da redenção e unem suas vozes em louvor.

Sobre o “mar de vidro, mesclado de fogo”, acha-se reunida a multidão dos “vencedores da besta, da sua imagem, e do número do seu nome”. Os cento e quarenta e quatro mil que foram remidos entre os homens estão cantando um “cântico novo”, o “cântico de Moisés e do Cordeiro”. Apocalipse 15:2, 3. Ninguém, a não ser os cento e quarenta e quatro mil, podem aprender aquele cântico, pois é o cântico de sua experiência — e jamais alguém mais teve experiência semelhante. “São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá.” Estes, tendo sido trasladados de entre os vivos, são “primícias para Deus e para o Cordeiro”. Apocalipse 14:4, 5. Passaram pelo tempo de angústia qual nunca houve desde que houve nação; suportaram a aflição do tempo de angústia de Jacó; permaneceram sem intercessor durante o derramamento final dos juízos de Deus. Eles “lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro”. “Não se achou mentira na sua boca; não têm mácula” diante de Deus. “Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que Se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima”. Apocalipse 7:14; 14:5; 7:16, 17.

Os redimidos na glória — Em todos os tempos os escolhidos do Salvador andaram por veredas estreitas. Foram purificados na

fornalha da aflição. Por amor de Jesus suportaram ódio, calúnia, negação própria e amargo desapontamento. Compreenderam a malignidade do pecado, seu poder, sua culpa, suas desgraças; olham para ele com aversão. Uma intuição do sacrifício infinito feito para reabilitá-los humilha-os e lhes enche o coração de gratidão. Amam muito, porque foram muito perdoados. Lucas 7:47. Participaram dos sofrimentos de Cristo, estão aptos para ser co-participantes de Sua glória.

Os herdeiros de Deus vieram das choças, dos calabouços, dos cadafalsos, das montanhas, dos desertos, das cavernas. Eram eles "desamparados, aflitos e maltratados". Milhões desceram ao túmulo [282] carregados de infâmia, porque recusaram render-se a Satanás. Mas agora não são mais aflitos, dispersos e opressos. Acham-se agora com vestes mais ricas do que já usaram os mais honrados da Terra, e coroados com diademas mais gloriosos do que os que já foram colocados nas frontes de monarcas terrestres. O Rei da glória enxugou as lágrimas de todos os rostos. Emitem um cântico de louvor, claro, doce e harmonioso. A harmonia reboa pelas abóbadas do céu: "Ao nosso Deus que Se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação." E todos respondem: "Amém. O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graça, e a honra, e o poder, e a força, sejam ao nosso Deus pelos séculos dos séculos". Apocalipse 7:10, 12.

Nesta vida podemos apenas começar a compreender o maravilhoso tema da redenção. Com nossa compreensão finita podemos considerar muito encarecidamente a ignomínia e a glória, a vida e a morte, a justiça e a misericórdia, que se encontram na cruz; todavia, com o máximo esforço de nossa faculdade mental, deixamos de apreender seu completo significado. O comprimento e a largura, a profundidade e a altura do amor que redime são apenas palidamente compreendidos. O plano da redenção não será completamente reconhecido, mesmo quando os resgatados virem como são vistos, e conhecerem como são conhecidos; antes, através das eras eternas, novas verdades se desdobrarão de contínuo à mente cheia de admiração e deleite. Ainda que os pesares, dores e tentações da Terra tenham terminado, e removidas suas causas, o povo de Deus terá sempre um conhecimento distinto, inteligente, do que a sua salvação custou.

A cruz será o cântico dos remidos por toda a eternidade. Em Cristo glorificado eles contemplarão a Cristo crucificado. Jamais se esquecerá que a Majestade do Céu Se humilhou para levantar o homem decaído, que Ele suportou a culpa e a ignomínia do pecado e a ocultação da face de Seu Pai, até que as misérias de um mundo perdido Lhe quebrantaram o coração e Lhe aniquilaram a vida. O Criador de todos os mundos deixou de lado Sua glória por amor ao homem — e isto despertará eternamente a admiração do Universo. Quando as nações dos salvos olham para o Seu Redentor e entendem que Seu reino não terá fim, irrompem num hino arrebatador: "Digno, digno é o Cordeiro que foi morto, e nos remiu para Deus com Seu mui precioso sangue!"

O mistério da cruz explica todos os outros mistérios. Ver-se-á que Aquele que é infinito em sabedoria não poderia idear plano algum para nos redimir, a não ser o sacrifício de Seu Filho. A compensação desse sacrifício é a alegria de povoar a Terra com seres resgatados, santos, felizes e imortais. O valor de cada pessoa é tão grande que o Pai está satisfeito com o preço pago. E o próprio Cristo, contemplando os frutos de Seu grande sacrifício, também exulta. [283]

Capítulo 41 — A terra em ruínas

Quando a voz de Deus põe fim ao cativeiro de Seu povo, há um terrível despertar daqueles que tudo perderam no grande conflito da vida. Cegados pelos enganos de Satanás, os ricos orgulhavam-se de sua superioridade sobre os menos favorecidos. Entretanto, negligenciaram alimentar o faminto, vestir o nu, tratar com justiça e amar a misericórdia. Agora estão despojados de tudo o que os fazia grandes, e se encontram desamparados. Olham com terror para a destruição de seus ídolos. Venderam a salvação em troca de prazeres terrestres e não se tornaram ricos para com Deus. Sua vida foi um fracasso, seus prazeres se transformam em amargura. Os ganhos de uma vida inteira são varridos num momento. Os ricos lastimam a destruição de suas soberbas casas, a dispersão de seu ouro e prata, e temem que eles próprios devam perecer, juntamente com seus ídolos. Os ímpios lamentam que o resultado seja o que é, mas não se arrependem de sua impiedade.

O ministro que sacrificou a verdade a fim de alcançar o favor dos homens discerne agora a influência de seus ensinos. Toda linha escrita, toda palavra pronunciada, que levava os homens a descansar em um refúgio de falsidade, esteve a espalhar sementes; agora contempla ele a colheita. Diz o Senhor: "Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do Meu pasto! [...]" "Com falsidade entristecestes o coração do justo, não o havendo Eu entristecido, e fortalecestes as mãos do perverso para que não se desviasse do seu mau caminho, e vivesse". Jeremias 23:1, 2; Ezequiel 13:22.

Ministros e povo vêem que se rebelaram contra o Autor de toda lei justa. A rejeição dos preceitos divinos deu origem a milhares de fontes para a iniqüidade, até que a Terra se tornou um vasto campo de corrupção. Nenhuma linguagem pode exprimir o desejo que os desleais sentem por aquilo que perderam para sempre: a vida eterna.

As pessoas se acusam umas às outras de havê-las levado à destruição, porém todas se unem em acumular amargas condenações contra os pastores infiéis que profetizaram "coisas agradáveis"

(Isaías 30:10), que levaram seus ouvintes a anular a lei de Deus e a perseguir os que a queriam santificar. "Estamos perdidos!" exclamam, "e vocês são a causa." As mesmas mãos que os coroavam de lauréis, levantar-se-ão para destruí-los. Por toda parte há contenda e morticínio. [284]

O Filho de Deus e os mensageiros celestiais estiveram em conflito com o maligno, a fim de advertir, esclarecer e salvar os filhos dos homens. Agora todos tomaram sua decisão; os ímpios se uniram completamente a Satanás em sua luta contra Deus. A controvérsia não é somente com Satanás, mas também com os homens. "O Senhor tem contenda com as nações". Jeremias 25:31.

O anjo da morte — Agora sai o anjo da morte, representado na visão de Ezequiel pelos homens com as armas destruidoras, aos quais é dada a ordem: "Matai a velhos, a moços e a virgens, a crianças e a mulheres, até exterminá-los; mas a todo homem que tiver o sinal não vos chegueis; começai pelo Meu santuário." "Começaram pelos anciãos que estavam diante da casa", aqueles que professam ser os guardiães espirituais do povo. Ezequiel 9:6, 7.

Os falsos atalaias são os primeiros a cair. "O Senhor sai do Seu lugar para castigar a iniqüidade dos moradores da Terra; a Terra descobrirá o sangue que embebeu, e já não encobrirá aqueles que foram mortos." "Naquele dia também haverá da parte do Senhor grande confusão entre eles; cada um agarrará a mão de seu próximo, cada um levantará a sua mão contra o seu próximo". Isaías 26:21; Zacarias 14:12, 13.

Na desvairada contenda de suas próprias e violentas paixões, e pelo derramamento da ira de Deus sem mistura, sucumbem ímpios sacerdotes, governadores e povo. "Os que o Senhor entregar à morte naquele dia, se estenderão de uma à outra extremidade da Terra". Jeremias 25:33.

Por ocasião da vinda de Cristo os ímpios são consumidos pelo resplendor de Sua glória. Cristo leva Seu povo para a cidade de Deus, e a Terra é esvaziada de seus moradores. "Eis que o Senhor devasta e desola a Terra, transtorna a sua superfície, e lhe dispersa os moradores. [...] A Terra será de todo devastada e totalmente saqueada, porque o Senhor é quem proferiu esta palavra [...] porquanto transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra, e os que habitam nela se tor-

nam culpados; por isso serão queimados os moradores da Terra, e poucos homens restarão”. Isaías 24:1, 3, 5, 6.

A Terra se parece com um deserto assolado. Cidades destruídas pelo terremoto, árvores desarraigadas, pedras escabrosas arrancadas da Terra e espalhadas sobre sua superfície. Vastas cavernas assinalam o lugar em que as montanhas foram separadas de suas bases.

O banimento de Satanás — Ocorre agora o acontecimento prefigurado na última cerimônia do Dia da Expiação. Quando os pecados de Israel haviam sido removidos do santuário em virtude do sangue da oferta pelo pecado, o bode emissário era apresentado vivo diante do Senhor. O sumo sacerdote confessava “todas as iniqüidades dos filhos de Israel, [...] sobre a cabeça do bode”. Levítico 16:21. Semelhantemente, ao completar-se a obra de expiação no santuário [285] celestial, na presença de Deus e dos anjos celestiais e da multidão de remidos, então os pecados do povo de Deus serão postos sobre Satanás; declarar-se-á ser ele o culpado de todo o mal que os fez cometer. Assim como o bode emissário era enviado para uma terra não habitada, Satanás será banido para a Terra desolada.

Depois de apresentar cenas da vinda do Senhor, o escritor de Apocalipse prossegue: “Então vi descer do Céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o, e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo”. Apocalipse 20:1-3.

O “abismo” representa a Terra em estado de confusão e trevas. Olhando ao futuro para o grande dia de Deus, Jeremias declara: “Olhei para a Terra, e ei-la sem forma e vazia; para os céus, e não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que tremiam, e todos os outeiros estremeciam. Olhei, e eis que não havia homem nenhum, e todas as aves dos céus tinham fugido. Olhei ainda, e eis que a Terra fértil era um deserto, e todas as suas cidades estavam derribadas”. Jeremias 4:23-26.

Aqui deverá ser a morada de Satanás com seus anjos maus durante mil anos. Restrito à Terra, ele não terá acesso a outros mundos, para tentar e molestar os que nunca caíram. É neste sentido que ele está “preso”. Não resta ninguém sobre quem ele possa

exercer seu poder. Está inteiramente separado da obra de engano que durante tantos séculos foi seu único deleite.

Isaías, vendo antecipadamente a queda de Satanás, exclamou: "Como caíste do Céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra tu que debilitavas as nações! [...] Tu dizias no teu coração: 'Eu subirei ao Céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono. [...] Serei semelhante ao Altíssimo.' Contudo serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo. Os que te virem te contemplarão, hão de fitar-te e dizer-te: É este o homem que fazia estremecer a Terra, e tremer os reinos? Que punha o mundo como um deserto, e assolava as suas cidades? que a seus cativos não deixava ir para suas casas?" Isaías 14:12-17.

Durante seis mil anos o seu cárcere recebeu o povo de Deus, mas Cristo quebrou os seus laços, pondo em liberdade os prisioneiros. Sozinho com seus anjos maus ele compreende os efeitos do pecado: "Todos os reis das nações, sim, todos eles, jazem com honra, cada um no seu túmulo. Mas tu és lançado fora da tua sepultura, como um renovo bastardo. [...] Com eles não te reunirás na sepultura, porque destruíste a tua Terra e mataste o teu povo". Isaías 14:18-20.

Durante mil anos Satanás contemplará os resultados de sua rebelião contra a lei de Deus. Seus sofrimentos são intensos. É deixado [286] agora a contemplar a parte que desempenhou desde que a princípio se rebelou e para aguardar, com tremor, o futuro terrível em que será punido.

Durante os mil anos entre a primeira e a segunda ressurreições, ocorre o julgamento dos ímpios. Paulo indica que este juízo acontece após o segundo advento. 1 Coríntios 4:5. Os justos reinam como reis e sacerdotes. João diz: "Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada a autoridade de julgar. [...] Serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele os mil anos". Apocalipse 20:4-6.

Nesse tempo "os santos julgarão o mundo". 1 Coríntios 6:12. Em união com Cristo, julgam os ímpios, decidindo cada caso de acordo com as ações praticadas no corpo. É determinada a parte que os ímpios devem sofrer, segundo as suas obras, e o registro é feito junto aos seus nomes, no livro da morte.

Satanás e os anjos maus são julgados por Cristo e Seu povo. Diz Paulo: "Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?" 1

Coríntios 6:3. Judas declara: "E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, Ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia". Judas 6.

Ao fim dos mil anos ocorrerá a segunda ressurreição. Então os ímpios ressuscitarão dos mortos, comparecendo perante Deus para a execução do "juízo escrito". Salmos 149:9. Assim diz o escritor do Apocalipse: "Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos". Apocalipse 20:5. E Isaías declara, concernente aos ímpios: "Serão ajuntados como presos em masmorra, e encerrados num cárcere, e serão castigados depois de muitos dias". Isaías 24:22. [287]

Capítulo 42 — Paz eterna: encerrada a controvérsia

Ao fim dos mil anos, Cristo volta à Terra acompanhado pelos remidos e de um cortejo de anjos. Ordena aos ímpios mortos que ressuscitem para receber a condenação. Estes surgem como um grande exército, inumerável como a areia do mar, e trazendo sobre si os traços da doença e da morte. Que contraste com aqueles que ressurgiram na primeira ressurreição!

Todos os olhares se voltam para contemplar a glória do Filho de Deus. A uma voz, as hostes dos ímpios exclamam: "Bendito o que vem em nome do Senhor". Mateus 23:39. Não é o amor que inspira esta declaração. É a força da verdade que faz brotar involuntariamente essas palavras de seus lábios. Os ímpios saem da sepultura tais quais a ela baixaram, com a mesma inimizade contra Cristo, e com o mesmo espírito de rebelião. Não terão um novo tempo de graça para remediar os defeitos da vida passada.

Disse o profeta: "Naquele dia estarão os Seus pés sobre o Monte das Oliveiras, [...] e o Monte das Oliveiras será fendido pelo meio". Zacarias 14:4. Descendo do Céu, a Nova Jerusalém repousa sobre o lugar preparado, e Cristo, com Seu povo e os anjos, entram na cidade santa.

Enquanto separado de sua obra de engano, o príncipe do mal se achava infeliz e abatido, mas ao ressuscitarem os ímpios mortos, e vendo ele as vastas multidões a seu lado, suas esperanças revivem. Toma a decisão de não se render no grande conflito. Arregimentará sob sua bandeira os perdidos. Rejeitando a Cristo, aceitaram o governo do chefe rebelde, e estão prontos para receber suas ordens. Contudo, fiel à sua astúcia original, ele não se apresenta como Satanás. Pretende ser o príncipe que é o legítimo dono do mundo, e cuja herança foi dele extorquida ilicitamente. Representa-se a si mesmo como um redentor, assegurando a seus súditos iludidos que foi o seu poder que os tirou do sepulcro. Faz do fraco forte, e a todos inspira com seu próprio espírito e energia, propondo-se conduzi-los para tomar posse da cidade de Deus. Aponta para os incontáveis

milhões que foram ressuscitados dentre os mortos, e declara que, na qualidade de seu líder, é muito capaz de retomar seu trono e reino.

Naquela vasta multidão há muitos que pertenceram à raça de grande longevidade que existiu antes do dilúvio, homens de estatura elevada e gigantesco intelecto; homens cujas maravilhosas obras de [288] arte levaram o mundo a idolatrar seu gênio, mas cuja crueldade e invenções más fizeram com que Deus os eliminasse da Terra. Há reis e generais que jamais perderam uma batalha. Na morte não experimentaram mudança alguma. Ao subirem da sepultura, são movidos pelo mesmo desejo de vencer, que os governava quando tombaram.

O assalto final contra Deus — Satanás consulta esses homens poderosos. Eles declaram que o exército dentro da cidade é pequeno em comparação com o seu, podendo ser vencido. Hábeis artífices constroem implementos de guerra. Chefes militares arregimentam em companhias e seções as multidões de homens aguerridos.

Finalmente é dada a ordem de avançar, e o inumerável exército se põe em movimento — exército tal como as forças combinadas de todas as eras jamais poderiam igualar. Satanás toma a dianteira, reis e guerreiros estão em seu séquito. Com precisão militar as fileiras cerradas avançam pela superfície da Terra, quebrada e desigual, em direção à cidade de Deus. Por ordem de Jesus, são fechadas as portas da Nova Jerusalém, e os exércitos de Satanás se preparam para o assalto.

Agora Cristo aparece à vista de Seus inimigos. Muito acima da cidade, sobre um fundamento de ouro polido, está um trono. Sobre este assenta-Se o Filho de Deus, e em redor estão os súditos de Seu reino. A glória do Pai Eterno envolve Seu Filho. O resplendor de Sua presença se estende para além das portas, inundando a Terra inteira com seu fulgor.

Mais próximos do trono estão os que uma vez foram zelosos na causa de Satanás, mas que, arrancados como tições do fogo, seguiram seu Salvador com intensa devoção. Em seguida estão os que aperfeiçoaram o caráter em meio de falsidade e incredulidade, que honraram a lei de Deus quando o mundo a declarava nula, e os milhões de todas as épocas, que se tornaram mártires pela sua fé. E além está a “grande multidão, que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, [...] vestidos de vestiduras

brancas, com palmas nas mãos”. Apocalipse 7:9. Terminou a sua luta, foi ganha a vitória. O ramo de palmas é um símbolo de seu triunfo, as vestes brancas um emblema da justiça de Cristo que agora possuem.

Em toda aquela multidão ninguém há que atribua a salvação a si mesmo, em virtude de sua bondade. Nada se diz daquilo que sofreram; a nota fundamental de toda antífona é: Salvação ao nosso Deus e ao Cordeiro.

Pronunciada a sentença contra os rebeldes — Na presença dos habitantes da Terra e do Céu, reunidos, é efetuada a coroação do Filho de Deus. E agora, investido de majestade e poder supremos, o Rei dos reis pronuncia a sentença sobre os rebeldes que transgrediram Sua lei e oprimiram Seu povo. “Vi um grande trono branco e Aquele que nele Se assenta, de cuja presença fugiram a Terra e o Céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram os livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros”. Apocalipse 20:11, 12. [289]

O olhar de Jesus incide sobre os ímpios, e eles se conscientizam de todo pecado que cometeram. Vêem onde seus pés se desviaram do caminho da santidade. As sedutoras tentações que promoveram na condescendência com o pecado, os mensageiros de Deus que desprezaram, as advertências que rejeitaram, as ondas de misericórdia repelidas pelo coração obstinado e impenitente — tudo aparece como que escrito com letras de fogo.

Sobre o trono se revela a cruz. Semelhante a uma vista panorâmica aparecem as cenas da queda de Adão e os sucessivos passos do plano da redenção. O humilde nascimento do Salvador; Sua vida de simplicidade; seu batismo no Jordão; o jejum e a tentação no deserto; Seu ministério desvendando aos homens as mais preciosas bênçãos do Céu; os dias repletos de atos de misericórdia, as noites em oração nas montanhas; os tramas de inveja e maldade com que eram retribuídos os Seus benefícios; a misteriosa agonia no Getsêmani, sob o peso esmagador dos pecados do mundo; Sua traição nas mãos da turba assassina; os eventos daquela noite de horror — o Prisioneiro que não opunha resistência, abandonado por Seus discípulos, citado no palácio do sumo sacerdote, ao tribunal de

Pilatos, perante o covarde Herodes, escarnecido, insultado, torturado e condenado à morte — tudo é vividamente retratado.

E agora, perante a multidão agitada, revelam-se as cenas finais: o paciente Sofredor trilhando o caminho do Calvário; o Príncipe do Céu suspenso na cruz; os altivos sacerdotes e rabis zombando de Sua agonia mortal; as trevas sobrenaturais assinalando o momento em que o Redentor do mundo rendeu a vida.

O terrível espetáculo aparece exatamente como foi. Satanás e seus súditos não têm poder para se desviar do quadro. Cada ator relembra a parte que desempenhou. Herodes, matando as inocentes criancinhas de Belém; a vil Herodias, sobre quem repousa o sangue de João Batista; o fraco Pilatos, subserviente às circunstâncias; os soldados zombeteiros; a multidão furiosa que clamou: "O Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!" — todos procuram em vão ocultar-se da majestade divina de Seu rosto, enquanto os remidos lançam suas coroas aos pés do Salvador, exclamando: "Ele morreu por mim!"

Ali está Nero, monstro de crueldade e vício, contemplando a exaltação daqueles em cuja angústia encontrou deleite satânico. Sua mãe testemunha sua própria obra, vendo como os maus traços, as paixões desenvolvidas por sua influência e exemplo produziram [290] frutos nos crimes que fizeram o mundo estremecer.

Ali estão sacerdotes e prelados que pretendiam ser embaixadores de Cristo, e no entanto empregaram a tortura, a masmorra e a fogueira para dominar o Seu povo. Ali estão os orgulhosos pontífices que se exaltaram acima de Deus e ousaram mudar a lei do Altíssimo. Aqueles pretensos pais da igreja têm uma conta a prestar a Deus. Demasiado tarde chegam a ver que o Onisciente é zeloso de Sua lei. Aprendem agora que Cristo identifica Seu interesse com o de Seu povo sofredor.

Todo o mundo ímpio é agora acusado de alta traição contra o governo de Deus. Ninguém há para pleitear a sua causa; encontram-se sem desculpa; e a sentença de morte eterna é pronunciada contra eles.

Os ímpios vêem o que perderam em virtude de sua rebelião. "Tudo isto", exclama o perdido, "eu poderia ter conseguido. Oh, estranha presunção! Troquei a paz, a felicidade e a honra pela miséria, infâmia e desespero." Todos vêem que sua exclusão do Céu é justa.

Por sua vida declararam: “Não queremos que este Jesus reine sobre nós.”

Derrota de Satanás — Como que extasiados, os ímpios contemplam a coroação do Filho de Deus. Vêem em Suas mãos as tábuas da lei divina que desprezaram. Testemunham o irromper de adoração por parte dos salvos; e ao propagar-se a onda de melodia sobre as multidões fora da cidade, todos exclamam: “Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações!” Apocalipse 15:3. Prostrando-se, adoram o Príncipe da vida.

Satanás parece paralisado. Havendo sido uma vez o querubim cobridor, lembra-se de onde caiu. Está excluído para sempre do conselho onde recebeu tanta honras. Vê que agora um outro se encontra perto do Pai, um anjo de majestosa presença. Sabe que a exaltada posição deste anjo poderia ter sido sua.

A memória recorda o lar de sua inocência, a paz e contentamento que eram seus até ter se rebelado. Revê sua obra entre os homens e seus resultados — a inimizade do homem para com seu semelhante, a terrível destruição da vida, a derrocada de tronos, os tumultos, conflitos e revoluções. Recorda seus constantes esforços na oposição à obra de Cristo. Quando contempla os frutos de seu trabalho, vê apenas fracasso. Reiteradas vezes, no transcurso da grande controvérsia, foi derrotado e obrigado a capitular.

O objetivo do grande rebelde foi sempre provar que o governo divino era o responsável pela rebelião. Levou multidões a aceitar este ponto de vista. Durante milhares de anos esse chefe conspirador tem apresentado a falsidade em lugar da verdade. Mas agora é chegado o tempo em que devem ser revelados a história e o caráter de Satanás. Em seu último e grande esforço para destronar a Cristo, [291] destruir Seu povo e tomar posse da Cidade de Deus, o arquienganador foi completamente desmascarado. Os que a ele se uniram vêem o fracasso completo de sua causa.

Satanás vê que sua rebelião voluntária o desqualificou para o Céu. Exercitou suas faculdades para guerrear contra Deus; a pureza e harmonia do Céu seriam sua suprema tortura. Ele se curva e confessa a justiça de sua sentença.

Todas as questões sobre a verdade e o erro no prolongado conflito foram agora esclarecidas. Os resultados de se pôr de parte os estatutos divinos foram revelados à vista de todo o Universo. A his-

tória do pecado permanecerá por toda a eternidade como testemunha de que se acha ligada à existência da lei de Deus a felicidade de todos os seres criados. O Universo inteiro, tanto dos fiéis quanto dos rebeldes, de comum acordo declara: "Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos."

É chegada a hora em que Cristo é glorificado acima de todo nome que se nomeia. Foi pela alegria que Lhe estava proposta — a fim de poder trazer muitos filhos à glória — que Ele suportou a cruz. Olha para os remidos, renovados em Sua própria imagem. Contempla neles os resultados das fadigas de Sua alma, e fica satisfeito. Isaías 53:11. Com voz que atinge as multidões, justos e ímpios, Ele declara: "Eis a aquisição de Meu sangue! Por estes sofri, por estes morri."

Final violento dos ímpios — O caráter de Satanás permanece sem mudança. O espírito de rebelião, qual poderosa torrente, explode de novo. Decide-se a não capitular no último e desesperado conflito contra o Rei do Céu. Mas dentre todos os incontáveis milhões que seduziu à rebelião, ninguém há agora que lhe reconheça a supremacia. Os ímpios estão cheios do mesmo ódio a Deus que inspira Satanás, mas vêem que seu caso é sem esperança. "Pois que estimas o teu coração, como se fora o coração de Deus, eis que Eu trarei sobre ti os mais terríveis estrangeiros dentre as nações, os quais desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria, e mancharão o teu resplendor. Eles te farão descer à cova. [...] Te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras. [...] Lancei-te por terra, diante dos reis e, para que te contemplem. [...] Te reduzi a cinzas sobre a Terra, aos olhos de todos os que te contemplam. [...] Vens a ser objeto de espanto, e jamais subsistirás". Ezequiel 28:6-8, 16-19.

"A indignação do Senhor está contra todas as nações." "Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice". Isaías 34:2; Salmos 11:6. De Deus desce fogo do Céu. A Terra se fende. Chamas devoradoras irrompem de cada fenda do abismo. As próprias rochas estão ardendo. Os elementos se fundem pelo vivo calor, e também a Terra e as obras que nela há são queimadas. 2 Pedro 3:10. A superfície da Terra parece uma massa fundida — um vasto e fervente lago de fogo. É [292] este o "dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela causa de Sião". Isaías 34:8.

Os ímpios são punidos “de acordo com as suas obras”. Satanás tem de sofrer não somente pela sua própria rebelião, como por todos os pecados que levou o povo de Deus a cometer. Nas chamas, os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos — Satanás a raiz, seus seguidores os ramos. A penalidade completa da lei foi aplicada; satisfeitas as exigências da justiça. Está para sempre terminada a obra de ruína de Satanás. Agora as criaturas de Deus estão livres para sempre de suas tentações.

Enquanto a Terra está envolta em fogo, os justos habitam em segurança na Santa Cidade. Ao mesmo tempo que Deus é um fogo consumidor para os ímpios, para o Seu povo é um escudo. Apocalipse 20:6; Salmos 84:11.

“Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram”. Apocalipse 21:1. O fogo que consome os ímpios purifica a Terra. Todo vestígio de maldição é removido. Nenhum inferno a arder eternamente conservará perante os resgatados as terríveis conseqüências do pecado.

Lembranças da crucifixão — Apenas uma lembrança permanece: nosso Redentor conservará para sempre as marcas de Sua crucifixão, os únicos vestígios da obra cruel que o pecado efetuou. Através das eras eternas os ferimentos do Calvário proclamarão Seu louvor e declararão Seu poder.

Cristo afirmou a Seus discípulos haver ido preparar moradas para eles na casa de Seu Pai. A linguagem humana é inadequada para descrever a recompensa dos justos. Será conhecida apenas dos que a contemplarem. Nenhuma mente finita pode compreender a glória do Paraíso de Deus.

Na Bíblia a herança dos salvos é chamada um “país”. Hebreus 11:14-16. Ali o Pastor celestial conduz Seu rebanho às fontes de águas vivas. Existem torrentes sempre a fluir, claras como cristal, e ao lado delas, árvores ondeantes projetam sua sombra sobre as veredas preparadas para os resgatados do Senhor. Ali extensas planícies avultam em colinas de beleza, e as montanhas de Deus erguem seus altivos píncaros. Nessas pacíficas planícies, ao lado daquelas correntes vivas, o povo de Deus, durante tanto tempo peregrino e errante, encontrará um lar.

“Edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão

para que outros comam. [...] Meus eleitos desfrutarão de todo as obras de suas próprias mãos.” “O deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso.” “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito [...] e um pequenino os guiará. [...] Não se fará mal nem dano algum em todo o Meu santo monte”. Isaías 65:21, 22; 35:1; 11:6, 9.

A dor não pode existir no Céu. Ali não mais haverá lágrimas, nem cortejos fúnebres. “A morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.” “Nenhum morador de Jerusalém dirá: ‘Estou doente’; porque ao povo que habita nela perdoar-se-lhe-á a sua iniqüidade”. Apocalipse 21:4; Isaías 33:24. [293]

Ali está a Nova Jerusalém, a metrópole da nova Terra glorificada. “O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina.” “As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da Terra lhe trazem a sua glória.” “Eis o tabernáculo de Deus com os homens, Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles”. Apocalipse 21:11, 24, 3.

Na cidade de Deus “não haverá noite”. Apocalipse 22:5. Não haverá cansaço. Sentiremos sempre o frescor da manhã e isso nunca terá fim. A luz do Sol será sobrepujada por um brilho que não é ofuscante, e, contudo, suplanta incomparavelmente o fulgor de nosso Sol ao meio-dia. Os remidos andam na glória de um dia perpétuo.

“Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus todo-poderoso, e o Cordeiro”. Apocalipse 21:22. O povo de Deus tem o privilégio de entreter franca comunhão com o Pai e o Filho. Contemplamos agora a imagem do Criador como num espelho, mas então O veremos face a face, sem qualquer véu obscurecedor.

O triunfo do amor de Deus — Ali o amor e as harmonias que o próprio Deus plantou no coração devem encontrar o mais verdadeiro e suave exercício. A comunhão pura com os seres santos e com os fiéis de todas as eras, os sagrados laços que reúnem “toda a família nos Céus e na Terra” — tudo isto concorre para constituir a felicidade dos remidos. Efésios 3:15.

Ali, mentes imortais contemplarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor redentor. Todas as faculdades se desenvolverão, todas as capacidades serão ampliadas. A aquisição de conhecimentos não esgotará as

energias. Os mais grandiosos empreendimentos poderão ser executados, alcançadas as mais elevadas aspirações, realizadas as mais altas ambições. E surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objetivos a aguçar as faculdades da mente e do corpo.

Todos os tesouros do Universo estarão abertos aos remidos de Deus. Livres da mortalidade, alçarão vôo incansável para os mundos distantes. Os filhos da Terra entram de posse da alegria e sabedoria dos seres não caídos e compartilham de tesouros de entendimento adquiridos durante séculos e séculos. Com visão clara, olham para a glória da criação — sóis e estrelas e sistemas, todos na sua indicada ordem, a circular em torno do trono da Divindade.

E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão eles mais e mais gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Quanto mais os homens aprendem de Deus, mais Lhe admiram o caráter. À medida que Jesus abre diante deles as riquezas da redenção e os estupendos [294] feitos do grande conflito com Satanás, o coração dos remidos vibra com devoção, e milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.

"Então ouvi que toda criatura que há no Céu e sobre a Terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos". Apocalipse 5:13.

O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. DAquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.